

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO**  
**DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Arthur Breccio Marchetto

***BOOKTUBERS:***  
uma nova face da crítica literária jornalística

São Bernardo do Campo

2019

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Arthur Breccio Marchetto

***BOOKTUBERS:***  
uma nova face da crítica literária jornalística

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Mateus Yuri Passos

São Bernardo do Campo

2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

M332b Marchetto, Arthur Breccio

Booktubers: uma nova face da crítica literária jornalística /  
Arthur Breccio Marchetto. 2019.  
273 p.

Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) --Diretoria de  
Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Metodista de São Paulo,  
São Bernardo do Campo, 2019.

Orientação de: Mateus Yuri Passos.

1. Crítica literária 2. Celebidades da internet 3. Jornalismo 4.  
Literatura I. Título.

CDD 302.2

A dissertação de mestrado sob o título “Booktubers: uma nova face da crítica literária jornalística”, elaborado por Arthur Breccio Marchetto foi apresentada e aprovada em 29 de março de 2019, perante banca examinadora composta por prof. Dr. Mateus Yuri Passos (Presidente/UMESP), prof. Dr. Herom Vargas (Titular/UMESP) e prof. Dr. Mauro Ventura (Titular/UNESP)

---

**Prof. Dr. Mateus Yuri Passos**  
**Orientador e Presidente da Banca Examinadora**

---

**Prof. Dr. Luiz Alberto Farias**  
**Coordenador do Programa de Pós-Graduação**

Programa: PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Área de Concentração: PROCESSOS COMUNICACIONAIS

Linha de Pesquisa: COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA, PROCESSOS E PRÁTICAS CULTURAIS

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Inês e César, e às minhas irmãs, Caroline, Erika e Bárbara, por todo o apoio, amor e carinho ao longo desses anos;

Ao professor José Salvador Faro por ter me apresentado ao campo científico por ter me incentivado, apoiado e fomentado durante nossos anos de convívio;

Ao professor Mateus Yuri Passos que, em um período tão turbulento, me apoiou, orientou e deu continuidade ao projeto da melhor maneira possível;

Aos professores que tive a honra de conhecer durante minha estadia no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, que tanto me auxiliaram no período de graduação e mestrado e cujo apoio foi essencial para que eu chegasse até aqui;

Aos amigos que fiz durante meus anos de aprendizado, em especial: Renan Marchesini, Angela Miguel, Carlos Eduardo Bertin (que me desculpe pelo livro molhado) e Rogério Andrade.

Aos outros colegas e amigos que me ajudaram a cada encontro, seminário, palestra;

À minha melhor amiga, companheira e amante, Edmara, cujo apoio, incentivo (e paciência) foram essenciais para a conclusão da pesquisa;

Aos amigos Igor e Nila, tão presentes e companheiros nesses dois anos;

Aos amigos que comigo debateram e discutiram sobre literatura e sua crítica;

Aos *booktubers* que disponibilizaram seu tempo para conversar comigo e integrar esse trabalho;

À CAPES pelo incentivo financeiro necessário para a pesquisa.

## RESUMO

A dissertação realiza um estudo sobre os *booktubers* e as novas configurações do crítico jornalístico literário. O contexto histórico é feito de acordo com a perspectiva de Zygmunt Bauman e Stanley Fish. O estabelecimento da literatura enquanto texto cultural é moldado a partir de um diálogo entre Antonio Candido e Iuri Lotman e, junto com Mauro Ventura, apresentam a ideia de um crítico jornalístico, que tem como prioridade a mediação da obra artística com o público. Com base nas entrevistas em profundidade semiestruturadas com seis *booktubers*, no levantamento de suas produções no período de seis meses e nas análises de vídeo-resenhas por eles publicadas, o trabalho verifica de que maneira as críticas culturais sobre literatura se estruturam no YouTube e quais relações os *booktubers* estabelecem com o mercado editorial e com o público e de que maneira estruturaram sua esfera de produção como um lugar legítimo de discussão literária.

**Palavras-chave:** Crítica Literária; *Booktubers*; Crítica Cultural; Jornalismo; Literatura.

## **ABSTRACT**

The dissertation makes a study about the *booktubers* and the new configurations of the literary journalistic criticism. The historical context is constructed according to the perspective of Zygmunt Bauman and Stanley Fish. The establishment of literature as a cultural text is shaped by a dialogue between Antonio Candido and Iuri Lotman and, together with Mauro Ventura, presents the idea of a journalistic criticism, whose priority is the mediation of the artistic work with the public. Based on in-depth semi-structured interviews with six booktubers, six-month production surveys and reviews of video reviews, the paper looks at how cultural criticism about literature is structured on YouTube and what relationships the booktubers establish with the publishing market and with the public and in what way they structured their sphere of production as a legitimate place of literary discussion.

**Keywords:** Literary Criticism; *Booktubers*; Cultural Criticism; Journalism; Literature.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
<b>CAPÍTULO 1: <i>Booktubers</i> – críticos ou vendedores?</b> .....	11
1.1. Os “Impostores” .....	11
1.2. Os Legisladores.....	19
1.3. Os Intérpretes .....	28
1.3.1. Pluralismo .....	30
1.3.2. Vulgaridade .....	31
1.3.3. Comunidades .....	33
1.4. No Brasil .....	36
1.5. <i>YouTube</i> e <i>Booktube</i> .....	52
<b>CAPÍTULO 2: Críticos jornalísticos literários</b> .....	57
2.1. Literatura e Comunicação .....	57
2.2. Crítico Jornalístico Literário .....	66
2.3. <i>Booktubers</i> .....	69
2.3.1. Lar da Agatha.....	70
2.3.2. <i>Las hojas muertas y otras hojas</i> .....	71
2.3.3. Gisele Eberspächer.....	73
2.3.4. Fantasticursos .....	74
2.3.5. Livrada!.....	76
2.3.6. Literature-se .....	77
2.3.7. Imagens dos canais.....	79
2.4. Entrevistas.....	80
2.4.1. Ofício .....	80
2.4.2. Leitura .....	87
2.4.3. Profissionalização .....	91
2.4.4. Público .....	96

<b>CAPÍTULO 3: <i>Booktubers</i> na prática</b> .....	<b>105</b>
3.1. Os vídeos.....	105
3.2. Análise dos vídeos .....	109
3.2.1. Lar da Agatha.....	109
3.2.2. <i>Las hojas muertas y otras hojas</i> .....	113
3.2.3. Gisele Eberspächer.....	120
3.2.4. Fantasticursos.....	123
3.2.5. Livrada!.....	127
3.2.6. Literature-se .....	131
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>138</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>145</b>
<b>ANEXO 1 - ENTREVISTA COM JÚNIOR STORNELLI</b> .....	<b>150</b>
<b>ANEXO 2 - ENTREVISTA COM NICOLAS NEVES</b> .....	<b>171</b>
<b>ANEXO 3 - ENTREVISTA COM GISELE EBERSPÄCHER</b> .....	<b>188</b>
<b>ANEXO 4 - ENTREVISTA COM ALEXANDER MEIRELES</b> .....	<b>199</b>
<b>ANEXO 5 - ENTREVISTA COM YURI AL'HANATI</b> .....	<b>218</b>
<b>ANEXO 6 - ENTREVISTA COM MELL FERRAZ</b> .....	<b>235</b>
<b>ANEXO 7 - LEVANTAMENTO DE VÍDEOS DO CANAL LAR DA AGATHA</b> .....	<b>257</b>
<b>ANEXO 8 - LEVANTAMENTO DE VÍDEOS DO CANAL <i>LAS HOJAS MUERTAS Y OTRAS HOJAS</i></b> .....	<b>259</b>
<b>ANEXO 9 - LEVANTAMENTO DE VÍDEOS DO CANAL GISELE EBERSPÄCHER</b> .....	<b>262</b>
<b>ANEXO 10 - LEVANTAMENTO DE VÍDEOS DO CANAL FANTASTICURSOS</b> .....	<b>264</b>
<b>ANEXO 11 - LEVANTAMENTO DE VÍDEOS DO CANAL LIVRADA!</b> .....	<b>267</b>
<b>ANEXO 12 - LEVANTAMENTO DE VÍDEOS DO CANAL LITERATURE-SE</b> .....	<b>270</b>

## INTRODUÇÃO

O jornalismo e a crítica cultural estiveram, por muito tempo, conectados. No campo da literatura, como dito por Benedito Nunes (2007), a imprensa foi a caixa de ressonância das obras e suas críticas durante muito tempo até que o espaço nos periódicos foi minguando, como o prenúncio de tempos de crise. Fatores como a industrialização e a profissionalização do campo jornalístico, a legitimação do espaço acadêmico das Letras e a censura no Regime Militar fizeram parte desse processo que, ao longo dos anos, substituiu as análises literárias do jornal pela cobertura cultural pautado pelo mercado.

No entanto, conforme abordado por diversos autores, como Chartier (2012, 2014), Jenkins (2008), Deuze (2013) e Sodré (2002), o espaço digital tem modificado a possibilidade de criar cont idos ao proporcionar a conexão de milhares de pessoas. Com a configura o de uma conexão vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, a m dia proporcionou uma libera o do polo de emissão e autorizou o usuário como fonte de informa o – modifica o que revelou um maior tempo gasto comunicando ao invés de consumindo informa es. O resultado foi uma variedade de discursos fragmentados. Nas palavras de Franthiesco Ballerini (2015, p.43):

A prática do jornalismo cultural ainda se dá pelas plataformas tradicionais, mas também   feita aos milhões no mundo, a cada segundo, em sites, blogues, portais e redes sociais, acentuando a forma o de nichos cada vez mais específicos de audiência. O resultado disso   uma tremenda dor de cabeça para qualquer dono de m dia tradicional que quer manter viável seu negócio e se vê diante de uma avalanche de mudanças súbitas que causam o fechamento de veículos e a erosão financeira de grupos de média. Com a internet, inclusive, rediscute-se o termo ‘pirataria’, uma ‘vez que a informa o hoje   adquirida fácil e gratuitamente na rede.

Em um balanço rápido, do “Suplemento Literário” (1956) para o caderno “Mais!” (1992) até o “Al s” (2004) e a “Ilustríssima” (2010), a produ o saiu de um momento prolífico, nos anos 1950, para o confinamento da crítica no espaço universitário, nos anos da ditadura, para a diminui o do espaço dela dentro dos jornais e a perda de escritores-jornalistas, nos anos 1980 e 1990, para, por fim, chegar no momento em que nos encontramos:

Se a partir da segunda metade do século 20 a literatura tinha lugar cativo nos suplementos literários, hoje ela precisa encontrar seu espaço em gu as, blogues e portais, uma vez que os cadernos culturais impressos estão dominados pelas artes cinematográficas, musicais e pop (BALLERINI, 2015, p.91).

Aparentemente, foi isso que aconteceu. Ao longo dos anos, a crítica literária foi encontrando seu espaço de acordo com as possibilidades que a rede oferecia. Hoje, é possível ver iniciativas que remontam ao trabalho do crítico jornalístico em plataformas diversas: *podcasts*, como o “30:Min” e o “Caixa de Histórias”, *blogs*, como o “Posfácio”, portais de notícia, como o “A Escotilha” e o “Nonada – Jornalismo Travessia”, suplementos literários, como o “Suplemento Pernambuco” e revistas especializadas, como a “Quatro cinco um” e a nova formulação da revista “Bravo!” encontram novas formas de sustento e organização fora do escopo dos grandes grupos editoriais que antes subsidiavam suas atividades. Um dos atores que surgem dessa configuração são os *booktubers*, usuários do YouTube que utilizam o espaço para produzir vídeos que discutem a cultura literária.

Devido ao destaque que têm obtido nos dias de hoje, os *booktubers* já provocaram diversas discussões sobre a posição que ocupam. Grande parte delas versa sobre os interesses financeiros que movem a sua atividade e as parcerias que estabeleceram com as editoras, além de um questionamento acerca da legitimidade que tinham para falar sobre literatura, já que paira sobre eles uma aura de trabalho amador.

Dessa forma, a pergunta que surge é: levando em consideração que o crítico é um ator importante no sistema de circulação da literatura na sociedade porque, conforme Candido (2000), é o responsável pela divulgação de obras para o público e a formação da opinião literária, como se configuraria o exercício da crítica nesses moldes de produção audiovisual estabelecida pelos *booktubers*?

Para responder atingir esse objetivo, uma rota foi traçada no intuito de atingir diversos marcos que pudessem fornecer amparo para a construção do retrato desejado. Em primeiro lugar, a questão do estabelecimento de um espaço legítimo. Ao levar em consideração o destaque que suas produções têm no cotidiano de leitores, o volume de produção desse conteúdo no YouTube e os debates que eles fomentam, tanto com uma elite intelectual quanto com seus inscritos, poderíamos dizer que eles ocupam um espaço organizado de maneira coesa e têm legitimidade para falar sobre literatura?

Essa percepção de um espaço autorizado leva a refletir, também, sobre a maneira como tais agentes enxergam o ofício do crítico. Ao pensar que a crítica literária brasileira já teve momentos de valorização da subjetividade do crítico, de análise pautada em fatores sociológicos ou em critérios da academia, talvez surja a configuração de um novo modo de fazer crítico que seja pertinente ao ambiente digital e ao YouTube.

Por isso, parece importante também que o trabalho reflita sobre a escolha do YouTube enquanto plataforma de produção. As razões para a escolha de um formato em audiovisual para falar de literatura podem parecer contraintuitivas em um primeiro momento, tendo em vista que a internet oferece uma miríade de possibilidades para se trabalhar com o texto escrito. Além disso, a lógica de uma rede social é diferente da de produção em um jornal periódico ou de um artigo acadêmico e parece pressupor, a priori, uma “horizontalização” no processo analítico, que coloca o crítico em pé de igualdade com seu interlocutor e, por isso, parece necessário refletir sobre o relacionamento dos *booktubers* com seus inscritos, principalmente pelo YouTube e outras redes sociais.

Pensando na possibilidade da configuração de uma nova esfera de produção crítica, com códigos próprios ao ambiente em que atuam, surge também a dúvida do tipo de produção que esses canais apresentam. Suas argumentações seguem a linha daquelas colunas dos jornais, de análises mais extensas ou utiliza-se o formato de resenhas? O conteúdo, ao fim e ao cabo, é patrocinado? Depois de pensar no público do crítico enquanto agente externo, de que maneira ele aparece dentro da produção?

Para responder essas perguntas, a pesquisa foi estruturada em três capítulos. O primeiro deles procura realizar um retrato do momento atual e contextualizar a produção crítica no ocidente de modo geral. A discussão é pautada de acordo com Bauman (2010), na trajetória do estabelecimento de um crítico-legislador e a substituição deste por aquele que é um intérprete responsável por uma comunidade. Complementarmente, há um desenvolvimento das ideias básicas de Fish (1980) e suas “comunidades interpretativas”. Com esse contexto pautado, o capítulo termina por encaixar o Brasil dentro desse influxo de ideias e da atividade dos críticos.

Em seguida, há a conceitualização da literatura enquanto texto cultural baseado em um diálogo entre Antonio Candido (2000) e Iuri Lotman (1996). A partir dessa costura, surge uma definição de atores do campo literário, o posicionamento do crítico nessa esfera e o relacionamento que ele tem, enquanto público, com a obra e o autor. Para verificar com o essas relações ocorrem de maneira prática, este segundo capítulo traz seis entrevistas em profundidade semiestruturadas, organizadas de acordo com os pressupostos de Jorge Duarte (2006) e realizadas via Skype, em que seis *booktubers*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> São eles Júnior Stornelli, do canal Lar da Agatha, Nicolas Neves, do canal Las hojas muertas y otras hojas, Gisele Eberspächer, *booktuber* em um canal homônimo, Alexander Meireles, do canal Fantasticursos, Yuri Al’Hanati, do canal Livrada!, e Mell Ferraz, do canal Literature-se.

refletem sobre o ato da leitura, o que diferencia um leitor comum de um crítico, o ofício do crítico, a profissionalização da atividade, o relacionamento que eles têm com o público, como estabeleceram uma linha editorial de produção e a utilização do YouTube.

O último capítulo procura verificar como a união do contexto com as propostas dos *booktubers* aparece no conteúdo gerado por estes críticos. Para isso, há o levantamento e catalogação de seis meses de vídeo e uma análise mais minuciosa de três vídeo-resenhas publicadas nesse período de tempo. A metodologia que guia essa análise foi a desenvolvida por Tuana Jeffman (2017) em sua tese “*Booktubers: Performances e conversações em torno do livro e da leitura na comunidade booktube.*”. Alguns dos elementos que foram levados em consideração foram o tempo de duração, a periodicidade, tipos de vídeos produzidos e seus discursos, quantidade de inscritos, configuração dos elementos visuais e o aproveitamento dos recursos tecnológicos por parte dos *booktubers*.

A expectativa é que daí surja o retrato de uma voz crítica já legitimada cujas discussões que marcam o período retratam uma disputa de espaço pelas transformações que ocorreram devido ao período histórico e a substituição do crítico-legislador pelo crítico-intérprete. Os questionamentos sobre a área marcariam, então, um movimento de fortalecimento da estrutura e do estabelecimento de uma coesão dos *booktubers* enquanto uma nova classe na esfera de produção intelectual.

É possível que essa coesão traga consigo uma “horizontalização” das fontes, revelando uma estrutura de que os leitores que buscam conteúdo no YouTube não hierarquizam o conteúdo de acordo com a plataforma, considerando algo mais tradicional, como uma crítica em um veículo impresso, como algo com mais qualidade que algo publicado pelos *booktubers*. Tal fator deve refletir, inclusive, na formação do crítico, que antes precisava passar por uma formação acadêmica para receber esse crivo.

No que tange a organização interna, a hipótese é que os canais criem nichos de acordo com o tipo de livros abordados pelo canal e tenham, como pautas, não só a produção de resenhas, mas pautas que façam parte da cultura literária – como livros comprados, lançamentos, o que foi lido, lista de indicações, como ler mais e etc.. Ao pensar na lógica da velocidade da internet, há de se presumir que os livros escolhidos sejam lançamentos do mercado editorial – principalmente por conta do diálogo entre os *booktubers* e as editoras, inclusive com a contratação de publieditoriais.

No que envolve a parte técnica, o que deve surgir é uma estrutura básica, com abertura, desenvolvimento da resenha, pedido para interação e fechamento do vídeo, e um código linguístico relativamente simples de seguir: o rosto de frente para a câmera, o enquadramento na frente do busto e uma estante atrás, compondo o cenário. Fora isso, não parece que haverá nenhuma edição complexa ou necessidade de efeitos visuais muito desenvolvidos para se enquadrar na esfera dos *booktubers*.

Por fim, por conta do YouTube enquanto rede social, é esperado que exista uma interação forte com outras redes sociais, como Facebook e Instagram, e que, nesses espaços digitais, discussões entre os inscritos dos canais e o próprio *booktuber* aconteçam de maneira ativa. Devido às trocas constantes, as produções trariam consigo uma preocupação com a criação de hábitos literários, a formação de um público leitor e a promoção de projetos de leitura em conjunto.

Dito isso, o trabalho se dedica ao aprofundamento da figura do *booktuber*.

## CAPÍTULO 1: *Booktubers* – críticos ou vendedores?

### 1.1. Os “Impostores”

A presença dos chamados *booktubers* no cenário cultural é algo que tem ganhado força nos últimos anos. Como apresentado pela pesquisadora Tuana Jeffman (2017, p.41), os canais de YouTube que são voltados para a discussão literária vem crescendo exponencialmente desde 2009. Dessa forma, de uns anos para cá, diversas discussões acerca da sua profissionalização, legitimidade e produção intelectual tem surgido nas redes sociais.

O que os *booktubers* fazem pode ser resumido da seguinte maneira: eles criam um canal na plataforma do YouTube, de onde tiram sua nomenclatura (uma mistura de “*youtuber*”, termo que designa quem posta *vlogs* nesta plataforma, com “*books*”, “livros” em inglês), e por meio dele discutem o campo e a cultura literária. Os canais podem ser complementados com outras redes sociais, como Facebook, Instagram, *blogs*, encontros pessoais de discussão e etc. A produção dos vídeos abarca uma gama de gêneros. Além da resenha, formato bastante comum, os *booktubers* criam, por exemplo, vídeos sobre seus gostos, suas leituras atuais, as adaptações literárias que assistiram no cinema, listas de indicações, livros que compraram e ganharam, abertura de caixas de compras de livros, etc. Qualquer vídeo que pertença ao universo literário cabe na plataforma.

Como a presença desse tipo de canal cresceu na rotina dos jovens, as discussões acerca dessa figura, próxima do *digital influencer*<sup>2</sup> (influenciador digital), têm aumentado e ocorrem tanto no espaço acadêmico quanto fora dele, em uma esfera pública. Os questionamentos surgiram, principalmente, em duas frentes. A primeira delas reflete sobre a produção de vídeos pautada pelas permutas entre canais e editoras; a segunda diz respeito aos publicitários<sup>3</sup>, resenhas pagas e sinalizadas nos canais e que tem uma lógica semelhante ao conteúdo patrocinado dos jornais impressos.

Ambos os questionamentos serão aprofundados abaixo, mas os dois quase sempre tiveram uma base dualista em comum: Os *booktubers* querem discutir literatura e

---

<sup>2</sup> O influenciador digital é uma figura comum em mercados publicitários como os da moda e o do turismo. São perfis que se tornam famosos nas redes sociais e são contratados por empresas que querem divulgar seus produtos em uma rede social. Os produtos gratuitos que recém das empresas, conhecidos também como ‘mimos’, se tornam alvo das suas publicações, como uma maquiagem ou alguma roupa.

<sup>3</sup> É quando uma editora ou autor paga pela leitura e divulgação de um livro – o acordo pode ser desde apenas uma postagem das capas até a publicação de uma resenha.

formar um público leitor ou querem vender livros, pressionados pela força do mercado editorial por trás dos vídeos?

Uma das primeiras discussões que se tornaram públicas sobre ocorreu em julho de 2016: o movimento “Valorize o Booktube”, gerado a partir de um vídeo homônimo do Victor Almeida, *booktuber* do canal “Geek Freak”, com participação dos três responsáveis pelos canais “Cabeça de Tinta”, “Thereza Reads” e “Bigode Literário” – Renato Jardim, Thereza Andrada e Rafael Ribeiro, respectivamente.

O problema em questão girou ao redor das relações entre o mercado editorial e o *booktube*. Em primeiro lugar, Renato, do “Cabeça de Tinta”, conta que trabalha numa agência de publicidade voltada para influenciadores digitais e explica a maneira que as empresas de outras áreas, como gastronômica, de games ou turística, lidam com o produtor e o conteúdo: elas enviam o material e quem recebe não é obrigado a dar satisfações. A produção de algum material sobre o produto recebido é opcional. No caso do mercado editorial, Renato configura o cenário de maneira diferente. As editoras abrem um edital para a seleção de parcerias e, para os canais selecionados, enviam pacotes uniformizados de livros – sem se preocupar com o perfil do canal. Além disso, é dito que algumas editoras reclamam sobre o que pode e o que não pode ser dito nos vídeos e chegam até pedir a retirada de conteúdos dos canais. Renato lembra que as parceiras não fazem pagamento em dinheiro, pois funcionam na base da permuta (o envio gratuito do livro que será resenhado).

Apresentado o contexto, eles contam como o segmento do *booktube* começou como um hobby, mas que o crescimento fez com que os canais precisassem se profissionalizar, investindo tempo, dinheiro, equipamentos e melhorando as produções – isso abriu uma brecha, também, para que existisse a possibilidade de ser efetivamente remunerado, cobrar um valor em dinheiro que seja além do livro recebido via permuta. A conclusão do vídeo é um pedido de diálogo: que os *booktubers* que se sujeitam às pressões das editoras para produzir conteúdo em seus canais reflitam sobre isso para não desvalorizar o segmento – visto que muitos canais grandes tinham desistido das parcerias; que as editoras vejam as solicitações feitas pelos produtores de conteúdo e respondam com seus pontos de vista; que os inscritos que acompanham também participem e tenham conhecimento do que acontece nos bastidores.

O vídeo lançou a *hashtag* “#valorizeobooktube”, que correu a comunidade e gerou diversas respostas nas redes sociais digitais, como a gravação de vídeos-resposta de

outros *booktubers* e postagens nos perfis pessoais em outras redes, como o Twitter. Até hoje fomenta debates.

Em meados de 2018, outra discussão surgiu no campo do *booktube*. Com pautas muito próximas, a discussão não deixou o eixo do “mercado editorial” e teve a remuneração do *booktuber* como alvo principal. A faísca que acendeu as discussões foi ocasionada por um atrito entre o escritor e jornalista Ronaldo Bressane e Tatiana Feltrin, uma *booktuber*.

O escritor divulgou um e-mail em sua conta do Instagram em que a *booktuber* negociava uma tabela de preços sobre os serviços que ela oferecia em publieditoriais, conforme descrito acima e aprofundado abaixo, com o comentário “JABÁ: é assim que funciona o esquema *booktuber*”. A foto foi mantida nas redes sociais<sup>4</sup>, mas depois da discussão a Tatiana deixou a tabela de preços disponível em seu site. Ao todo, a *booktuber* oferecia um contrato com oito opções para a editora ou o escritor comprar seu espaço: cinco envolviam impressões pessoais de leitura, sem interferência do autor ou da editora, que eram: 1) Vídeo coletivo com outras duas publicações; 2) vídeo anterior mais a divulgação da capa com sinopse em uma postagem permanente em outras redes sociais (Twitter, Instagram e Facebook); 3) vídeo e postagem anteriores mais a divulgação da capa e sinopse no vídeo de encerramento do mês; 4) um vídeo exclusivo com cinco minutos de duração, sem as alternativas anteriores; 5) vídeo exclusivo anterior, mais postagem permanente nas redes e mais capa e sinopse no vídeo de encerramento do mês; As outras três alternativas são relativas à divulgação da capa e sinopse: 1) Divulgação da capa e da sinopse em vídeo de encerramento do mês; 2) Divulgação da capa e da sinopse em postagem permanente no Instagram; 3) Postagem de capa e sinopse no Instagram, Facebook e Twitter (FELTRIN, 2018, online).

Sem levantar questionamentos acerca dos preços, do trabalho e do posicionamento dos dois atores envolvidos na discussão, os argumentos proferidos por ambos os lados podem ser sintetizados em dois textos: “Unboxing *booktubers* & *booktubbies*: a treta literária never ends”, publicado no *medium*<sup>5</sup> do Ronaldo Bressane (2018, online), e o

---

<sup>4</sup> Os posts foram feitos em duas redes sociais e estão acessíveis pelos links a seguir, ambos foram encurtados e acessados no dia 23 de novembro de 2018. O do Facebook, disponível em <<https://goo.gl/CQn9Yq>>, está com os comentários ativados; o do Instagram está disponível em <<https://goo.gl/1EDHH2>> e sem comentários.

<sup>5</sup> *Medium* é uma plataforma de compartilhamento de textos que está próxima de um blog com ferramentas das redes sociais digitais.

texto de Clarissa Wolff (2018, online) publicado na “Carta Capital” intitulado “Pagar ou não pagar, eis a questão... do conteúdo cultural”.

O primeiro ponto destacado na discussão é a retomada da questão econômica e a produção no canal do YouTube como fonte de renda, que surge em ambos os lados. Bressane (2018, online) caracteriza os *booktubers* como “garotos-propaganda sequiosos por dinheiro” e afirma que tal prática de cobrar pelo espaço é como o jabá. Em sua construção, toma de exemplo a indústria da música e um episódio da série estadunidense *Atlanta*, no qual um produtor paga a um DJ para tocar um rap e o rap vira um hit. Segundo Ronaldo Bressane (2018, online), essa é a lógica do *booktube*: “o ouvinte acha que aquela música foi escolhida pelo DJ por sua qualidade, mas na verdade ela foi paga para ir ao ar”.

Clarissa (2018, online) constrói seu texto partindo de outro ponto: a internet possibilitaria uma democracia opinativa onipresente. Cada um é seu próprio veículo com sua própria linha editorial e a escolha de quem fica ou quem sai é exclusivamente do público. Tal configuração criou um mercado de influência que acabou afetando diversos setores, como os já citados. É nesse contexto que surgiu a figura do *digital influencer* destacada tanto por Wolff quanto por Bressane.

Como explica Wolff (2018, online), o marketing digital e seu trabalho com os influenciadores “ainda não vive a mesma regulamentação da publicidade tradicional, mas tem suas próprias regras estipuladas pelo CONAR, que determina que qualquer conteúdo pago deve ser sinalizado”. Soma-se, ao caso dos *booktubers*, o fato do mercado editorial ser o mais inadimplente entre todos, como visto na situação precária de redes como a Saraiva e a Livraria Cultura<sup>6</sup>.

Para Bressane (2018, online), a figura do *digital influencer* é prejudicial para o ambiente literário. Segundo ele, essas pessoas constroem uma reputação a partir do aporte financeiro, não do talento. No caso da literatura, essa construção faz com que os *likes*, comentários positivos e negativos e seus seguidores – uma reputação digital – seja vendida, valorizando o fetiche literário e a mercadoria ao invés da própria literatura.

---

<sup>6</sup> Em 2018, duas das maiores redes de livraria brasileira, a Livraria Cultura e a Saraiva, entraram com pedidos de recuperação judicial. Responsáveis por 40% da venda no varejo, a primeira tem cerca de R\$ 285 milhões em dívidas, a segunda tem R\$ 675 milhões. No mesmo ano, a rede Fnac fechou as portas e a editora Cia. das Letras foi comprada por uma editora estrangeira, a Random House (RAMOS, 2018) (NETO, 2018).

No caso do que ele descreve como “jabá 2.0”, a forma que os *digital influencers* encontraram foi a do *publieditorial*, usado também na mídia impressa e conhecido como *branded content* (ou conteúdo patrocinado). Esse tipo de texto é um anúncio criado pelo próprio veículo, mas é graficamente diferente para que a seja identificado no momento em que o leitor bater o olho. No caso do *booktuber*, o problema se agrava quando a “mesma figura resenha, comenta, critica e vende. Trata-se de um modelo primário de capitalismo, mais interessado no comércio da mercadoria do que na mercadoria em si— no caso um bem cultural: livro, literatura” (BRESSANE, 2018, online). Nesse caso, pelo fato do *publieditorial* ser feito no mesmo ambiente gráfico que as resenhas normais, a credibilidade dos outros conteúdos seria minada – como base nisso, Bressane comenta que, “como já acontece entre a maioria dos perfis de *digital influencers*, a maioria dos navegantes não diferencia um post pago de um post espontâneo”.

Nesse caso, o problema parece maior do que a diferenciação entre o post pago e o post espontâneo. O momento atual é o de transição, em que ainda estamos sendo alfabetizados no ambiente digital – um exemplo disso é o foco que as empresas de comunicação deram ao compartilhamento excessivo de notícias falsas nas eleições do Brasil em 2018. Diego Junqueira publicou no R7 (2018) uma pesquisa que conclui que quase 70% da população brasileira acredita em todo o conteúdo noticioso que recebe. Do mesmo jeito, o conteúdo patrocinado está sob a mesma capa que as notícias da redação e, inevitavelmente, pegam de empréstimo a credibilidade do veículo em que estão – e, ao fim e ao cabo, também dividem as mesmas páginas.

É possível que essas observações surjam por estarmos no meio de um movimento, aparentemente orgânico, onde os segmentos estão se formando e é impossível saber seu futuro – inclusive se, daqui alguns anos, continuarão existindo. Para Daniel Lameira (apud WOLFF, 2018, online) é preciso que o mercado editorial adote táticas como essa que entendem a literatura como um negócio:

Embora por um lado eu veja a beleza do romantismo, por outro ignorar o lado comercial no sistema que vivemos faz com que tenhamos uma área que vive à beira do abismo em diversas frentes. Trabalhar com influenciadores é uma realidade em todos os setores de varejo. Não podemos ver como um absurdo pagar para um profissional abrir câmera, estudar um produto, criar um roteiro, apresentar, editar e, além de tudo isso, alcançar um público engajado e que acredita nas suas opiniões.

Na mesma entrevista, Mell Ferraz (apud WOLFF, 2018, online), graduanda da UNICAMP em Estudos Literários e *booktuber*, comenta que “a base de um canal literário é a sua honestidade”. Com o crescimento das mídias digitais, surgiu a

possibilidade de *booktubers* serem remunerados pelo serviço e se dedicarem ao trabalho de maneira integral. O comentário de Mell Ferraz sugere que um canal literário parte de premissas semelhantes ao jornalismo: na imprensa, há o pressuposto de que a honestidade, a ética profissional e a imparcialidade e/ou a objetividade são ideais que guiam a produção jornalística de qualquer espectro. Pelo lado dos *booktubers*, partiríamos do pressuposto de que a análise é honesta e a interpretação parte de um repertório particular do *booktuber*. Pressuposto que, aparentemente, Bressane também tinha, já que ele diz que a presença do publieditorial quebra com isso.

Por fim, ambos terminam seus textos citando um problema que afeta diversas empresas de comunicação nos dias atuais: os modelos de negócio. Wolff (2018, online) comenta a exigência da dedicação para o trabalho de forma gratuita. “Se a democracia da internet quebra o elitismo da *intelligentsia brasileira*, há anos sustentada por dinheiro antigo, é natural que o famoso ‘fazer por amor’, pela vocação de se falar de cultura, também seja parte do que se está sendo destruído”. Por outro lado, Bressane (2018, online) expõe uma lógica perversa nas redes sociais, a das grandes corporações que lucram com o produto produzido e divulgado gratuitamente:

Sei que se pede um novo modelo de negócios para o comentário de livros; mas ele tem que ser sustentado por anúncios, nunca por resenhas pagas. O editor ou o autor jamais deveria pagar para um resenhista, sob pena de retirar a sua credibilidade—este me parece um princípio moral inalienável. E, assim como o resenhista foi pago pelo jornal ou revista, o *booktuber* tem que ser sustentado pelas empresas que mais faturam com tais acessos—Google e Facebook. E também tem que ser sustentado por quem mais se interessa pelos *booktubers*: pelos seus espectadores.

A questão econômica, ainda que não seja o alvo de pesquisa do trabalho, é de suma importância e reflete parte da postura que os *booktubers* tomam em relação ao trabalho. Na maneira como é proposto por esses dois atores, existem duas perspectivas para enxergar a relação entre a produção e o ofício são: ou os *booktubers* criam resenhas com baixa qualidade e credibilidade, pois estão preocupados com a venda de livros, segundo Bressane (2018, online), ou há uma democratização das interpretações que se sustentaria com a venda de um espaço, mas não da opinião, de acordo com Clarissa Wolff (2018, online).

No entanto, quem é esse *booktuber* que ocupa esse espaço próximo ao da crítica literária jornalística? Eles têm o direito de falar sobre os livros? Para Paulo Roberto Pires, na coluna que publicou na revista “Época”, não. No fim de agosto de 2018, o professor de comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) publicou um texto

intitulado “A impostura booktuber” com um tom de desprezo intelectual aos *booktubers*.

Pires (2018, online) começa seu texto dizendo que “é preciso uma generosa suspensão do espírito crítico para levar a sério, cultural ou intelectualmente, os chamados *booktubers*”. Classificados como “criaturas do reino digital”, são descritos como “sujeitos a ser influenciados por um presente ou um dinheirinho para, em retribuição, influenciar quem por ele é influenciável”. São “um documento de barbárie”.

Na opinião de Pires (2018, online), a razão pela baixa qualidade do material surgiria da aliança dos *booktubers* com o mercado, que, com uma suposta preocupação nas vendas, gera “vídeos [que] obedecem a uma fórmula simplória”: informações da orelha do livro e verbetes biográficos que servem de introdução e contextualização, além dos “obsessivos alertas de *spoilers*”<sup>7</sup>. Depois há o “momento impressionista de ‘gostei’ disso, ‘não gostei’ daquilo, ‘me emocionei’”. De acordo com a coluna, a maioria dos vídeos atendem ao público dos “jovem-adultos”, conhecidos como *Young Adults*, que teriam um texto tão fraco quanto à crítica em questão. Alguns dos vídeos que falam sobre clássicos teriam como argumentos-base a falta de erros de digitação ou levantariam pontos como um mal-estar causado por uma narrativa do Holocausto.

O resultado disso é um tipo de produção que se pautaria pela capacidade de influenciar e não pela qualidade de seu conteúdo. Dessa forma, “lê-se claramente a tese de que crítica literária e mídia são instituições falidas, que não se comunicam com um número expressivo de pessoas, ou seja, que não influenciam ninguém – e que, portanto, não têm mais relevância”. Aos intelectuais restaria a caricatura de uma elite “de um Antigo Regime intimidade pela estridente choldra digital”, já que “os *booktubers* e seus apologistas orgulham-se de sua ignorância e defendem o amadorismo num reiterado elogio do desconhecimento de causa”. Sendo assim, a conclusão é que a democratização da literatura, defendida pelos *booktubers*, se resume no mote de “vender muito – não importando a qualidade do que se vende. [Uma] mistura de populismo de mercado com anti-intelectualismo”. (PIRES, 2018, online)

As reclamações de Paulo Pires podem parecer coerentes em relação ao conteúdo analítico se comparadas com os textos publicados nos suplementos literários dos jornais até meados do século XIX, já que a maioria deles era assinada por acadêmicos e

---

<sup>7</sup> Contar um *spoiler* é o ato de revelar algum acontecimento futuro e relevante na trama, como a morte de um personagem.

pesquisadores. No entanto, conforme será abordado nos tópicos seguintes, antes disso as críticas eram também feitas por amadores, os *homens das letras*, e, no momento posterior, foram minguando dos jornais e revistas de grande circulação, restando poucos espaços como o ocupado pelo colunista na “Época” – espaços que mantêm fortes laços com o mercado.

Para além disso, é interessante contextualizar o cenário da leitura no Brasil. Em sua tese, Tuana Jeffman (2017, p.19-20) apresenta alguns dados que incrementam na discussão sobre a questão da cultura e da literatura. Em primeiro lugar, destaca que 56% da população brasileira é leitora – ou seja, cidadãos com cinco anos ou mais que leram, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos três meses anteriores à pesquisa – uma melhora, em relação aos 50% do ano anterior. Além disso, destaca que 55% dos brasileiros não realizou nenhuma atividade cultural no ano de 2014 e que, em 2011, o Brasil ocupava a 88ª posição em educação no ranking da UNESCO.

Atualizando os dados apresentados acima, outros três testes realizados entre 2014 e 2018 não apontam melhoras. Segundo o teste apresentado pelo grupo Economist, o Brasil é o terceiro pior em educação (PINHONI, 2014). De acordo com os levantamentos de dados de bem-estar da ONU, que medem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a área da educação não teve nenhuma melhora em relação ao índice de 2015 já que, de acordo com a pesquisa, o período escolar se manteve nos 15,4 anos e a média de tempo de subiu de 7,6 para 7,8 anos (NÓBREGA et al., 2018). Por fim, vale ressaltar que no Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA), o Brasil teve queda nas três categorias: ciências, leitura e matemática. A prova, que acontece a cada três anos, é feita pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em 70 países. Em 2015, o Brasil ocupou, em Ciências, a 65ª posição; em Leitura, a 58ª posição; por fim, em Matemática, a 65ª posição. Na prova de 2018, 61% dos alunos não conseguiram terminar a primeira parte – os mesmos dados para a Colômbia e a Finlândia foram de 18% e 6%, respectivamente (SALDAÑA, 2018).

Dessa forma, um dos caminhos para se pensar os comentários de Paulo Roberto é que, ao analisar o conteúdo veiculado de maneira gratuita e via internet, ou seja, acessível para quase 65% da população brasileira (GOMES, 2018), os vídeos estão chegando para “recém-leitores”, pessoas que ainda não têm um hábito de leitura desenvolvido e estão começando por meio desses vídeos introdutórios.

Ainda que tais ideias sejam entendidas com mais profundidade no próximo tópico, também é possível pensar que os inscritos dos canais não estejam de acordo com a visão de uma Grande Literatura, que obedece um cânone de desenvolvimento humano e social, mas entendem a leitura como um entretenimento comum. Os vídeos constituiriam, então, algo próximo a uma roda de conversa de amigos e apontamentos como a citada “falta de erros de digitação” aparecem para configurar o livro como um objeto de consumo e, sendo assim, a aquisição de livros clássicos (que geralmente possuem várias versões) deve ser feita com cuidado e procurando sempre a “melhor edição”<sup>8</sup>.

O que essas hipóteses e a coluna do Paulo Roberto revelam é que houve um movimento de mudança na configuração do campo cultural e intelectual nos últimos anos e que padrões de produção que foram quebrados estão se reajustando. É esse contexto que precisa ser desenhado antes que se trace qualquer possibilidade de conclusão sobre a discussão iniciada acima.

## 1.2. Os Legisladores

A ideia do crítico como alguém que faz análises literárias e procura nas obras um desenvolvimento estético que reflete o bom gosto é uma noção relativamente nova. Ao nascer na Grécia Antiga, o exercício do *crítico* era muito próximo ao dos gramáticos e dos filólogos, responsáveis por iniciar alunos saídos das primeiras letras nos estudos dos escritores clássicos. Com a passagem para o latim, o *crítico* foi substituído pelo *gramático*. A partir daí o termo desaparece e só retoma seu sentido literário no Renascimento. Ao lado dos gramáticos e filólogos, passa a “designar os humanistas empenhados na restauração, comentário, compreensão e julgamento dos textos da Antiguidade” (SOUZA, 2011).

A prática desse tipo de crítica, denominada pela expressão grega *kritike tekhnē* ou, em latim, *ars critica*, é distante do que entendemos hoje por crítica literária. Ao priorizar o aspecto técnico, ela tinha metodologia rigorosa: primeiro, verificava-se a fidedignidade de uma obra por meio da correspondência entre cópias; depois, a análise era feita segundo a prosódia, a gramática e a explicação do texto. No segundo momento, fazia-se “o julgamento dos méritos da obra, que, aliás, visava menos a identificação das

---

<sup>8</sup> Em sua tese, Tuana Jeffman (2017) descreve a cultura literária que surge do ambiente informal dos *booktubers* e seus inscritos por meio de um estudo etnográfico nas redes sociais digitais. Uma de suas considerações é justamente a da configuração de um grupo social pautado na cultura literária, onde se conversa sobre literatura pelo viés do entretenimento e da compreensão do livro enquanto objeto de afeto.

‘belezas’ do que ao destaque de sua eficácia na proposição de padrões éticos de honra e virtude” (SOUZA, 2011). O princípio estético era subordinado à moral e valorizava, por exemplo, a excelência na descrição da perfeição humana.

A “Poética” de Platão e a de Aristóteles servem de ilustração aos estudos críticos da época, muitas vezes normativos ou descritivos. Em seus estudos, Platão abordava a tragédia pelos questionamentos estéticos e reprovava os princípios miméticos porque ela não só permitia a difusão de ações viciosas, como podia representar uma ação virtuosa sem que se alcance a verdade sobre a virtude. Aristóteles, por sua vez, entendia o trabalho do poeta como alguém que elaborava releitura de atos elevados, originando-se dos antigos mitos da civilização grega com o intuito de chegar ao efeito catártico. De maneira descritiva, ele diz que a tragédia é

a mimese de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada, com cada uma das espécies de ornamento distintamente distribuídas em partes; mimese que se efetua por meio de ações dramatizadas e não por meio de uma narração, e que, em função da compaixão e do pavor, realiza a catarse de tais emoções (ARISTÓTELES, 2017, p.73)

Tais princípios só começam a se modificar entre os séculos XVI e XVIII quando, apesar de firmada, a crítica ainda é uma disciplina subordinada às outras, como a gramática, a retórica e a poética. No começo do século XVI, Erasmo de Rotterdam utiliza a *ars critica* para estudar a “Bíblia”. Em meados do século XVII, Richard Simon também pratica sua crítica com os textos sagrados, mas de maneira diferente: ao invés de utilizar como base as convenções sociais, apresenta sua análise “como consideração analítica livre e racional não apenas de textos, mas de objetos de diversas naturezas, como, por exemplo, o gosto, o conhecimento, os eventos da história” (SOUZA, 2011).

A postura crítica só completaria sua mudança de caráter no correr do século XVIII, quando Kant nomeia sua pesquisa acerca das possibilidades, condições e validações sobre o conhecimento humano de razões críticas. A partir desse momento, a crítica deixa sua ligação com os estudos da retórica e da poética clássica e entra no campo filosófico, se alinhando com “as investigações sobre a questão do belo, do gosto, da sensibilidade, conforme desenvolvidos no âmbito da emergente estética” (SOUZA, 2006, p.114).

Essas investigações de Kant exemplificam o discurso de uma nova elite intelectual que crescia fora da tutela do poder clerical, amparada no Estado, e tinha como missão guiar os cidadãos comuns em direção às “verdades universais” que eram estabelecidas em diversas áreas – nesse caso, na estética (o bom gosto). Em seu livro “Legisladores e

Intérpretes”, Bauman (2010) descreve a formação dessa classe – e sua futura frustração de projeto civilizatório, chegando até o momento em que tais intelectuais não oferecem mais valores universais, mas interpretações variadas em suas comunidades.

Paul Radin (apud Bauman, 2010), em um de seus estudos sobre as tribos norte-americanas, notou que sempre houveram indivíduos detentores do conhecimento nas tribos que atuavam como guias de acesso à sabedoria. Esses “formuladores religiosos” reivindicavam um tipo de conhecimento que não era formulado de acordo com as inseguranças dos outros, mas “o traço notável do processo de alcançar o conhecimento é que ele criava tantos mistérios novos quanto esclarecia os velhos; e gerava tantos medos novos quanto mitigava os antigos” (BAUMAN, 2010, p.21).

Desse poder, que tanto tempo ficou ligado à esfera religiosa e depois se apoiou no poder do Estado, emergem quatro pontos básicos de estruturação: Em primeiro lugar, a origem da dependência surge da construção social, em que o indivíduo se torna incapaz de resolver questões pessoais individualmente. “Algumas etapas de suas atividades vitais, materiais ou espirituais, em seus aspectos práticos ou ideacionais, devem estar além de seu controle, e por isso eles necessitam de conselho, assistência ou interferência ativa de outrem” (BAUMAN, 2010, p.32); o segundo ponto é que surge daí uma dependência genuína, já que os detentores do conhecimento estão em uma posição de dominação, “perto das fontes de incerteza” – são eles que sanam e geram as dúvidas. É dessa relação que surge o poder pastoral, a “dominação exercida ‘em benefício do’ dominado, em seu interesse, em nome da condução adequada e completa de seus assuntos vitais” (BAUMAN, 2010, p.32).

Tal poder pastoral, conforme explica o terceiro ponto, é reforçado pela impossibilidade que os “comuns” tem de transformar o conhecimento em atos. Os dominadores, enquanto especialistas, “possuem o conhecimento que falta, ou mediam e controlam a sua distribuição, ou têm à sua disposição os recursos necessários para aplicar o conhecimento que possuem e compartilhar os produtos de sua aplicação” e, sendo assim o quarto ponto, é mais forte a dominação quanto mais forte for a incerteza ou privação que é gerada na falta desse mediador – este que, muitas vezes, produz a própria indispensabilidade social do seu conhecimento, de acordo com o primeiro ponto. (BAUMAN, 2010, p.32).

A ideia de que um grupo impessoal de intelectuais que se adequavam às tais pontuações e agiam em nome da razão também é algo relativamente novo. Os discursos racionais nas vertentes científica, moral e estética já circulavam há algum tempo, mas a criação de

títulos acadêmicos e especializações serviu para distinguir quem estava dentro ou fora do grupo, uma espécie de linhagem que remete aos títulos de nobreza, que segregava os que estavam de fora ao mesmo tempo em que hierarquizavam o regimento interno. Bauman (2010, p. 37-40) elege a França do século XVIII como ponto chave de configuração dos intelectuais, inspirados pelos *philosophes*, que, apesar de heterogêneos e com produções que se combatiam, eram um exemplo de grupo pensante coeso.

O recorte espaço-temporal se dá pela conjunção dos fatores que confluíam ali. A maturidade da monarquia absolutista apresentava a potencialidade de todas as suas vantagens – ainda que, proporcionalmente, mostrasse também seus defeitos. Dois vazios no suporte a tal estrutura, que ainda estava no ápice, surgiram com a falência do poder da nobreza: o de controle social e o de legitimação da autoridade política. Como essa falência aconteceu antes da ascensão de uma nova classe, o espaço não tinha nenhum pré-requisito e não estava a serviço de nenhum interesse. Além disso, os intelectuais franceses não tinham nenhuma filiação – diferentemente dos alemães, que eram professores universitários ou funcionários públicos, ou dos países protestantes, onde eram geralmente ligados ao clero.

Desligados de instituições e de obrigações de lealdade, os intelectuais construíram um grupo estreito com suas próprias redes de comunicação. “Eles formavam um grupo autônomo e que criava opinião, matéria escrita, discurso e língua, em geral como um vínculo social para se libertar de todo vínculo social” (BAUMAN, 2010, p.39). Todos esses fatores se uniam e potencializavam com a revisão cultural que ocorria no período:

Aquele era um século de administração, organização e gerência; um século em que hábitos tornaram-se objeto de legislação, e um modo de vida foi problematizado como cultura; um século que redesenhou de modo radical as velhas fronteiras entre o público e o privado, e ampliou a dimensão deste último a proporções de que jamais se tinha ouvido falar; um século que necessitava de know-how, qualificações, especialidade para fazer o que antes era realizado natural e trivialmente; um século no qual o poder necessitou e buscou conhecimento (BAUMAN, 2010, p.39-40).

Ainda que não pertença à tradição francesa, foi nesse contexto de revisão que Kant apresentou suas Críticas da Razão<sup>9</sup>. Essa postulação do termo faz com que ele seja entendido e utilizado de maneira menos técnica, exclusivamente nos moldes da produção, e se associe ao sentido amplo de investigação racional que busca chegar em

---

<sup>9</sup> Nas duas últimas décadas do século XVIII, Kant escreveu a “Crítica da Razão Pura”, sobre o conhecimento teórico, “Crítica da Razão Prática”, sobre o conhecimento prático, e a “Crítica da Faculdade de Julgar”, sobre os conhecimentos estéticos.

algum juízo de valor, independentemente dos fatores subjetivos. Nessa concepção, a crítica passa a se conectar ao senso comum e à democratização cultural provocada pela revolução burguesa, que, no fundo, servia como um guia para a produção cultural alcançar o seu ápice de acordo com os valores estabelecidos pelos intelectuais. A crítica adotava os ares de uma espécie de tribunal.

O sentido da “democratização” colocado no texto não diz respeito a um consumo mais abrangente no sentido de classes sociais que têm acesso aos bens culturais, mas a uma mudança no posicionamento dessa elite e em como ela se via e se apresentava socialmente. Já que agora estava responsável pela educação da elite nobre, passou a ocupar o espaço vago na esfera pública que esta deixava enquanto enfraquecia:

Esses homens de letras, precursores (e até hoje arquétipos e parâmetros utópicos) dos intelectuais modernos, não ‘tomaram’ a liderança da opinião pública. Eles *se tornaram* um público, *criaram* opinião pública e, por essa criação, adquiriram uma autoridade que os capacitou a negociar ou competir com o poder de outros que ‘controlavam as rédeas do governo (BAUMAN, 2010, p.51).

Nasce daí também o uso da imprensa como suporte para as discussões (morais, filosóficas, estéticas, etc.) de questões da atualidade. Conforme Ballerini (2015, p.16), no campo da estética, essas discussões fertilizaram o terreno para o jornalismo cultural e permitiram a proliferação da crítica cultural:

O nascimento do texto crítico só foi possível graças às transformações sociais do século 17, período em que (...) a burguesia ganha força como poder político e constrói espaços de afirmação discursiva de seu poder (jornais, revistas, etc.). A crítica nasceu, portanto, para legitimar, a condição burguesa contra o Estado absolutista. Todavia, seu exercício só ganhou força no século 18, com a propagação de teatros e museus nas cidades europeias. A crítica tornou-se um prolongamento das conversas travadas entre aristocratas e intelectuais frequentadores desses ambientes.

Serve como exemplo da cena a revista londrina *The Spectator*, publicada em 1711, ou os folhetins franceses do mesmo período. Embora a prática de veicular resenhas nos jornais já estivesse presente desde o fim do século XVII, *The Spectator* tinha como objetivo propagar as discussões intelectuais que ficavam restritas aos círculos elitizados. A publicação “abordava não só literatura, música e teatro como também política e economia, sempre com o tom irônico tipicamente inglês, tirando a cultura do pedestal e tornando-a mais acessível ao homem urbano” (BALLERINI, 2015, p.17).

Os debates que tais revistas “popularizavam” ou “democratizavam” funcionavam sob a lógica de uma revisão educacional e cultural que as elites intelectuais faziam vigorar. O burguês, citado acima como “homem urbano”, precisava passar por uma educação

orientada – fruto de uma revisão dos antigos sistemas de poder e vigilância. A revisão colocou o poder na mão do Estado, criou prisões, hospitais, asilos e manicômios, reestruturou o sistema educacional e estabeleceu a noção de “saber é poder”, já que quem passaria a ocupar o espaço da legitimação seria o especialista com *know-how* (BAUMAN, 2010, p.56-72). O poder que surge dessa configuração intelectual, segundo Bauman (2010, p.70-1), tem duas características: é pastoral, porque não seria exercido por interesse próprio, mas de acordo com o dos futuros “súditos”; é proselitista, porque “via a si mesmo como o conhecedor e praticante de uma forma superior, e seus súditos como seres incapazes de se elevarem por si mesmos a esse plano superior”.

Essa mudança faz com que o especialista, intelectual, se torne o que Gellner (apud Bauman, 2010, p.72) chama de “jardineiro”. Em uma figura de linguagem, o pesquisador discute que a modernidade acabou com as sociedades de culturas selvagens, que se desenvolvem livremente, e as trocou pelas dos jardins, trazendo consigo a figura do caseiro e do crescimento controlado.

As “culturas selvagens”, diz Ernest Gellner, “se reproduzem de geração a geração, sem intento consciente, supervisão, vigilância ou nutrição especial.” Culturas “cultivadas” ou “jardins”, ao contrário, só podem ser sustentados por pessoal letrado e especializado. (GELLNER apud BAUMAN, p.72)

A própria maneira de entender e observar a cultura é modificada nesse momento, deixando de ser entendida como uma forma de existência moldada por aspectos naturais ou pela vontade divina, mas para ser colocada em uma hierarquia. As diferenças culturais passam a ser entendidas pela discrepância histórica – assim, existiriam culturas mais atrasadas, bárbara, vulgares; e aquelas mais próximas do progresso, do futuro, da civilização. Uma definição que partia do pressuposto que o objetivo (e a necessidade) de todas as sociedades (principalmente as de “cultura atrasada”) era alcançar a perfeição cultural do modelo europeu.

As esferas da vida precisavam ser formadas e guiadas para que, usando a metáfora do jardim, não se tornasse um campo cheio de ervas daninhas – um terreno *inculto*. A visão da cultura era marcada por três traços:

otimismo (crença na maleabilidade ilimitada das características humana), universalismo (crença num ideal aplicável a todas as nações, lugares e tempos) e etnocentrismo (crença de que o ideal formado na Europa do século XVIII representava o ápice da perfeição humana, que outras partes do mundo teriam e gostariam de imitar) (BAUMAN, 2010, p.130)

Essa redefinição da ordem social como algo que poderia (e deveria) ser moldado pelo humano foi o marco mais importante no que tange a produção intelectual. Um dos mais notáveis discursos desse momento era o embate entre a Razão e as paixões, com a desvalorização destas, que colocou os pobres como classe perigosa, afetada pelas emoções, um risco para a ordem social e cujo modo de vida precisava ser reconstruído.

Da mesma maneira como Estado absoluto moderno tornou todos os poderes de base local paroquiais, atrasados e reacionários, o projeto civilizador que proveu legitimação e estratégia a esses Estados tinha de tornar retrógrados, supersticiosos e bárbaros os modos de vida baseados na localidade (BAUMAN, 2010, p.127)

Para além das elucubrações, o que aconteceu de maneira prática foi uma valorização da cultura de elite em detrimento da cultura popular; a discriminação do gosto “vulgar” e o elogio do gosto popular. O movimento não visava apenas o julgamento estético ou a difamação da produção popular, mas era o exercício do poder no campo da arte. A preocupação era o estabelecimento de lugares onde os julgamentos seriam pronunciados com autoridade. “Esta era a verdadeira diferença entre os tocadores de ‘rabeça e fagote’ voluntários, que decidiam quando e como tocar, e o organista profissional, um empregado contratado e demitido pelo padre da paróquia” (BAUMAN, 2010, p.93).

O movimento operou ao longo de toda a Era Moderna e os intelectuais continuaram no controle, exercendo seu poder sobre o que as outras classes deveriam consumir.

Estar no controle significava operar, sem questionar muito, o mecanismo de transformar incertezas em certezas; tomar decisões, fazer afirmações competentes, segregar e classificar, impor definições vinculantes à realidade. Em outras palavras: significava exercer poder no campo da arte (BAUMAN, 2010, p.180)

A quebra dessa cultura tradicional fortaleceu a ideia e aumentou a demanda de peritos e especialistas para guiar e cultivar os gostos.

Privada de autoridade, expropriada de seus ativos territoriais e institucionais, carente de especialistas e administradores próprios, agora expulsos ou degradados, [*a ruína da cultura tradicional*] tornou os pobres e humildes incapazes de autopreservação e dependentes das iniciativas administrativas de profissionais treinados (BAUMAN, 2010, p. 94)

No entanto, a implementação dessa Civilização Ideal estabelecida pelos intelectuais logo se mostrou uma empreitada frustrada. Do séc. XVII até parte do séc. XX, o modo de vida foi considerado como uma “ruptura radical na história do mundo” e visto, com uma fé inabalável, como superior a todos os outros. A população europeia colocada num estágio historicamente superior em relação às outras sociedades – que se

esforçavam para chegar no mesmo lugar; e, dentro da Europa, a elite como superior às classes trabalhadoras ou aos aldeões supersticiosos.

O problema é que, para trilhar esses caminhos, a única ferramenta que os intelectuais utilizavam era a retórica – os seus debates. Esses pensadores “tinham pouca oportunidade de se aventurar além da língua”. Tinham “uma visão de mundo feita de palavras, construída com ideias, governadas por ideias, fadada a render-se ao poder das ideias” – ou, de maneira reduzida, “ideias eram o mundo” (BAUMAN, 2010, p.132-3).

Para resolver esse problema, os adeptos do progressivismo (linha de pensamento desenvolvida na Europa do séc. XIX) utilizaram as suas experiências nesse mundo das ideias para propor um mundo “governado por pessoas que produzem e distribuem ideias”, colocando os intelectuais em posições de administração, ligados efetivamente na transformação do mundo. Esse tipo de conhecimento foi chamado de “ideologia” (e futuramente substituído por “sociologia”) e moldou um discurso de única ciência possível de explorar a sociedade.

O ímpeto que movia esses ideólogos era a ânsia de refazer tudo que fora feito até então pelos seus intelectuais antepassados e promover seus para as mudanças na sociedade.

Refazer tudo – indivíduos, suas necessidades, desejos, pensamentos, ações, interações, as leis que estabeleceram uma estrutura para tais interações, os que fizeram essas leis, a própria sociedade. O princípio para selecionar os temas de estudo e reflexão filosóficos – o único princípio aceitável, por assim dizer – era a utilidade desses temas na promoção, indução e realização da mudança (BAUMAN, 2010, p.137)

O ponto de vista de onde partiam essas mudanças era o mesmo que o das outras ciências, como a física, a química ou a medicina, estendendo à sociedade e seus membros o lema de “conhecer para dominar”. Conforme dito por Bauman (2010, p.139), “a sociedade e seus membros eram percebidos pelos *ideologistas* como objetos de ação propositada”. Por isso, “a função de administrar uma sociedade civilizada, ordeira e feliz pertence aos profissionais cientificamente treinados”.

No que tange à crítica literária esse movimento foi sentido logo no fim do século XIX no embate entre a vertente impressionista de Anatole France, caracterizada pelo “comentário mais ou menos ligeiro acerca de lançamentos literários, tendo por veículos jornais e revistas, sendo frequente a reunião posterior em livros dessas matérias originários da imprensa diária e periódica” (SOUZA, 2006, p.114), e a crítica defendida por Emile Hennequin, que procurava aproximar os textos da filologia, da história, da psicologia e da sociologia em busca da sistematização da crítica enquanto ciência. Essa

linha cientificista propôs bases conceituais ecléticas para a análise das obras literárias com a intenção de rivalizar com a história da literatura<sup>10</sup>. A discussão sobre os *homens das letras* e os *cientistas* ocorriam tanto em espaços restritos aos especialistas, como a academia, quanto nos espaços públicos (levando em consideração a problematização do termo, feita acima), como na cobertura dos jornais e revistas em literatura.

No meio desse embate, uma corrente teórica que muito cara para o desenvolvimento da crítica literária brasileira foi o *New Criticism*. O ensaísta e poeta T.S. Eliot foi considerado o pioneiro dessa corrente, ainda que mudasse sua posição em meados do séc. XX (GONÇALVES, 2012).

Em seus primeiros trabalhos sobre a crítica, Eliot destacou a importância da tradição na arte – que não é vista isolada, mas no diálogo com outras obras de arte, ainda que cada obra fosse um objeto estético autônomo, autorreferenciado. Essa tradição é importante porque despersonaliza o artista em favor de uma visão objetiva da arte e só pode ser atingida por meio do árduo trabalho de ler os escritores passados.

O *New Criticism* postula que cada texto é autônomo. História, biografia, sociologia, psicologia, a intenção do autor e a experiência privada do leitor são irrelevantes. Qualquer tentativa de olhar a relação do autor com seu trabalho é chamada de “a falácia intencional”. Qualquer tentativa de olhar para a experiência individual do leitor é chamada de “a falácia afetiva”. O *New Criticism* argumenta que cada texto tem uma unidade central. A responsabilidade do leitor é descobrir essa unidade. O trabalho do leitor é interpretar o texto, dizendo de que maneiras cada parte contribui para a unidade central (SARKAR, 201-?, tradução nossa<sup>11</sup>).

Ao marcar a irrelevância de outras áreas, o *New Criticism* se posicionava contra as tendências mais filológicas e históricas da literatura; ao mesmo tempo, se posicionava contra as leituras mais impressionistas, que “se limitavam a apontar as ‘belezas’ e as qualidades de elevação moral de um texto”, consideradas “muito subjetivas e emocionais” (SARKAR, 201-?, tradução nossa<sup>12</sup>).

---

<sup>10</sup> No século XX, a vertente se legitima sob o nome de *crítica acadêmica* e passa a disputar espaço com a nova área dos estudos literários chamada *teoria da literatura*.

<sup>11</sup> The New Criticism posits that every text is autonomous. History, biography, sociology, psychology, author’s intention and reader’s private experience are all irrelevant. Any attempt to look at the author’s relationship to a work is called ‘the intentional fallacy’. Any attempt to look at the reader’s individual response is called ‘the affective fallacy’. New Criticism argues that each text has a central unity. The responsibility of the reader is to discover this unity. The reader’s job is to interpret the text, telling in what ways each of its parts contributes to the central unity

<sup>12</sup> On the other hand, the literary appreciation school, which limited itself to pointing out the ‘beauties’ and morally elevating qualities of the text, was disparaged by the New Critics as too subjective and emotional

Segundo Leticia Gonçalves, “a característica primordial dessa espécie de crítica é a objetividade analítica subjacente nos quesitos de apreciação da obra. Portanto, as principais ferramentas do crítico, segundo T.S. Eliot, são a comparação e a análise”. Tais ferramentas são escolhidas para manter longe a “interpretação” impressionista.

De fato, no método de comparação e análise, o crítico faz uso somente do que a obra oferece em primeiro plano, produzindo, assim, uma crítica técnica e palpável a qualquer estudioso de literatura. No método de interpretação, por sua vez, o crítico ultrapassa os limites da obra e expõe considerações particulares que se transformam em um texto de ficção promovedor de prazer e divulgador de fantasia (GONÇALVES, 2012).

### 1.3. Os Intérpretes

Apesar dos conflitos na parte prática de guiar a sociedade, a visão sobre a modernidade era a mesma: um ponto irreversível, supremo e, ainda que inacabado, repleto de potencialidades. O problema é que tais visões seguiam o caráter de autorreferência e autovalidação da modernidade, sempre ignorando visões exteriores. Então, “o que aconteceu nos anos recente pode ser enunciado como o surgimento de um ponto de vista que permite a visão da própria modernidade como objeto confinado, um produto em essência completo, um episódio da história, com um fim e um começo” (BAUMAN, 2010, p.158) e, com o término desse episódio, também chegaria ao fim o modelo de intelectual discutido acima.

A discussão, que surge do debate sobre o pós-moderno<sup>13</sup>, é antecipada pelo pós-modernismo – movimento artístico que se inicia como uma investida arquitetônica contra a arquitetura funcionalista e racional, mas que logo ampliou-se e assumiu ares de movimento da arte ocidental. O movimento

proclamava o fim da exploração da verdade máxima do mundo humano ou da experiência humana, o fim das ambições políticas ou missionárias da arte, o fim do estilo dominante, dos cânones artísticos, do interesse pelas bases estéticas da autoconfiança artística e das fronteiras objetivas da arte; a ausência de bases; a futilidade de toda tentativa de traçar limites para o fenômeno artístico de maneira objetiva; a impossibilidade de legislar preceitos de uma arte verdadeira, distinta da não arte ou da ruim - estas foram as primeiras

---

<sup>13</sup> Existe um diálogo entre o pós-moderno e a sociedade pós-industrial e a pós-capitalista. No entanto, o que Bauman (2010) diz é que estes dois conceitos não são necessariamente uma ruptura com o modelo de modernidade, mas aludem às transformações internas da sociedade ocidental. Diferentemente disso, o pós-moderno questiona a credibilidade da própria modernidade “como autodesignação da civilização ocidental, seja industrial ou pós-industrial, seja capitalista ou pós-capitalista. Ele implica que as qualidades autoatribuídas contidas na ideia de modernidade não se sustentam hoje”.

ideias gestadas no interior do discurso da cultura artística (como, 200 anos antes, a conquista do campo cultural precedeu a expansão das sociedades de pensée para a área da filosofia política e social). (BAUMAN, 2010, p. 159).

Depois de formulado tal conceito na arte é que se notou as semelhanças com o processo de erosão das bases objetivas na filosofia e nas ciências sociais.

A convicção de que a modernidade era a forma última de configuração foi minada e deu lugar à experiência de falta de autoconfiança da pós-modernidade. Enquanto os filósofos da Era Moderna buscavam A Verdade, o período pós-moderno abandonou essa busca pela sua futilidade, já que a vida na pós-modernidade é marcada pela incerteza permanente. Esse terreno incerto se mostrou impróprio para os intelectuais legisladores, já que não há mais lugares fixos e intocáveis para a emissão de juízos.

Um dos motivos da maleabilidade do terreno é que surgiram novas tecnologia de poder e controle que excluíram o legislador das funções e qualificações que tinham antes. Agnes Heller (apud Bauman, 2010, p.167) resume esses posicionamentos em duas possibilidades: uma ditadura das necessidades, como a do tipo soviético, em que “os intelectuais foram (...) liquidados como classe, isto é, foram coletivamente expropriados de sua função compartilhada de gerar e promover valores que o Estado e seus súditos devem implementar e observar” para responder aos valores ditados pelo próprio Estado; por outro lado, há a sociedade de consumo ocidental,

onde os efeitos práticos sobre a posição do intelectual são quase os mesmos, uma vez admitidas todas as diferenças óbvias entre os dois sistemas: valores foram transformados em atributos de mercadoria e tornados irrelevantes. Por conseguinte, é o mecanismo do mercado que agora toma a si o papel de juiz, de formulador de opinião, de verificador de valores.

Nesse novo sistema, o mercado atua como uma “meta-autoridade validadora” que une a variedade de instituições que surgiram a partir da fragmentação daquela esfera única de valoração – dos intelectuais que legislavam, surgiram instituições de pesquisa e aprendizagem que não necessitam de aprovações externas; da mesma forma, surgiram instituições de produção mercadológica, que não precisam de uma validação intelectual além do seu potencial tecnológico e de vendas. Dessa forma, é o preço e a demanda do mercado que retém “o poder de distinguir entre verdadeiro e falso, bom e ruim, belo e feio” (BAUMAN, 2010, p.210).

Esse processo foi o mesmo que emancipou o trabalho intelectual das necessidades do Estado, “com liberdade e irrelevância demasiado próximas uma da outra”. Foi a proximidade dessas duas pontas que tornou a situação insatisfatória:

O núcleo duro da elite educada - dando prosseguimento ao metadiscurso da modernidade e preocupado com a problemática tradicional da verdade, julgamento e gosto, e com a tarefa tradicional de legislação de validade só conhece uma relevância: global em escala e política em função (BAUMAN, 2010, p.211).

Dessa forma, “a cultura tornou-se uma mercadoria comercializável, sujeita, como outras mercadorias, à corte suprema, onde lucros e demanda efetiva têm assento como juízes” e essa emancipação (com sua conseqüente “irrelevância sistêmica”) da cultura trouxe poucos benefícios para a elite educada, já que deslegitimou o poder que eles detinham e emancipou o gosto das classes populares e da média,<sup>14</sup> além de retirar a discussão estética do bom-gosto absoluto e levá-la em direção ao pluralismo (BAUMAN, 2010, p.212).

### **1.3.1. Pluralismo**

Segundo Lonnie D. Kliever (apud Bauman, 2010, p.172), “o pluralismo é a existência de múltiplas estruturas de referência, cada qual com seu próprio esquema de compreensão e seus próprios critérios de racionalidade”. Ele “é o reconhecimento de que diferentes pessoas e diferentes grupos vivem, literalmente, em mundos diferentes” e nega a possibilidade de um “sistema incontestado de definição da realidade”. De mesma forma, ele diz que só se pode viver dessa forma se a premissa for tão universal quanto era o projeto dos valores absolutos dos antigos intelectuais.

Mais uma vez, recorremos ao campo da arte para exemplificar o projeto. Segundo Bauman (2010, p.177), a arte pós-moderna é algo que trazia dificuldades de compreensão aos “filósofos, historiadores da arte e críticos de arte [já que] foram mal preparados por três séculos de estética ocidental” e as vanguardas modernistas, que procuraram a excelência do progresso, tinham fé no progresso científico, no futuro tecnológico, acreditavam na verdade objetiva e cumpriam a tarefa de criar novas formas.

O “Manifesto Futurista”, de Filippo Tommaso Marinetti, era uma ode ao progresso – bélico, principalmente; correntes como Dadaísmo e o Surrealismo se pautaram no progresso científico da psicologia e da psicanálise, valendo-se principalmente das ideias de Freud; o Construtivismo Russo, tal qual o Futurismo citado acima, procurava unir o

---

<sup>14</sup> Segundo Bauman (2010), as forças de mercado absorveram a cultura como mercadoria a um ponto de não retorno. Com essa movimentação, uma das mudanças nos debates culturais foi a diminuição nas discussões sobre porta-vozes legítimos da alta cultura enquanto o fortaleceu-se o discurso da cultura do consumidor, que parte do pressuposto que se é sempre dependente do mercado, que o mercado pressupõe uma solução para todos os problemas e que deixa uma parcela da população, aquela sem dinheiro, longe das possibilidades de consumo.

progresso da técnica e suas tecnologias em prol de uma arte ideal. (LITTLE, 2010, p.98-129) A arte pós-modernista foge da lógica científica e da objetividade. Sua produção é pautada na “presença, experiência subjetiva, comportamento num tipo estranho de revelação terapêutica na qual não é necessário acreditar ou compreender - se funcionar, basta” (LEWIN apud BAUMAN, 2010, p.178).

O sentimento de espanto e desorientação na mistura de novos desenvolvimentos resulta da ausência da confortável convicção de que o novo é apenas mais do mesmo, que é só uma questão de tempo para ele perder a estranheza, ser domesticado do ponto de vista intelectual, que estão disponíveis instrumentos suficientes para a tarefa e que se sabe como aplicá-los. Em outras palavras, o desconforto resulta da incapacidade dos analistas de desempenharem sua função tradicional (BAUMAN, 2010, p.179)

O que marca a arte pós-moderna é a ausência de estilo, sua estratégia paródica e de pastiche que questiona as ideias de gêneros, de estilos, das regras. Quebram os valores que, de algum modo, sustentavam o julgamento do crítico na arte modernista. No caso da literatura, Leyla Perrone-Moises (2016) destaca que não há uma ruptura entre a literatura moderna e a pós-moderna, como há entre romantismo e classicismo. Por exemplo, as características que marcam a composição literária atual são a intertextualidade, a paródia, a metalinguagem, a fragmentação, o ludismo, a ironia, o individualismo, a abertura do sentido, a presença de objetos populares e a abolição das fronteiras entre alta cultura e cultura de massa.

Essas características já foram lidas antes, mas

o que vemos é menos uma liquidação da modernidade do que sua assimilação numa postura irônica, e uma exacerbação de procedimentos existentes, há muito tempo, nas obras literárias. A peculiaridade da chamada literatura pós-moderna é nutrir-se da modernidade, numa atitude consumista que é própria do nosso tempo (PERRONE-MOISES, 2016, p.45).

No entanto, o problema que surge desse resultado é o esvaziamento do potencial revolucionário da arte, já que qualquer gesto de radicalismo logo mingua, é absorvido, legalizado e se torna capaz de lucrar, como qualquer mercadoria – das mais tradicionais às mais selvagens. O mercado se apropria dos significados e diminui o potencial questionador.

### **1.3.2. Vulgaridade**

Saindo da esfera do artista e indo para a do público, “a suposição de que é possível ser ‘culto’ sem esforço, sacrifício e sofrimento corta a superioridade intelectual pela raiz” (BAUMAN, 2010, p.215). A raiz desse problema surge quando, além de moldar os

gostos de uma classe popular, surge uma classe média em franca expansão – tanto de número quanto de poder de compra.

Nem rude, nem plenamente refinada; nem ignorante, nem educada pelos padrões ostentados pela elite; nem deixando a arte para seus superiores, nem capaz de exercer seu juízo em matéria artística – a classe média tornou-se de imediato aquele elemento ‘viscoso’ que ameaçava a própria existência da hierarquia do julgamento e, com ela, a autoridade da elite esteticamente educada (BAUMAN, 2010, p.181).

Com essa ascensão, o uso do “vulgar” enquanto insulto passou dos populares ao pequeno-burguês que fazia juízos estéticos, sem reconhecer a autoridade do intelectual, sobrepondo o dinheiro à opinião legitimada. Durante a Era Moderna, a postura não foi um problema porque a ira e a condenação desse tipo de consumo, o julgamento elitista como um todo, era interiorizado pela classe média; no entanto, no decorrer dessas mudanças, revelou-se que o lugar absoluto dos estetas era, na verdade, construído por conta de uma estrutura social, econômica, cultural e etc. Os intelectuais, horrorizados, passaram a insurgir contra a dita “cultura de massa”, acusando o mercado de apropriar-se indevidamente do direito de decidir em matéria de gosto.

Theodor Adorno e Max Horkheimer servem de exemplo como intelectuais que investiram contra aquilo que chamaram de “indústria cultural” e seus produtos, como o *jazz*, o cinema e o rádio. Para Adorno e Horkheimer (2002), os produtos que surgem desse novo processo, permeados pela racionalidade técnica, não são artísticos porque não representam nenhuma classe, mas são exclusivamente dependentes do mercado e visam uma padronização estética que provoque satisfações efêmeras.

Dentro dessa lógica, a elite cultural se transformou em uma esfera de público consumidor como qualquer outra e perdeu seu poder de legislação, já que cada um poderia impor seus critérios práticos de julgamento estético ao invés de acompanhar uma tendência ou a imposição de uma elite.

A pergunta que fica da configuração desse espaço: então, os intelectuais (e, no caso dos trabalhos, os críticos literários) sumiram e deixaram o espaço para vozes como a dos *booktubers*? Não. Mais do que nunca, é possível ver resenhas e opiniões sobre livros, filmes, músicas, exposições ou qualquer outro produto cultural, escritas ou gravadas por qualquer um e divulgadas de maneira irrestrita. No meio desse mar de postagens, é possível encontrar algumas figuras que tentam usar as mesmas roupagens do antigo intelectual legislador; além de tudo, os espaços nos veículos, como as colunas de opinião, também permanecem firmes. O que muda é a postura, tanto dos críticos quanto dos consumidores, em relação à produção e circulação dos textos.

### 1.3.3. Comunidades

Há tempos o processo de racionalização já havia fragmentado e especializado os espaços de autoridade. Como vimos acima, tais esferas eram unidas pelo ideal e, agora, se mantêm conectadas pelo vínculo estabelecido pelo mercado – o papel do Estado passa a ser o de fornecer maneiras de perpetuar o domínio do mercado e os intelectuais, independentes e insignificantes para o sistema, tornam-se apenas uma parcela do público consumidor e a individualidade desse público passa a ser expressa segundo termos de consumo - o que consome, como, onde, com quem, etc.

A autoridade sob esse sistema não funciona sob a ideia de legislar, de conferir uma verdade a um objeto, mas no sentido de interpretação: a autoridade não reside no intelectual, mas em outro lugar. O intérprete lê o significado, de acordo com uma experiência subjetiva, e orienta uma leitura. Seus apontamentos não precisam ter a autorização de ninguém para ser vistos como uma leitura válida ou competente, já que abandona as visões universais de juízo estético; essas leituras são vistas, agora, em comunidade e o consenso da visão deixa de ser restrito à uma esfera da elite intelectual e passa a incluir membros de qualquer instituição social, cultural, política ou econômica.

De acordo com Bauman (2010), a estrutura que surge dessa nova forma de consenso é a tentativa de preservação da relevância dos intelectuais em comunidades. Para além de sintetizar a interpretação de um grupo, os intelectuais serviriam para interpretar significados de comunidades internas e trazer para as fronteiras internas e mediar a comunicação entre comunidades. O problema que o autor sugere é que essa estrutura ainda preserva a ideia do intelectual legislador, que dita a leitura para uma comunidade – ainda que longe do ideal de verdade universal, já que aplica o consenso em uma comunidade menor e as configurações não são estáticas.

Stanley Fish (1980), crítico estadunidense, dedicou grande parte da sua carreira desenvolvendo o conceito de “comunidades interpretativas”, onde o poder da autoridade está repartido, sem a ideia de um legislador ou figura-chave que comande ou dite as normas. Em primeiro lugar, Fish (1980) desconstruiu a ideia da materialidade do texto - o texto por si não carregaria nenhum sentido estrito, mas sentidos potenciais que surgiriam de acordo com as interpretações dos leitores.

O texto enquanto entidade independente de interpretação e (idealmente) responsável por sua carreira cai e é substituído por textos que emergem como uma consequência das nossas atividades

interpretativas. (...) A relação entre interpretação e texto se torna, assim, invertida: as estratégias interpretativas não são executadas depois da leitura; elas são a forma da leitura, e porque elas são a forma da leitura, elas dão as formas do texto, os modela ao invés de surgir deles, como é geralmente considerado (FISH, 2007, p.13, tradução nossa)<sup>15</sup>.

Dessa forma, cada texto é interpretado de acordo com o leitor, partindo de um posicionamento que não é escolhido nem antes e nem depois da leitura, mas adotado durante o ato de leitura. Fish (1980) não acredita que seja possível dividir a leitura em “antes” e “depois”, mas em situações que acontecem simultaneamente e, por isso, a interpretação é individual e pautada pelo contexto e repertório do leitor. Ainda que a defesa dessa ideia possa parecer solipsista ou defender um relativismo exacerbado, Fish (1980) comenta estamos sempre dentro de contexto que moldam os limites e as possibilidades de nossas leituras.

Eles [*professores com quem Fish dialoga*] temem que, na ausência dos controles propiciados por um sistema normativo de significados, o sujeito simplesmente substitua seus próprios significados pelos significados (geralmente identificados com as intenções do autor) que os textos trazem consigo, os significados que os textos "tem"; entretanto, se o sujeito é concebido não como uma entidade independente, mas como um construto social cujas operações são delimitadas pelos sistemas de inteligibilidade que o informam, então o significado que ele confere aos textos não é seu, mas tem sua origem na comunidade interpretativa ( ou comunidades) da qual é uma finalidade. Além disso, esses significados não serão nem subjetivos nem objetivos, pelo menos nos termos assumidos por aqueles que argumentam dentro da estrutura tradicional: eles não serão objetivos porque sempre terão sido o produto de um ponto de vista, em vez de terem simplesmente saltado do texto; e eles não serão subjetivos porque esse ponto de vista será sempre social ou institucional. Ou pelo mesmo raciocínio se poderia dizer que são subjetivas e objetivas: são subjetivas porque são inerentes a um ponto de vista particular e, portanto, não são universais; e são objetivos porque o ponto de vista que os oferece é público e convencional, e não individual ou único (FISH, 2007, p.335-6, tradução nossa)<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> “The text as an entity independent of interpretation and (ideally) responsible for its career drops out and is replaced by the texts that emerge as the consequence of our interpretive activities. (...) The relationship between interpretation and text is thus reversed: interpretive strategies are not put into execution after reading; they are the shape of reading, and because they are the shape of reading, they give texts their shape, making them rather than, as is usually assumed, arising from them”

<sup>16</sup> “They are afraid that in the absence of the controls afforded by a normative system of meanings, the self will simply substitute its own meanings for the meanings (usually identified with the intentions of the author) that texts bring with them, the meanings that texts “have”; however, if the self is conceived of not as an independent entity but as social construct whose operations are delimited by the systems of intelligibility that inform it, then the meaning it confers on texts are not its own but have their source in the interpretive community (or communities) of which it is a function. Moreover, these meanings will be neither subjective nor objective, at least in the terms assumed by those who argue within the traditional framework: they will not be objective because they will always have been the product of a point of view rather than having been simply ‘read off’; and they will not be subjective because that point of view will always be social or institutional. Or by the same reasoning one could say that they are both subjective and

As interpretações múltiplas são várias, mas não infinitas. Existe um patamar de concordância, um limite dentro do qual as interpretações podem ser feitas – que se encontram fora da dita “materialidade do texto”. Esses limites das interpretações estão nas comunidades (e suas subcomunidades) interpretativas. Cada comunidade tem sua estratégia interpretativa e uma agenda bem definida do que pode, ou não, ser feito. Ali, existem posicionamentos precisos que delimitam as fronteiras de cada espaço.

Como exemplo, Fish (1980, p.343-4) cita o momento na história da crítica literária em que pensar no leitor como construtor de sentido era uma afronta ao pensamento acadêmico, tendo como marco um ensaio chamado “The Affective Fallacy”, escrito por Beardsley, que dizia que um poema se dissolveria caso levássemos em consideração a subjetividade. Em comparação, 20 anos depois, tais questões são legitimadas e passam a ser amplamente discutidas em congressos e cursos. Essas mudanças ocorrem não só em linhas de pesquisa, mas também nas interpretações das obras. Em seu exemplo, Fish (1980) levanta que temos várias interpretações sobre “Uma rosa para Emily”, de William Faulkner, como a freudiana, a cristã e a mitológica (e, para argumentar sobre os limites da interpretação, ele diz que poderiam surgir correntes de interpretação do conto sob a perspectiva “esquimó”, caso documentos de Faulkner apontassem para isso). A justificativa sob as possibilidades que ele expõe surge da exemplificação de outras leituras críticas que ocorriam na época em que escreveu, como a leitura homossexual do poema “*The Waste Land*”, de T.S. Eliot, pelo crítico James Miller.

Para evitar que distorções aconteçam nas interpretações, o que administra as comunidades e fortalece ou enfraquece suas leis internas, que legitima ou deslegitima novas estratégias interpretativas é o próprio diálogo entre as comunidades. Neste caso, é o campo literário que determina quais interpretações podem ser feitas e por quais grupos. É também a deficiência de dessas esferas reconhecidas que faz com que outras possam surgir, se legitimar e disputar as interpretações em pé de igualdade.

Ao estabelecer esse patamar como o terreno dos embates, Fish (1980) afirma que há uma mudança na percepção do tom dos textos críticos. Antes, quando se assumia que o texto tinha uma materialidade, as análises eram vistas como *demonstrativas* cuja intenção era apontar quais trechos dos textos carregavam os sentidos descritos. Agora,

---

objective: they are subjective because they inhere in a particular point of view and are therefore not universal; and they are objective because the point of view that delivers them is public and conventional rather than individual or unique”

sob essa noção, os textos passam a ter um viés *persuasivo*, onde a subjetividade é declarada e a intenção do texto é fazer com que alguém assuma seu ponto de vista.

Esse movimento revela que as interpretações deixaram de estar certas ou erradas, mas dialogam de acordo com suas comunidades interpretativas em um movimento tanto interno, de reforçar suas bases e sanar seus defeitos, quanto externo, ao contestar e disputar espaço com outras comunidades, procurando manter-se relevante enquanto estratégia interpretativa.

No entanto, ainda que Fish (1980) nos apresente uma estrutura de comunidades que dissolva a figura de um intelectual legislador no meio social, é preciso entender como essas perspectivas de crítica literárias foram percebidas e desenvolvidas no Brasil ao longo da história.

#### **1.4. No Brasil**

A inauguração “oficial” do jornalismo cultural brasileiro ocorre com a veiculação do *Correio Braziliense*. Publicado em 1808 por Hipólito da Costa, em Londres, o jornal brasileiro tinha uma seção chamada Armazém Literário, subdividida em áreas como “Literatura & Ciência”, e tratava de diversos temas. Tendo Hipólito como o único homem que redigia, pesquisava, traduzia e editava o período, o *Correio* sofreu diversas tentativas de censura por motivos políticos, como processos criminais e a tentativa de extradição do território inglês. Apesar de aderir às ideias de independência tardiamente, o que incomodava a coroa portuguesa era a defesa de ideias liberais, da monarquia constitucional, da liberdade de opinião e do fim do trabalho escravo (ROMANCINI; LAGO, 2007).

Em território nacional, o pioneiro foi o jornal *As variedades ou Ensaio de Literatura*. Ele teve apenas duas edições, uma publicada em fevereiro e outra em junho de 1812, e “tinha poucas características de jornal, mas foi um ensaio - mesmo que frustrado - para a implantação do jornalismo de cultura no Brasil” (BALLERINI, 2015, p.21). O interesse da intelectualidade brasileira pode explicar parte da frustração, já que a preocupação do período era a independência brasileira, priorizando discussões políticas em detrimento das artísticas.

A partir de 1822, diversos outros veículos tentaram implementar o jornalismo cultural, com mais de 20 publicações até 1897 que abordavam a cultura em suas páginas tanto de maneira exclusiva quanto seção interna. A cobertura só passa a se firmar aqui a partir de meados do século XIX, principalmente na forma de periódicos literários de origem

acadêmica, com destaque para os cursos de direito, mas com “uma divisão evidente nas páginas dos jornais: um fio horizontal preto separava, em cima, política e economia – mais sisudas – do rodapé, que continha textos mais leves, comentários sobre livros e outras manifestações artísticas” (BALLERINI, 2015, p.21).

O rodapé, marcado pela produção do Romantismo e influenciado pelos folhetins francêss, tornou próspera a cobertura literária. De influência francesa, o folhetim modificou o cenário cultural brasileiro, introduzindo no rodapé do jornal o espaço de entretenimento e se tornou um impulsionador de vendas. Segundo Lorenzotti (2002, p.19), "os folhetins surgiram no início do Segundo Reinado e misturavam crítica literária, divulgação de eventos e publicação de romances em capítulos", mesmo que outras pautas culturais aparecessem em outras seções.

Dessa forma, o folhetim trouxe para a literatura Romântica a possibilidade de atingir uma parcela maior da sociedade: senhores, mulheres e muitos semiletrados acompanhavam suas histórias. Por fim, “o legado dos folhetins no jornalismo cultural foi apresentar uma linguagem nova mediando jornalista e leitor, com temas amenos, porém aprofundados, não só restritos às artes e às letras” (BALLERINI, 2015, p.22). À semelhança do que foi discutido sobre acima sobre a democratização das discussões intelectuais na Europa do século XVIII.

Benedito Nunes (2007, p.54), afirma que “entre nós (...) a crítica literária começou a fazer sua própria história no fim do século XIX, com a chamada geração de 70, republicana e anti-escravagista, de Sílvio Romero e José Veríssimo”. Foi quando o naturalismo e seus diálogos com a corrente positivista deram margem para uma explicação sociológica que pautou os valores da boa literatura.

Como vimos acima, o positivismo de Comte era pautado na crença de um conhecimento da civilização burguesa que educaria e faria o espírito humano progredir. Tais valores davam suporte histórico e sociológico para a crítica, que “associavam a índole nacional da literatura, como prévio critério de valor das obras, ao esquema explicativo triádico, raça, meio e momento histórico” (NUNES, 2007, p.55).

Dois dos críticos do período recusaram em parte essas ideias. Sílvio Romero negou parte dessa visão em favor de um culturalismo. De acordo com suas ideias, “nenhum evolucionismo consequente (...) dispensaria o crivo comparatista do conhecimento histórico, que nos ensina ser a arte um produto da cultura humana e não da natureza”. José Veríssimo também recusou parte da visão sob o argumento de que os romances

naturalistas, imitando a arte de Zola, não representavam a vida e a natureza brasileiras, mas copiavam os moldes internacionais (NUNES, 2007, p.55-6).

Na passagem do séc. XIX para o XX, “essas aspirações de ordem estética recaíram na letargia do esteticismo - uma derivação conjugada do realismo naturalista e do parnasianismo” (NUNES, 2007, p.56). Nesse momento, Olavo Bilac e Guimarães Passos promoviam o culto a uma certa forma poética, pautado pelo “Tratado da Versificação”.

A profissionalização começou nesta virada do século e os literatos – filhos de famílias do campo, de comerciantes imigrantes, de profissionais liberais e industriais e, poucos, de ex-escravos – passaram a buscar no jornalismo o seu sustento. Até esse momento, a produção intelectual ainda era economicamente instável e as revistas tiveram pouco tempo de vida. Mas, a imprensa se modernizou: tinha prensas mais rápidas e eficientes, tiragens e públicos maiores, conseguia, com os escritores, ter uma mão-de-obra especializada proveniente da literatura e iniciava um processo de profissionalização jornalística.

Nesse contexto, o rodapé cultural se torna segregado e origina os suplementos e revistas literárias. Tais revistas tiveram seu ápice na época do Modernismo. O movimento, repleto de combustível, fomentou revistas com as interpretações e declarações acerca do que era produzido, como a *Klaxon*. A sonorização do cinema e o crescimento do mercado fonográfico também serviam como incentivadores do jornalismo cultural que, “ainda que inicialmente tímida, alimentaria uma sociedade de consumo que só cresceu nas décadas seguintes” (BALLERINI, 2015, p. 25).

Os modernistas, pautados pelas vanguardas europeias, surgiram em tensão com os parnasianos. Deixando de lado a fórmula poética de Bilac e Passos, retomaram a busca pela identidade brasileira, com a intenção de sintetizar a cultura iletrada e primitiva com a cultura importada. Para atingir tal objetivo, diversos conflitos sobre *ser brasileiro* e as potencialidades da linguagem eram representados por meio de dois tipos de crítica: “de modo particular em sua fase aguerrida, de militância estética, revezaram-se, às vezes exercidas pelos menos escritores, a crítica interna, complementar à criação, e a crítica externa, ajuizando obras do passado” (NUNES, 2007, p.58). Ou seja, uma crítica preocupada em discutir os limites da linguagem artística, voltada para os escritores; a outra, voltava-se para uma análise das obras e sua valorização.

A crítica interna era uma produção dos próprios escritores, principalmente dos poetas, que unia “a reforma de gosto por uma nova escrita e o encargo de sua leitura interpretativa” (NUNES 2007, p.58). Essas produções se interiorizaram nas obras do modernismo e atestavam a conquista de uma linguagem literária autônoma<sup>17</sup>.

No caso da crítica externa, Benedito Nunes (2007, p.59-61) nos apresenta Sérgio Milliet, Tristão de Athayde, Sérgio Buarque de Holanda, Lucia Miguel Pereira e Otto Maria Carpeaux (devido sua repercussão tardia). Nesse período, o modernismo gerou uma autonomia artística para a linguagem literária, mas também permitiu que surgisse na crítica uma “inquieta consciência dubiativa, que se perguntava sobre seu *modus faciendi* [modo de fazer], capaz de legitimar-lhe os pronunciamentos avaliadores, sem que, no entanto, a dúvida abalasse a função ou o valor dos juízos críticos corretamente elaborados” (NUNES, 2007, p.59).

No período a que nos referimos [1920-1950], todos ou quase todos os críticos são avessos ao impressionismo, do qual tentaram resguardar-se, embora muitas vezes em vão - pois que tinham se formado sob essa orientação -, negando que fossem concorrentes do escritor no próprio domínio deste, tomando-lhe a obra apenas como pretexto para nova criação (NUNES, 2007, p.59).

Tristão de Athayde foi discípulo de Sílvio Romero, começou sua produção como um crítico impressionista e passou ao tom expressionista. Sérgio Milliet, próximo de Tristão, buscava a leitura e análise só das obras que provocam e merecem comentários; Álvaro Lins buscava as relações e influências entre autores; Sérgio Buarque de Holanda perseguia a linha da história literária; Lucia Miguel Pereira, utilizava a sociologia, a economia e a política; Otto Maria Carpeaux, inseria a música e fazia estudos enciclopédicos, como sua obra “História da Literatura Ocidental”.

Mas apesar do aumento do consumo, a produção jornalística sofre um abalo com a censura de revistas culturais e jornais em 1937, em decorrência da instauração do Estado Novo. Com exceção de duas revistas, *Diretrizes* e *Clima*, que burlavam a censura, as publicações vinculadas ao governo, *Carioca* e *Vamos Ler*, abordavam ligeiramente o cinema, o rádio e a literatura. Esse foi o perfil de veículos que circularam até a completa sistematização do processo de industrialização nos anos 1950.

---

<sup>17</sup> Pode ser tomado como exemplo o “Prefácio Interessantíssimo” do livro “Pauliceia Desvairada”, de Mario de Andrade, onde o escritor explica a linha do seu “desvairismo”, técnica de escrita inspirada no surrealismo e que liberaria suas amarras enquanto escritor. Lá, Mario também defende o coloquialismo e apresenta o usual tom irônico das obras do período

No entanto, ainda que tivessem passado por problemas de circulação durante esses anos, as reflexões sobre exercício crítico e o seu modo de operação se prolongaram da década de 1950 até os anos 1970, revelando expoentes da chamada crítica externa, como Afrânio Coutinho e Antonio Candido. Nesse momento, a crítica entra em um momento expansivo porque

a crítica, seguindo o ciclo do jornalismo, desde o século XIX a caixa de ressonância da literatura do país, e, portanto, de sua recepção público num meio cultural escasso de livros (...) foi regularmente veiculada pelos jornais das duas metrópoles, Rio e São Paulo (...) antes que seus autores, em muitos casos, as enfeixassem em livro (NUNES, 2007, p.61).

Além disso, havia uma nova tensão entre a escrita e a leitura crítica, fomentada pela publicação de autores como Clarice Lispector, João Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto.

Ao mesmo tempo, enquanto o processo de industrialização do período acontece, o Brasil tenta se afastar da influência europeia e seus textos opinativos e adotar a perspectiva estadunidense, dos trabalhadores especializados em universidades. No caso do crítico, é o marco do momento em que os intelectuais *philosophes* passam a ser preteridos pelos cientistas, no caso da literatura os *scholars*. A pesquisa sobre a crítica e o campo do jornalismo no Brasil, de Mauro Ventura (2015), vem ao encontro dessa exposição e complementa na visualização das alterações que a atividade sofreu ao longo do tempo em território nacional.

Ao analisar a crítica literária brasileira na década de 1940, Ventura (2015, p.12) apresenta a mudança de paradigma no campo da crítica: profissionais liberais e autodidatas, que escreviam comentários próximos de crônicas e tomavam seu ofício como uma missão, eram substituídos por intelectuais legitimados pelos novos cursos de Letras.

De um lado, os antigos ‘homens de letras’, que se creem a ‘consciência de todos’, defensores do impressionismo, do autodidatismo, da review como exibição de estilo, ‘aventura da personalidade’. De outro, uma geração de críticos formados pelas faculdades de filosofia do Rio de Janeiro e de São Paulo, criadas respectivamente em 1938 e em 1934 e interessados na especialização, na crítica ao personalismo, na pesquisa acadêmica (SÜSSEKIND apud VENTURA, 2015 p. 14).

Como o veículo de difusão permanecia o mesmo, os veículos jornalísticos, a mudança de paradigma mostra que a alteração vem na configuração do que é um crítico legítimo: “Uma fase de transição que passa da crítica não especializada, exercida então por

profissionais de diversas áreas que escrevem para os jornais, ao surgimento dos primeiros críticos oriundos da universidade e ligados ao ensino de literatura”, ou, em uma frase, a “passagem do crítico-cronista ao crítico-scholar” (VENTURA, 2015, p.13).

Dessa forma, o espaço dos rodapés do jornal, reservados para a cobertura literária, passam ao professor e não mais ao autodidata. O principal efeito a ser destacado é sentido até os dias de hoje: a função da crítica como mediação.

A mudança de paradigma na crítica (...) trouxe consequências sérias para o campo literário, aqui compreendido a partir das relações que estabelece com o campo do jornalismo. O primeiro e mais importante desses efeitos (...) está na nova função que a crítica passa a assumir com essa ruptura de paradigma: o abandono da tarefa de intermediação entre obra e público (VENTURA, 2015, p.17).

Este é o momento da ascensão da teoria literária. Conforme Nunes (2007, p.64), “encampando a poética, a retórica e a estética, (...) consolidou e enobreceu o ingresso da atividade crítica na universidade, convertida em parte considerável da competência do magistério superior habilitado em Letras

O professor Afrânio Coutinho, seguindo as metodologias de análise de autores da linha de René Wellek, foi uma figura desse momento. Ele combateu o expressionismo dos autores citados acima nas páginas do *Diário de Notícias*, na seção “Correntes Cruzadas” de 1948 até 1966. Diversas vezes em sua coluna o autor comparou a Nova Crítica com a antiga crítica impressionista. Afrânio Coutinho entende que a crítica seria um método específico para um objeto específico que nos dá o conhecimento das obras.

Visando garantir a autonomia da crítica na constituição, por ela mesma, da autonomia dos valores, exige que seu método seja científico e que científico seja também o conhecimento obtido. Dessa forma, em uma assimilação do cientificismo difuso na ambiência cultural, defende-se a ideia de que a crítica seja ciência ou um analogon da ciência, no seu rigor como atividade intelectual reflexiva, com um método específico, rigoroso (NUNES, 2007, p.64-5).

Ele se tornou um exemplo da Nova Crítica no Brasil e o seu método do *close-reading*. “Mas o *close-reading*, a leitura fechada do texto, sem janelas para o psicológico, o social e o histórico, beirou um novo dogmatismo formalista, risco atenuado, em Euryalo Cannabrava, pela admissão da pluralidade da arte como linguagem” (NUNES, 2007, p.65).

Em suas definições, o impressionismo seria uma etapa rudimentar da análise crítica. É um texto que ficaria no primeiro degrau no desenvolvimento da crítica de um texto, que deveria avançar para a interpretação e o julgamento, tudo isso sem nenhum método de abordagem ou organização sistêmica. O que resulta do texto impressionista “é uma

forma de autobiografia, uma resposta subjetiva em avaliação crítica. A leitura serve apenas de escorva, para que o crítico desfie um novelo de divagações inteiramente fora do livro ou autor, numa espécie de glosa estirada” (COUTINHO, 1975, p.130). O exercício é sair da obra de arte e transferir o interesse para o sujeito-crítico e as impressões que teve durante a leitura.

Por outro lado,

a nova crítica não é apenas um instrumento de análise. É todo um conjunto de ideias e princípios, no plano da estética geral e da doutrina literária; no plano da estética particular dos gêneros; e no plano da análise e do método de investigação. Ela inclui postulados de ordem geral, a respeito do conceito de literatura, sua natureza, função e finalidades (COUTINHO, 1975, p.93-4).

Segundo o autor, essas técnicas de leitura também são oriundas de ou aplicadas em outras ciências para além da crítica literária, e cita de exemplo a psicologia, a filologia e a linguística (COUTINHO, 1975, p.94).

Diversos fatores, como o aumento do poder social e econômico dos grupos de mídia, o trabalho de “limpeza da escrita” dos próprios escritores-jornalistas e a administração de um jornal como uma empresa preocupada com sua lucratividade e o consumo dos periódicos em larga escala, levaram o jornal a priorizar o texto informativo em detrimento dos outros textos opinativos. Por isso o jornalismo cultural e a crítica literária de meados do século XX foram marcados pelo surgimento de *suplementos literários* produzidos por jornalistas fixos e seus colaboradores intelectuais, configuração inédita da redação até então.

Segundo Lorenzotti (2002, p.15), as décadas de 1950 e 1960 "foram extremamente férteis na produção cultural no país, que desfrutava de um período democrático e desenvolvimentista". Os suplementos se tornaram espaços de resistência da linguagem fora dos padrões industriais do jornalismo. Uma vez que os textos dos cadernos diários se tornavam curtos e superficiais, o caderno tinha textos mais complexos publicados no fim de semana e aumentavam o valor simbólico do jornal. A revista *Clima* foi destaque na época, já que seus profissionais obtiveram reconhecimento intelectual rapidamente e quase todos os colaboradores participaram do *Suplemento Literário*, um dos mais importantes na história do jornalismo cultural e da crítica literária brasileira.

Estruturado conforme a tendência do pensamento especializado, a revista *Clima*, que circulava em São Paulo, teve um corpo fixo de escritores e alguns outros colaboradores. Segundo Lorenzotti (2002, p.22), as áreas eram as seguintes:

Antonio Candido, literatura; Lourival [*Gomes Machado*], artes plásticas; Paulo Emílio [*Salles Gomes*], cinema; Décio de Almeida Prado, teatro; Antonio Branco Lefèvre, música; Roberto Pinto de Souza, economia e direito; Marcelo Damy de Souza, ciência e os colaboradores (como Gilda de Mello e Souza, Ruy Coelho, Cícero Cristiano de Souza).

Apesar da proximidade com os modernistas (Mário de Andrade, por exemplo, foi um patrono intelectual do grupo), o grupo era menos engajado. Parte do motivo vem de que eles não se consideravam criadores, mas críticos analistas que evitavam a crítica impressionista. Somava-se a isso a ideia de especialização, conforme destacado acima, que procurava o maior aprofundamento possível em cada área, e uma tentativa de combater as formas de pensamento reacionário por meio do esclarecimento e da ordenação das ideias (LORENZOTTI, 2002, p.28).

O trabalho da *Clima* repercutiu e logo "começaram a receber convites para trabalhar na chamada grande imprensa. E também se tornaram professores da USP, atuaram na área de arte dramática, artes plásticas, cineclubes" (LORENZOTTI, 2002, p.24). Com o fim da revista, Candido recebeu um convite de Júlio de Mesquita Filho para estruturar um suplemento no jornal *O Estado de S. Paulo*, o *Suplemento Literário*.

O novo caderno teve sucesso, em grande parte graças à parceria entre Antonio Candido e Décio de Almeida Prado, editor do suplemento por 11 anos. Segundo Décio (apud LORENZOTTI, 2002, p.33), "a essência da *Clima*, no que diz respeito a pessoas, passara de uma revista de jovens para as páginas de um grande jornal, que tinha outra penetração e responsabilidade perante o público". Isto porque, apesar da modernização das redações e do prevalecimento dos moldes estadunidenses, *O Estado de S. Paulo* manteve sua linha editorial e Júlio de Mesquita Filho, um representante do liberalismo clássico, manteve a pluralidade de opiniões no jornal, perceptível na manutenção da equipe de esquerda e na colaboração de Mario e Oswald de Andrade no jornal.

Em 1956, o primeiro exemplar de *Suplemento Literário* foi publicado segundo o projeto de Antonio Candido, disponível na dissertação de Elizabeth Lorenzotti (2002, p.48) e que dialoga com uma postura humanista de fazer a crítica:

O suplemento deve evitar dois extremos: o tom excessivamente jornalístico e o tom excessivamente erudito. O primeiro caso (mais ou menos o da Folha da Manhã), pode representar um êxito jornalístico pela variedade e facilidade da leitura; mas não pesa na opinião, não contribui para criar hábitos intelectuais, não põe o leitor em contato com o pensamento literário. O segundo caso (mais ou menos o do Jornal do Comércio), abafa o leitor com artigos longos, indiscriminadamente justapostos, de leitura penosa e lenta.

O suplemento deve ficar ao meio do caminho, sendo bastante flexível para chegar ao leitor médio e ao leitor de nível elevado

Dessa forma, o projeto trocava os lançamentos pelos ditos “mitos literários” e recomendava o afastamento dos jargões no texto, com o objetivo de torná-lo mais acessível. Os trechos do projeto, reproduzidos abaixo, explicam o objetivo de perseguir "a literatura, não a vida literária", conforme Candido (apud LORENZOTTI, 2002, p.57):

Quer isto dizer que o Suplemento quase não será jornalístico, nem no alto, nem no baixo sentido do termo. Não visa substituir ou estabelecer concorrência com as seções mantidas pelo jornal, deixando a estas o encargo cotidiano de noticiar e criticar as peças, fitas, concertos, exposições da semana; e, sobretudo, não tentará, sob nenhuma forma, o sensacionalismo (CANDIDO apud LORENZOTTI, 2002, p.57).

Uma publicação que se intitula literária nunca poderia transigir com a preguiça mental, com a incapacidade de pensar, devendo partir, ao contrário, do princípio de que não há vida intelectual sem um mínimo de esforço e disciplina (CANDIDO apud LORENZOTTI, 2002, p.59).

O Suplemento, que aparecerá aos sábados, pretende conciliar as exigências de informação jornalística e as de bom nível cultural, visando ser, como ideal, uma pequena revista de cultura. Na sua estrutura prevê-se uma porcentagem de matéria leve, curta e informativa, que permite incluir, em compensação, matéria mais peso", atendendo aos dois leitores (CANDIDO apud LORENZOTTI, 2002, p.60).

Diferentemente de Afrânio Coutinho, Antonio Candido tentou unir o pensamento estético e o histórico com métodos críticos flexíveis.

A mobilidade e a parcialidade dos métodos, bem como a sua mútua complementação, para que apreendidos correlacionadamente possam ser os aspectos todos constitutivos da obra, parece-me os pertinentes traços distintivos do pensamento do Antonio Candido. Das impressões, que não podem ser alijadas nesse domínio móvel dos juízos (...) até o conhecimento dos detalhes compositivos da obra, confluentes na totalidade de seu mundo - tudo interessa ao crítico, desde que em proveito da recuperação da realidade viva que o texto proporciona ao leitor (NUNES, 2007, p.66).

É mostrar “como o recado do escritor se constrói a partir do mundo, mas gera um novo mundo, cujas leis fazem melhor sentir a realidade originária” (CANDIDO apud NUNES, 2007, p.66)

O modelo de produção tem continuidade até 1966, quando o Décio deixa de ser o editor responsável pelo *Suplemento*. A saída casa com as mudanças no cenário da época. Nesse período, a imprensa cultural brasileira foi prejudicada por diversos fatores e a crítica literária foi, aos poucos, se isolando no cenário acadêmico-universitário, onde Candido continuou sua produção.

O primeiro ponto foi o regime militar. A censura prejudicava o exercício reflexivo e o jornalismo cultural teve que guiar sua cobertura de acordo com as questões socioeconômicas e o aumento das possibilidades de acesso aos bens culturais, principalmente cinema e teatro. Além disso, a modernização sistematizada nos anos 1950 traz consigo uma nova visão sobre o funcionamento dos jornais, principalmente pela competição com a linguagem televisiva. Buscando um grande público, os textos deveriam ser padronizados e objetivos. No caso do jornalismo cultural, prevaleciam as matérias de serviços, como visto na predominância de guias de consulta, como as resenhas pequenas e as frases taxativas, em detrimento das críticas. O modelo da opinião na cobertura jornalística, proveniente das raízes francesas da imprensa, perde de vez para a escola estadunidense de jornalismo, priorizando os leads e modificando o perfil dos suplementos culturais:

os suplementos deixaram de ser o espaço de veiculação da crítica literária, perderam a função de analistas da qualidade de um livro quanto à sua forma e ao seu conteúdo e se transformaram em meros divulgadores de novos lançamentos editoriais. Os intelectuais, escritores, poetas e artistas foram cedendo lugar ao jornalista profissional, especializado em resenhas obras recém-editadas (ABREU apud BALLERINI, 2015, p.30).

O novo perfil se consolida quando os jornalistas formados nos recentes cursos de jornalismo, oferecidos por um número crescente de universidades tanto nos EUA quanto no Brasil, reivindicam o espaço das críticas, sob o pretexto de atender o público médio sem os excessos da linguagem acadêmica, e dão a elas um tratamento cada vez mais comercial das obras. A leitura rápida e informativa passa a prevalecer sobre a crítica reflexiva e a cobertura cultural, inclusive a literária, passa a ser substituída pela prestação de serviço, como horário de cinemas, e em matérias informativas sobre estreias de peças e filmes e exposições de arte – portanto, as matérias deixaram de lado às discussões estéticas mais abstratas e passar a obedecer à lógica da lucratividade.

O caso do *Suplemento Literário* serve de exemplo para a cobertura cultural e literária do Brasil nesse período. Os anos 1960 marcaram transformações políticas, sociais e culturais em toda a América Latina. Essas transformações influenciaram diretamente a cobertura de jornalismo cultural. Segundo Lorenzotti (2002, p.88), é possível ressaltar “o advento da cultura de massas, a entronização do consumismo, a derrocada de projetos nacionais e populares, a crise educacional, a falta de liberdade de expressão” e a estruturação de uma Indústria Cultural, que aglutina diversas dessas características. Junto disso, somava-se tendências no jornalismo, onde “o mundo fragmentado e veloz do jornalismo torna-se mais e mais veloz, mais e mais especializado e fragmentado.

Neste mundo, cada vez haveria menos espaço para um projeto de reflexão intelectual" (LORENZOTTI, 2002, p.88).

Nas últimas edições antes de seu desaparecimento, o *Suplemento Literário* teve edições especiais sobre a história da cidade de São Paulo, se tornou o *Suplemento Cultural* e, por fim, o *Suplemento Cultura*. Antes de se fundir ao *Caderno 2*, caderno que cobre cultura no *Estado de S. Paulo*, o *Suplemento* saiu do seu lugar de prestígio com pouca publicidade nas páginas (com propagandas direcionadas ao público consumidor de artes), para passar por crises financeiras, reformulações editoriais e acrescentar em suas páginas a cobertura de diversas outras áreas, como as ciências humanas, sociais e tecnologia.

A partir daí, cada vez mais a crítica perdeu espaço nos veículos tradicionais. Nas décadas seguintes, o espaço para a literatura diminuiu; os escritores-jornalistas e intelectuais foram substituídos por jovens recém-formados que preenchiam as páginas com pequenos textos. Os cadernos de cultura da *Folha de S. Paulo*, *Ilustrada*, e o do *Estado de S. Paulo*, *Caderno 2*, tiveram um período de relevância na década de 1980, mas foram tomados pelas agendas culturais, serviços e roteiros – que hoje ocupam metade dos cadernos culturais, deixando o resto para publicidade, reportagens, notas, notícias e críticas.

Uma das razões pela forte presença da agenda cultural de literatura em detrimento das análises foi a influência do formato televisivo e, posteriormente, o da internet. De maneira geral, essas linguagens incentivaram a cobertura superficial com textos curtos e diretos, com alto desenvolvimento gráfico e de rápida absorção e consumo. De maneira específica, a valorização das pautas de show, televisivas ou de *Hollywood* asfixiou, entre outras, a cobertura e crítica literária dentro dos veículos diários e obrigou-as a procurar outros espaços de manifestação.

As revistas especializadas são um exemplo. Ainda hoje algumas delas sobrevivem no meio impresso (com seu conteúdo também digital). Nina (2007, p.27) também um caracteriza um movimento de retorno dos acadêmicos aos espaços dos suplementos literários e/ou dominicais, “nos quais encontram a oportunidades de estabelecer diálogo com os leitores para além dos domínios da universidade”, se adaptando à valores como objetividade, concisão, clareza, abandono dos jargões e simplificação da linguagem escrita; “ao gosto do jornalismo moderno”.

Em novembro de 2017, a revista *Quatro Cinco Um*, com seu primeiro volume lançado em maio do mesmo ano, organizou um seminário voltado para esse tipo de publicação. Segundo a cobertura realizada por Guilherme Sobota (2017), em seu blog *Biblioteca Vertical no Estadão*, e a entrevista dos editores da revista *Granta, Suplemento Pernambuco* e da *Quatro Cinco Um* à jornalista Juliana Domingos de Lima (2017) jornal *Nexo*, é possível notar alguns frutos do evento.

Em primeiro lugar, os participantes se mostram satisfeitos com o que a cobertura tem disponibilizado acerca da crítica literária. Apesar dos entraves econômicos, como a baixa circulação ou o jornal *Rascunho*, que depende de envios gratuitos de resenhas para não fechar a conta no vermelho, a pequena parcela dos leitores parece incentivar algumas publicações impressas e prestigiar o conteúdo desses veículos. Além disso, conforme destacado pelo editor do *Suplemento Pernambuco*, a crítica não sumiu, mas tem habitado novos espaços e mostrado novas faces – como fato de ter saído do jornal impresso diário.

A questão não é mais se você é fetichista do papel ou se vai ler “Ulysses” no celular; e sim a forma como a literatura está dando conta desse momento maluco que estamos vivendo. E sou bem otimista: ela está dando conta. Mas nunca é fácil admitir que o presente é interessante (CARPEGIANI, 2017).<sup>18</sup>

A influência do mercado editorial também foi levantada, já que o peso dos lançamentos é muito forte sobre a cobertura e a resenha pode parecer mais uma última etapa de divulgação e propaganda do que uma análise propriamente dita. O que, de maneira quase paradoxal, Fernanda Diamant e Paulo Werneck (2017) levantaram em entrevista<sup>19</sup>:

Para cada debate que travamos nas redes sociais — sobre racismo, feminismo, política, arte —, há pelo menos um livro importante saindo. Sabemos que o livro não é mais o centro da cultura, mas não é um produto qualquer. Não pode ser relegado à condição de mera mercadoria. As revistas fazem contrapontos ao mercado, à universidade e a outras esferas da vida literária.

Ambos são editores da *Quatro Cinco Um* e, na revista, parecem pautados pelos lançamentos, como no Listão dos livros lançados, e por algumas resenhas patrocinadas pela livraria Saraiva. Mas, de qualquer forma, as respostas dos editores deixam entrever uma postura de abertura em relação às novas possibilidades do momento, de

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida ao jornal *Nexo*, on-line.

<sup>19</sup> Entrevista concedida ao jornal *Nexo*, on-line.

novos espaços de atuação, como blogs e portais na internet, canais no YouTube ou novos jeitos de veicular periódicos impressos.

Como visto na introdução, de acordo com Frantjesco Ballerini, a cobertura jornalística de cultura nos meios tradicionais foi enfraquecida pelas novas possibilidades técnicas e a formação dos nichos que se dão pela internet. Segundo o autor (BALLERINI, 2015, p.43),

a prática do jornalismo cultural ainda se dá pelas plataformas tradicionais, mas também é feita aos milhões no mundo, a cada segundo, em sites, blogues, portais e redes sociais, acentuando a formação de nichos cada vez mais específicos de audiência. O resultado disso é uma tremenda dor de cabeça para qualquer dono de mídia tradicional que quer manter viável seu negócio e se vê diante de uma avalanche de mudanças súbitas que causam o fechamento de veículos e a erosão financeira de grupos de mídia.

No entanto, é possível que essa movimentação, dos espaços tradicionais para os alternativos, tenha acontecido depois de um enfraquecimento da imprensa tradicional. Segundo Lorenzotti (2002, p.92) a informatização, a partir da década 80, instaura um processo industrial na redação. "A diagramação é eletrônica, o texto é virtual, e pode ser manipulado por várias instâncias hierárquicas na redação ao mesmo tempo" (LORENZOTTI, 2002, p.92).

O processo de escrita do texto também passa a ser diferente. De um processo quase artesanal para a escrita na velocidade cibernética, que introduz um texto curto, rápido de ler, com supressões de letras, novas expressões e uma caligrafia racional. No entanto, essa nova linguagem possibilitou um texto com hiperlinks e uma nova visão da multimídia.

Para Cristiane Costa (2005), esse processo levou à recessão e encolhimento das redações na forma como vemos hoje – marcado pelas demissões em massa e a falta de espaço para redatores, revisores e pauteiros. A figura do computador foi um pilar dessas mudanças e trouxe consigo o aumento na velocidade da escrita e da produção, a criação de um jornalista multitarefas – já que os computadores têm mais funções do que máquina de escrever, a substituição do revisor pelos corretores eletrônicos, a lógica da informação em tempo real que, entre outras coisas, trocou pauteiros por agências de notícias e *press-releases* e, por fim, um fraco contato com a realidade guiado pela relação puramente instrumental com a informação.

A lógica da rede se uniu à do mercado e seguiram a lógica já exposta: os intelectuais especialistas foram perdendo espaço para novas figuras. Com a precarização das

redações, o que aconteceu foi que a mão-de-obra recebida para as pautas diárias estava despreparada, refém dos *press-releases*. Mesmo sem desconsiderar que os pilares de *atualidade* e *divulgação* fazem parte da produção jornalística e que a imprensa pode oferecer uma mediação entre arte e público, é raro encontrar uma cobertura cultural fora da lógica da antecipação e do lançamento. A consequência dessa alternativa na cobertura literária é a substituição das críticas por resenhas com menos conteúdos analíticos e com maior abrangência comercial. De acordo com Couto (apud BALLERINI, 2015, p.47):

Com poucas linhas à disposição para abordar uma determinada obra – seja filme, disco, livro ou peça de teatro –, o resenhista limita-se, no mais das vezes, a uma sinopse, seguida da emissão de uma opinião. Sacrifica-se, desse modo, a análise abalizada da obra, de como ela utiliza a linguagem que lhe é própria para atingir determinados fins estéticos, éticos ou sociais.

Nesse sentido, três dificuldades foram elencadas quando se fala em sair desse tipo de produção. A primeira é a falta de apelo da literatura na era da interação audiovisual; a segunda é a disputa que a literatura tem com várias frentes, principalmente os filmes *blockbusters* e os grandes shows de música; por fim, a lógica da produção jornalística coloca o crítico em um dilema: ou cobrir todo o mercado editorial sem ler nenhum livro, baseando-se nos releases ou "colocar em prática seu poder de filtro jornalístico é selecionar os pouquíssimos títulos que terão o privilégio de receber uma análise detalhada" (BALLERINI, 2015, p.77).

Soma-se a isso os valores modernos que Elizabeth Lorenzotti (2002) identificou como entraves para a própria arte, prejudicando sua fruição e análise. O primeiro desses valores é a *velocidade*, que enaltece as novidades em detrimento do processo de reflexão, que necessita de tempo, de maturação; *a associação da arte como entretenimento comercial* e sua consequente dissociação com o processo de aprimoramento pessoal. Conforme Arendt (apud LORENZOTTI, 2002, p.68) afirma, “tal sociedade é essencialmente uma sociedade de consumo em que as horas de lazer não são mais empregadas para o próprio aprimoramento ou para a aquisição de maior status social, porém para consumir cada vez mais e para entreter cada vez mais” – a arte regida pelo mercado, conforme visto acima.

À título de exemplo, é possível verificar esse cenário na literatura com os eventos literários e na configuração da visibilidade dos autores atualmente. Hoje em dia eventos são organizados com o intuito de fazer com que a literatura atinja uma parcela maior da população. No entanto, segundo Leyla Perrone-Moises (2016, p.32), apesar dos

objetivos legítimos, “o público numeroso que frequenta esses eventos parece incluir menos leitores de livros do que meros espectadores e caçadores de autógrafos”. Os escritores que vendem são aqueles com maior exposição midiática, já que são vistos como celebridades.

Holanda (2012) enxerga um paradoxo nessa situação: “se a mídia decanta tanto o produto livro, se há presentemente tantas festas e feiras literárias, por que, de modo desproporcional, há menos espaço para a crítica literária? ”. Se o mercado é quem regula, os serviços deveriam atender às demandas de todos os consumidores-leitores. É justamente pela configuração de prestação de serviço ao consumo.

Do mesmo jeito que a literatura e as artes enfrentam suas próprias crises, o jornalismo cultural absorve parte dessas crises e soma-as às suas próprias. Com o atrelamento das preocupações estéticas à indústria e seus preços, os suplementos se tornam guias de consumo e serviços, e a cobertura literária adere às resenhas – tais textos se aproximam muito de *press-releases*.

Marcelo Coelho (2007), ao comentar sobre o tom adotado ao pensar sobre a crítica nos dias atuais, fala que o importante da crítica não é o fato de acertar ou errar em relação à uma avaliação. “Se a crítica erra ou acerta, na verdade, não interessa. (...) Acho que há erros e acertos, mas não é o principal. A crítica, acertando ou errando, serve principalmente para outra coisa: prestarmos mais atenção naquilo que estamos vendo” (COELHO, 2007, p.88). O problema, nesse contexto, é que desaparece o espaço para a crítica e surge o espaço só para a cobertura de “interesse público”, que é, na verdade, interesse de mercado.

O que acontece com os cadernos culturais? O público tem, claro, mais interesse em ver Star Wars do que um filme iraniano. No entanto, isso não significa que quem quer ver o filme norte-americano se interesse por ler ‘tudo’ sobre sua produção, sobre os lucros obtidos, etc. A rigor, esse tipo de matéria interessaria mais ao acionista do estúdio, ao exibidor do filme... Mas é como se as matérias sobre lucro, bilheteria, Oscar, etc. se encarregassem de provar (para o jornalista, para o próprio jornal) que é justo ocupar todo aquele espaço com o filme (COELHO, 2007, p.90-1).

Nesse cenário, quando não é a cobertura para o mercado, existe a opinião de grife, que se valoriza de acordo com a força de uma polêmica que pode gerar – onde o mais importante é ter dito algo questionador do que o argumento elaborado. Antes, a crítica opinativa era feita de acordo com alguma ideologia, algum “-ismo”.

Mas agora estamos vivendo um momento em que, sem ‘-ismos’ a defender, a própria crítica, no fundo, vai perdendo qualquer eixo de

valoração. Se com isso a crítica vai desaparecendo do jornalismo cultural, não é porque os jornais não deixem ela existir, embora pudesse ser feito, como eu disse, um jornalismo cultural melhor; é que o próprio âmbito da cultural, no mundo todo, vai se dissolvendo no mercado, vai se pulverizando, no máximo, em resistências individuais ou étnicas ou ‘ecológicas’, e logo em seguida absorvida pelo mercado (COELHO, 2007, p.93).

Para Lorenzotti (2002, p.100). Essas são as

contingências da sociedade de massas, que não precisa de cultura, mas de entretenimento, e consome bens culturais como a quaisquer outros. Portanto, esse material deve ser devidamente alterado para ser passível de consumo. O entretenimento não é condenável. O que se pode condenar é o apetite pantagruélico que tem como fim apenas e tão somente consumir, e não o ato dialético de absorver, assimilar e interagir, tornando-se maior com a aquisição feita

Como discutido anteriormente, a utilização do termo “sociedades de massas” já revela uma situação de conflito, onde a boa crítica e a boa arte não podem ser feitas sob o guarda-chuva do consumo, da mercadoria. Para Holanda (2012), isso não é algo necessariamente negativo: “A crítica literária ia ficando um vago campo cinza. Agora, ainda que em escala menor, há questionamentos sobre a crítica literária”.

Dessa forma, Holanda (2012) não nega que a crítica negligenciou sua capacidade de análise, abriu mão de suas análises estéticas em benefício de uma produção voltada para o consumo rápido e que, além de tudo isso, compreendeu mal as potencialidades dos novos meios, das novas mídias. Por isso ele afirma:

A questão agora é redefinir o que se busca enquanto crítica literária, quando os tentáculos do sistema dissiparam a arrogância, comum ainda há pouco, dos expositores de métodos e de modelos de leituras que emulavam o sistema vigente numa competição de status e de um lugar (HOLANDA, 2012).

Essa crítica traz consigo novas dinâmicas que trocam os jargões e abordagens do antigo fazer, principalmente porque a visão unificada e canonizada, instaurada por um agente legitimado, já não é mais localizada. Sem negar os pontos negativos relativos à produção do jornalismo cultural na mídia tradicional, é possível pensar numa crítica além das crises dessa imprensa e analisar por uma perspectiva diferente, onde as características do seu ambiente são absorvidas.

Segundo Lourival Holanda (2012), "a crítica literária no ciberespaço apenas continua um movimento: o crítico sempre esteve instalado no espaço de seu instrumento - do papiro ao papel". De um momento onde haviam necessidades conceituais que precisavam ser atendidas para que os textos críticos fossem classificados como

legítimos, hoje a crítica se vê em frente à um novo leque de possibilidades e que, "mesmo que inquiete pelo volume de besteiras que permite, ainda assim vale o preço".

Bruno Zeni, crítico curitibano que atua na imprensa paulista, (apud BALLERINI, 2015, p.86), sente isso em sua vivência:

A internet tem se revelado um ambiente de renovação e de arejamento do cenário, mas estamos vivendo hoje um momento de transição - internet, livro digital, pulverização da atividade crítica - que ainda não me parece muito claro com relação aos seus desdobramentos.

Em uma perspectiva diferente da que destrinchamos mais acima, é possível afirmar que o exercício da crítica não desapareceu, mas está à procura de um novo espaço e precisará de um tempo para a maturação - ainda que, em maior ou menor grau, influenciada pelos formatos de resenha e pelo mercado editorial.

Hoje, a crítica permeia uma pluralidade de plataformas sem correspondência com tempos passados: além das plataformas impressas, independentes ou das grandes empresas, os textos circulam em blogs ou em portais especializados, nos *podcasts* de diversas plataformas, nas páginas do *Facebook*, *Twitter*, *Tumblr* ou *Instagram* e, também, nos canais de vídeos no *YouTube*. Conforme diz a pesquisadora Jeffman (2017, p.22), “as redes sociais se tornaram um campo de novos mediadores da leitura, de novos críticos, onde obras e autores ganham ‘vida e sobrevivência’”.

### **1.5. *YouTube e Booktube***

O YouTube surgiu como uma plataforma de armazenamento e compartilhamento de vídeos, mas acabou se tornando mais. Conforme explica Tauana (2017, p.176),

o YouTube pode ser entendido de duas formas: como uma empresa de mídia, atuando enquanto agregador de conteúdo e plataforma de mídia, embora não se caracterize, de fato, enquanto produtora de conteúdo; ou como um site de cultura participativa, atuando como uma plataforma de compartilhamento de vídeos produzidos por seus usuários. É a partir da participação que o YouTube se torna uma rede social.

Indo ao encontro do que foi apresentado no fim do primeiro subtópico, Tauana Jeffman (2017) explica que as redes sociais digitais criam comunidades e agrupam pessoas de acordo com seus gostos. Ela descreve um momento de aproximações e distanciamentos ao longo da história: das pequenas tribos, a sociedade passou a compor agrupamentos cada vez maiores, atingindo seu ápice na internet que, depois disso, passa a refazer o movimento.

A sociedade se organiza em vários mundos, que se unem, uns aos outros, por meio de alguns atalhos. Deste modo, se a internet uniu a

sociedade, agora a sociedade está se reorganizando novamente em ‘mundos pequenos’, que são percebidos em redes sociais como aquelas que emergem no YouTube, no qual o vínculo que promove a constituição do grupo se dá por meio do conteúdo que é consumido e compartilhado (JEFFMAN, 2017, p.176).

É esse caráter comunitário que dá à internet uma dimensão social, ‘um meio de interação social seletiva e de integração simbólica’ (CASTELLS apud JEFFMAN, 2017, p.176). Essa integração ocorre nas conversações sobre temas, na constituição de grupos e de identidades que compartilham gostos, ideias, sentimentos. No caso dos *booktubers*, essas comunidades de interesse foram constituídas a partir da apropriação de um espaço, o *YouTube*, e a subsequente adaptação dessa plataforma como suporte para sua comunidade virtual.

O *booktuber* se tornou aquele que faz um canal ligado direta ou indiretamente à cultura literária. Seu “diálogo é norteado pelas leituras realizadas, autores preferidos, eventos literários frequentados, pelas reflexões que o contato com a literatura oferta, entre outras possibilidades relacionadas ao consumo cultural” (JEFFMAN, 2010, p.187). Um exemplo da sustentação dessa lógica é que a maioria dos canais colocam como objetivo em suas páginas de descrição o fomento à literatura e o incentivo ao diálogo sobre livros.

Essas comunidades criam vínculos, sociais e afetivos, geram círculos de pertencimentos com regras próprias de funcionamento. Os leitores partilham dos ambientes virtuais e, muitas vezes, dos presenciais – encontros com os *booktubers*, distribuição de brindes como marca-páginas e clubes de discussão do livro se tornaram práticas comuns dos canais. Essa perspectiva aponta contra o caminho de diversos relatórios negativos sobre a leitura e o livro com a ascensão da internet e revela a percepção que a leitura, por mais que seja uma prática íntima e solitária, promove a socialização. “O leitor é potencialmente socializável, mesmo que leia isolado. Pertencer a um grupo e ter a oportunidade de conversar e partilhar impressões sobre leitura é uma das características essenciais do ‘eu’ leitor” (JEFFMAN, 2017, p.25).

Reforçam-se, no argumento de pertencer a algum grupo, os novos valores da literatura: agora que está desatrelada do processo civilizatório, solta das necessidades do Estado e laçada ao seu valor enquanto mercadoria, a leitura não é mais feita apenas sob a intenção de uma evolução intelectual ou espiritual, mas pode ser feita por diversos motivos: “lemos também para pertencer, para conversar, para participar, para constituir nossa subjetividade ou, simplesmente, porque gostamos de ler. (...) Neste grupo, ser leitor é ser alguém que, acima de tudo, gosta de ler” (JEFFMAN, 2017, p.25-6).

O *booktube* espelha as consequências do movimento descrito no começo do capítulo: no espaço de seus canais e dos comentários, são os leitores (tanto os inscritos quanto os que gravam os vídeos) que montam seus cânones – muitas vezes em diálogo e de acordo com a opinião de outros membros da comunidade. Enquanto campo, não é homogêneo. Tem suas disputas internas e se organiza de acordo com a lógica da rede, em *hubs* – o *booktube* enquanto campo abarca todos os canais voltados à cultura literária, mas cada *booktuber* aglutina ao seu redor a sua comunidade, que pode extrapolar para outros espaço. A *booktuber* Mell Ferraz incentiva que seus inscritos enviem cartas para ela, o *booktuber* Yuri Al’Hanati organiza confraternizações em bares e tem um grupo de discussão no *Facebook*, diversos outros *booktubers* lançam livros, conhecem leitores e inscritos.

Essa organização questiona, ainda que de maneira não intencional, a hierarquização do capital intelectual e cultural: para participar desse ciclo, não é preciso ter um diploma específico, não tem formação obrigatória. Desde que haja um celular com conexão à internet, é possível criar um canal, postar seu vídeo, interagir com os outros. Ao invés da primazia da Razão, eles deixam as paixões participarem do jogo das análises de maneira evidente. Existe a valorização do livro enquanto objeto palpável, apresentando o lado do produto numa obra de arte. Eles expõe a impossibilidade de uma valoração universal, incentivando a participação dos leitores com seus pontos de vista nos comentários e nas outras redes, além do suporte do próprio *YouTube* com os botões de “Curtir”, “Compartilhar” e se “Inscrever”. Eles são os novos “intermediários culturais”.

Os *booktubers* desenvolveram uma linguagem própria, um modo próprio de classificar e assimilar aquilo que leem. São permeados por uma explosão emocional, utilizando o gosto, os sentidos e as experiências para consumir literatura. Enquanto mediadores, organizam as ideias, refletem e conversam sobre o campo no qual estão inseridos; transmitindo aos seguidores suas opiniões e percepções ao passo que também solicitam destas suas considerações. Para a maioria dos leitores que acompanham os *booktubers*, estes atuam como uma ponte entre leitores, o mercado editorial e a cultura literária, propondo questionamentos e desmistificando um campo que foi caracterizado como algo alcançável e discernível apenas para o “leitor de alta cultura” (JEFFMAN, 2017, p.110).

Tati Feltrin, a mesma do exemplo das primeiras páginas, é considerada a primeira brasileira *booktuber*, com seu canal *Tiny Little Things*. Ela conta que em um dos eventos que participou ela ouviu um participante dizer que sente “saudade da época em que o diálogo sobre livros era feito entre crítico especializado e leitor de alta literatura” (apud JEFFMAN 2017, p.110). Essa fala reverbera os argumentos de Paulo Pires (2018)

e ignora a complexidade do novo ambiente e a desvalorização do intelectual legislador, que não encontra espaço nas novas formas de organização e discussão na internet.

Uma fala de Mell Ferraz (apud WOLFF, 2018, online) revela um pouco dessa complexidade:

Muitos canais no YouTube se aproveitam do debate incipiente sobre literatura para promover um incentivo à leitura e à compra de livros, o que é bom e ruim. Bom porque o Brasil carece de leitores, mesmo em estágio inicial, e carece de compradores de livros, e ruim porque a coisa toda vira um grande comércio que privilegia grandes empresas em detrimento das pequenas.

Ou seja, de acordo com o que foi levantado até aqui, a relação entre o mercado e o fazer do crítico vai além de uma intenção do mercado de vender mais livros e manipular o texto, mas permeia toda uma lógica de divulgação cultural que prioriza uma abordagem mercantil e rápida. Ou seja, ainda que seja possível fazer um texto analítico e aprofundado sobre um lançamento, o problema do mercado é transformar a possibilidade de textos mais analíticos em uma obrigatoriedade do jornalismo de serviço – um texto efêmero, voltado para o consumo rápido.

A formação da crítica nesse novo contexto é o que pauta esse momento. Como vimos, houve um ponto em que o positivismo pautava a crítica literária, fazendo com que os livros fossem julgados de acordo com seus diálogos com a identidade brasileira. Em seguida, os valores passaram a seguir as formulações poéticas dos parnasianos para, anos depois, serem contestados pelos modernistas – que retomavam a questão da identidade nacional e traziam consigo as potencialidades da linguagem literária.

A partir dessa fase, a crítica manteve seu espaço de destaque enquanto esfera responsável pelo crivo das obras, mas se permitiu refletir sobre o ato crítico. Ainda presente nas páginas dos jornais, vimos a ascensão da teoria literária, a Nova Crítica de Coutinho e a produção de Candido que, aos poucos, foram deixando de circular na imprensa e passaram a habitar o ambiente acadêmico.

O que restou ao jornalismo foi a cobertura pautada pelo mercado, mas as redes parecem ter subvertido essa lógica com a produção (ao menos num primeiro momento) espontânea de seus usuários. Por outro lado, a configuração do cenário descrito acima leva a crer que essa “democratização crítica” se reflete numa quebra de hierarquia que coloca os consumidores e os críticos em um mesmo patamar. Como reação ao movimento, a formação acadêmica como algo elementar ao exercício crítico

enfraqueceria, mas os diálogos seriam intensificados e a redes sociais teriam papel de destaque nesse relacionamento.

Percebendo o seu poder de conversação, talvez emergisse a figura de críticos que procuram formar um público leitor e ocupem o lugar de mediadores entre literatura e leitores – por isso a presença de projetos de leitura e vídeos de resenhas sobre gêneros diversos, organizados por nichos.

Por fim, uma questão que parece elementar é o diálogo entre os *booktubers* e as editoras, levantando questões acerca da existência das parcerias, suas remunerações e as demandas por publiceditoriais. Por isso, para esmiuçar essa relação, o trabalho vai detalhar os aspectos profissionais da produção dos canais.

## CAPÍTULO 2: Críticos jornalísticos literários

### 2.1. Literatura e Comunicação

Antes de pensar no posicionamento dos *booktubers* no espaço digital e literário, é importante entender a maneira como a literatura enquanto texto cultural circula na sociedade e onde a crítica se encaixa nesse esquema. Para isso podemos ver o trabalho que Antonio Candido (2000) desenvolve no livro “Literatura e Sociedade”, onde une duas perspectivas sob um ponto de vista sociológico e apresenta a literatura como comunicação inter-humana e expressiva.

Essas duas perspectivas são o “texto” e o “contexto”. Elas surgem porque, além dos percalços que foram descritos no capítulo anterior, as análises literárias também passaram por dois extremos ao longo de sua história em relação ao ponto de vista em que elas deveriam ser feitas: primeiro, elas foram condicionadas para julgar de acordo com a capacidade de uma obra expressar o real; depois, afastaram-se disso e buscaram as potencialidades da linguagem por ela mesma, isolada do cenário.

O caminho de Antonio Candido (2000, p. 6) é o da união de texto e contexto numa dialética “em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo”. O pensamento parte da pergunta “o contexto é determinante do valor estético ou apenas possibilita sua realização?”. Sua conclusão é que a obra internaliza fatores externos e propõe uma interpretação estética que assimila a dimensão social como fator da arte, uma análise *não-dessocializada*. Segundo Schwarz (1999), a proposta queria comprovar a possibilidade de ir da sociedade para o romance e vice-versa, estabelecendo o que devia ser considerado de externo e de interno na crítica literária. Dessa forma, o trabalho de Candido forma “um estruturalismo desenvolvido por conta própria, de inspiração antropológica e sociológica” (SCHWARZ, 1999, p. 14).

Para Candido (2000), essas relações estão sempre ligadas a uma trílice básica de produção artística: autor, obra e público. A tríade é composta sob o ponto de vista sociológico da literatura em que Candido caminha:

*Como se vê, não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua, porque, sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana, e como tal interessa ao sociólogo. Ora, todo processo de comunicação pressupõe*

um comunicante, no caso *o artista*; Um comunicado, ou seja, *a obra*; um comunicando, que é *o público* a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do processo, isto é, *o seu efeito* (CANDIDO, 2000, p. 20, grifo nosso).

Não só inter-humana, mas a arte é também comunicação expressiva, já que exprime impressões que estruturam a vida do artista. Nesse aspecto, o processo de escritura é organizado sob a seguinte lógica: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões de sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio.

Candido (2000, p. 21) destaca que, por mais intuitivo e irredutivelmente pessoal que seja, o artista recorre ao arsenal comum da civilização e à sua ideia de público para moldar, formar e escolher temas. Por isso, o processo comunicacional é imprescindível em suas análises e deve ser visto pelo viés integrador e bitransitivo (tem objeto direto - alvo da ação verbal - e indireto - paciente da ação verbal; ou seja, tem *algo* para *alguém*). Os envolvidos nessa comunicação são divididos na exposta tríplice e discutem a posição social e o papel do artista, os recursos técnicos que a obra tem para expressar os valores propostos e como os públicos se configuram são aspectos que esclarecem o caminho para uma análise.

Na tentativa de sintetizar a tríplice, em primeiro lugar vem o autor. Sua posição social revela um aspecto estrutural da sociedade e direciona parte dos impulsos criativos. Nesse quesito, é preciso ter em mente que, em toda a história, grupos específicos detinham os conhecimentos do fazer artístico e agiam de acordo com uma determinada estrutura social para sua manutenção - como tão discutido anteriormente - e, por isso, considera em seu estudo o artista como sujeito e como grupo social.

Em sua análise, Candido (2000, p.23) aborda o aparecimento do artista enquanto indivíduo e de sua distinção em relação a outros grupos sociais. Em primeiro lugar, há uma contraposição entre a arte de caráter coletivo da antiguidade, quando as aspirações eram tão sintonizadas que a identidade do criador desaparecia, com a realização de hoje, quando um indivíduo precisa tomar a tarefa de criação e a obra é vista com um veículo de aspirações profundas. Em segundo lugar, a organização de sociedades estratificadas e complexas gerou “uma influência das camadas sociais sobre a distribuição e o caráter dos grupos de artistas e intelectuais, que tendem a diferenciar-se funcionalmente conforme o tipo de hierarquia social” (CANDIDO, 2000, p.26).

O segundo elemento é a obra. Candido (2000, p.27) destaca que a obra transmuda em conteúdo e forma “o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação”. Separados por motivos de clareza e apenas no campo da lógica, o conteúdo é influenciado principalmente pelos dois primeiros e a forma pelas modalidades e técnicas de comunicação – que “podem ser imateriais - como o estribilho das canções, destinadas a ferir a atenção e a gravar-se na memória; ou podem associar-se a objetos materiais, como o livro, um instrumento musical, uma tela” (2000, p.29). Na realidade, conteúdo e forma são inseparáveis e trabalham de maneira dialógica.

Por último, Candido (2000) reflete sobre o público. Foi com o aumento do número demográfico que público e artista passaram a se diferenciar claramente. Nesse sentido, o público se tornou um coletivo sem um caráter definido, unido apenas pelo interesse estético, mesmo que tenha agrupamentos menores e coesos, como círculos de leitores e a elite intelectual, que pesam mais na orientação da produção artística, já que definem as diretrizes escolares, pautam o que sai na imprensa, produzem pesquisas sobre determinadas obras, etc. Por fim, existe uma influência social dentro dos círculos de leitores que manifesta sob a forma do gosto, da moda, da voga, e exprimem expectativas sociais que e tornam uma rotina de consumo.

A estruturação desse público se dá em três pontos: os meios de comunicação, a formação da opinião literária e a diferenciação das elites, que tendem a liderar os gostos. “O primeiro fator envolve o grau de ilustração, os hábitos intelectuais, os instrumentos de divulgação (livro, jornal, auditórios, etc.)” e é quem define o segundo e o terceiro pontos, automaticamente (CANDIDO, 2000, p.70). O diálogo com o público é um fator-chave em relação ao fazer do artista, já que é ele quem revela a obra para o artista. “Sem o público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta, que é definição dele próprio” (CANDIDO, 2000, p.69).

Tais pontos revelam que há diversas conexões entre a sociedade e a obra e podemos ampliar essa percepção utilizando a ideia de texto cultural do pesquisador da Escola Semiótica de Tartu-Moscou, Iuri Lotman (1996). O conceito de texto cultural tem como uma de suas fontes o dialogismo e a polifonia de Bakhtin. Nesse sentido, a linguagem é entendida como dialógica porque surge do embate de muitas vozes sociais, e polifônica porque as vozes, originadas numa esfera social abrangente, participam de um jogo de elos que dialogam e se complementam – como discursos religiosos, históricos, etc. A

dialogia é um princípio constitutivo de todo discurso e a polifonia é um efeito de sentido, algo que se percebe durante o consumo de algum discurso (ZONIN, 2006).

Como expõe Lotman (1996), o surgimento dos textos se deu de maneira gradual. Primeiro, os enunciados se tornaram línguas naturais por meio de fórmulas ritualizadas - um texto de primeira ordem. Esse texto dialogou com outros e estabeleceu textos de segunda ordem – os pioneiros foram os cerimoniais, ritualísticos e as representações dramáticas, mas, como as trocas e traduções acontecem ininterruptamente, os textos se tornaram cada vez mais complexos. Por isso o texto artístico é destacado pelo pesquisador devido a sua complexidade. Além de trabalhar com diversas linguagens (a tradução de diversos subtextos em uma mesma linguagem, como a dança, que une gestos, palavras e a própria dança), a arte também traz complicações em sua estrutura: não é uma mensagem dirigida para um destinatário específico; condensa informações ao longo do tempo; adquire memória; e tem a capacidade de produzir novas mensagens por conta própria, além da informação primária.

Ligado com as noções de diálogo e polifonia, Lotman (1996) define as funções sociocomunicativas dos textos artísticos. Com uma divisão parecida com a do crítico brasileiro, citada acima, o estudioso russo descreve alguns pactos, ou tratos, entre elementos presentes nos textos – artísticos inclusos. O primeiro deles é o estabelecido entre *destinatário e receptor*, que destaca a transmissão como multidirecional, como um texto disseminado em um auditório; o segundo é entre *leitor e texto*, em que o texto adquire tamanho grau de autonomia que deixa de ser um interlocutor e passa a ser visto como um ator de formação intelectual independente, podendo formar mensagens além das pretendidas; o terceiro é entre o *leitor e ele mesmo*, ressaltando o papel ativo que o texto tem para atualizar a personalidade do destinatário e de reestruturar sua relação com as estruturas culturais; o quarto fala de *texto e contexto cultural*, e é onde Lotman (1996) ressalta a capacidade de o primeiro representar o segundo, de maneira metafórica ou metonímica. Isso pode ser pensado à luz do quinto ponto, do pacto entre *auditório e tradição cultural*, que destaca a característica do enriquecimento ininterrupto dos textos, o que causa ou uma atualização ou um esquecimento de uma informação cultural.

A independência da obra, a pluralidade do público e a capacidade de emulação do contexto tem um diálogo em relação aos aspectos apresentados do Candido – ainda que essa conversa não tivesse acontecido diretamente na trajetória dos autores. O que se destaca é que a questão do papel ativo da obra e de sua carga de tradição aproxima o crítico brasileiro, quando analisada de acordo com seu método crítico, de Lotman.

Para Candido (2000), a análise crítica não pode partir de uma metodologia pré-concebida, ela deve ser sugerida pela obra e pela intuição do crítico após uma primeira leitura. O crítico controla sua subjetividade e dá os parâmetros para sua análise e releituras. A obra é interpretada “devendo se basear na busca daquilo que, nela, representa a parte mais significativamente ligada ao espírito da sua época” (CANDIDO, 1943), ou seja, tem relação com o contexto, com a sociedade e com crítico, enquanto alguém que explica as obras de acordo com a luz do momento.

Essa leitura é permeada pelos pactos destacados acima. Sempre na perspectiva de que o receptor não decifra o texto, mas tem uma negociação com ele. A crítica não é a decifração da mensagem, mas a criação de uma nova. É uma tradução. Em Candido (2000), isso fica claro no que ele chama de *função ideológica da literatura*, que passa despercebida pelo autor na maioria das vezes. Para o crítico brasileiro, a obra teria uma *função total*, que é sua capacidade de representar em suas páginas uma relativa universalidade descolada do tempo e do espaço em que foi escrita, uma *função social*, que é o estabelecimento da obra com a sociedade e suas relações com a ordem vigente e ocorre independentemente da vontade de seus autores e dos consumidores da literatura. Por último, a *função ideológica*. Ela, geralmente, está inserida nas outras duas e deriva das intenções tanto do autor quanto do público: o autor, que procura atingir um fim; o leitor, que lê a obra para sanar algum anseio. Ainda que ela seja escrita de maneira consciente, o resultado final pode desmentir o propósito do autor<sup>20</sup>.

As diversas leituras que os textos culturais da literatura permitem reforçam as colisões histórico-culturais, causadas pelo contexto cultural e pela carga de memória na obra, o que aumenta as tensões entre cada texto artístico. Lotman e Candido tem uma visão parecida em relação a essas dinâmicas. Lotman (1996), ao notar a preservação da multiestruturalidade nas linguagens artísticas, expõe a seguinte orientação para os textos de artes: A) Textos que aumentam a unidade interna e a clausura dos textos sublinham a importância de suas fronteiras, evitando uma espécie de contaminação; B) Textos que incrementam a heterogeneidade e desenvolvem subtextos cada vez mais estruturalmente autônomos, conversando e trocando elementos entre si. Ou seja, neste caso um romance pode ter uma linguagem experimental que o afasta de algumas tradições, como foi o

---

<sup>20</sup> Em uma leitura crítica de “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo, Candido (2000) cita que o autor pretendia trabalhar com um jargão preconceituoso de sua época, que era o dos três P’s: “para português, negro e burro, três pês: pão para comer, pano pra vestir, pau pra trabalhar”. O que Candido (2000) diz ter encontrado foi, na verdade, uma representação da lógica capitalista que começava a se instalar no Brasil daquela época, momento em que os portugueses e negros começavam a entrar no mercado de trabalho.

caso de Macunaíma, de Mário de Andrade, na ocasião de seu lançamento; ou, de outra forma, uma obra pode reforçar uma tradição literária, como a escritura de uma poesia parnasiana de acordo com as normas estabelecidas.

Por outro lado, a divisão de Candido (2000, p.21) é feita entre arte de agregação e arte de segregação. A primeira tenta “incorporar-se a um sistema simbólico vigente, utilizando o que já está estabelecido como forma de expressão de determinada sociedade”, enquanto a segunda preocupa-se “em renovar o sistema simbólico, criar novos recursos expressivos e, para isto, dirige-se a um número ao menos inicialmente reduzido de receptores, que se destacam, enquanto tais, da sociedade”. Em ambos, essa discussão não é categórica, mas apresenta dois fatores que são constantes em toda a obra, variando apenas a sua intensidade.

Dentro dessa dinâmica, a tríplice de Candido é formada por três elementos que estão inseridos dentro do espaço maior da literatura, mas que assumem uma posição de destaque na crítica quando se cria a consciência dessa esfera maior – principalmente considerando o aspecto da memória do texto e do contexto cultural em que se escreve, quando a obra, independente, já passou por transformações e adquiriu repertório.

Nesse momento, é preciso repensar esses conceitos à luz da cibercultura, já que ela, se não modificou a estrutura acima, intensificou a velocidade com que essas trocas acontecem dentro dela. Seguindo a divisão de eras de Santaella (2003, p.13), a sociedade já passou por seis momentos culturais, separados entre: oral, escrita, impressa, de massas, das mídias e a digital. Esses períodos não são lineares, não desaparecem com o surgimento do outro. Segundo Santaella (2003, p.13), “uma nova formação comunicativa e cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamentos e refuncionalizações”.

Nesse sentido, a passagem da cultura impressa para a de massas proporcionou uma mudança de paradigma nos processos comunicacionais, estabelecendo a os meios de comunicação massiva como elemento principal. Lucia Santaella (2003, p. 79) comenta que a solidificação desse conceito se deu com a TV: “o padrão de energia viaja num só sentido, na direção do receptor, para ser consumido com uma resistência mínima, o que cria condições favoráveis para a promoção e distribuição de produtos com ênfase na persuasão”.

No entanto, conforme surgiam “máquinas de Xerox, a distribuição universal de máquinas de fax, videocassete, videogames, segmentação das revistas e programas de

rádio para público específicos, TV a cabo etc., enfim, novos processos comunicacionais” (SANTAELLA, 2003, p. 80) a sociedade passou a viver a cultura das mídias.

Ela não deve se confundir com a das massas, devido às possibilidades de escolha de produto que proporciona, ao invés do massivo, e pelas mensagens híbridas encontradas em diversos suportes – jornal, telejornal e radiojornal, por exemplo; no entanto, também não se confunde com a cibercultura como não proporciona as mesmas possibilidades, como a convergência das mídias e a interatividade. A cultura das mídias é intermediária, situa-se entre as duas (SANTAELLA, 2003).

Foi a partir da implementação das possibilidades interativas, híbridas e das redes de comunicação da cultura das mídias que o modelo de distribuição e recepção foi sendo quebrado e a possibilidade de criar, produzir, compor, montar, apresentar e difundir foi passada para todos que tinham acesso a essas invenções – um público cada vez maior. A cibercultura fez-se notar e, com ela, cinco conceitos são discutidos: Digitalização, Internet, Interface, Hipermídia e Ciberespaço (SANTAELLA, 2003).

O processo da *Digitalização* é transformar qualquer informação em uma cadeia de dados binários de 0 ou 1, os *bits*, e possibilita a multimídia com uma linguagem universal, já que imagens, textos e sons são compostos por sequências do mesmo tipo e podem ser transmitidos com excelência por qualquer suporte. É a convergência das mídias (SANTAELLA, 2003).

A *Internet* e a *Interface* estão conectadas. Já que a primeira trata da possibilidade de transmitir e receber informações de maneira menos hierárquica e, tecnologicamente falando, qualquer computador pode atuar como fonte ou receptor. O enfraquecimento da hierarquia se dá, justamente, pela possibilidade de mais usuários gerar conteúdos e informações e transmiti-los para diversos usuários por meio das redes sociais. Para gerar, receber e interpretar esses dados, o usuário se conecta pelo segundo ponto, a interface<sup>21</sup>. A interface é a zona interativa e fronteira que une o indivíduo com a linguagem maquínica (SANTAELLA, 2003).

A *Hipermídia* está relacionada com a digitalização. Com todos os dados transformados em *bits*, a hibridização de linguagens, códigos e mídias e a capacidade de armazenar informações fragmentadas, o computador pode “arquivar, recuperar e distribuir

---

<sup>21</sup> Santaella (2003, p.88) descreve o modelo como WIMP (Windows-icons-mouse-pointer). A tradução livre seria Janelas-ícones-mouse-ponteiro.

informação na forma de figuras gráficas, texto, animação, áudio, vídeo, e mesmo mundos virtuais dinâmicos” (SANTAELLA, 2003, p.93). Assim, hoje, qualquer dado ou informação podem ser acessados em qualquer momento ou ordem. O *Ciberespaço* é, então, o espaço virtual ou artificial dos computadores ligados em rede efetuando esses processos, desde as conexões mais simples até os ambientes de Realidade Virtual.

Como visto anteriormente, nesse cenário constrói-se grande parte das produções críticas na Web. Nessa mudança de plataformas, “os novos críticos - e os que se renovam - reivindicam o movimento, a intensidade; a voz própria; de quem vem ouvir, mas já alforriado da ventriloquia intelectual de redizer os ídolos” (HOLANDA, 2012).

Leyla Perrone-Moisés (2016, p.61-2) faz uma observação sobre a crítica contemporânea. Segundo a autora,

o que é característico da crítica contemporânea, em qualquer de suas manifestações, é a perda da função de autoridade que o gênero teve no passado. A qualidade e a credibilidade de qualquer tipo de juízo crítico são flutuantes e provisórias, como toda e qualquer manifestação de ideias em nossa 'modernidade líquida'.

Para Ballerini (2015, p.48), o crítico “seria o profissional que desvende os estilos e as obscuridades que ‘jazem inerentes a uma época e nas obras produzidas’. Ou seja, o crítico tem a função de desvendar não só a obra, mas sua época”. O texto da crítica teria, em sua composição, a transmissão do saber simbólico do conhecimento especializado, a originalidade, e a sacralidade do ponto de vista subjetivo civil, conforme dito acima. As características ficam claras no trecho: “O texto crítico é uma aproximação entre o crítico e a obra realizada por seu criador, bem como a possibilidade de aproximar o leitor dela” (BALLERINI, 2015, p.50). Ao falar sobre a especialização no jornalismo cultural, usando de exemplo o crítico de cinema, Ballerini (2015, p.56) comenta que o profissional especializado “é mais capacitado para entender a fundo a linguagem, as técnicas, a estética e as intenções de um diretor em determinado filme, pois tem conhecimento suficiente para emitir uma crítica que fuja do ‘achismo’ superficial”, o que ressalta a importância de evitar a simplificação e a informatização de textos reflexivos, tidos como a essência do jornalismo cultural. O crítico deve possuir um saber especializado sobre a linguagem e a época que possibilita a sintonização entre artista, obra e sociedade.

Segundo esses parâmetros, ele distingue o consumo do Leitor Comum e do Leitor Crítico: em relação à obra, o primeiro é ativo de maneira inconsciente, identifica-se com ela e submete-se de maneira emocional; o segundo é racional, tem um pensamento ativo

e estruturado, escrutina a obra tecnicamente em busca de indícios, distancia-se dela. O Comum consome a obra no campo do prazer e o Analista no campo do trabalho (BALLERINI, 2015, p.57). Mas o cenário pode ter mudado um pouco, como prenuncia a observação de Maria Amélia Rocha (apud BALLERINI, 2015, p.71, *grifo nosso*) sobre as transformações da crítica:

A crítica era parte do processo cultural do país. Discutiam-se conceitos, ideias, conhecimento. Claro, formavam-se turmas, grupos, ‘eleitos’, gente com espaço garantido. Mas havia também os críticos mais respeitados. Estes davam como que um norte para a produção cultural brasileira, abriam discussões, alimentavam a cena da cultura nacional, faziam-na efervescente, desafiadora. Hoje eu diria que são quase irrelevantes (...). Com a chegada das redes sociais, com a simplificação do modo de produção – em sua própria casa, você pode gravar um CD, por exemplo -, todos escrevem, todos são críticos, todos podem ser artistas.

Ou seja, a ideia da crítica “autorizada” é diminuída, já que pode ser feita por qualquer cidadão dentro das redes sociais. Duas observações, dentre outras várias, também vão ao encontro desse caminho. A primeira é a perspectiva de Bruno Zeni sobre os possíveis enfoques futuros da crítica. Zeni (apud BALLERINI, 2015, p.92) “gostaria de ver uma cobertura mais autoral, mais ligada à experiência dos leitores, mais investigativa dos meios de produção e criação, menos orientada por valores midiáticos e econômicos”. Ao tratar das plataformas de crítica, Ubiratan Brasil (apud BALLERINI, 2015, p.92) comenta que “o futuro crítico e resenhador poderá contar em vídeo em vez de escrever, mas o importante é parar e pensar antes de fazê-lo”.

Para Holanda (2012), os riscos de um momento em que a opinião é supervalorizada devem ser tomados no intuito de oxigenar o campo da crítica e fazer com que ela encontre novos rumos e identifique o papel que ela tem no cenário de hoje.

A crítica não melhora a produção literária, mas deveria revelar leituras diferentes sobre uma obra, tendo em vista que grandes obras sempre suscitam novas leituras: ela não melhora a produção diretamente, apenas examina o que é produzido; aperfeiçoa a qualidade de consumo dos leitores e possibilita a formação de futuros escritores.

O grande ensaísta português Eduardo Lourenço disse, uma vez, que não são os críticos que julgam as obras, mas são as obras que julgam os críticos. Os grandes críticos são aqueles que conseguem dizer algo novo a respeito das obras antigas, e são capazes de reconhecer uma nova obra de valor (portanto virtualmente duradoura) no mesmo momento em que ela é publicada. Eles são tão raros quanto os grandes escritores (PERRONE-MOISES, 2016, p.65).

O texto crítico não “contém uma *verdade*, mas deve ter *validade*, isto é, seu sistema interpretativo deve mostrar-se totalmente adequado não a uma pretensa obra, mas a seu sistema de significação” e, dessa forma, “a crítica exige bagagem cultural e argumentos, e estes necessitam de um mínimo de fundamentação teórica, que só se adquire na prática de muita leitura *de e sobre* literatura” (PERRONE-MOISES, 2016, p.67-8).

## 2.2. Crítico Jornalístico Literário

A validade de uma interpretação surge não só de uma visão exclusivamente técnica, mas surge do imprevisto, da descoberta. A elaboração de um texto crítico estimula o diálogo entre *obra, autor e público*, principalmente quando o crítico se despe do papel de alguém que alfabetiza e adota o papel de partilhar o texto e apresentar uma visão, particular e não-totalitária; uma apreensão do texto literário.

Ao longo de sua carreira, Candido (2012, p.33) também descreveu como toda crítica parte de uma *impressão* e chega a um *juízo*, mas sem resvalar para o impressionismo extremo. “Entre as duas pontas [*impressão e juízo*] se interpõe algo que constitui a seara própria do crítico, dando validade ao seu esforço e seriedade ao seu propósito: o trabalho construtivo de pesquisa, informação, exegese”. As expressões preliminares do crítico em relação ao texto, fatores subjetivos, devem ser experimentadas e analisadas. É a partir delas que o crítico monta a visão que tem do escritor e da obra. É essa visão que será exposta e debatida. “Por isso, a crítica viva usa largamente a intuição, aceitando e procurando exprimir as sugestões trazidas pela leitura. Delas sairá afinal o juízo, que não é julgamento puro e simples, mas avaliação - reconhecimento e definição de valor” (CANDIDO, 2012, p.33).

No trabalho do crítico, essa impressão é triturada e esmiuçada pela *elaboração*, uma pesquisa formal e, se necessária, histórica e psicológica, até chegar ao juízo – com os seus arbítrios reduzidos e objetivos. Qualquer resquício de orgulho do crítico por sua *impressão insubstituível* é reduzida numa verificação objetiva permeada pelos lugares-comuns do tempo, que outros leitores poderiam ter chegado. “A crítica propriamente dita consiste nesse trabalho analítico intermediário, pois os outros dois momentos são de natureza estética e ocorrem necessariamente, embora nem sempre conscientemente, em qualquer leitura” (CANDIDO, 2012, p.33).

Por isso, em seu trabalho, os três momentos que devem ser expostos: “um elemento perceptivo inicial, um elemento intelectual médio, um elemento voluntário final” (CANDIDO, 2012, p.33). Ou seja, percepção, compreensão e julgamento. Então, não só

distante de um impressionismo puro, também se afasta da perspectiva científicista, assumindo a flexibilidade do ofício, já que cada objeto de estudo crítico - livros, poemas, contos, etc. -, proporciona maneiras diferentes de pesquisa, aproximação, elaboração e síntese.

Essas engrenagens ocorrem tanto na estruturação de um texto crítico acadêmico quanto no jornalístico – o que muda, de um caso para o outro, é sua finalidade. O primeiro está preocupado em destrinchar a literatura no âmbito técnico, com uma linguagem voltada para os cientistas; enquanto isso, a crítica jornalística se preocupa em fazer uma mediação, aproximar obra e autor do público, inserir os leitores dentro da cultura literária (VENTURA, 2015). A crítica jornalística é uma crítica “produzida, em grande parte, ou por especialistas ou por diletantes, para ser *publicada na mídia*, além do conteúdo produzido por jornalistas no interior das redações” (VENTURA, 2015, p.39, grifo nosso).

A metodologia da análise não está necessariamente ligada à finalidade, podendo um texto crítico jornalístico ser tanto ligado às tradições mais impressionistas, quanto a uma corrente mais acadêmica ou técnica de análise. O prioritário é a aproximação do público com a cultura literária que surge de uma determinada obra, autor ou tema. Claudia Nina (2007, p.28-9) divide a crítica em dois tipos de texto:

um mais técnico, produzido por acadêmicos de diversas áreas (sociólogos, historiadores, antropólogos, professores de literatura), que voltam às páginas dos suplementos a tentativa de escoar sua produção intelectual num ambiente extra-acadêmico, escrevendo textos ensaísticos; outro livre de jargões, assinado por jornalistas que, muitas vezes, não têm nenhuma especialização na área. São dois mundos distantes, pois revelam formas diferentes de perceber as obras e de transmitir essas percepções aos leitores.

Além da tarefa de mediação, destacada acima, Nina (2007, p.13) ressaltada que “toda resenha crítica, uma vez produzida para um jornal, precisa obedecer alguns critérios, digamos, jornalísticos. Clareza, concisão e objetividade continuam sendo imprescindíveis”. O desafio seria o de conciliar esses critérios jornalísticos com uma reflexão aprofundada sobre o tema e uma percepção intuitiva, ou impressionista, sobre a obra (NINA, 2007, p.35).

A leitura não teórica faz-se no *eixo interpretativo* e pertence à fruição. É o prazer de ler que orienta um julgamento emanado da subjetividade. Quando o crítico está desarmado teoricamente, seu texto virá repleto de adjetivações. O resultado de uma investigação mais inocente e impressionista é certamente uma resenha voltada para o entendimento de um público amplo e não segmentado, que não

espera uma leitura demorada e complexa das obras (NINA, 2007, p.60).

Mauro Ventura (2015) analisou a crítica literária no campo jornalístico com base nos trabalhos de Otto Maria Carpeaux, de 1941 até 1977, e José Castello, de 2011 até 2013. O primeiro passou pelo mesmo processo descrito no histórico brasileiro, onde travou embates com os críticos-scholars, já que sua preocupação era a de formar um público leitor. O segundo é o mais interessante para a pesquisa pela proximidade histórica e pela sua atuação em um suplemento semanal, o “Prosa & Verso” do jornal “O Globo”.

Ao longo de sua análise Ventura (2015) percebeu que a crítica de José Castello se preocupou em fazer uma mediação com o leitor. Dessa postura, algumas características se destacaram. Em primeiro lugar, sua recusa a uma leitura feita por um especialista e com uma linguagem repleta de jargões. Consequentemente, há uma recusa da interpretação fechada que surge das críticas resultantes de uma aplicação teórica.

Não é dimensão teórica que constrói seus argumentos críticos, mas, antes, são os elementos textuais, extraídos, em boa medida, de sua experiência de leitor. (...) Não são as referências que surgem, mas é a própria vida pessoal que se manifesta, numa ativação da memória involuntária (VENTURA, 2015, p.80).

Em suas críticas surgem, com frequência, histórias familiares e a “a memória funciona como uma chave para abrir caminho no mistério da obra” (VENTURA, 2015, p.77). Castello defende uma leitura desarmada. Segundo Ventura (2015, p.87-9) “O crítico e jornalista concebe a leitura como uma experiência imprevisível, única, pessoal (...). Para ele, o crítico precisa ser um leitor comum, sem armaduras, sem anteparos”.

Um crítico que admite publicamente que se surpreende com a leitura de uma obra é, antes, um anticrítico, que desce de seu pedestal para assumir a condição de leitor, de intérprete, no sentido de que cada interpretação é, sobretudo, uma possibilidade, entre outras. A obra é como uma partitura, em que cada intérprete produz sua versão (VENTURA, 2015, p.83).

O crítico que emerge dessa configuração, preocupado com a mediação entre literatura e leitor, mas sem ocupar o pedestal de um legislador, é integrante daquela estrutura do texto cultural. Enquanto participante da esfera do público, o crítico continua responsável pela apresentação de obras e por formar parte do gosto literário e das elites. No entanto, o espaço de legislação que era antes ocupado parece ter se diluído – parte da razão vai pela estruturação das redes, organizada em pequenos nichos (os *hubs*) e que permitem que qualquer pessoa se torne emissária de algum juízo estético ou da divulgação de um novo livro (e, mesmo que estejam organizados em pequenos núcleos com vários

legisladores de menor poder, existe uma pluralidade de interpretações acerca de um texto e que é legitimada ou deslegitimada por uma parcela que se torna mais ativa nos processos de juízos de valor).

No entanto, o exemplo de Castello nos mostra que até nos jornais há espaço para aqueles que adotam outro tom em seus textos críticos e procura retratar uma experiência de leitura ao invés de um julgamento a ser adotado. Além disso, enquanto ocorrem discussões acerca da presença e do ofício dos *booktubers*, essa esfera vai se tornando mais coesa e legitimada – já que passa a entender seus limites e deveres de acordo com uma produção interna, como visto no movimento #ValorizeoBooktube, apresentado no primeiro capítulo, e com uma resposta externa, como percebido na discussão de 2018 sobre a remuneração do trabalho. Por isso, a intenção agora é desvendar de que maneira os *booktubers* tratam dos livros no YouTube e enxergam a configuração do espaço no ambiente digital.

### **2.3. Booktubers**

Para explorar esse cenário, a pesquisa se vale da realização de entrevistas em profundidade com um modelo de questionários semiaberto. Segundo o pesquisador Jorge Duarte (2006, p.62),

a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressuposto definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer.

Uma das vantagens desse tipo de técnica é a flexibilidade da definição de termos entre entrevistado e pesquisador, já que “a entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador” (DUARTE, 2006, p.66). Esse tipo de abordagem permite a identificação de detalhes e enriquece o contexto da pesquisa aqui proposta, mas suas explicações têm abrangência limitada.


A entrevista em profundidade não permite testar hipóteses, dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno. (...) Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura do problema (DUARTE, 2006, p.63).

As entrevistas foram divididas em quatro categorias: Ofício do Crítico – como enxergam o fazer crítico hoje e seu papel nesse cenário; Leitura – quais são as diretrizes intelectuais e metodológicas que guiam o fazer dos *booktubers*; Profissionalização –

quais são relacionamentos com o mercado editorial e as possibilidades de capitalizar um canal – e, por último, Público – como enxergam e se relacionam com seu público.

Para falar sobre isso, foram selecionados seis entrevistados. Todos são *booktubers*, mas seus canais têm focos, tempo de existência e perfis editoriais diferentes. Os entrevistados serão apresentados abaixo, antes da análise das entrevistas. No fim, há fotos retiradas de vídeos dos candidatos. As entrevistas foram realizadas via Skype.

### 2.3.1. Lar da Agatha<sup>22</sup>

<b>Nome do canal:</b> Lar da Agatha	<b>Quem faz:</b> Agatha Christie (Júnior Stornelli)	<b>Link para o canal:</b> 
<b>Número de inscritos<sup>23</sup>:</b> 2.328 inscritos	<b>Primeira postagem:</b> 21 jun. 2017	

O canal “Lar da Agatha” é feito pela Agatha Christie, *dragqueen* de Junior Stornelli. Junior tem 27 anos e cursou dois períodos da faculdade de Contabilidade antes de trancar o curso. Atualmente, ele trabalha como maquiador *freelancer* e, paralelamente ao canal, organiza um Café Literário itinerante. O primeiro vídeo do canal foi feito no dia 21 de junho de 2017 – cerca de um ano e meio. Nesse período, seu canal já teve quase 2400 inscrições. O nome da *drag* foi dado em homenagem à escritora homônima que o iniciou no mundo da literatura, conforme dito pelo próprio Stornelli (2018, informação oral):

Eu acho que comecei a ter vontade de falar mais sobre livro porque eu comecei a ler de forma mais voraz quando eu descobri a Agatha Christie e eu queria sempre falar para meus amigos ‘começa a ler esse livro’. (...) Comecei a convencer várias pessoas a ler. A minha mãe, que não tinha o hábito de ler, a minha irmã, que não tinha o hábito de ler, amigos.

Depois que convenceu várias pessoas a adentrar no mundo da literatura, achou a experiência interessante e resolveu criar um canal. No entanto, tinha o medo de ficar mais do mesmo e, por isso, juntou ao desejo do canal outra vontade sua: a de ser *drag*.

<sup>22</sup> Entrevista realizada em 07 ago. 2018, disponível no ANEXO 1.


<sup>23</sup> Acesso em: 18 dez. 2018

“Aí o canal surgiu: a vontade de poder falar de literatura e ser uma válvula de escape para a minha *drag*, porque não tinha outra coisa que eu podia fazer com a *drag* que tinha dentro de mim” (STORNELLI, 2018, informação oral).

Ainda que existam *dragqueens* que falem de livros em canais de YouTube, Agatha parece ser a primeira *dragqueen* brasileira ligada ao *booktube*. Em seu canal, ela trata dos livros que gosta de ler, mas tem uma preocupação em valorizar os autores independentes brasileiros e livros com temáticas ignoradas, principalmente a LGBT. Os livros que são abordados em abundância em outros canais, “mais comerciais”, quase nunca são prioridades no “Lar da Agatha”.

Hoje, eu realmente só falo exclusivamente de livros que eu gosto e aí eu tento dar prioridade para livros que eu acho que precisam daquele espaço. Por exemplo, no meu canal você sempre vai encontrar diversidade e também autores nacionais independentes. São duas coisas que eu estou buscando trazer ao máximo para o canal. Então, eu tenho essa meta, esse foco de ter essa pauta, de levantar essa discussão. De dar o espaço para o autor independente nacional e dar espaço para livros com representatividade LGBT, mas acaba, como eu falo daquilo que eu gosto, eu falo de Agatha Christie, que é extremamente famosa, Stephen King, que é a mesma coisa (STORNELLI, 2018, informação oral).

### 2.3.2. *Las hojas muertas y otras hojas*<sup>24</sup>

<b>Nome do canal:</b> Las hojas muertas y otras hojas	<b>Quem faz:</b> Nicolas Ferreira Neves	<b>Link para o canal:</b> 
<b>Número de inscritos</b> <sup>25</sup> : 6.632 inscritos	<b>Primeira postagem:</b> 14 mar. 2013	

Quem cuida do canal “*Las hojas muertas y otras hojas*” é o estudante de Letras na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Nicolas Neves, de 24 anos. Está no último ano do curso. Nicolas tem um forte viés acadêmico. No primeiro ano da faculdade realizou uma Iniciação Científica, no segundo prestou um concurso e agora dá aulas do 9º ano do Ensino Fundamental II até o 3º ano do Ensino Médio. Atualmente,

<sup>24</sup> Entrevista realizada em 16 ago. 2018, disponível no ANEXO 2.

<sup>25</sup> Acesso em: 18 dez. 2018

também dá aulas de monitoria para os alunos da UFSCAR, participa de projetos de extensão e de grupos de pesquisa, como os Projeto Literatura e Realidade, Literatura e Cultura e do Núcleo de Estudos Oitocentistas.

Seu primeiro vídeo foi ao ar em 2013 e, atualmente, possui pouco mais de 6600 inscritos. Segundo Nicolas (2018, informação oral), o canal surgiu porque ele gostava muito de ler, só que, “quando você lê bastante e é adolescente, geralmente você não tem com quem compartilhar as suas leituras e isso começou a me incomodar um pouco”. Foi depois de encontrar um vídeo sobre sua escritora preferida, Clarice Lispector, que Nicolas começou a pensar sobre a criação de um canal. A decisão final veio “quando a Tatiane Feltrin publicou um vídeo em que ela fazia uma pergunta sobre quem podia falar de literatura na internet” (NEVES, 2018, informação oral).

O primeiro vídeo de Nicolas<sup>26</sup> é uma resposta ao vídeo de Feltrin intitulado “Afinal, quem tem cacife para falar de literatura?”<sup>27</sup>. Em sua resposta, ele agradece o incentivo da Feltrin e concorda que, além da internet propiciar um amplo espaço de troca das experiências, todos podem falar sobre literatura. A primeira pergunta a ser respondida, feita por Feltrin, é “quem determinar quem pode falar de literatura na internet?”. Nicolas diz que o próprio crítico determina. Se quiser, pode falar sobre literatura na internet. A segunda e última pergunta é “uma pessoa sem embasamento teórico pode falar?” Nicolas acredita que pode. A base teórica melhora os argumentos, os fortalece, mas não é uma condição necessária, já que YouTube seria um lugar para dar uma opinião enquanto leitores, não sobre teoria literária.

A posição destacada no vídeo se mostra menos rígida ao longo da história do canal. Segundo Nicolas (2018, informação oral), o canal surgiu como “um espaço de compartilhar leituras”. No entanto, depois de entrar na graduação, ele começou a perceber problemas na circulação de saberes.

A gente produz um conhecimento que não serve para nada, que ninguém lê, e fica naquela troca que não leva a lugar nenhum. E aquilo começou a me incomodar um pouco, né? Então, foi aí que eu comecei a perceber que, já que eu tinha esse espaço na internet, já que eu produzia conteúdo voltado para a literatura, nada me impediria de fazer essa ponte e de ligar algumas questões que a gente trata na academia e levar essas questões ali para o público, porque assim a gente consegue democratizar o conhecimento (NEVES, 2018, informação oral).

---


<sup>26</sup> Disponível em <https://youtu.be/9f22aTjo2lg>

<sup>27</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=YrOGE\\_DVJHM](https://www.youtube.com/watch?v=YrOGE_DVJHM)

O posicionamento se reflete nas pautas escolhidas para o canal. “Eu faço vídeos, geralmente, das minhas leituras que eu faço para dar aula, para fazer algum trabalho da UFSCAR e aproveito, evidentemente, eu falo também daquilo que estou lendo por gosto” (NEVES, 2018, informação oral). Os livros selecionados para leitura são, geralmente, livros vistos pelos leitores como livros difíceis – como os clássicos ou com uma dose de experimentalismo. Como ele mesmo descreve,

a maioria dos livros que eu leio são livros que tem um certo prestígio acadêmico e aquela coisa toda... e esse prestígio acadêmico acaba criando uma distância entre o livro e o público, então, a maioria das pessoas não faz vídeos, ou resenhas, enfim, sobre os livros que eu leio. O que não significa que eu seja uma pessoa iluminada ou especial, ou coisa do tipo, mas eu acho que isso diz muito a respeito do modo como as pessoas enxergam a literatura, como essa coisa que é muito elevada (NEVES, 2018, informação oral).

### 2.3.3. Gisele Eberspächer<sup>28</sup>

<b>Nome do canal:</b> Gisele Eberspächer	<b>Quem faz:</b> Gisele Eberspächer	<b>Link para o canal:</b> 
<b>Número de inscritos<sup>29</sup>:</b> 25.966 inscritos	<b>Primeira postagem:</b> 14 out. 2012	

Gisele Eberspächer tem 28 anos, é graduada em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e em Letras pela Universidade Federal do Paraná, onde atualmente é mestranda, também na área de Letras, com a previsão de conclusão para 2020. Ela trabalha como repórter *freelancer* com cobertura especializada para literatura e também colabora com o “jornal Rascunho”.

Seu canal homônimo surgiu em 2012 com o intuito de “falar e ter com quem falar sobre livros. Uma coisa bem informal” (EBERSPÄCHER, 2012, informação oral). A alternativa dos vídeos surgiu porque ela não se identificava com o formato de blog, que estavam em voga no período. O canal surge como um espaço de conversa desinteressada sobre os livros, sobre literatura. Segundo Gisele (2012, informação oral),

<sup>28</sup> Entrevista realizada em 29 ago. 2018, disponível no ANEXO 3.

<sup>29</sup> Acesso em: 18 dez. 2018


“o YouTube é como se a gente fosse num café, um bar, e conversasse informalmente sobre um livro”, parte que ela considera importante no consumo e discussão da literatura, já que “o livro não precisa estar só guardado para discussões acadêmicas muito sérias”.

As pautas que Gisele aborda estão ligadas ao seu consumo cotidiano de literatura.

Eu vou lendo o que eu estou a fim de ler, ultimamente é o que eu tenho que ler... e eu vou falando sobre eles no canal, então eu falo sobre tudo o que eu leio naqueles vídeos de conclusão de mês, de leituras do mês, e em geral eu vou gravando vídeos para os que eu gosto mais e os que eu acho que rendem uma conversa maior (EBERSPÄCHER, 2012, informação oral).

Além disso, ela tem um quadro mensal que se chama “indicação de não-livro”, onde ela fala sobre séries, filmes, notícias e outras indicações de produtos culturais que ela consumiu no mês. Atualmente tem quase 26 mil inscritos.

#### 2.3.4. Fantasicursos<sup>30</sup>

<b>Nome do canal:</b> Fantasicursos	<b>Quem faz:</b> Alexander Meireles da Silva	<b>Link para o canal:</b> 
<b>Número de inscritos<sup>31</sup>:</b> 3.085 inscritos	<b>Primeira postagem:</b> 28 nov. 2016	

O canal Fantasicursos foi criado no fim de 2016 e é administrado pelo professor Alexander Meireles da Silva. Alexander tem 46 anos, é professor associado da Universidade Federal de Goiás (UFG), no campus Catalão, onde ministra as disciplinas de Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Norte-Americana para os alunos de graduação, mas também é professor do Mestrado e oferece a disciplina Estudos de Linguagem.

Seu mestrado foi realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2001 e concluído em 2003. A dissertação tratou da figura do sobrevivente nas obras da Octavia Butler e da Margaret Atwood. Além disso, concluiu um doutorado na

<sup>30</sup> Entrevista realizada em 05 set. 2018, disponível no ANEXO 4.

<sup>31</sup> Acesso em: 18 dez. 2018


Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2008 sobre o nascimento da ficção científica no Brasil da República Velha (ou Primeira República). Seguindo sua trajetória acadêmica, o canal se propõe a tratar das tradições da literatura fantástica, gótica e de ficção científica.

Segundo Meireles da Silva (2018, informação oral), o grupo surgiu a partir de três observações. A primeira era que seu grupo de estudos e discussões sobre literatura fantástica dentro da UFG estava aumentando, com muitos membros externos, já que não encontravam um espaço com essas discussões fora do ambiente universitário; a segunda observação é semelhante à fala de Nicolas: os fã-clubes, os espaços em rede ou os encontros de escritores, editores e leitores não comunicavam os saberes da academia, “aumentando ainda mais essa visão da academia como uma torre de marfim, inacessível e reservada para eleitos”. Por fim, “aliado nesses dois elementos, o fato de que eu estava vendo muito tratamento de temas do fantástico, principalmente em canais do YouTube, sendo tratados de forma superficial ou até mesmo com informações erradas”.

Diferentemente da maioria dos canais, o Fantasticurso e seus quase 3 mil inscritos tratam prioritariamente de conceitos fundamentais da literatura, focando dentro de um limite cronológico específico na publicação das obras – até meados dos anos 50 do século XX.

Um dos pontos principais do canal é as três séries que eu fiz abordando o que é o gótico, o que é ficção científica e o que é fantasia, que resultou em 45 vídeos e eu sempre recomendo para quem está chegando. É uma porta de entrada do canal para a pessoa ver desde o princípio até as manifestações no cinema dos dias hoje. (...) A partir daí eu vou tocando em pontos específicos: o que é decadentismo ou qual a diferença entre terror e horror (SILVA, 2018, informação oral).

### 2.3.5. Livrada!<sup>32</sup>

<b>Nome do canal:</b> Livrada!	<b>Quem faz:</b> Yuri Ribeiro Al'hanati	<b>Link para o canal:</b> 
<b>Número de inscritos<sup>33</sup>:</b> 30.436 inscritos	<b>Primeira postagem:</b> 21 jul. 2014	

Em 2010, Yuri Al'hanati (o nome é Alhanati, mas adotou a apóstrofe para destacar o som de 'rr' no 'h') criou seu blog Livrada! no WordPress para tratar de literatura. Atualmente com 32 anos, conta que nessa época trabalhava escrevendo sobre oncologia.

Eu escrevia muito sobre câncer, o tempo inteiro sobre câncer e eu falei 'Ah, estou cansado de escrever sobre câncer, muito pesada a rotina. Vou escrever um pouco sobre os livros que eu estou lendo', porque desde que eu entrei na faculdade eu sempre quis trabalhar com literatura e, enfim, aí eu comecei a escrever o blog mais como um exercício de anotar minhas leituras (AL'HANATI, 2018, informação oral).

O canal só surgiria na metade de 2014, quando uma amiga sugeriu que ele gravasse um piloto para o canal. Depois de gravado, Yuri (2018, informação oral) se surpreendeu com a recepção: “a resposta foi muito mais rápida dessa vez, em termos de audiência. Acho que o fato de que o pessoal já fazia, já tinha muita gente fazendo vídeo no YouTube na época e algumas pessoas já conheciam o canal, então fui bem recebido”.

A partir daí, começou a gravar os vídeos para o canal como uma espécie de caderno de leituras, se pautando sempre pelo seu gosto. Segundo Al'hanati (2018, informação oral), o canal procura “trazer livros que eu acho que tragam alguma coisa mais substanciosa de mais conflituoso, (...) alguma coisa que possibilite você sair de uma interpretação una do que seja o livro” – coloca em oposição, por exemplo, aquelas leituras mais rápidas que passa tanto por um livro best-seller quanto por um livro que quer “condicionar os seus sentimentos ao longo da leitura”, que impede que o leitor faça suas próprias interpretações.

<sup>32</sup> Entrevista realizada em 05 set. 2018, disponível no ANEXO 5.

<sup>33</sup> Acesso em: 18 dez. 2018

Um dos incentivos que ele promove também no canal é um desafio literário, chamado Desafio Livrada!. Feito por 15 categorias e um livro obrigatório, a pessoa precisa ler esses dezesseis livros ao longo de um ano como em um bingo. As categorias são escolhidas no intuito de possibilitar leituras diferentes, fora de uma “zona de conforto”. São exemplos da versão de 2018 as categorias “um livro sobre um tema que você acha tabu” e “um livro que se passa num país sobre o qual você não conhece nada”. O desafio será aprofundado na análise abaixo. Em 2018, o canal passou de 18 mil inscritos para mais de 30 mil.

### 2.3.6. Literature-se<sup>34</sup>

<b>Nome do canal:</b> Literature-se	<b>Quem faz:</b> Mellory Ferraz	<b>Link para o canal:</b> 
<b>Número de inscritos<sup>35</sup>:</b> 100.606 inscritos	<b>Primeira postagem:</b> 25 nov. 2012	

O último canal selecionado é o de Mellory Ferraz, que tem o maior número de inscritos. Com pouco mais de 100 mil atualmente, o “Literature-se” surgiu na forma de blog quando ela tinha 17 anos. De acordo com a entrevista, ela criou o blog em abril e começou a postar vídeos no YouTube três meses depois (levando em conta que a primeira postagem é de novembro, os primeiros vídeos devem ter sido excluídos do canal).

Segundo Mell, o desejo de criar o site e o canal com o intuito de conversar sobre literatura surgiu quando mudou de casa, já que era “uma leitora recém-chegada em uma cidade pequena que nem livraria tinha”. O espaço digital foi o respiro que encontrou. Hoje, ela tem 25 anos e está se formando em Estudos Literários na UNICAMP. Sua fonte de renda, atualmente, é da preparação e revisão de textos – além dos publicitários que aparecem no canal.

<sup>34</sup> Entrevista realizada em 16 ago. 2018, disponível no ANEXO 6.

<sup>35</sup> Acesso em: 18 dez. 2018

No começo, era só o meu hobby, então eu só falava do que eu lia como hobby. Aí, eu entrei na faculdade, passei a falar não apenas do hobby, mas o que eu precisava ler para a faculdade. Eu tento trazer sempre o que eu leio, seja de trabalho, de estudo ou de hobby. Hoje em dia é uma mescla disso tudo. (...) Eu acho que o Literature-se é uma mescla da Mellory enquanto leitora, porque vai ter sempre esse recorte, é uma pessoa apenas lendo um mundaréu de livros, não tem como ler tudo, infelizmente, então tem sempre esse recorte que é o da minha visão, o da minha bagagem enquanto leitora e das minhas vontades e das minhas responsabilidades enquanto profissional e estudante (FERRAZ, 2018, informação oral).

### 2.3.7. Imagens dos canais



Agatha Christie (Lar da Agatha) – “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”



Nicolas Neves (Las hojas muertas y otras hojas) – “#Comentando: Vozes de Tchernóbil (Svetlana Aleksíévitch)”



Yuri Al'Hanati (Livrada!) – “S02E42: Androides Sonham Com Ovelhas Elétricas?, de Philip. K Dick”



Mell Ferraz (Literature-se) – “VOCÊ QUER BOA LITERATURA JAPONESA? Voragem, Junichiro Tanizaki”



Gisele Eberspächer (Gisele Eberspächer) – “A mão esquerda da escuridão - Vamos falar sobre livros?”



Alexander Meireles (Fantasticursos) – “Fica a dica: Ainda vale a pena ler a distopia FAHRENHEIT 451?”

## 2.4. Entrevistas

### 2.4.1. Ofício

O primeiro tópico abordado nas entrevistas foi o do Ofício. Os objetivos desse conjunto de perguntas são a introdução dos canais e a construção de um panorama da visão que os *booktubers* têm da parte mais técnica do ofício do crítico: seus espaços de atuação, as razões por trás da criação dos canais, suas intenções e relações com seus repertórios e os motivos para a escolha de um suporte audiovisual entre tantas possibilidades. O foco é a parte mais operacional do “fazer crítico” e as questões sugeridas que apresentam questões sobre o exercício intelectual são aprofundadas no tópico seguinte, o da Leitura.

De certa maneira, todos os canais surgem de uma vontade de falar sobre literatura no sentido da mediação, conforme desenvolvido por Mauro Ventura (2015), mas as aproximações ao objeto são construídas de maneiras diversas. Uma das maneiras de enxergar essas diferenças é visualizar uma linha imaginária; nela, cada canal seria um ponto: os mais próximos da esquerda têm uma abordagem mais acadêmica, ligada às técnicas e metodologias teóricas. Do outro lado, estão os exercícios reflexivos mais fluidos e que se aproximam dos textos críticos impressionistas.

Nessa linha, temos mais à esquerda o prof. Alexander Meireles, responsável pelo canal *Fantasticursos*. Ele diz ter criado o canal para levar as ideias da academia para os leitores, colocar as ideias desenvolvidas nas pesquisas em circulação. Segundo Meireles (2018, informação oral), uma das constatações foi o aumento crescente de participações externas no grupo de discussão de textos fantásticos que promove na UFG.

Cada vez mais, os alunos pediam, perguntavam se podiam trazer gente de fora. Às vezes era o primo que não estava na universidade, ou o sobrinho, ou o irmão, o namorado, a namorada para poder participar das discussões, porque eles não encontravam esse espaço de discussão do lado de fora da universidade.

Tal “espaço de discussão” não é o de literatura fantástica no geral, mas o que ele chama de “tratamento direcionado, específico, para o fantástico com uma forma consistente” que fale dos conceitos mais acadêmicos, da tradição, das origens (MEIRELES, 2018, informação oral). Para ele, as editoras e os *booktubers* estariam preocupados com lançamentos e o espaço ficaria saturado com as novidades. Dessa forma, o *Fantasticursos* surge para explicar alguns conceitos, como as séries básicas do canal sobre fantasia, ficção científica e o gótico, e atender às dúvidas mais pontuais dos inscritos, como “o que é decadentismo” e “a diferença entre terror e horror”.

Com uma postura próxima à de Alexander está Nicolas Neves, do canal *Las hojas muertas y otras hojas*. Nicolas criou o canal quando era adolescente no intuito de compartilhar suas leituras, incentivado pelos questionamentos do canal de Tati Feltrin sobre a legitimidade de falar sobre livros na internet e pelo canal “O Batom de Clarice”, que analisava os textos de sua escritora preferida, Clarice Lispector. O espaço, criado para compartilhar leituras, foi aos poucos abraçando a tentativa de circular no público leitor os saberes confinados na academia.

Esse diálogo entre público e academia é tão intenso que Nicolas chegou a fazer dois vídeos de quase uma hora sobre indicações de literatura teórico-crítica, além de receber por e-mail pedidos de compartilhamento dos textos via PDF e mensagens de pessoas que falam que entraram na faculdade de letras por causa dele e queriam algumas dicas.

Mais no centro da linha aparecem Mell Ferraz, do canal Literature-se, e Yuri, do canal Livrada!. Tanto Yuri quanto Mell tiveram um blog<sup>36</sup> homônimo antes de estruturarem seus canais e, entre os motivos que os fizeram preferir a plataforma em vídeo, estão a receptividade e a facilidade da interação que o YouTube proporcionou. Como disse Yuri (2018, informação oral), já citado anteriormente, sobre a experiência de gravar uma resenha para o YouTube, “a resposta foi muito mais rápida dessa vez, em termos de audiência. Acho que o fato de que o pessoal já fazia, já tinha muita gente fazendo vídeo no YouTube na época e algumas pessoas já conheciam o canal, então eu fui bem recebido”.

No Literature-se, existem vídeos sobre leituras do curso de Teoria Literária e resenhas dos clássicos aparecem como pautas. Alguns desses se tornam projetos de leituras extensas, como no caso de Virginia Woolf e de “Ulisses”, do James Joyce. São vídeos que procuram dissecar os textos do autor com uma abordagem mais sistemática, ainda que não sejam a maioria no canal. Ao longo da entrevista, Mell explica as intenções do canal e elas são esmiuçadas mais abaixo.

O Livrada! tem uma produção parecida, já que faz entrevistas com diversos autores e procura fazer também séries de vídeos que analisem determinadas questões sobre a literatura, como fez sobre a era de ouro da literatura russa. São abordagens mais históricas e contextualizadas. Da mesma forma, esses vídeos não são a maioria no canal, que surge como um exercício de anotar as leituras que são feitas.

---

<sup>36</sup> Os blogs estão disponíveis nos links <https://livrada.com.br> e <https://literature-se.com>. O blog da Mell continua ativo e conta até com colaboradoras para fazer resenhas. A última postagem de Yuri, no entanto, conta de 2017 e, antes disso, apenas postagens de 2016.

Os dois últimos pontos dessa linha são Júnior Stornelli (Agatha Christie), do canal Lar da Agatha, e Gisele Eberspächer, com seu canal homônimo. Júnior criou seu canal assim que se tornou um leitor voraz. Essa criação canalizou duas vontades: a de falar de literatura e a de ser *dragqueen* (onde uma vantagem do YouTube já se insinua: a dimensão visual). Em seu canal, Júnior favorece temáticas que ficam de fora dos canais que ele entende que são “comerciais”, como questões do universo LGBT e dos autores independentes brasileiros. Além disso, é a primeira *dragqueen* brasileira que é *booktuber*. A abordagem que pretende dar para os livros é da parte emocional, quais sensações a leitura desperta – bem próximo do que foi descrito como crítica impressionista no capítulo anterior.

Do mesmo jeito, Eberspächer criou o canal em 2012 como um espaço informal para falar sobre os livros, compartilhar suas leituras. A intenção dela é conversar sobre literatura como em um café, num bate-papo. “O YouTube é como se a gente fosse num café, um bar, e conversasse informalmente sobre um livro e eu acho que isso é uma parte do consumo da literatura e da discussão de literatura que para mim é muito importante, que é: o livro não precisa estar só guardado para discussões acadêmicas muito sérias. Ele também pode fazer parte da nossa vida comum” (EBERSPÄCHER, 2018, informação oral) – vale lembrar que Gisele é mestranda em Letras e mantém relação com os dois tipos de produção.

No entanto, apesar das diferenças na posição dessa linha imaginária traçada, o processo de escrita da resenha é parecido. Em primeiro lugar, destaca-se o fato de que ninguém escreve uma versão da resenha em vídeo antes da gravação. Gisele caracteriza o seu processo como orgânico. Ela costuma a gravar sobre os vídeos que gostou de ler (e, algumas vezes, sobre os livros que os inscritos pedem). Para isso, faz um roteiro com alguns pontos de acordo com as anotações realizadas no próprio livro durante a leitura e grava – algumas vezes conversa com amigos que leram, faz algumas pesquisas, mas é sempre de acordo com o livro. Gisele também tem o quadro de “indicação de não-livros”, onde indica séries, links, filmes e etc.

Nicolas também segue essa linha. Anota no livro enquanto lê e depois, ao reler as anotações, estrutura sua abordagem e acessa seu acervo de livros teóricos para refletir sobre a abordagem e as questões que pretende levantar, um processo que foi aprofundado no próximo bloco de perguntas. Mell Ferraz produz o roteiro e, depois da sua leitura, estrutura os tópicos que acha que são importantes. Em seguida, confere outras críticas, em vídeos ou em texto, como termômetro das suas anotações -

geralmente isso serve para acrescentar algum ponto não percebido durante a leitura, mas nunca para retirar. Por fim, ela grava de acordo com os tópicos.

Alexander (2018, informação oral) descreve seu processo metodológico da seguinte forma:

Eu coloco as ideias principais no papel. Eu tenho um vício que é: eu não consigo fazer no computador. Eu tenho que pegar uma folha A4 e escrever (...). Tudo que eu tenho que falar tem que caber num lado da folha, porque se passar... porque eu já sei que um lado todo da folha dá 4 minutos e meio, mais ou menos.

Yuri não tem um processo específico. Para ele, o importante para um crítico é a bagagem que se tem e as ligações que se efetuam durante uma leitura, por isso destaca que já mantém na cabeça o que pretende falar. Júnior também não escreve antes da gravação, costuma a sentar e repassar mentalmente o que tem a dizer sobre o livro. Suas impressões são solidificadas a partir de conversas com amigos que leram o livro e também assiste resenhas em outros canais do YouTube. Sua busca não ocorre nos canais que acompanha, mas utiliza as ferramentas de busca do site e procura ver posicionamentos de canais variados - prioriza as abordagens emocionais em detrimento das mais técnicas.

Além disso, é o único que não cita a importância da bagagem na entrevista, talvez por ser o mais novo a começar a falar sobre livros, mas é possível supor a partir das outras respostas que existe um caminho de descoberta a ser trilhado - descoberta de autores, de novas leituras. Como veremos à frente, ele também sugere que gostaria de conhecer mais sobre a parte teórica.

Outra aproximação que surge entre os *booktubers* é nas justificativas sobre o YouTube enquanto plataforma, já que a praticidade de produção apareceu como um fator crucial e pode ser exemplificada pela fala de Nicolas (2018, informação oral):

Não preciso pensar muito para poder fazer um vídeo. Agora, para poder fazer um texto, para você poder divulgar o seu trabalho por outras plataformas que não o YouTube, me parece que é uma coisa mais complexa. (...) Com o YouTube eu só preciso de um celular que grave e pronto. É disso que eu preciso. E de um editor de vídeo simples aqui no meu computador. Então, tem muito disso. Agora, uma coisa que acaba sendo negativa nesse processo, pelo menos pra mim, é justamente essa coisa de você sair do anonimato. (...) Nós somos uma classe, né? Os *booktubers*.

Júnior Stornelli também cita a preferência pela ferramenta na facilidade da criação e manutenção, sentindo que não daria conta do que era necessário para manter um podcast

ou um blog escrito da mesma maneira que consegue organizar o canal. Além do mais, sente que é o espaço em que se sente mais à vontade e que, já que apresenta como *dragqueen*, o visual é necessário no momento da resenha.

Alexander elege o YouTube pela presença que tem no cotidiano das pessoas, mas também pela valorização do visual, que tem muito destaque na literatura fantástica – como dito na entrevista, “não adianta falar do monstro, tem que mostrar o monstro” (2018, informação oral). Além disso, Alexander organiza um bloco de *lives*, transmissões ao vivo pela plataforma do YouTube, que contam com a participação do público e traz como convidados pesquisadores e profissionais do mercado editorial. Segundo o professor, ele pretende organizar esses episódios como podcast, já que eles têm cerca de uma hora e meia e, de acordo com os inscritos, seria de fácil consumo.

Para Yuri (2018, informação oral), além das facilidades na edição, na publicação e nas interações, há a vantagem do visual:

As pessoas tratam muito o livro como fetiche hoje e dia e isso é tanto por uma coisa de empréstimo de personalidade que as artes sempre tiveram (...) e as editoras, nos últimos anos, têm percebido cada vez mais a importância de fazer produções gráficas atraentes, interessantes, e isso transforma o objeto-livro também num objeto de desejo, de fetiche. (...) Eu faço esses vídeos em que mostro os livros que chegaram aqui [*os bookhauls*], mostro essas novidades e muita gente assiste para saber o que está rolando no mercado editorial mesmo, mas muita gente assiste porque quer ver os livros, para ver se são bonitos.

Além disso, ele destaca que tem um fator geracional, que horizontaliza as fontes de informação e entende que uma análise no YouTube pode ser tão boa quanto algo veiculado no suplemento literário do jornal da cidade. Para ele, o vídeo no YouTube também atende às necessidades do *multitasking*, já que a pessoa pode assistir aos vídeos enquanto faz outra coisa.

Mell Ferraz e Gisele Eberspächer se aproximaram nas suas falas porque também apresentaram um gosto pelo Instagram. Mell disse que escolheu o YouTube porque gosta das possibilidades de personalização e edição dos vídeos que criam uma identidade para o canal - ela cita que, da mesma forma, o podcast faz isso e ainda tem a vantagem da mobilidade, mas que era uma mídia que ela não tinha proximidade. Gisele diz que o YouTube surgiu como um espaço descontraído para falar de literatura, diferentemente de um blog, por exemplo - que exige mais disciplina e que é uma mídia com a qual ela nunca teve muito envolvimento.

No momento de destacar o Instagram, ambas mostraram como ponto negativo sua brevidade. Hoje, o Instagram possui como principal o compartilhamento de fotos com legendas de até 2.200 caracteres. Um perfil literário, por exemplo, posta fotos de capa e legendas com breves comentários sobre a leitura, cenas dos bastidores, livros lidos e, também, conteúdo pessoal. Além disso, existe o recurso dos *stories* – que são vídeos que ficam disponíveis por 24 horas no perfil da pessoa. Ali, geralmente, são reproduzidas cenas do dia-a-dia, gravações descontraídas e sem a produção toda que um vídeo do YouTube exige. O aplicativo conta, também, com um chat integrado que permite que os usuários troquem mensagens. Mell destaca como vantagem a proximidade com o público pela possibilidade de mostrar o dia a dia, de fazer os *stories*. Gisele usou bastante o Instagram, pelo fato de ser uma mídia bastante intimista, já que permite essa postagem mais próxima e um contato mais direto, mas parou. Essa intimidade com o público, para ela, ajuda a mostrar algo que ela considera essencial para a credibilidade: uma certa “empolgação” com a leitura e a literatura.

Eberspächer comenta que a construção da credibilidade no YouTube envolve diferentes fatores. Em primeiro lugar, ela entende que existe uma diferença nessa construção entre canais que são de veículos oficiais, como algum da Folha de S. Paulo, por exemplo, e entre os usuários do YouTube enquanto rede social, como os *booktubers*. Gisele acredita que o que sustentaria o caso dos *booktubers* é a honestidade, que se surge da empolgação que a pessoa sente com o livro, com o envolvimento que ela tem com a história - tanto por isso que ela relatou que sente dificuldade em usufruir e realizar resenhas pagas. Da mesma forma, Júnior acredita que a credibilidade do que ele vê está ligado mais ao emocional do que um incentivo externo para ler o livro resenhado. Por isso, ele gosta mais de *booktubers* que falam dos livros que gostaram do que aqueles que procuram vender.

Mell entende os problemas com a credibilidade dos canais do YouTube e, durante a entrevista, cita de exemplo o contexto histórico descrito no primeiro capítulo, em que os jornalistas foram desacreditados pelos acadêmicos. Para ela, a construção da credibilidade é um processo difícil porque, ainda que os canais de literatura tenham a honestidade enquanto base, a credibilidade precisa ser construída. Para ela, o estranhamento que há com esses canais é natural.

Da mesma forma, Alexander também percebe a credibilidade como uma construção. Semelhante ao dito pela Mell, ele acredita que o canal deve oferecer seu conteúdo com qualidade e o público acaba dando essa credibilidade de acordo com a comparação entre

os canais e também de acordo com o cumprimento dos objetivos daquilo que busca - por exemplo, pode ter um público que se alinha com o apresentador, com o gosto dele e está preocupado com os pareceres, está preocupado em saber se o apresentador gostou ou não; existem os inscritos que querem se aprofundar na temática e procuram outro conteúdo.

Yuri fica próximo a Alexander, já que entende que existem diversas maneiras de estabelecer um espaço de literatura na internet, com conteúdo relevante e crível. Yuri (2018, informação oral) conta a história de um amigo dele responsável por um perfil literário no Instagram e que ganhou muitos seguidores rapidamente por conta de influenciadores digitais.

Eu acho que ele persiste no trabalho e ele é um leitor completamente iniciante, sabe? Ele não tem nada de mais nas leituras que ele faz, ele não tem nada que possa atrair o público mais crítico a não ser uma experiência de primeiras experiências que ele tem, sabe? Então eu acho que, por ele estar descobrindo os livros e tal, eu acho que talvez muita gente que esteja começando a ler, esteja curtindo ele por causa disso, porque se identifica com ele.

Por fim, para o *booktuber* do canal *Las hojas muertas y otras hojas*, Nicolas Neves, a questão da credibilidade na internet é complicada porque parte da premissa “que qualquer pessoa pode fazer um vídeo para a internet” e isso gera muita desconfiança (NEVES, 2018, informação oral). Por isso, para ele o crítico hoje precisa ter uma noção de organizar as impressões e as informações sobre o texto que leu - como era a crítica feita no jornal e seus suplementos. Nicolas considera que uma resenha que tenha credibilidade é a que tem uma abordagem sóbria do texto, que olhe o texto como uma construção e não como uma sinopse do livro e um parecer da leitura. Seria necessária uma contextualização, algo mais complexo.

Antes que passemos ao próximo bloco, é interessante notar que todos os canais citam a paixão pela literatura como ponto de partida para a criação do canal e parece que, por conta disso, há uma preocupação em fazer a literatura circular pela sociedade, seja de maneira desinteressada, como uma conversa em um café, ou tentando democratizar discussões que ocorrem nas esferas acadêmicas.

É possível perceber uma preferência do vídeo como suporte em todas as etapas, já que quase não há produção em blogs ou podcasts - nem mesmo a produção de uma versão escrita antes da gravação dos vídeos, apenas um roteiro. Por conta das motivações citadas acima, o envolvimento da pessoa durante a leitura, a empolgação com o livro e a

honestidade são destacados como pontos importantes tanto como ideal de produção do canal quanto como critério de avaliação de outros *booktubers*.

Por fim, é notável uma insinuação da lógica de comunidades conforme estabelecido por Fish (1980) no capítulo anterior, já que cada interpretação faz sentido para seu público e é estabelecido por comparação entre canais e entre os vídeos do próprio canal. Por isso, a credibilidade é pautada pela honestidade com o leitor e na reprodução das impressões que ele tem da leitura, não com a reprodução de uma verdade estabelecida.

#### **2.4.2. Leitura**

Para aprofundar as ideias de como eles aplicam essa ideia de crítica ideal e a ideia que tem sobre o trabalho que realizam no canal, o bloco “Leitura” gira ao redor da questão de possíveis diferenças entre um leitor dito comum e uma leitura profissional, chamada de crítica. Além disso, questiona-se sobre a construção de um repertório de referências de outras críticas, os hábitos de consumo do meio em que atuam.

Respondendo a primeira parte das perguntas, para Júnior, do Lar da Agatha, não há uma diferença entre o leitor crítico e o comum porque “arte é sentimento” e completamente pessoal (STORNELLI, 2018, informação oral). No caso do canal, não se arrisca a falar da questão técnica porque afirma não ter o conhecimento. Ele também não assiste a quem faz isso por não saber julgar o que a pessoa analisa, porque seria só uma opinião, mas afirma que tem intenções de se aprofundar mais em conhecer a parte técnica da análise literária.

O restante dos entrevistados acredita que a diferença substancial entre o crítico e o leitor parte da postura do leitor crítico em relação ao texto, do objetivo que ele dá para sua leitura. Algumas argumentações partem, basicamente, da perspectiva que o leitor crítico adota ao se aproximar do texto, outros sobre a necessidade de conseguir mediar a comunicação entre um leitor e o texto.

Para o Alexander, do canal Fantasticursos, a diferença entre leitor comum e leitor crítico independe da academia: o ponto importante é o crítico ter um repertório e oferecer diversas visões para se aproximar de um texto. Para ele, esse contato pode surgir tanto de um leitor engajado, experimentado como pode surgir também num caminho de formação acadêmica – ambas as aproximações têm uma equivalência de valores.

No caso de Gisele Eberspächer, a diferença entre o leitor crítico e o leitor comum reside na intenção das pessoas que os procuram. São os outros que colocam ali a função de

crítica: “Depende muito mais da maneira com que os outros te veem do que como você se posiciona” (EBERSPÄCHER, 2018, informação oral). Como já citado, o *booktuber* do canal Livrada!, Yuri Al’Hanati, acredita que escolher e montar o canal é algo que se forma de acordo com a bagagem, com o acúmulo de leituras do crítico. A bagagem faz parte do negócio – nesse cenário, a bagagem não é necessariamente acadêmica. Ajuda, mas não é necessária. A diferença surge no fato do leitor comum estar preocupado com o fator de entretenimento do livro e o crítico estar preocupado com uma visão analítica - quais as ideias discutidas no texto, o contexto delas, etc. Isso não implica em uma hierarquia, é uma postura que o leitor assume no momento da leitura.

Em sintonia com essas ideias, está Mell Ferraz, do canal Literature-se, que afirma que seu repertório enquanto estudante de Teoria Literária auxilia, mas não entende a formação acadêmica na área como algo necessário. O importante é ter uma bagagem de leitura e realizar conexões no seu repertório literário.

Eu sei muito bem que a pessoa que está estudando, fazendo Estudos Literários, muitas vezes pode não chegar a ter uma bagagem interessante ou desenvolvida para produzir um conteúdo; e muitas vezes a pessoa que não faz estudos literários pode, sim, vir a ter essa bagagem (FERRAZ, 2018, informação oral).

Mell (2018, informação oral) acredita que a diferença entre o crítico e o leitor comum esteja na predisposição de estabelecer um diálogo: “Para mim, a diferença é essa: ele vai disponibilizar aquilo que ele conhece, sobre aquilo que ele está se debruçando, então a informação que ele tem sobre aquilo, sobre aquele objeto dele de análise, para uma pessoa ou mais”. Para conseguir compartilhar, ela afirma que é preciso ter a já citada bagagem de leitura. No entanto, ela conta que sente que, socialmente, o diploma é uma coisa bastante importante para alguém ser considerado um crítico - inclusive, diz que ainda não se considera uma crítica literária e acredita que seja por causa disso.

Nicolas também argumenta nessa direção. Ele diz que a maior diferença entre o leitor comum e o crítico é a expectativa que o público tem em relação ao conteúdo - por isso, para atender essa expectativa, é preciso que o leitor crítico tenha noção do que está lendo, que faça uma leitura profissional e tenha mais repertório e capacidade para articular ideias ao produzir um determinado texto (não necessariamente escrito) - ele chama isso de “maturidade de leitura”. A leitura profissional também precisa entender como funciona a mídia que você pretende adotar, como ela trabalha esses tipos de discursos críticos. “A resenha de livros feita para o YouTube devem ter um tipo de discurso muito próprio. (...) Existe toda uma cenografia que você deve criar e me parece

que essa cenografia contribui mais do que a sua formação para que você tenha público” (NEVES, 2018, informação oral).

Nesse caso ele vê uma vantagem em cursar Letras, mas não como algo determinante.

Quando você trabalha com literatura, estuda literatura, gosta de literatura, como é o meu caso, você consegue acessar, você tem mais facilidade para acessar determinados textos, não é? Então, a minha formação ajuda tanto nesse acesso, mas porque eu também tenho acesso a teorias das mais diversas a partir das quais eu posso ir me aproximando ou me distanciando de determinado texto, de determinado assunto, de determinado autor (NEVES, 2018, informação oral).

No seu processo de criar o conteúdo, Nicolas parte da impressão que teve durante a leitura, procura material de apoio como suporte teórico no momento de organizar o pensamento e então relê as anotações que fez no livro para ver quanto daquilo que pensou tem embasamento no texto. É isso que, para ele, faz com que uma crítica tenha qualidade. Essa articulação, capacidade de trabalhar ideias. Como repertório crítico, acompanha críticas literárias no YouTube, nos blogs, em revistas jornalísticas e acadêmicas.

Alexander e Mell consomem quase o mesmo tipo de crítica. As críticas que Alexander lê são, prioritariamente, dos contatos acadêmicos que ele tem - artigos, coletâneas - e procura sempre citar essas fontes nos vídeos. Por isso, para definir se uma crítica no YouTube é boa, Alexander parte de um comparativo com o que sabe da obra (no caso das obras antigas) e também avalia os outros materiais feitos pelo canal. Sente que os canais que falam só das sinopses e da edição não leram o livro, mas estão fazendo divulgação para editoras.

Mell é um pouco mais eclética nas leituras de críticas. Diz que consome mais críticas em vídeo do que escritas; cita que lê o jornal “Rascunho”, algumas revistas on-line e as críticas publicadas em livros. Apesar de ter contato com a crítica acadêmica, Mell conta que o conteúdo substancial das críticas que lê vem da internet. Costuma eleger como produtores de qualidade aqueles que trazem informações além das que são comuns e conhecidas, e os que têm uma articulação de ideias. Os que ela acompanha por um tempo e sabe que são transparentes também trazem mais credibilidade, uma articulação de ideias próxima à de Alexander, que acredita que o público se mantém fiel a um canal e acredita em seu conteúdo por comparação ao que vê em outros lugares.

Júnior só consome críticos literários em vídeos e assiste ao que segue a linha do seu canal. Quando consome um texto crítico, ele quer ouvir outras opiniões - tanto para

fazer uma resenha quanto para refletir sobre uma leitura. Ele procura pessoas que falem sobre os sentimentos durante a leitura do livro. A prioridade são os canais menores, como o dele, por conta de não gostar de canais com perfil muito comercial (em termos de comparação, o canal de Tatiana Feltrin tem, aproximadamente, 336 mil inscritos e é a *booktuber* brasileira com o maior número de inscritos). O ponto de vista do *booktuber* não importa. “Ele pode ter um ponto de vista totalmente diferente do meu, mas se aquela pessoa está falando da história, do clima do livro e tudo mais é onde eu fico” (STORNELLI, 2018, informação oral).

Gisele e Yuri consomem críticas mais voltadas ao impresso e o texto escrito digital. Gisele consome a revista piauí, o jornal Rascunho, *The New York Times*, *The Guardian* para se informar, além das críticas literárias acadêmicas. Um parâmetro de qualidade para ela é o texto não ficar chato e nem ter incongruências - fatores ligados à questão do afeto, da paixão, da empolgação. Um texto crítico que tangencia o que ela chama de opinião “paga” ou “interessada” e que acaba abafando o contato apaixonado da pessoa com o livro não é interessante para ela.

Yuri assiste pouco às resenhas no YouTube, mas lê material de crítica no jornal Rascunho. Para ele, uma crítica de qualidade é uma crítica honesta. Para ele, esse fator só é percebido de maneira sensitiva, pela sensibilidade de leitor. No que tange a construção de uma boa crítica, ele percebe na escolha das palavras, na argumentação e na construção do texto.

O quadro que surge das respostas desse bloco é uma “horizontalização” das fontes sentido nos próprios hábitos de consumo dos *booktubers*, que consomem produtos de outros *booktubers*, de jornais, artigos acadêmicos, revistas, livros, etc. e os enxergam com a mesma relevância, ainda que cada um com um propósito.

Além disso, há um consenso de que um leitor crítico não precisa ter formação acadêmica, mas deve ter repertório para articular um discurso, concatenar as ideias e apresentar uma leitura coerente sobre o texto lido – independentemente da abordagem ou nível de aprofundamento no texto. Nesse caso, insinua-se novamente a ideia de Fish (1980), tendo em vista que o discurso se torna legítimo pela sua relação com a sociedade e por uma leitura coerente, mas não pela capacidade de conseguir decifrar o que salta da materialidade do texto.

### 2.4.3. Profissionalização

As perguntas no tópico da profissionalização procuram esclarecer as nuances do aspecto financeiro da atividade: livros que recebem e de quem, brindes, material publicitário, capitalização, investimentos no canal e o posicionamento quanto à profissionalização do próprio canal. Para tentar compreender isso, a exposição desse bloco vai ser diferente, com menos interações entre as respostas dos entrevistados.

Em primeiro lugar, o canal que parece trazer mais rentabilidade para o *booktuber* é o de Mell Ferraz, o Literature-se. Mell tem capitalização via anúncios do Google, mas diz que hoje o retorno financeiro é muito baixo se comparado com o que havia quando criou o canal, porque a publicidade ficou mais barata e o Google passou a pagar menos. Mell também tem uma parceria com a Amazon e, nas descrições dos seus vídeos, ela disponibiliza um link<sup>37</sup> para a compra no site – a cada compra realizada por meio daquele endereço uma porcentagem da compra é enviada para a *booktuber*.

Além disso, ela afirma que tem duas outras fontes de renda: o publieditorial, que fecha com editoras e com escritores, e vídeos mais próximos da publicidade, que fecha com empresas, como os vídeos que fez para o Papel Polén e para a TAG - Experiências Literárias. O publieditorial, chamado de “publi” no meio do mercado editorial, tem papel importante, pois é de onde vem a maior parte da renda e suscitou as discussões apresentadas no começo da dissertação, sobre o conteúdo pago, a venda da opinião e o “jabá 2.0.”. Sobre isso, Mell afirma:

O publieditorial que a gente faz hoje nos canais, e que torna tudo mais profissionalizado, não é a venda de opinião. Tem que ressaltar muito isso. É a venda do espaço. (...) É muito difícil essa concorrência de leituras. A questão do publieditorial é mero... é como se ele tivesse falando ‘agora senta e leia esse livro aqui’. É uma questão de encaixe (FERRAZ, 2018, informação oral).

Em sua lógica de produção, os publis passam por um filtro de afinidade com o canal e de gosto da *booktuber*. Na entrevista ela citou um caso em que não gostou do livro e devolveu parte do dinheiro recebido.

Eu peço: me envia capa, título, sinopse, se foi revisado profissionalmente ou não, gênero e o número de páginas. Então, daí ele vai me enviando todas as informações para eu ver se encaixa no perfil do Literature-se, se é algo que eu acho muito bacana de ler e eu

---

<sup>37</sup> O link da Amazon que diversos *booktubers* citam é um link que redireciona para o endereço da loja onde o usuário poderá fazer a compra de qualquer livro. Quaisquer livros comprados via link dos *booktubers* terão 9% do seu valor redirecionado para o responsável. Ao fazer uma compra depois de clicar no link da Mel, por exemplo, 9% do valor total pago vai para a Mell, sem nenhum acréscimo para o consumidor final.

acho que vá dar pano pra manga, vai render um bom conteúdo, e daí eu entro em contato com ele e, assim, eu passo para ele termos de serviço. Então eu explico o que é uma resenha positiva e o que que é uma resenha negativa, e negativa é quando eu não indico de forma alguma, então daí eu posso devolver o dinheiro, falo que uma resenha positiva não necessariamente só vai ter pontos positivos (FERRAZ, 2018, informação oral).

Além dos livros recebidos via publiceditoriais, Mell recebe livros de editoras, de autores independentes e de leitores que querem indicar uma leitura - mas o envio não garante divulgação. Ela também recebe algumas lembrancinhas dos inscritos, como as cartas escritas à mão e que responde sempre que possível.

Por fim, os investimentos que faz no canal parecem ser constantes. Ela cita que já teve que comprar câmera, microfone, iluminação e cenário, além de pagar pela divulgação e impulsionar publicações nas redes sociais. O canal, dessa forma, é visto e organizado pela perspectiva de algo profissionalizado e não um hobby.

Yuri, do canal Livrada!, também tem o canal bastante estruturado. Por sua postura crítica em relação à Amazon, ele não possui um link de vendas e a verba que ocasionalmente aparece é proveniente de algum trabalho pago, como convite para uma mesa com cachê. Suas críticas em relação à multinacional tangem a área da visão de negócio que eles têm e das práticas de consumo que tendem a concentrar o poder de venda e a acabar com livrarias pequenas e outros pontos de venda menores. Yuri cita que o que mais aparece de serviço remunerado são os publiceditoriais e vídeos em que o clube de leitura TAG - Experiências Literárias o convida para participar.

Além disso, Yuri teve uma experiência bem-sucedida com os fãs do canal. Em 2018, a cobertura da FLIP realizada pelo Livrada! aconteceu graças ao apoio dos inscritos que contribuíram em um financiamento coletivo pelo Catarse<sup>38</sup> que arrecadou aproximadamente 8 mil reais. Dos valores, Yuri afirma que Catarse ficou com quase mil reais e, com o restante, conseguiram para pagar a viagem, o material da gráfica e o frete das recompensas dos apoiadores. Esse evento foi um marco importante por conta da visão editorial que Yuri tem do canal:

Eu fiz esse financiamento por causa do Murilo, meu câmera. O Murilo, eu acho que o grande diferencial do meu canal para os outros

---

<sup>38</sup> O Catarse é uma plataforma que visa financiar projetos coletivos. O site permite que você coloque campanhas no ar com o objetivo de arrecadar uma quantia financeira – chamada de meta. A campanha pode ser “tudo ou nada” ou “flex”, com a diferença é que o primeiro tipo não acontece caso a meta não seja atingida dentro do prazo estipulado e a segunda, sim. Geralmente, cada um dos projetos tem valores previamente estipulados e cada um deles gera uma recompensa – desde marca-páginas até camisetas, canecas e pôsteres.

é que eu tenho um câmera e isso me abre um leque de possibilidades que é, por exemplo, ir fazer uma cobertura de evento (...), fazer entrevistas fora de casa, enfim. Sair e ir pra rua. (...) Não é o que dá mais retorno em termos de visualização, de assinantes e tal, mas é o que dá um... sei lá, cara... uma espécie de substância para o canal, sabe? Para sair do mesmo formato de sempre, de mostrar livro e falar de livro, mostrar livro e falar de livro, mostrar livro e falar de livro, né? Falar sobre os autores, falar com as pessoas que leem, ver como é que é um evento literário (AL'HANATI, 2018, informação oral).

Yuri recebe livros de inscritos e da editora. Apesar de não incentivar e ter algumas experiências ruins, às vezes recebe livros de autores independentes. De maneira esporádica, recebe outros produtos, como cosméticos para barba.

Ele não teve que fazer altos investimentos para o canal. A maior parte dos seus gastos foi na parte de iluminação. No começo do canal, teve que arcar com as lâmpadas para um spot de luz emprestado e, posteriormente, adquiriu um holofote de jardim. O equipamento de filmagem fica por conta do câmera do canal, o Murilo.

Para Yuri, a profissionalização do canal passa por duas frentes: a da profissão e a da capitalização. Por isso, entende o canal como algo que faz da maneira mais profissional possível, mas que não pretende capitalizar o projeto.

No período das entrevistas, Júnior, do canal Lar da Agatha, tinha acabado de mudar sua perspectiva em relação ao canal – afirmou que deixava de enxergar o canal como um hobby e passava a vê-lo como uma profissão. Para Stornelli (2018, informação oral), “se eu tiver uma postura de hobby, eu vou fazer isso como hobby para sempre”. Essa mudança de perspectiva veio, então, na tentativa de fazer o canal gerar renda.

Júnior é o único que destaca as parcerias que tem com editoras e que faz sem nenhuma remuneração financeira. Ele tem parceria com as editoras Coerência, Universo dos Livros e Rouxinol. As críticas que tece às parcerias e o desejo de não manter a parceria com duas das três editoras pode elucidar a razão para que os outros canais entrevistados não as tenham citadas. Em sua fala, Stornelli (2018, informação oral) diz que as parcerias são muito pesadas para fazer sem remuneração: “tem que escrever do jeito que eles querem, você tem que fazer um vídeo do jeito que eles querem. Se o vídeo falar, abordar de uma forma que eles não gostaram, eles não vão querer o vídeo ali”.

Segundo a entrevista, os investimentos para o canal são constantes. Além da parte técnica, como câmera, tripé e um softbox caseiro que teve que adquirir, Júnior tem gastos constantes com a renovação do cenário, a produção visual e as maquiagens e roupas para as performances da *dragqueen*. No momento da entrevista, Júnior tinha

acabado de criar um projeto no Apoia.se, site de financiamento coletivo mensal<sup>39</sup>. Atualmente<sup>40</sup>, o projeto conta com 24 apoiadores e uma arrecadação de R\$310 por mês. Segundo o site, com R\$700 pretende dar continuidade ao projeto de Café Literário no interior do Rio de Janeiro, onde mora.

O professor Alexander Meireles, responsável pelo canal Fantasticursos, classifica a produção como uma terapia ainda que, semelhante a Yuri, a faça da maneira mais profissional possível. Segundo Alexander (2018, informação oral), o dinheiro que eventualmente entrar no canal será revertido para sua manutenção, como na compra de novos equipamentos, o pagamento da licença dos programas que usa ou até a contratação de editores *freelancers*.

O professor disse que ativa a monetização dos seus vídeos, mas nunca ganhou dinheiro com isso. O primeiro motivo é que a renda é travada por conta dos direitos autorais de alguns filmes que são reproduzidos nos vídeos e, nesse caso, toda a renda gerada é revertida para quem tem os direitos. Outro motivo para o bloqueio das rendas é a discussão de temas que o YouTube considera impróprio para anunciantes, como os vídeos em que ele discute assuntos como “exorcismo” e “o sobrenatural”.

Uma das iniciativas realizada por Alexander é o curso chamado “Dissecando Vampiros” que cobrou para as pessoas acessarem uma playlist secreta de vídeos no YouTube. Segundo ele, a demanda surgiu do público e, como seria algo trabalhoso, resolveu cobrar dos inscritos para cobrir alguns custos do canal.

Ele já fez diversos investimentos, principalmente em cursos. Estudou sobre edição de vídeos e sobre a plataforma do YouTube – uso de TAGs, criação das miniaturas dos vídeos, organização das *lives* e etc. No momento da entrevista, Alexander disse que estava começando a receber livros gratuitos de projetos independentes e editoras especializadas, mas que já fazia esse processo de divulgação de projetos e livros lançados antes mesmo dos autores o descobrirem.

Para Alexander, uma parceria com editora não seria interessante porque gosta de divulgar o que acha importante e que, numa parceria, seria obrigado a ler o livro, a

---

<sup>39</sup> De maneira parecida com o financiamento de projetos, o financiamento mensal é uma contribuição que feita todos os meses como se fosse uma assinatura. Os projetos têm diversas metas para atingir, como a possibilidade de organizar eventos ou sorteios, e cada contribuição gera uma recompensa, como a participação em bastidores ou em grupos secretos.

<sup>40</sup> Disponível em: <https://apoia.se/lardaagatha>. Acesso em: 29 de janeiro de 2019.

divulgar e aí acabaria oferecendo as mesmas coisas que os outros canais, sendo que não teria tempo de conciliar isso com sua carreira na universidade.

Nicolas, do canal *Las hojas muertas y otras hojas*, tem o link de associado da Amazon como única maneira de remuneração financeira no canal. Além disso, ele cita remunerações simbólicas que surgiram com o trabalho no canal, como os convites que recebe para dar palestras e aulas em universidades e colégios. Já recebeu alguns livros de editoras, mas ele não gosta de receber nem resenhar esses livros, pois não acredita que é uma coisa honesta - nem na construção da crítica, que pensa que deve ser cautelosa, e nem da parte financeira, que ele faz de maneira voluntária e a editora é quem ganha o retorno financeiro. No entanto, já recebeu algumas coisas de inscritos, principalmente livros, mas já outros brindes, como charuto e CDs do Bob Dylan.

Ele afirma que não fez nenhum investimento no canal, mas que algumas novas aquisições são pensadas e feitas de acordo com o uso no YouTube. Cita de exemplo a compra de um celular novo – a preocupação com a qualidade da câmera e do áudio passou a ser algo recente e recorrente, ainda que o celular não seja de dedicação exclusiva para o *Las hojas muertas y otras hojas*. Para ele, o canal é um hobby que tenta fazer de maneira profissional – ele faz sem esperar retorno financeiro e sem esperar o recebimento de livros.

Por fim, Gisele Eberspächer, ao criar seu canal em 2015, ativou a monetização dos vídeos via propagandas do Google. Durante esses três anos ela acumulou 500 dólares, mas nunca resgatou e diz que deixa lá como uma poupança porque tem que pagar diversas taxas para ter acesso ao dinheiro. Outra fonte de renda foi um vídeo patrocinado que fez para a Alfaguara. Também citou certa remuneração intelectual nos convites que recebeu para participar de eventos como bate-papos, palestras e fazer mediações.

Gisele disse que recebe alguns livros de editoras e poucas vezes de autores – desses livros, alguns vem com materiais promocionais, como canecas, mas disse que é raro receber algo de leitores. Não teve que fazer nenhum investimento para o canal, tendo o mais próximo disso a compra de uma câmera, mas que não é de uso exclusivo do canal.

Encerrando esse bloco, é perceptível que a primeira discussão levantada pelos *booktubers* no começo do primeiro capítulo sobre a lógica das parcerias dos canais com as editoras parece ter um reflexo na produção desses canais. De todos, apenas o mais novo possui parcerias e não está contente com ela, desejando sair.

As maneiras de adquirir renda para o canal também são diversas. Surgem como saída os publitedoriais, já discutidos, e os links da Amazon, que aparecem com bastante destaque. Há também as campanhas de financiamento mensal ou de projetos. No entanto, a impressão que salta é que surge do quadro geral é que há pouco interesse mercadológico por parte dos *booktubers* e eles recebem muitos livros de maneira gratuita, tanto por parte das editoras quanto dos inscritos. Ainda que iniciativas mais pontuais ocorram, como o financiamento do Yuri, alguns canais fazem investimentos sem a esperança de um retorno – desejos de aplicar um dinheiro futuro na própria manutenção do canal.

Porém, é possível vislumbrar que Mell Ferraz tem uma estrutura comercial no seu canal e que Junior, do Lar da Agatha, pretende estabelecer seu canal como fonte de renda principal. Assim, não é possível deixar de lado que a escolha do corpo é o recorte de um cenário amplo e complexo e que tais canais, ainda que menos interessados no retorno financeiro, podem servir de exemplos para a existência de um espectro de produções voltadas para o lucro.

#### **2.4.4. Público**

O último bloco da entrevista busca circundar as relações entre *booktubers* e o seu público ao fazer perguntas como: quais pautas são selecionadas, quais são os canais de comunicação/redes sociais utilizadas, como são pensadas as políticas editoriais e qual o papel do público em cada uma dessas etapas?

Talvez por seu canal ser o mais novo entre os dos entrevistados, Junior diz que ainda não consegue inserir o público no processo de escolha das pautas. Como dito, as resenhas do canal Lar da Agatha são de livros que Júnior gosta e que precisam ser mais discutidos e conhecidos, como os com representatividade LGBT e os autores independentes brasileiros, mas acaba falando também de outros autores que ele gosta e já são famosos, como Agatha Christie, Stephen King e Neil Gaiman. Em sua justificativa, Júnior disse que não consegue receber pauta dos públicos ainda porque faz o conteúdo primeiro para ele, mas que precisa mudar essa postura por causa do seu financiamento no Apoia.se, que prevê como “brinde” dos apoiadores uma participação mais próxima do canal, e porque ele sente que é importante para as pessoas que elas sejam ouvidas. Além das resenhas, o que mais entra em pauta no canal do Lar da

Agatha são performances musicais da *dragqueen*, alguns vídeos de perguntas e respostas com interação entre a Agatha e os inscritos, *Bookhauls*<sup>41</sup> e saldos de leitura.

Por outro lado, os *booktubers* com canais mais antigos inserem o público de alguma forma durante suas produções. Segundo Mell, o canal Literature-se é um reflexo dela enquanto leitora, que une o que ela lê por hobby, para os estudos e enquanto profissional do texto, mas nos espaços que surgem durante a produção ela também procura pensar no que seria interessante de conversar com o inscrito, o que os deixaria engajados, coisas que estão em alta e o que eles gostariam de ver.

Além da interação pelas cartas com o público, ela tenta responder todos os comentários do YouTube e e-mails. Ela também mantém uma produção bem intimista no seu Instagram, onde há conversas pelo chat do aplicativo com alguns seguidores e inscritos. O contato com os leitores é uma das coisas que Mell prioriza em sua produção por ser um momento de aprendizagem e de instigação dos hábitos de leitura: Ela sente que o hábito de leitura é reforçado tanto nela quanto com a pessoa que ela conversa.

Para Mell, é esse diálogo também aproxima a literatura, permite que o acesso aos livros seja mais fácil. Um dos exemplos mais fortes na vida da Mell, e que justificam essa importância do diálogo e da criação do hábito de leitura, é a história que ela tem com sua mãe.

Um exemplo real e que me toca muito (...) é a minha mãe ter começado a ler depois dos meus vinte e quatro anos de idade. Já faz um ano que ela começou a ler e, juro, esses dias ela ficou sem dormir. Ela varou a noite para terminar um livro que ela tinha começado naquele dia. Então, ela se tornou uma leitora assídua depois de muito tempo e por quê? Porque antes ela não conhecia, ela não era instigada, ela não tinha esse contato, sabe? Contato, quando eu falo de contato, é conhecer, uma pessoa chegar e apresentar para você e te criar aquele monstrinho da curiosidade (FERRAZ, 2018, informação oral).

O canal de Mell, Literature-se, não se restringe aos vídeos de resenha. Ela faz vídeos de perguntas e respostas com os inscritos, responde e propõe TAGs<sup>42</sup>, faz *Bookhauls* e os Lidos do Mês<sup>43</sup>, uma série de vídeos chamada de “Vídeo-Discussão”, em que ela traz um assunto polêmico para discutir (como, por exemplo, trouxe para a pauta uma polêmica surgida por um *tweet* que criticou o fato de que o ex-presidente Lula, depois

---

<sup>41</sup> De maneira resumida, *Bookhaul* é um tipo de vídeo onde o *booktuber* expõe a lista de livros recebidos de presente dos inscritos, enviados por uma editora ou livros comprados.

<sup>42</sup> TAGs são uma espécie de corrente que não está restrita ao universo dos *booktubers*, mas em todo YouTube. São vídeos temáticos, como 50 fatos sobre você mesmo, e que você pode marcar (taggear) outro *booktuber* para que responda também.

<sup>43</sup> Tipo de vídeo em que todos os livros lidos no mês anterior são apresentados e resumidos. Algumas vezes, se o livro tiver aparecido no canal, existem os links que te direcionam para a resenha.

de encarcerado, lia 55 páginas por dia. O *tweet* dizia que todo leitor sabia que isso era impossível), traz dicas de organização de agenda e de cronograma de leitura, faz uma série de leituras para clássicos que ela acha que são mais difíceis de acessar, como já fez “Lendo Ulisses” e “Lendo Virginia Woolf” e, por fim, também grava suas resenhas.

As pautas de Nicolas, do *Las hojas muertas y otras hojas*, aparecem de acordo com o que ele lê por prazer, para as aulas e para os trabalhos da UFSCAR. Ao longo dos anos de existência do canal, a interferência dos inscritos se tornou mais intensa com projetos de leitura coletiva, que são feitos para atender a demanda de inscritos. Nicolas já realizou leituras conjuntas entre ele e os inscritos de livros como “Os Irmãos Karamázov”, do Fiódor Dostoiévski, da “Bíblia” e de “Sandman”, do Neil Gaiman. Por conta disso, a maior parte dos vídeos de Nicolas são resenhas, mas faz vídeos de melhores leituras do ano, de Lidos do Mês, responde a algumas demandas diretas do público – como vamos ver mais abaixo –, e algumas poucas vezes comenta sobre questões em voga, como fez no incêndio do Museu Nacional e quando a rusga entre Tati Feltrin e Ronaldo Bressane, citada no começo do primeiro capítulo, aconteceu.

Nicolas também fez um vídeo, dividido em duas partes, sobre indicações teóricas para formação de leitores críticos por conta de uma demanda crescente dos inscritos. Segundo Neves (2018, informação oral), o público dele é bastante universitário e essas questões mais técnicas foram surgindo. A resposta do vídeo foi positiva e ele diz que até hoje recebe agradecimentos e mensagens de pessoas que entraram na faculdade de Letras depois de começar a acompanhar o canal dele.

Para Yuri, do canal *Livrada!*, o público influencia pouco no dia a dia de fazer as pautas, porque ele lê o que surge da vontade. Mas os inscritos influenciam bastante num quadro geral - já que pedem para comentar mais sobre determinados autores, determinadas obras e, também, apresentam e sugerem coisas novas. Yuri (2018, informação oral) cita um caso dessa troca de experiências: “Eu nunca esqueço que o autor que eu mais gosto hoje em dia, que é o Don DeLillo, foi um cara que me apresentou em um comentário lá no blog, há muito tempo atrás”.

Um fator que surpreende Yuri é a gratidão o público tem por ele. “Me parece, pelo jeito como eles falam, que realmente faz uma diferença na vida delas, assim, falar sobre isso, falar sobre livros, ter um canal, ter uma regularidade, apresentar autores novos” (AL’HANATI, 2018, informação oral). O Facebook é uma plataforma de bastante

interação do público no canal Livrada!, principalmente por causa do grupo dedicado à comunidade.

O grupo surgiu da iniciativa de leitores para discutir entre si o desafio anual de leitura do canal, chamado de Desafio Livrada!. O espaço quase não tem moderação do Yuri - que basicamente evita a postagem de memes. Segundo Al’Hanati (2018, informação oral), esse tipo de postagem “tira muito o caráter de discussão do grupo, as pessoas ficam ali mais para tentar, sei lá, tentar aparecer alguma coisa do que propriamente, sei lá, discutir um livro. Entrar nessa cultura do leitor ‘ah, eu sou leitor, faço piada sobre livro, sobre comprar livro’”.

O Desafio Livrada! é outro ponto forte de contato com o público. Quando os desafios de leitura começaram a ter destaque na internet, Yuri diz que muitos deles diziam respeito ao número de páginas ou capa e ele resolveu pensar em algum que fosse pautado pelo conteúdo dos livros. Então, em 2011, bolou a primeira edição do desafio com categorias que contemplassem os prêmios Nobel de Literatura. Depois de algumas mudanças, o formato hoje contempla 14 categorias em forma de um bingo literário e um livro obrigatório (com um substituto, caso alguém já tenha lido).

Como exemplo, o Desafio Livrada! de 2019 propõe a leitura de: 1. Um livro para ser lido em um único dia; 2. Uma peça de teatro grego; 3. Um romance húngaro; 4. Uma escritora brasileira viva; 5. Uma ficção política; 6. Um vencedor do prêmio Gouncourt; 7. Um livro de filosofia; 8. O primeiro romance de um autor que você gosta; 9. Um livro escrito por um xará de nome ou de sobrenome; 10. Um livro com uma capa feia; 11. Um livro sobre artes plásticas; 12. Uma HQ adaptada a partir de um livro; 13. Um livro que se passa na época de seus avós; 14. Um autor falecido em 2018; 15. Almas Mortas, de Nikolai Gógol (caso tenha lido, a leitura obrigatória se torna O 18 Brumário de Luís Bonaparte, de Karl Marx)<sup>44</sup>.

Yuri também traz para o canal entrevistas com atores do meio literário, como romancistas, tradutores, editores e poetas. Além disso, também produz vídeos de TAGs polêmicas e mais engajadas, como a TAG “#LulaLeitor” ou “Tag do Governo Bolsonaro”.

---

<sup>44</sup> No fim de 2018, posteriormente às entrevistas, Mell também aderiu à criação de um desafio de leitura, o Desafio Literature-se 2019, com foco nos gêneros textuais. Seu desafio contempla as seguintes categorias: 1. Uma história muito conhecida (mas nem tanto pelo livro); 2. Tragédia; 3. Bildungsroman; 4. Folhetim; 5. Literatura Gótica; 6. Literatura Fantástica; 7. Distopia; 8. Roman à clef; 9. Intertextualidade; 10. Nouveau Roman; 11. Contos; 12. Poesias.

Gisele Eberspächer caracteriza seu processo de pautar os vídeos como algo “bem orgânico” porque ela lê o que está com vontade, seleciona o que acha mais interessante e faz resenhas individuais. No fim do mês, quando faz vídeos de Lidos do Mês, todas as leituras aparecem e, algumas vezes, o público pede a resenha de um livro em específico que ela leu. Gisele atende essas demandas em alguns casos. No geral, ela lê livros de literatura brasileira contemporânea, não-ficção, quadrinhos ou clássicos. Além das resenhas individuais e os Lidos do Mês, Gisele também faz vídeos de indicação de leituras, de indicação de não-livros e apresenta livros novos.

Para Alexander, do Fantasticursos, as pautas do canal devem estar ligadas a um dos três tópicos do canal, a fantasia, o gótico ou a ficção científica, com um limite cronológico que seja até meados do século XX - ainda que, eventualmente, o intervalo seja extrapolado. As pautas são “centrada[s] na tradição, nas obras da literatura e do cinema que fornece as bases para o que é produzido nos dias de hoje”, mas leva em consideração a experiência em sala de aula e as dúvidas que tira de lá, como “de onde surgiu essa confusão entre o nome do personagem e o nome da criatura?” (MEIRELES, 2018, informação oral) para falar sobre “Frankenstein”, de Mary Shelley. O que resulta desse processo são séries de vídeos que se aprofundam em conceitos, em autores ou em temas, mas Alexander também traz ao canal as resenhas de alguns livros que acha interessante e as *lives* com convidados que dialogam com as pautas do canal.

Como política editorial, Meireles procura trabalhar os vídeos com cerca de cinco minutos. “Eu já fiz vídeo de treze minutos, catorze minutos, que as pessoas veem, mas não veem tanto quanto um de seis, um de sete minutos” (MEIRELES, 2018, informação oral). Segundo ele, a faixa etária do público engloba jovens e adultos e é a mesma que a dos outros portais de cultura nerd/geek, como Jovem Nerd e Omelete, o que comprovaria sua ideia de público segmentado, já que estes portais estão preocupados com uma cobertura mais atual e pontual do cenário e seu canal se aprofunda em questões conceituais.

Alexander destaca que as coisas que mais o preocupam para estabelecer uma política editorial no canal são a duração do vídeo e o equilíbrio entre a linguagem acadêmica e a coloquial. De resto, ele acredita que o público se acostuma com o jeito do *booktuber*.

Para Gisele, os vídeos devem ter entre 10 e 15 minutos. Dentro desse tempo, ela procura seguir um roteiro: sinopse, apresentação de conceitos/assuntos para debate e os aspectos que gostou ou não gostou - mas sua estrutura não é rígida. Para Nicolas, não há uma

diretriz fundamental para o canal - nem para tamanho, nem para pautas. Ele é movido pelo gosto e, vale ressaltar, seus vídeos tem entre 45 minutos e uma hora.

Yuri define a linha editorial do canal pautado na duração dos vídeos, estabelecendo para as resenhas algo entre 10 e 15 minutos, e os de *Bookhaul* ou entrevista com até 30 minutos. A intenção de suas pautas é trazer uma literatura que tenha consigo questionamentos, conflitos e que seja algo diferente do que se vê em outros canais.

Mell também segue essa linha e procura não fazer uma coisa longa, com até 10 minutos. Em seus vídeos, procura trazer vocabulários diferentes, sair do coloquial puro. “Eu não vou nivelar por baixo(...), mas eu também não vou tornar aquilo hermético” (FERRAZ, 2018, informação oral).

Como linha do canal, Júnior procura fazer vídeos de 5 a 8 minutos, no máximo, e acredita que é o gênero dos livros que molda o público. O contato que Júnior mantém com os inscritos é pautado na presença em eventos e no grupo secreto do Facebook para apoiadores, mas também troca mensagens em outras redes sociais. Hoje tem diversos grupos com outros *booktubers*, tanto dos parceiros das editoras, quanto das pessoas que conheceu na Bienal.

O contato que Nicolas mantém com os inscritos ocorre por meio dos comentários do YouTube, mensagens no Facebook, Instagram ou no e-mail. Além disso, pelo tipo de livros que resenha, Nicolas tem contato com conhecidos na universidade que assistem a seus vídeos. Segundo Nicolas (2018, informação oral), os vídeos de leitura coletiva são os que têm mais interações.

Para Yuri (2018, informação oral), o público escolhe o canal principalmente por conta do gosto literário do *booktuber* da mesma maneira que as pessoas procuravam críticos específicos no jornal. Existe uma identificação ou uma afinidade com o crítico. Yuri cita que, no seu canal, há muita visualização e interação de pessoas que moram em cidades do interior, possivelmente pela falta de possibilidades de espaços literários na cidade. Esses contatos ocorrem via comentários do Facebook, no YouTube e no Instagram.

As comunicações entre Alexander e seu público são feitas no Facebook, onde também divulga notícias, campanhas no Catarse e replica o conteúdo do canal. Além disso, Meireles tem um grupo aberto de discussão no WhatsApp e, em ambos os canais, procura responder as dúvidas dos inscritos, além de indicar artigos e livros acadêmicos.

Para Alexander, o público é pautado primeiro de acordo com o gosto de quem faz o canal e, nesse ponto, pode influenciar de maneira bastante incisiva o gosto de um inscrito que é um leitor em formação. Por isso, Meireles (2018, informação oral) diz: “eu tenho muito cuidado com o que eu falo, porque eu sei que pode influenciar as pessoas para um lado ou para o outro, tá? Inclusive para o consumo de livro ou de posicionamento ideológico nesse aspecto”.

Segundo Alexander (2018, informação oral), o público se alia bastante à personalidade do *booktuber* e essa intimidade é um fator crucial para a formação de leitores.

Os *booktubers* têm uma presença relevante e são responsáveis, os principais responsáveis, mais até do que a academia, por trazer novos leitores. Então, ao mesmo tempo, é necessário que eles também se tornem responsáveis, se tornem cientes desse processo, do lugar deles nos dias de hoje. Não é só... eu quero crer que a grande maioria está preocupada, de fato, em falar de sua paixão. Os *booktubers* são muito disso, eles falam do jeito que eles gostam, eles não estão preocupados de falar da narrativa, do enredo, dos tempo-espacos, tal, eles falam do jeito que eles gostam e eles encantam o público deles pela paixão que eles imprimem em suas análises. Isso é muito importante porque isso tira um pouco essa sacralidade da literatura, você aproxima a leitura de um prazer e nesse aspecto eles são extremamente importantes por imprimir essa paixão no objeto livro.

Gisele e Mell fazem observações que se aproximam do comentário de Alexander. Segundo Gisele (2018, informação oral), existe muita curiosidade sobre os bastidores da produção crítica. “As pessoas têm muita curiosidade de saber mais sobre os livros de teoria literária, eu acho isso bem engraçado. É um momento em que a pessoa que está assistindo não vê só isso como bastidor, mas ela também quer participar desse bastidor”. Hoje, ela mantém contato com os inscritos exclusivamente via comentários no YouTube, mas usava o Instagram por conta dessa intimidade. Para ela, a constituição de um público é feita não só pelos livros lidos, mas pela opinião do *booktuber* sobre os livros lidos.

Nesse caminho, Mell (2018, informação oral) mantém muito contato com outros *booktubers* e acredita que é o gosto literário que molda o público e ressalta a importância de debater e dialogar sobre o campo literário para que ele continue fértil:

A gente precisa falar sobre literatura porque é só assim que a gente tem esse contato, esse conhecimento e fica sabendo e pode ficar sentindo curiosidade a respeito. Então, quando tem essa polêmica: ‘ah, os *booktubers* são profissionais? *Booktubers* recebendo?’ Cara, vamos conversar sobre isso, sabe? Bora conversar. É algo que tem que ser transparente

Ao terminar o último bloco, é interessante ressaltar que não há o estabelecimento de grupos diretos daquele do Livrada! no Facebook. Isso revela que os *booktubers* se tornam uma espécie de pivô numa possível interpretação comunitária, já que os espaços que surgem são os dos comentários no vídeo e a comunicação direta com o próprio *booktuber*, algumas vezes reforçada no uso de outras redes sociais, como o Instagram e o Facebook. O diálogo que ocorre, para além dos comentários e mensagens, é a produção de vídeos de acordo com o desejo dos inscritos.

No entanto, é perceptível que o principal na produção é o vídeo-resenha dos livros lidos de acordo com o gosto do *booktuber* e a comunidade se aglutina no sentido de analisar sua interpretação e pedir outras leituras e análises. Insinua-se uma relação que pode ser exemplificada na figura de um porta-voz, falando por um grupo, e os vigias, integrantes desse grupo, que procuram balizar a leitura oficial que os representa – seja participando nas ferramentas dos comentários, no chat de outras redes ou retirando sua inscrição do canal.

Talvez para fomentar esse diálogo e reforçar os limites de sua comunidade surge a preocupação com o hábito da leitura, da formação de leitores, da busca por projetos de leitura conjunta e do incentivo à leitura. Foi possível perceber que, talvez para manter o ritmo da interatividade, os vídeos são mesmo curtos, em sua maioria, mas vídeos mais longos são aceitos de acordo com a proposta de cada um. Leituras em conjunto, por exemplo, podem ter diversos vídeos de pouco tempo – e que, se somados, são equivalentes a um vídeo de longa duração. Existem também canais com vídeos longos que tem seu próprio público ou nos canais que tem quadro com vídeos mais extensos que o de costume. O fator do tempo dos vídeos se mostrou maleável.

O retrato que surge dos quatro blocos de entrevista é que, levando em consideração a circulação da literatura nos moldes do começo do capítulo, a crítica surge como uma esfera específica e responde a algumas necessidades do campo – como apresentar obras para o público e oferecer interpretações sobre obras e autores.

O que ocorre é que a maneira como essas necessidades são trabalhadas mudam de acordo com seu entorno. O crítico que era antes responsável por dizer quais autores precisam ser lidos, o que se poderia pensar sobre a leitura e o que, de fato, era dito nas obras, agora obedece outra lógica, ele oferece interpretações sobre obras lidas. Suas interpretações podem ser contestadas ou reforçadas pela sua comunidade, vigilante.

Em relação ao que foi destacado nos capítulos anteriores, quase não há parcerias com editoras ou a presença de publicitários como fonte de renda. Sem a possibilidade de se saber se por causa ou consequência, poucos canais apareceram como preocupados com lucro. Assim, o que resta é comparar as impressões que surgiram da entrevista com a produção dos vídeos de realizada pelos *booktubers*.

## CAPÍTULO 3: *Booktubers* na prática

### 3.1. Os vídeos

Como última parte da pesquisa, este capítulo analisa a parte palpável da produção dos *booktubers*: os vídeos. Essas publicações são fruto do processo exposto no capítulo anterior e, para que possamos nos aproximar deles, utilizarei parte da metodologia utilizada por Tauana Jeffman (2018) em sua tese, já citada anteriormente.

Como dito, em seu trabalho ela se dedica ao estudo das performances dos *booktubers* na comunidade de leitores e das relações que estabelecem na comunidade literária de acordo com o gosto. Na sua pesquisa, ela analisa alguns vídeos e destaca a importância de se analisar o aspecto visual da resenha. Em primeiro lugar,

quando criam um canal no YouTube, os *booktuber[s]* fornecem informações visuais e verbais sobre a sua identidade enquanto leitor. O modo como inserem informações na plataforma – por meio das descrições, por exemplo – e o tipo de informações que contemplam seus vídeos são expressões transmitidas (JEFFMAN, 2018, p.167).

Tauana (2018, p.167) também afirma que o próprio ato de escolher uma rede social para ter um perfil, a maneira de usá-la, qual conteúdo postar e como se relacionar já oferece uma performance dos gostos e revela uma “identidade mosaico” para os inscritos se identificarem – ou distanciarem. Essa identidade, como visto nas entrevistas acima, é um fator importante no momento de estruturar seu canal e pensar com quais leitores você quer se relacionar.

Todos os *booktubers* entrevistados ressaltam a importância de um determinado gosto para ter sua parcela de inscritos no YouTube ou em quaisquer outras redes sociais – e isso é em qualquer nível de fruição: as leituras por prazer, para os estudos ou porque foram pagas, as impressões que se tem sobre os livros lidos, a personalidade do crítico e a profundidade do material tratado. Tanto na pesquisa de Tauana (2018) quanto no resultado das entrevistas, o gosto se revelou como um eixo fundamental para as organizações no ambiente digital e, em sintonia com o que foi revelado no primeiro capítulo, não há uma defesa de um “bom gosto” universal, são preferências.

Como resultado de sua pesquisa, Tauana (2018) estabeleceu alguns pontos em comuns nos vídeos. Em primeiro lugar, Jeffman (apud. Peixoto, 2018, p.219) destaca uma

estrutura básica em *vlogs*<sup>45</sup> do YouTube. O vídeo começa com uma abertura, quando o booktuber introduz o assunto a ser tratado, como um lead ou uma chamada de um telejornal. Em seguida, há a vinheta de abertura e o conteúdo pautado – no nosso caso, a resenha propriamente dita – e, por fim, o encerramento com um pedido de interação (curtir e compartilhar o vídeo, comentar na página do YouTube e se inscrever no canal). Jeffman (2018, p.219) afirmou: “Observo estas quatro etapas nos canais literários, apesar da primeira ser menos notória. Já as outras três estão presentes em praticamente todos os vídeos”.

Em relação ao fechamento do vídeo, Tauana (2018, p.219) falou que

é corriqueiro que, ao findar a explanação, os *booktubers* solicitem a participação dos seguidores através dos comentários no vídeo (...) estratégia que busca alimentar o relacionamento com o público. Neste viés, na concepção de Peixoto (2014, p. 49), mais importante do que pedir *likes* e compartilhamentos é incentivar os comentários nos vídeos, convidando os seguidores a participarem do conteúdo do canal.

Além disso, externo ao vídeo, a pesquisadora revelou que os recursos ofertados pela plataforma do YouTube eram amplamente utilizados e formavam a identidade visual dos canais dos *booktubers* e impingiam uma personalidade específica. Esses recursos são utilizados nas páginas principais nos canais, nas miniaturas de imagem dos vídeos, nas descrições dos vídeos e nos links de acesso para outras redes sociais.

Para chegar nessas conclusões, Tauana (2018, p.46) montou um roteiro de observação para analisar os vídeos e, no eixo que ela chamou de “A representação do eu”, elegeu seis categorias de análise para perceber como *booktuber* constitui sua identidade. Elas são: “Aparência Visual” – que analisa a fachada pessoal do *booktuber*; “Linguagem Verbal, Gestual, Corporal” – ligada às expressões e formas de linguagem; “Cenário (espacialidades e objetos)” – onde analisou o espaço material que circunda o *booktuber*; “Papel constituído” – o papel social que cada *booktuber* adota; “Temporalidades” – periodicidade do canal; e “Uso de recursos audiovisuais e da plataforma YouTube” – que procura os conhecimentos técnicos dos *booktubers* nos momentos de gravação, edição e divulgação.

O que este capítulo faz é se inspirar nessas categorias de análise para verificar a produção audiovisual dos *booktubers*. A categoria “Papel constituído”, no entanto, não

---

<sup>45</sup> *Vlog* é a abreviação de *Video Blog*. Como o nome sugere, é um blog gravado em formato de vídeo e hospedado em sites como YouTube. Como em um blog, os formatos e assuntos são variados e refletem a opinião de quem grava.

se aplica ao objetivo desta pesquisa, mas em seu lugar eu amplio a categoria das linguagens para um estudo mais aprofundado do texto elaborado pelos *booktubers*, procurando analisar o que é dito sobre o livro e de quais formas.

Nesse sentido, a pesquisa catalogou seis meses de publicações de vídeos em uma tabela (disponível nos Anexos). Essa tabela gerou uma média e um total de tempo de vídeo e uma média e um total de visualizações. A partir desse recorte temporal, três vídeos de resenha foram escolhidos e analisados minuciosamente. Numa segunda etapa, a análise do vídeo será comparada com o que foi dito nas entrevistas para guiar-nos às conclusões do trabalho. Os vídeos escolhidos são todos da categoria de resenhas e a escolha se deu porque, além do que foi destacado nas entrevistas, a produção dos *booktubers* como um todo é bastante variada. Em sua pesquisa, Tauana (2018, p.44) organizou 12 categorias:

*Tag*: Vídeos dedicados às tag's, variando entre a tradução/criação de uma tag ou a resposta de quem foi tagueado. Geralmente a palavra "TAG" era inserida no título do vídeo; outras vezes, a categoria revelava-se a partir da observação do seu conteúdo.

*Resenha*: Vídeos que foram produzidos exclusivamente como resenhas de um ou mais livros. O conteúdo de uma mesma obra pode permear vários vídeos, desdobrando-se em diversos diálogos. Deste modo, esta categoria tem como intuito agrupar os vídeos dedicados à explanação do conteúdo do livro, impressões do *booktuber* sobre este e demais informações tendo a obra – ou as obras – como elemento norteador da conversa.

*Atualizações*: Vídeos que atualizam os seguidores ou quem acompanha os *booktubers* sobre suas leituras, aquisições e presentes. Entram nessa categoria vídeos de leituras que serão feitas, últimas leituras realizadas, últimas compras e últimos livros e presentes recebidos. São vídeos geralmente postados no início e no fim do mês.

*Gosto*: Vídeos que revelam explicitamente os gostos dos *booktubers*, como lista de favoritos, lista de indicações ou diálogos sobre preferências.

*Projetos de leitura*: Vídeos que contemplam projetos de leitura, geralmente com uma sequência lógica e simultânea entre vídeos e páginas lidas, e/ou realizado com outros *booktubers* e/ou com seguidores.

*Vídeos de socialização*: Engloba vídeos que foram gravados com outras pessoas – indicado pela expressão "feat." [abreviação de 'com participação de' em inglês], ou que se destinam a uma maior aproximação entre os *booktubers* e os seguidores. Vídeos de maratonas, desafios, jogos, e "Você escolhe" [o conteúdo do canal] compõem esta categoria.

*Vídeos de contemplação*: Vídeos contemplativos, nos quais contempla-se uma data, uma comemoração, uma ideia, etc., resultando em vídeos com um tom mais emocional.

*Unboxing*: Vídeos dedicados a esta prática [*de gravar a abertura de caixas de produtos comprados pela internet*], englobando desde compras de livros até caixas surpresas.

*Vídeos confessionais*: Vídeos nos quais dialogava-se sobre o canal, sobre o *booktuber* ou assuntos relacionados a este.

*Séries, filmes e músicas*: Vídeos relacionados a demais produtos da Indústria Cultural para além do livro.

*Vídeos criativos*: Vídeos de paródias, performances e dramatizações, tutoriais, etc.

*Publieditorial Amazon*: Espaço comercial dedicado à Amazon.

A categorização não impede que um vídeo preencha mais de uma categoria; no caso dos *bookhauls*, por exemplo, podemos ter uma mistura da categoria de “Unboxing”, se ele estiver abrindo caixas de presente, por exemplo, como manter seu papel de “Atualizações” normalmente. No caso dessa pesquisa, cataloguei como “Projeto de Leitura” e “Resenhas” os vídeos que faziam parte de algum projeto, mas poderiam ser vistos de maneira isolada - como é o caso de um projeto de leitura sobre o pacto fáustico, desenvolvido no canal *Las hojas muertas y otras hojas* em que cada vídeo é a resenha de um livro diferente.

No entanto, algumas modificações nessa nomenclatura se fazem necessárias. Em primeiro lugar, o “Publieditorial Amazon” deveria aparecer apenas como “Publieditorial”, já que a Amazon é apenas uma das possibilidades e as editoras e outras empresas têm contratado *booktubers* para falarem de seus livros ou de algum material patrocinado. Nesse momento em que a ideia da parceria é tão avessa aos produtores de conteúdo, o “publi” tem surgido de várias fontes.

Além disso, acrescentaria quatro categorias que surgiram durante minha observação:

*Cobertura de Eventos*: A cobertura de eventos é diferente dos vídeos confessionais, de socialização ou de contemplação, porque não se destina a se aproximar do leitor, de refletir sobre uma ideia ou expor uma particularidade do *booktuber*. Ele tem como objetivo capturar a experiência do evento, como a cobertura da FLIP 2018 pelo canal *Livrada!*, e trazê-la para quem assiste ao vídeo – e isso pode ser feito em vários formatos, seja mais próximo de uma matéria televisiva, com gravadores e tudo mais, ou em formato de *vlog*. O foco do vídeo recai sobre o acontecimento.

*Entrevistas*: Diferentemente do vídeo de socialização, o vídeo de entrevistas é como um *talk-show*, em que se procura estabelecer um diálogo entre o *booktuber* e seu convidado

e fazer com que essa conversa gere algum tipo de conteúdo informativo – não é uma busca pela interação com a comunidade *booktube* ou uma aproximação com o inscrito.

*Leitura Pública:* Essa categoria diz respeito aos vídeos que são gravados apenas com o fim de reproduzir alguma obra – seja em parte ou completa. Ainda que com pouca presença, alguns vídeos são feitos para a leitura de poemas ou trechos de livros.

*Artigos:* Os vídeos produzidos nessa categoria dizem respeito aos que pretendem destrinchar algum conceito, período histórico, contextualização cultural, escola literária, etc., mas sem resenhar nenhum livro de maneira específica.

## **3.2. Análise dos vídeos**

### **3.2.1. Lar da Agatha**

O intervalo analisado no canal Lar da Agatha foi do dia 29 de abril até o dia 29 de outubro de 2018. Nesse período, o canal publicou 45 vídeos. Destes, a média das visualizações e da duração dos vídeos foi de 273 visualizações e de oito minutos, respectivamente. Os 45 vídeos totalizaram quase seis horas de material e foram reproduzidos 12.288 vezes.

A periodicidade do canal é irregular. Há dias em que mais de um vídeo vai ao ar e, em outros momentos, períodos de mais de 4 dias sem postagem de vídeos. No material levantado é possível visualizar as categorias de vídeos de “TAGs” (“TAG 20 FATOS LITERÁRIOS SOBRE MIM”), de “Gosto” (“20 LIVROS COM REPRESENTATIVIDADE”), de “Confessionais” (série de vídeos “AGATHA RESPONDE” em três partes, procurando responder perguntas sobre a vida pessoal), vídeos *Bookhaul* que atuam exclusivamente na categoria “Atualizações”, já que não abre nenhuma caixa, vídeos de “Unboxing”, “Criativos”, que englobam as performances mais ligadas ao universo *dragqueen*, como as *lip-syncs*<sup>46</sup>(“THIS IS HALLOWEEN”), “Cobertura de Evento” (FLIP 2018 e Bienal do livro de SP), “Contemplação”, sendo que um deles é o vídeo de abertura fixado no canal, em que ele apresenta a proposta de seus vídeos, mas também faz uma campanha contra o bullying e conta sua experiência, e os vídeos de “Resenha”.

Numa contagem de acordo com as categorias, temos: “Gosto”, “Unboxing” e “TAG” com uma publicação cada; três vídeos nas categorias de “Socialização”, “Cobertura de Evento” e “Contemplação”; quatro vídeos na categoria de “Atualização”, cinco vídeos

---

<sup>46</sup> *Lip-sync* é um tipo de performance em que se finge estar cantando uma música, que toca ao fundo, por meio da sincronia labial (*lip synchronization*).

que são “Criativos” e outros cinco “Confessionais”. Por último, 19 vídeos que são “Resenhas”. Desses vídeos, apenas um compartilha mais de uma categoria – que é um vídeo de “Resenha” feito com a participação de outro *booktuber*, ou seja, também de “Socialização”.

Os nomes dos vídeos não possuem nenhuma padronização categórica. São todos escritos em caixa alta, sem nenhuma identificação prévia. No entanto, as miniaturas, que são como uma imagem de capa dos vídeos, parecem responder a esses requisitos. Com exceção de dois vídeos de resenha, todos os outros possuem uma miniatura da Agatha com o livro na mão, em exposição. Os vídeos de resposta ou de TAGs têm as perguntas escritas ao lado da imagem da Agatha. As performances têm como miniaturas algum *frame* retirado da gravação.

As parcerias das editoras não são marcadas em elementos externos aos vídeos – não há indicação na descrição ou no título; no entanto, ao falar sobre o livro, Agatha geralmente revela a origem do interesse da leitura - se foi enviado por alguma editora parceira ou indicado por alguma amiga e etc. Dentro desses vídeos-resenha, os três selecionados para análise foram “CORALINE”<sup>47</sup>, “ENTREVISTA COM VAMPIRO”<sup>48</sup> e “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”<sup>49</sup>.

De maneira resumida, o vídeo sobre o livro “Coraline”, de Neil Gaiman, tem a seguinte estrutura: Agatha faz uma introdução do vídeo, citando o nome e mostrando a edição do livro que fará resenha. Em seguida, passa uma vinheta personalizada do canal que introduz a leitura da sinopse do livro. Após a leitura, Agatha faz comentários sobre a história do livro, como afirmar que a história é menos boba do que a sinopse dá a entender, e relaciona o livro com fases da infância – momentos de imaginação aflorada, os medos e as relações com os pais. Depois disso, Agatha apresenta sua edição e a editora que publicou o livro, fala da adaptação cinematográfica e faz comentários sobre o filme, como o fato de ter se assustado e de ser um de seus filmes preferidos. Por fim, cita que o livro é fácil de ler e que é assustador, apresenta o link de vendas, faz o encerramento do vídeo e chama os inscritos para compartilharem, curtirem, pede aos que não estão inscritos para se inscreverem no canal e também que comentem no vídeo dando opiniões sobre a leitura.

---

<sup>47</sup> Acesso em: < <https://www.youtube.com/watch?v=YCggrGPq9jc>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

<sup>48</sup> Acesso em: < <https://www.youtube.com/watch?v=SfiPJHc5c1A>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

<sup>49</sup> Acesso em: < <https://www.youtube.com/watch?v=498ziYUkNUc>>. Disponível em: 17 fev. 2019

Ao resenhar “Ensaio sobre a cegueira”, de José Saramago, Agatha mantém a introdução do vídeo com a vinheta – nesse momento, há também a leitura de um trecho do livro em voz alta e uma pequena performance da *dragqueen*, retirando os óculos dos olhos (que será abordado mais abaixo). No entanto, a primeira coisa que destaca quando o vídeo retoma é a sua experiência de leitura em um tom bem impressionista – comenta sobre suas dificuldades da leitura e de acompanhar o estilo de escrita do Saramago. Em seguida, apresenta a sinopse do livro, retoma algumas coisas que achou interessante do estilo da escrita e ressalta a interpretação de crítica social sobre a natureza humana e sobre o primitivo nas pessoas.

Retoma a história do livro e se aprofunda bastante nesse quesito, fala das impressões que teve e do ar pesado na narrativa e retoma sua interpretação social de maneira. Encerra o vídeo com o link para vendas, reforçando sua experiência de leitura e incentivando os leitores a se desafiarem com a leitura desse livro já que há uma aura de ser difícil. Ao encerrar, apresenta o link para o seu Apoia.se, pede para auxiliarem no financiamento, compartilhar, curtir, comentar as impressões de leitura e se inscrever.

A estrutura do vídeo do livro “Entrevista com o Vampiro”, de Anne Rice, é muito próxima das outras. Começa com a introdução e a vinheta personalizada. Ao retornar, Agatha fala sobre como teve o primeiro contato com a escritora e apresenta uma breve biografia. Depois, cita que é uma história cativante e comenta a sinopse do livro e dos temas que foram surgindo conforme sua leitura, como drama, sangue e reflexões sobre a vida eterna. Agatha diz que a leitura foi cativante, que pretende conhecer mais a autora e cita que a tradução é de Clarice Lispector. Reforça a ideia de que o tema é bastante cativante para ela, já que ela gosta bastante de narrativas com vampiros e as temáticas que a envolvem, como o tema da morte, e encerra retomando o que foi dito na resenha - tema, ritmo de leitura, personagens e as sensações que teve. Alerta para o fato de que a leitura é lenta e que isso pode não agradar todos os leitores. Por fim, ela apresenta o link de compra pela Amazon e pede que curtam, compartilhem e se inscrevam no canal.

Levando em conta o aspecto visual, no fundo dos vídeos analisados há uma estante com livros que dialogam com os gostos descritos na entrevista. É possível identificar livros da série “Harry Potter” e dos escritores Stephen King, Agatha Christie e George R. R. Martin. Além disso, existem objetos de decoração junto dos livros, como uma bruxinha de pano. Essa estante é a mesma que aparece na vinheta personalizada do canal e o fundo não mudou ao longo dos vídeos, sem nenhuma estilização. O enquadramento

também foi praticamente o mesmo, em um primeiro plano que pegava do busto para cima – com exceção do segundo vídeo, como será demonstrado abaixo.

Diferentemente do cenário, a figura da *dragqueen booktuber* tem diversas mudanças, todas de acordo com a temática do livro. No primeiro vídeo, sobre “Coraline”, Agatha se veste de acordo com a vilã do livro: coloca um vestido e peruca semelhante ao que a vilã usa na adaptação cinematográfica, faz uma maquiagem em seu rosto que também se assemelha ao que é visto no filme (pele branca e rachada, como os pedaços de uma boneca de porcelana) e coloca botões no lugar dos olhos. A capa do livro só aparece na introdução e no encerramento do vídeo – curiosamente quando ela indica o link da Amazon para realizar a compra.

Ao falar de “Ensaio sobre a cegueira”, Agatha está de camisa bege, colar com pingente em cruz, olhos tapados com marcas de sangue seco até o meio da bochecha e óculos escuros. O enquadramento está mais aberto porque emula não enxergar e grava com uma pequena inclinação lateral, como se não soubesse onde está a câmera. A introdução do vídeo não tem a exibição da capa do livro, que aparece apenas no final, porque é substituída por uma cena em que ela lê um trecho do livro em voz alta enquanto tira e recoloca os óculos, para mostrar que não tem olhos – uma pequena performance.

Na resenha sobre o livro “Entrevista com vampiro”, Agatha aparece com dentes de vampiro, cabelos curtos e vermelhos e a pele rachada, em um primeiro momento. Do meio do vídeo para frente ela tem outro *look* e aparece com uma peruca longa e roxa, mantém os dentes de vampiro, mas a pele agora está totalmente branca e a boca está cheia de um líquido que parece sangue. Da mesma forma que o primeiro, a capa do livro só aparece na introdução e no encerramento do vídeo – também quando ela indica o link da Amazon para realizar a compra. Ao longo da resenha, Agatha gesticula bastante.

Nenhuma das três resenhas foi identificada como envio da editora; as descrições dos três vídeos comentam que são resenhas, dão o nome do livro e o link de compra na Amazon – que oferece retorno para o *booktuber*. Além disso, há links para outras redes sociais: Facebook, Twitter, Instagram e Skoob. Em somente uma das descrições ela dá o link do Apoia.se.

Se compararmos com a entrevista de Agatha, existem poucas coisas diferentes do que afirmou fazer. O gosto dos livros destacado na entrevista é visto tanto na catalogação quanto no material analisado, ainda que “Ensaio sobre a cegueira” seja um ponto fora da curva. Sua linguagem mais emocional e menos técnica foi percebida ao longo dos

vídeos – neste exemplo do livro do Saramago, fica clara a abordagem de expor as impressões de leitura de acordo, seu contato com o estilo e o incentivo de reduzir uma espécie de aura atemorizante que os clássicos têm. A duração dos vídeos está de acordo com o descrito pela entrevista, entre cinco e oito minutos, e foi possível ver a importância do aspecto visual na produção de uma *dragqueen*.

### **3.2.2. *Las hojas muertas y otras hojas***

Os vídeos levantados no canal *Las hojas muertas y otras hojas* foram publicados entre o dia 15 de abril e o dia 15 de outubro de 2018. Nesse período, o canal publicou 61 vídeos. Sua média foi de 493 visualizações e 29 minutos e 29 segundos de duração dos vídeos. No total, as 61 publicações produziram trinta horas de material e tiveram 30.044 visualizações.

Nicolas mantém uma periodicidade regular no canal, postando a cada dois ou três dias na maioria das vezes. Nos vídeos levantados, é possível visualizar as categorias de vídeos de “Artigos” (“Para além do boom: o modernismo tardio e a tecnificação da narrativa latino americana”), de “Projetos de Leitura” (“#Vamos ler a bíblia? (+ algumas dicas de versões de apoio)”), de “Atualização” (“- Os livros de maio (2018) -”), vídeos “Confessionais” (“- Hábitos de leitura ou da minha relação com os livros -”), “Contemplativos” (“#ConceiçãoEvaristonaABL (ou: sobre a literatura e suas funções)”), “Leitura Pública” (“- Dois excertos de odes (Álvaro de Campos)”) e os vídeos de “Resenha”.

Ao contar as categorias, a maioria dos vídeos vai para as “Resenhas” e os “Projetos de Leitura”, com 35 e 19 vídeos respectivamente. Em terceiro e quarto lugar, estão os de “Atualização”, sete, e os de “Contemplação”, quatro. As categorias “Confessional” e “Artigo” têm dois vídeos cada e “Leitura Pública” tem apenas um. O número excede ao de vídeos catalogados porque seis vídeos foram de “Resenha + Projetos de Leitura”, um vídeo foi de “Atualização + Contemplação” e outro foi de “Artigo + Projetos de Leitura”

Os títulos obedecem a uma padronização de acordo com o que será tratado. As resenhas individuais são identificadas por “#Comentando”, seguida do nome do livro e do autor. Os outros são sempre identificados entre os símbolos “-” e seguem o padrão do canal. Por exemplo, as leituras do mês são intituladas de acordo com esse modelo “- Os livros de julho (2018) -”. Os projetos de leitura que abarcam um livro seguem o modelo de identificação do livro e da parte, como em “# O idiota [Parte IV]”, mas os que incluem

mais de uma obra seguem uma lógica própria. Em um dos projetos de leitura, chamado “O Pacto Fáustico e a Representação do Diabo”, os títulos dos vídeos seguem essa lógica: “– O diabo estrangeiro: paródia e metaficção em O Mestre e Margarida, de Mikhail Bulgákov –” ou “– O diabo renascentista: A história trágica do doutor Fausto, do Christopher Marlowe –”. Algumas resenhas são individuais, mas estão separadas em *playlists* que visam o aprofundamento de algum escritor, como é o caso da Ana Paula Maia, e sua lógica de título segue a dos projetos de leitura.

Independentemente de as resenhas serem individuais ou de projetos de leitura, as miniaturas dos vídeos seguem o mesmo padrão e exibem apenas a capa do livro. Da mesma forma, as miniaturas dos vídeos de atualização têm sempre a mesma imagem de fundo e o título do vídeo escrito. Os vídeos das outras categorias trazem como miniatura algum *frame* da gravação, com o rosto de Nicolas estampado. O que houve de diferente nesse período foi uma campanha que o canal fez para promover a escritora Conceição Evaristo quando ela tinha a possibilidade de conseguir uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Nesse período, Nicolas fez um vídeo contextualizando a escritora e a importância de suas obras e publicou resenhas de livros dela, mas, nesse caso, a miniatura do vídeo foi uma foto dela.

Vale ressaltar que os vídeos-resenha de Nicolas são bastante extensos, com mais de 30 minutos cada, e que a média de duração de seus vídeos ficou abaixo desse tempo por conta de vídeos de projetos de leitura que tiveram até 15 minutos. Essa característica está de acordo com o que foi dito na entrevista, já que ele não estabelece um limite para a duração dos vídeos.

O grande número de vídeos na categoria de Projetos de Leitura tem como motivo a existência de cinco projetos desenvolvidos no período. Foram eles: uma leitura coletiva do livro “O Idiota”, de Fiódor Dostoiévski, uma leitura coletiva da “Bíblia”, livros inseridos nas temáticas “O Pacto Fáustico e a Representação do Diabo”, “Narrar é resistir: a literatura pós-ditatorial” e “Literatura Russa do Século XX”.

Dos três vídeos selecionados para análise, todos são de resenhas individuais: “#Comentando: Habibi (Craig Thompson)”<sup>50</sup>, “#Comentando Bobók (Fiódor Dostoiévski)”<sup>51</sup> e “#Comentando: Vozes de Tchernóbil (Svetlana Aleksievitch)”<sup>52</sup>.

---

<sup>50</sup> Acesso em: < <https://www.youtube.com/watch?v=5Waf6nAqULE>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

<sup>51</sup> Acesso em: < <https://www.youtube.com/watch?v=PXgzF9Yayl4>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

<sup>52</sup> Acesso em: < <https://www.youtube.com/watch?v=gZNgEjh9FtI>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

No primeiro vídeo analisado, Nicolas não faz introduções e a abertura do vídeo é com a vinheta personalizada do canal. Logo no começo ele conceitua a linguagem das histórias em quadrinhos, destaca que acha interessante na história o tema do “silenciamento de figuras subalternas” e apresenta as personagens da história e como elas dialogam com esse tema ao longo da história. Em seguida, ele define o que entende como subalterno e como minoria por conta de questões que surgiram em comentários de outro vídeo dele, uma resenha de um livro da Conceição Evaristo.

Ao retomar o tema do “silenciamento dos subalternos”, ele cita um texto teórico da pensadora Gayatri Chakravorty Spivak - que pauta grande parte das discussões na resenha. Posteriormente, ele fala que também percebe no livro a preocupação sobre o meio ambiente e a crítica social. Ao longo da resenha ele comenta sobre as questões culturais do islã, lugar onde se passa o livro, e a criação desse espaço alegórico que se transforma em “um lugar imaginário que se transforma num lugar da cultura islâmica”. Dentro dessa cultura, ela cita a importância do escrever e do ato de narrar e faz uma intertextualidade com “As Mil e Uma Noites” e o “Corão”. Reflete o narrar na cultura islâmica e sobre a representação das culturas árabes. Ele relaciona parte dessa reflexão com um conto do Borges que já foi analisado no canal e recomenda a leitura deste conto para relacioná-lo com o livro resenhado.

Ele também reflete sobre a grafia árabe, o desenho das letras que a compõe e como ela é trabalhada na obra em um diálogo entre o texto e a imagem. Ele fala sobre a aproximação entre literatura e oralidade, reatando a intertextualidade com “As Mil e Uma Noites”. Cita que no livro há três temporalidades: o presente narrado, o passado retomado e o tempo mítico das tradições. A partir daí, analisa a narradora de “Habibi” em comparação com Sheherazade e a ideia de narrar como a possibilidade de escrever o próprio destino.

Quase na metade do vídeo, Nicolas faz uma observação de que não tem muito contato com as ideias do Oriente Médio e passa a contar de maneira mais aprofundada a história do livro e os nomes dos personagens – mas só até o ponto de “*não dar spoilers*”. Reforça que o livro tem trocas com as Narrativas Mestras da cultura do Oriente Médio e explica o que é isso.

Ele prossegue na análise falando que a mulher na narrativa tem um teor político no fato de ler e ter voz e retoma isso com o texto citado no começo do vídeo, da pensadora Spivak. Depois fala sobre um protagonista negro e analisa a sua performatividade de

gênero feminina e traça um diálogo dessa análise com um texto da Judith Butler. Nicolas faz comentários acerca da relação entre esses dois personagens protagonistas e parte para o encerramento do vídeo, momento em que dá um parecer mais taxativo, como “a minha forte recomendação para que você leia” e “esse livro é uma obra de arte contemporânea”. Em seguida, comenta sobre o significado do título, retoma o questionamento de Apropriação Cultural que surgiu em outro vídeo do canal, retoma a recomendação de leitura e encerra o vídeo com os pedidos para curtir e compartilhar o vídeo, fala que vai deixar o link para compra na descrição, pede que comente caso não tenha gostado do vídeo e se inscreva no canal.

No vídeo sobre “Bobók”, do Fiódor Dostoiévski, Nicolas também não faz uma introdução antes da vinheta do canal. Ele abre o vídeo citando que há uma *playlist* no canal sobre os “Contos Reunidos” do Dostoiévski, onde há outro vídeo sobre a mesma obra, e contextualiza a publicação e a escrita do conto. A contextualização histórica é feita com uma breve biografia sobre Dostoiévski e também a relação entre esse conto e o romance “Os Demônios” (cuja resenha no canal também é indicada).

Nicolas explica que, pelo contexto da época, “Bobók” é um texto referencial e explica o que isso significa (quando uma obra aproxima a narrativa e a narração. No caso do livro, o ato de viver e o ato de contar). Ele explica porque surge o humor no texto, partindo da referencialidade, e expõe questões duais presentes no livro, como a tensão entre passado e presente, Razão e Emoção e Discurso pessoal e Discurso Alheio – ele contextualiza as razões de acordo com a materialidade do texto.

Há a apresentação de uma base teórica para resenha, pautada nos textos de apoio da sua edição: um de Paulo Bezerra e outro do Bakhtin, que ele diz ser retirado dos “Problemas da poética em Dostoiévski”. Ambos são textos de apoio presentes na edição do livro apresentada no canal. (Nesse momento, a câmera fica em preto e branco e ele faz um parêntese interagindo com o ambiente do quarto dele). Retoma a análise do texto com sua base teórica e passa a relacionar o conto com o livro “O Duplo”, de Dostoiévski, apresenta questões da linguagem, da forma do conto e apresenta a sinopse do livro, relacionando com as coisas ditas anteriormente.

Durante essa apresentação, ele relaciona “Bobók” com “Memórias do Subsolo”, do Dostoiévski, e faz outras incursões nos textos teóricos apresentados. Após essa parte da análise, ele comenta o trabalho do tradutor e a aproximação do texto com a sátira menipeia e fala da carnavalização – explicando os dois conceitos, sendo o de

carnavalização de acordo com Bakhtin - e os relaciona com os propósitos do Dostoiévski e retoma a história do livro, onde faz um breve diálogo com Machado de Assis, o contexto histórico da aristocracia russa e como esse contexto aparece alegoricamente no texto.

No fim, ele dá um parecer mais taxativo, como “a minha forte recomendação para que você leia pela importância histórica”, recomenda a edição da Editora 34 que está usando como base por conta dos dois textos de apoio citados e se dispõe a mandar os textos da edição, se não for possível para quem quiser ler e termina o vídeo com os pedidos de curtir e compartilhar o vídeo, se inscrever no canal, comprar o livro pelo seu link da Amazon e comentar caso não tiver gostado do vídeo.

No vídeo sobre “Vozes de Tchernóbil”, da Svetlana Aleksievitch, Nicolas faz uma apresentação antes da vinheta, falando sobre o texto das teses sobre o papel da História de Walter Benjamin, cita o seu vídeo-ressenha de “Maus”, de Art Spiegelman, e o campo de concentração de Auschwitz. Ele relaciona esse fato com a catástrofe de Tchernóbil, cujo tema é retratado no livro, e faz uma contextualização histórica – é só no fim dessa apresentação que a vinheta personalizada roda.

Ao começar o vídeo, após a vinheta, Nicolas fala sobre o contexto de publicação do livro e do ocorrido em Tchernóbil. A partir daí ele começa a refletir sobre o título e os subtítulos do livro, fala sobre uma “ânsia cubista” de representar todos os lados que pauta a produção de Svetlana e o que a presença dos termos “historia oral” no subtítulo aponta para as características obra. A força do ocorrido e do relato faz com que Nicolas reflita sobre a função da literatura, pautado no discurso da autora ao ganhar o Nobel, transcrito no começo do livro, e na introdução intitulada “entrevista da autora consigo mesma”. Ele relaciona o questionamento com a questão da cadeira na Academia de Letras e a indicação de Conceição Evaristo.

Nicolas começa a discutir sobre a produção do livro e do trabalho de curadoria de depoimentos da escritora Svetlana Aleksievitch. Esse ato é relacionado com o livro “Sofrimentos do Jovem Werther”, já que ambos tiveram um forte impacto na sociedade no lugar e no momento em que foram lançados. Depois disso, ele passa a refletir sobre o trabalho estético do livro: fala sobre a estrutura dramática ou teatral, estrutura circular e estrutura argumentativa, comenta o uso de didascálias e explica o que é esse recurso gráfico e reflete sobre a montagem e estrutura dos capítulos.

A partir daí, começa a falar sobre os temas que surgem da leitura, como o amor, a busca de um sentido para a vida e a falência da poesia. Nesse momento, retoma a abertura do vídeo e cita a frase de Adorno, “não é mais possível escrever poesia depois de Auschwitz”, com uma contextualização. Para ele, essa frase traz consigo a necessidade de novas formas de expressão literária e as novas formas de relacionamento humano com a realidade. Para ilustrar essa reflexão, lê um trecho do livro em voz alta.

Fala um pouco da tradição história oral e outros autores que escreviam nessa linha, como o Adamóvich, e relembra o Nobel dado ao Bob Dylan como um exemplo de esgotamento da literatura - cita o vídeo em que comentou sobre isso. Para ele, o livro de Svetlana é a emergência de um novo gênero literário e conta mais um relato do livro que dialoga com isso.

Depois de concluir essa reflexão, Nicolas fala sobre a questão da temporalidade trabalhada no livro e faz uma intertextualidade com o texto do Apocalipse na “Bíblia” e comenta que um personagem cita o mesmo texto que se lembrou durante a leitura – faz a leitura do trecho em voz alta. Em seguida, falam sobre a questão da morte em Tchernóbil, relaciona o acidente com o contexto histórico e fala sobre as questões político-ideológicas e técnicas e fala das notícias sobre o acidente hoje. Nesse meio tempo, faz uma inserção em preto e branco, como no vídeo anterior, e divaga sobre a iluminação no quarto dele. Depois, retoma o livro e os relatos, faz uma digressão sobre a natureza humana e a maldade e encerra recomendando o livro sob os argumentos de uma das melhores leituras do ano. Fala que, para quem quiser comprar, existe um link da Amazon abaixo disponível, pede para curtir e compartilhar, se inscrever no canal e comentar se não tiver gostado do vídeo.

Ao longo dos três vídeos, todos apresentaram a mesma vinheta com trechos de vídeos e figuras que parecem ter sido baixadas da internet. O fundo também é o mesmo: uma parede branca e uma estante com alguns livros e objetos, como um cachimbo. É possível ver alguns livros teóricos e outros livros que estão na sua língua original, como “Les Misérables”, “The complete works of Lovecraft” e uma coleção do Poe. Também é possível identificar livros de alguns autores que Nicolas resenha no canal, como Clarice Lispector, Virginia Woolf e Dostoiévski.

Nos vídeos vemos o Nicolas em primeiro plano com o enquadramento na altura do busto. O livro está sempre em mãos, ainda que às vezes o apoie na mesa – alternado gesticulações com as mãos vazias ou segurando os livros. Dois recursos são usados com

frequência. O primeiro deles é o uso de imagens sobrepostas para auxiliar na exposição do argumento: no caso do vídeo do “Habibi”, o nome da intelectual e imagens do quadrinho e da grafia árabe são inseridos para visualização do que é dito e para inserção de uma informação que não foi lembrada no momento da gravação; no vídeo sobre “Vozes de Tchernobil”, imagens do lugar atualmente e notícias do jornal são projetadas quando ele cita informações e situações da mesma temática. Além disso, o recurso da leitura oral também é presente e trechos dos livros foram lidos em voz alta no caso dos vídeos sobre “Bobók” e “Vozes de Tchernobil”. No caso do quadrinho, Nicolas não leu, mas tentou mostrar o livro na tela – que se tornou a projeção de imagens.

No vídeo sobre “Bobók”, Nicolas também tinha à mão o livro que mais citou enquanto elemento intertextual, “Os Demônios”, e o mostrou para a câmera em diversos momentos. Vale ressaltar que alguns dos livros dos fundos também mudaram ao longo dos três vídeos, mas não em uma organização ou arrumação proposital e de exposição, mas que parece ter seguido o fluxo de leitura do *booktuber* fora das câmeras. Ao comentar sobre elementos que não diziam respeito ao livro, mas ao quarto, como o tempo nublado que escurece a gravação, Nicolas deixa a imagem em preto e branco.

No vídeo sobre “Habibi”, os textos de base foram devidamente referenciados no começo da descrição e tendo como base as normas ABNT. Os outros vídeos não têm as referências do material teórico utilizado nos argumentos, ainda que a fonte seja declarada no vídeo – como no caso das teses da história de Walter Benjamin e os textos teóricos da edição de “Bobók”. Depois disso, todos os links dos vídeos citados são disponibilizados na descrição para facilitar a consulta. Por fim, há links para comprar o livro na Amazon, uma lista de desejos para quem quiser lhe comprar um presente e links para seguir seu perfil nas redes do Facebook, Instagram e Twitter, além de um contato por e-mail.

O resultado dessa análise é compatível com o que foi dito na entrevista: Nicolas lê livros que tem certo prestígio no meio literário e tem um método mais acadêmico para expor seus argumentos. Ainda que não tenha uma linguagem hermética, seus argumentos são extensos, pautados em referências teóricas e com discussões aprofundadas – o que reflete na duração do vídeo. O fato da linguagem não ser de difícil acesso e das classificações serem conceitualizadas expõe o objetivo do canal, citado na entrevista, de pôr o conhecimento acadêmico em circulação.

As observações que faz no livro são perceptíveis ao longo dos vídeos, já que de sua cópia física saltam diversos post-its. É possível verificar também o que ele disse sobre o repertório que a formação acadêmica lhe forneceu para se aproximar do texto de diversas maneiras, já que cada um dos três vídeos tem uma abordagem diferenciada e, todas elas, pautadas na materialidade do texto e de acordo com alguma metodologia teórica (como ele também citou na entrevista). Por último, Nicolas quase não faz edições nos seus vídeos e os efeitos visuais que usa, como a inserção de imagens, é simples, o que coaduna com o que disse sobre a facilidade de se ter um canal.

### **3.2.3. Gisele Eberspächer**

Os vídeos do canal Gisele Eberspächer foram analisados levando em consideração o recorte temporal do dia 19 de abril ao dia 19 de outubro de 2018. Nesse período, o canal publicou 54 vídeos e teve uma média de 1.711 visualizações. O tempo médio de vídeo foi de 13 minutos e 48 segundos, enquanto o total de material produzido foi de quase doze horas e meia de material. No total, os vídeos tiveram 92.420 visualizações.

A periodicidade dos vídeos de Gisele é de 3 vídeos por semana e a maioria de seus vídeos geralmente são “Resenhas” ou “Atualizações” – sejam aquisições, livros lidos ou metas literárias. Foram 21 e 15 vídeos publicados, respectivamente. Além disso, os livros de “Gosto” (“Indicação: 10 clássicos”) e de “Socialização”, por conta de um projeto de ler Kafka com seu companheiro, (“O Veredicto - Vamos falar sobre o Kafka?”) apareceram com sete vídeos publicados cada. Nesse intervalo, um mês dedicado a Ficção Científica fez com que a categoria “Projetos de Leitura” aparecesse com 9 vídeos – contando com um vídeo de abertura (“Apresentação: Mês da Ficção Científica”), seis “Resenhas”, um “Artigo” (“O que é e por que ler Ficção Científica?”) e uma lista de indicações (“Indicação: 10 livros de ficção científica”).

Vale ressaltar que dois dos vídeos de “Gosto” são também categorizados em “Séries, Filmes e Músicas” porque pertencem ao quadro “Indicações de Não-Livros”, citado durante a entrevista. Por fim, ela também publicou um vídeo de “Contemplanção” e um vídeo de “TAG”.

Os títulos dos vídeos são categorizados de acordo com a pauta: os vídeos de resenha terminam com “Vamos falar sobre livros?” ou, no caso de falarem de mais de um livro, são unidos de maneira temática, como em “Livros de memória: Mom & Me & Mom, O que vem ao caso, Diários de Sandholm”. As atualizações seguem a lógica de numeração sequencial no caso das Próximas Leituras e nas Indicações de não-livros, enquanto o

Novos na Estante e as Leituras do Mês são preenchidas de acordo com o mês e o ano. As listas de indicações são nomeadas de acordo com a temática. As miniaturas para todos os vídeos são iguais: um *frame* do vídeo com o rosto de Gisele e o título escrito com a mesma fonte em cor branca.

Dentro desses vídeos, os três selecionados para análise foram “No seu pescoço – Vamos falar sobre livros?”<sup>53</sup>, “Poética (Aristóteles) – Vamos falar sobre livros?”<sup>54</sup> e “A mão esquerda da escuridão – Vamos falar sobre livros?”<sup>55</sup>.

No vídeo sobre “No seu pescoço”, coletânea de contos da Chimamanda Ngozi Adichie, Gisele não tem vinhetas de introdução. Ela começa falando sobre quem é a autora, quais outros livros escreveu e quais outros a Gisele já leu. A experiência dos outros livros é utilizada no momento de fazer uma comparação entre os romances escritos e os contos que ela leu, falando sobre a criação dos personagens e do enredo.

Cita as diferenças estruturais entre um romance e um conto para justificar suas impressões e diz que se apaixonou pelos livros, ainda que não tenha lido rápido. Mostra a edição do livro, discorre sobre as temáticas que identificou no conto, como identidade, imigração, a nacionalidade e a territorialidade e apresenta contos que mais gostou em resumos, sem “dar todos os *spoilers*”, mas relacionando-os com as temáticas acima.

Gisele recomenda a leitura dizendo que não foi um livro que gostou de cara e também fala da importância de se conhecer a escritora e suas discussões sobre a movimentação global. Por fim, apresenta outro livro da escritora, o “Para educar crianças feministas”, dando o contexto da escrita e um resumo da leitura. Encerra o vídeo incentivando comentários e dando tchau.

Da mesma forma que no outro vídeo, ao fazer uma resenha de “Poética” de Aristóteles, Gisele não utiliza uma vinheta ou uma introdução para começar o vídeo. Contextualiza a escrita do livro e a quantidade de estudos empregados em cima dele e, por isso, avisa que seu repertório não é especializado nesse sentido e o vídeo será como um guia de primeiras impressões. Ela fala sobre as reflexões sobre a ficção, a produção artística, a “Poética” de Platão e o que Aristóteles leva em consideração para fazer seu estudo – apresenta a edição e o tradutor para pautar suas observações, pois se baseia em seu material de apoio.

---

<sup>53</sup> Acesso em: < <https://www.youtube.com/watch?v=6nhP5m8cFm0>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

<sup>54</sup> Acesso em: < <https://www.youtube.com/watch?v=3LULuQvQuLQ>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

<sup>55</sup> Acesso em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LLjmQzyc69Y>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

Para ela, o livro é basicamente a categorização das formas de discursos. Ao decorrer do vídeo, fala sobre as diferentes perspectivas que o livro teve ao longo da história, como na Idade Média, e as consequências para o desenvolvimento da arte. A partir daí, diz que vai pegar suas anotações e começa a explicar alguns conceitos e percepções. O primeiro deles é a *mimesis* e faz sua exposição de acordo com o texto de apoio da introdução, apresentado anteriormente; depois fala da produção da imagem poética e da arte como fonte de conhecimento do comportamento humano. Explica como Aristóteles tenta configurar a produção artística de acordo com o Meio, do Objeto e do Modo e relaciona isso com a atualidade, com a Lírica, a Épica e o Drama – e a criação do Romance, que difere disso. Ela também apresenta as diferenças entre Tragédia e Comédia e as proximidades delas com a Epopeia.

Gisele fala da verossimilhança e contextualiza isso com as discussões geradas com a série “O Mecanismo” e a nossa incapacidade de diferenciar a realidade e a ficção. Contextualiza a escrita de Aristóteles como um grande leitor de peças e não um espectador, porque a época das grandes peças acabou e se dirige ao encerramento do vídeo. Ela diz que ele é mais fácil do que parece ser – não é rebuscado e tem capítulos curtos. Diz que recomenda edições que tenham bons textos de abertura e notas explicativas por conta da carga histórica do texto e fala da importância que esse livro tem até hoje na sociedade. Pede para os que tenham lido comentem falando sobre a leitura e indiquem links para discussões.

No último vídeo separado, Gisele não usa vinhetas, mas faz uma abertura do vídeo citando o projeto de leitura do mês da Ficção Científica do canal. Em seguida, apresenta a autora e mostra a capa do livro – quando faz uma pequena observação sobre sua captação, a iluminação e a impossibilidade de filmar a capa do livro. Depois disso, ela comenta que tinha lido apenas outro conto da autora, “Those who walk away from Omelas”. Ao contar um pouco sobre este conto, diz que gostou dele e, por essa razão, ficou com um pouco de expectativa para ler “A Mão Esquerda da Escuridão”.

Ela cita os comentários que os inscritos já fizeram sobre o livro, fala que gostou mais das reflexões que o livro incita do que da própria leitura. Lê a sinopse e faz uma relação com “Drácula”, de Bram Stoker, depois comenta sobre criação dos mitos e das mitologias na constituição do cenário e o aspecto antropológico dessa narrativa. Ela comenta que a trama do livro é bastante política e dá ênfase nas relações sociais (sexuais e raciais) e lê um trecho para exemplificar. No encerramento, faz uma

avaliação taxativa e recomendação de leitura. Além disso, destaca os erros de revisão da sua edição e pede para comentarem sobre a nova edição.

A linguagem visual dos vídeos de Gisele é muito próxima nos três vídeos. Eles seguem o enquadramento na altura do busto e grava seus vídeos com a versão física do livro, que mostra em alguns momentos ou folheia quando precisa buscar alguma informação, e apoia em algo que estiver perto ou deixa no colo – ao criticar a “Poética”, Gisele também mostra um caderninho de anotações utilizado durante a leitura. Das resenhas analisadas, os fundos se alternam. Em “No Pescoço”, Gisele grava em frente a uma estante marrom em que é possível identificar livros teóricos, como a própria “Poética” do Aristóteles, e dicionários. Nos outros vídeos, ela está em frente a uma estante preta que preenche todo o fundo do quadro e nela vemos livros de ficção e quadrinhos. É possível identificar alguns títulos, como “O Perfuraneve” e a trilogia do “Scott Pilgrim”, e notar que são livros dentro do escopo do canal. Não há vinhetas e nenhum outro recurso visual.

As descrições dos vídeos de Gisele são curtas. Elas avisam que o vídeo é um comentário de leitura, o título da obra, o nome da autora, da tradutora e da editora e depois coloca “Quer me achar?” dando links para suas redes sociais no Facebook, Skoob, Twitter e Instagram. No caso do primeiro vídeo, sobre o livro de Chimamanda, as resenhas dos livros que ela leu e foram citados tiveram seus links expostos também na descrição.

Conforme dito na entrevista, Gisele não faz nenhuma abordagem mais técnica da leitura e procura uma conversa descontraída no momento da gravação, mas deve ser ressaltado o fato de algumas argumentações levarem em consideração certo repertório de leitura – como trechos de discussão teórica sobre “Poética” ou a mitogênese e a parte antropológica de “A mão esquerda da escuridão”. É evidente também a falta de conectividade com outras redes sociais e a valorização da plataforma do YouTube, como dito em entrevista. Como Gisele não pede para curtir, compartilhar ou se inscrever no canal, mas apenas para comentar, é possível levantarmos uma hipótese de que o canal não está preocupado em ter destaque no YouTube e ter mais acessos, mas a estabelecer um diálogo com os já inscritos do canal.

#### **3.2.4. Fantasticursos**

O tempo de levantamento dos vídeos do canal Fantasticursos foi do dia 29 de abril até o dia 29 de outubro de 2018. Nesse período, o canal publicou 69 vídeos. A média de

visualização e de duração foi de 273 vezes e de 26 minutos e 43 segundos, respectivamente. No total, os vídeos tiveram quase trinta horas e meia de material e 18.865 visualizações.

O canal tem publicações em 3 vezes por semana, sendo que em algumas sextas-feiras vão ao ar as *lives* com convidados. A maioria dos vídeos levantados é da categoria “Artigo” (“E a palavra é... WEIRD FICTION”), com 45 publicações nesses seis meses. Em segundo lugar, vem as citadas *Lives Fantásticas* na categoria de “Socialização”, com um total de 13 publicações. Os vídeos da categoria de “Gosto” tiveram estiveram presentes em quatro envios (“Depois do Fim: Os 10 melhores livros PÓS-APOCALIPSE NUCLEAR”). No restante, foram três “Resenhas”, sendo uma delas sobre um filme e não sobre um livro, dois “Confessionais” (“VOCÊ quer o SHAZAM na sua casa?”) e dois “Contemplativos” (“Quem destruiu o Museu Nacional? A ESQUERDA ou a DIREITA?”). Os dois vídeos “Confessionais” estavam relacionados a vendas: um deles era a oferta do curso “Dissecando Vampiros” que o Alexander ofereceu e o outro era a venda de uma coleção pessoal do Shazam.

Os nomes dos vídeos obedecem a uma padronização de acordo com a série de vídeos. As resenhas começam com um “Fica a dica”, seguidas de um título temático. As *lives* começam com o nome “Live Fantástica”, o tema a ser abordado e o nome do convidado por último, entre parênteses. As séries de artigo são diferentes. Existe a coleção “E a palavra é...”, que discute conceitos mais específicos; a série “O que o monstro mostra”, que traz figuras mitológicas e folclóricas para discussão; e existem séries mais longas que são organizadas de acordo com o nome, o número do episódio e o assunto tratado, como “Mundo Punk (9): O que é ELFPUNK e MYTHPUNK?” ou “Mundo Vampiro (1): Vampiros das ILHAS BRITÂNICAS”. Nos títulos, as palavras-chave sempre ficam em letra maiúscula. As miniaturas são todas montadas com fotos de acordo com o tema e uma parte com o fundo preto, o título escrito em amarelo e vermelho, sendo esta a cor para as palavras em destaque.

Como o canal quase não possui resenhas, as três selecionadas foram as únicas publicadas: “Fica a dica: Ainda vale a pena ler a distopia FAHRENHEIT 451?”<sup>56</sup>, “Fica a dica: A ALCOVA DA MORTE é um Steampunk brasileiro dos bons” e “Fica a dica:

---

<sup>56</sup> Acesso em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Pe7QEp1IhhU>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

Não tem ZUMBI em A NOITE DOS MORTOS VIVOS”<sup>57</sup>, que fala sobre o filme “A noite dos mortos vivos”<sup>58</sup>.

Em “Fica a dica: Ainda vale a pena ler a distopia FAHRENHEIT 451?”, Alexander faz uma introdução rápida sobre o vídeo antes de passar a vinheta de abertura. Depois disso, ele faz uma propaganda do e-book gratuito do site, com frases motivacionais de autores da literatura fantástica. A partir daí ele retoma a resenha e comenta sobre contexto da escrita do livro e sua sinopse, o diálogo que tem com outras distopias, como “1984”. Todo esse trecho é todo dito em *off*, com imagens de cobertura retiradas da adaptação do filme publicada em 1966. Depois disso, estabelece diálogos com o contexto da literatura de ficção científica distópica, como a distopia russa, americana e inglesa. Fala da relevância da leitura do livro e sua importância histórica como um motivo para a leitura e estabelece um diálogo com as crônicas de João do Rio.

Em seguida, faz uma discussão sobre as relações entre tecnologia e literatura, com base na obra e fala sobre o destaque da televisão na sociedade e a discussão sobre o ato de leitura na sociedade. Por fim, indica a leitura, chama para a interação e encerra o vídeo.

No vídeo “Fica a dica: A ALCOVA DA MORTE é Steampunk brasileiro dos bons”, Alexander mantém a mesma estrutura: uma introdução seguida da vinheta personalizada. Como o livro era recente, publicado em 2017, foi enviado de presente e é brasileiro, ele explica as razões pelas quais ele não tem parceria com editoras e explica a linha editorial do canal, conforme a entrevista do capítulo anterior, mas comenta que vai abrir uma exceção por conta dos prêmios nacionais que a obra recebeu e por conta da série sobre literatura steampunk que estava indo ao ar. Durante essas falas, aparece um convite para entrar no grupo do WhatsApp por meio de um GC.

Depois disso, ele indica o livro enquanto surgem na tela algumas imagens da edição e do pôster que recebeu da editora, dando ênfase na diagramação do livro em um GC. Ele comenta a sinopse e contextualização do livro – em *off*, com imagens de cobertura do livro e do pôster. Ele faz um elogio à construção dos personagens e apresentação dos mesmos, também em *off*, com imagens de cobertura com o *teaser* do livro. Ele continua o vídeo contextualizando o retrofuturismo e a sua relação com a história do livro, fala do tamanho dos capítulos e do roteiro do livro, parabeniza os autores e a editora e encerra o vídeo com um pedido de interação.

---

<sup>57</sup> Acesso em: < <https://www.youtube.com/watch?v=G8GeLjH0WY>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

<sup>58</sup> Acesso em: < [https://www.youtube.com/watch?v=UhtL4Kd0B\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=UhtL4Kd0B_g)>. Disponível em: 17 fev. 2019.

Por último, no vídeo “Fica a dica: Não tem ZUMBI em A NOITE DOS MORTOS VIVOS” ele também começa com uma introdução e uma vinheta de abertura. O começo do vídeo é uma contextualização sobre a figura do zumbi na literatura e no cinema, uma fala em *off* com imagens do cinema e filmes com zumbis.

Depois disso, comenta a importância histórica do filme de George Romero, como a criação de faixa etária para filmes de horror e cita o contexto histórico em que o filme foi lançado. Em seguida, cita a desvinculação do zumbi com o gótico e da vinculação dele com a ficção científica e mostra uma gama de exemplos de intertextualidade entre os livros e filmes. Alexander fala também do orçamento do filme e o quanto o estúdio lucrou com isso. Apresenta o filme, que está em domínio público e disponível na internet, passa o link. Todas essas falas sobre o filme foram feitas em *off*, com imagem de cobertura de “A noite dos mortos vivos”. Apesar de ter livros sobre o filme em questão, eles não são citados. Por fim, ele faz uma propaganda do curso que oferece sobre vampiros, encerra o vídeo e pede interação para quem assistiu.

As descrições dos seus vídeos são irregulares. A primeira apresenta diversas redes sociais para seguir, como Blog, Facebook, Instagram, Twitter, Google Plus, Pinterest e LinkedIn, mas não cita o grupo no WhatsApp. Nos outros dois vídeos, não há link para nenhuma rede social, apenas o link para o grupo. A descrição dos dois primeiros vídeos começa com uma propaganda para o e-book das frases de escritores fantásticos e o terceiro faz propaganda para o curso de vampiros. Apesar dos três vídeos terem trechos de filmes, apenas os dois últimos têm um aviso sobre os direitos autorais e a possibilidade de solicitar a retirada do vídeo do ar se você for proprietário de alguma produção.

Todos os três vídeos divulgam o e-mail do canal para contato. Somente o primeiro filme leva na descrição um resumo do vídeo apresentado. O último vídeo credita o filme e coloca o link para assistir, já que está em domínio público. O segundo vídeo indica um link para comprar o livro resenhado na Amazon. Todas as descrições apresentam um campo de Canais Parceiros, mas a inserção neles também é irregular: no primeiro aparecem os canais “Café com qualquer coisa” e “O Erro do Mundo”; no segundo, aparecem “Café com qualquer coisa”, “O Erro do Mundo” e “Formiga Elétrica”; no último, apenas o canal “Formiga Elétrica” é citado como parceiro.

A gravação dos três vídeos foi realizada de frente para uma mesma estante, onde é possível ver títulos sobre fantasia e ficção científica, como “Eu sou a lenda”, de Richard

Matheson, e a trilogia completa de “As crônicas de Artur”, de Bernard Cornwell, e bonecos de figuras relacionadas à cultura pop, como o monstro do Frankenstein, o Batman, o Aquaman e o Jack Esqueleto. O enquadramento da câmera estava sempre na altura do busto. Sua resenha também envolve gesticulação e apresentação dos livros físicos em mãos, mas todos os vídeos tiveram grande parte de falas em *off* com imagens de cobertura relacionadas ao que estava dizendo; no caso do Fahrenheit 451, trechos da adaptação foram exibidos e notícias atuais que ele relacionou, em “A Noite dos Mortos Vivos”, pedaços do próprio filme cobriam as falas, e, ao falar sobre “Alcova da Morte”, Alexander gravou parte do material exibido, filmando o livro e o material promocional que recebeu, e outra parte era fruto do *teaser* de lançamento disponível na internet.

Os recursos visuais utilizados por Alexander são os de mais destaque em relação a todos os outros canais: ele faz uso das vinhetas personalizadas, coloca GCs com informações, alguns vídeos têm transições e também o recurso das *lives*, citado na entrevista. Sua argumentação segue o que foi dito na entrevista: em primeiro lugar, pelo resultado da catalogação, em segundo, nas resenhas analisadas. Nelas há uma preocupação em fazer uma contextualização histórica das obras, a importância que elas têm no repertório cultural e quais os reflexos delas nos dias de hoje. A importância que ele dá para os elementos visuais também se destaca porque vão além do “mostrar o monstro” citado na entrevista. No caso do filme analisado, os trechos do longa-metragem foram para o vídeo, mas também a adaptação do romance Fahrenheit 451 e, quando não havia material audiovisual disponível para falar de um livro recém-lançado, Alexander tratou de produzi-lo (com exceção do material de divulgação).

### **3.2.5. Livrada!**

O tempo de levantamento dos vídeos do canal Livrada! foi do dia 18 de abril até o dia 18 de outubro de 2018. Nesse período, o canal publicou 46 vídeos. A média de visualização e de duração foi de 4.431 e de 16 minutos e 24 segundos, respectivamente. No total, os 46 vídeos totalizaram quase doze horas e meia de material e tiveram 203.805 visualizações.

Yuri publica vídeos 3 vezes por semana na maioria das vezes. Teve um período entre maio e junho que ficou de férias e, por isso, só tem um vídeo publicado nesse momento. Dos vídeos publicados, 15 foram “Resenhas” (“S02E35: A Chave, de Jun'ichirō Tanizaki”), 11 foram “Atualizações” e, destas, cinco foram de leituras e também citaram outros produtos culturais e, por isso, também figuraram na categoria “Séries,

Músicas, Filmes” (“S02E34: Leituras de Abril e Maio + filmes e séries”) e não há outros vídeos nesta categoria. O canal mantém muitas relações com o meio literário, como publicou quatro “Entrevistas” (“S02E24: Entrevista com Giovana Madalosso”), três vídeos de “Cobertura de Evento” (“S02E58: Um rolé pela Flip 2018 - Parte 1”) e cinco vídeos de “Socialização” – destes, quatro foram de um quadro em que faz com um amigo dele (“S02E49: Conversa com Fátima #3: O humano e o real em Franz Kafka”) e um foi uma lista de indicações de livros de filosofia feita em parceria com a mãe dele, professora aposentada de filosofia e que também é *booktuber* (S02E22: Mãe Haul de Filosofia!). Por ser lista de indicação, o vídeo também é o único que figura na categoria “Gosto”. Há apenas uma publicação também nas categorias “Projetos de Leitura” (“S02E30: Lendo Jorge Amado - Os Velhos Marinheiros ... #romanticoesensual”), “TAG” (“S02E29: TAG original #LULALEITOR”) e “Contemplação”, um vídeo que versava sobre as eleições (“S02E63: Você não pode ser neutro em um trem em movimento”). Por fim, tiveram três publicações na categoria “Unboxing” (“S02E28: UNBOXERA PÓS-FÉRIAS”), sendo duas delas junto com as atualizações, e três postagens de “Publieditoriais” – duas dessas postagens estavam identificadas no título, na descrição e no vídeo; uma delas não levava o nome no título, mas mantinha em outros lugares (“S02E59: As Sereias de Titã, de Kurt Vonnegut - {publieditorial}”).

Os vídeos são nomeados de acordo com uma lógica de séries. Coloca-se o número da temporada, identificada pela letra “S”, de Season (temporada em inglês), e a letra “E” para Episode (episódio em inglês). As resenhas seguem a lógica de título e nome do autor, enquanto os outros são intitulados de acordo com o que é discutido no vídeo, com uma série de vídeos ou apresentam as categorias, como no caso do “S02E56: BOOK HAUL de Agosto!”. As miniaturas do vídeo são sempre fotos posadas no momento da gravação e trazem ao lado palavras-chave do vídeo em questão.

Dentro desses vídeos, os três selecionados para análise foram “S02E27: O pai da menina morta, de Tiago Ferro”<sup>59</sup>, “S02E38: A Moça do Internato, de Nadiêjda Khvoschchínskaia”<sup>60</sup> e “S02E42: Androides sonham com ovelhas elétricas?, de Philip K. Dick”<sup>61</sup>.

No primeiro vídeo, em que o Yuri fala sobre “O Pai da Menina Morta”, de Tiago Ferro, o vídeo tem uma abertura que não é relacionada à resenha pautada, neste caso falando

---

<sup>59</sup> Acesso em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pZzqjZVpvNI>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

<sup>60</sup> Acesso em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Oo-FhOU9B6M>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

<sup>61</sup> Acesso em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lmVGRcWAcJE>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

sobre a temporada de frio que chegou a sua cidade. Em seguida, entra a vinheta personalizada e se apresenta o livro, o escritor e contextualiza a escrita da obra – já que o livro é inspirado em um acontecimento real: a morte da filha do escritor.

A partir daí ele dá sua opinião sobre um tema que considera tabu, que é a morte de uma criança, conta sinopse do livro e fala um pouco sobre a estrutura fragmentada do livro. Mostra a edição do livro, lê alguns trechos em voz alta enquanto conta um pouco sobre a narrativa. Em seguida, expõe alguns questionamentos que surgiram durante a leitura. Em relação à estrutura, pergunta se a obra é um livro; em relação ao acontecimento, fala se é de bom tom explorar comercialmente a experiência do luto. Justifica seu posicionamento em relação aos questionamentos ao falar da literatura enquanto campo de experimentação dos sentimentos e, nesse caso, experimentar a dor no campo da arte. Por isso, ele crê que não se pode analisar um livro experimental com regras estabelecidas pela teoria literária.

Ele conclui o vídeo falando sobre a sensação de ler o livro – que foi “uma pancada” –, faz uma avaliação taxativa sobre o livro – dizendo que foi uma leitura rápida e profunda, sugere a leitura, pede para compartilhar, curtir, se inscrever e comentar no vídeo e passa a vinheta de encerramento.

No vídeo sobre “Andróides sonham com ovelhas elétricas?”, de Philip K. Dick, o vídeo também começa com uma introdução que não está relacionada com o livro e roda a vinheta de abertura. Quando retoma, afirma que o livro foi uma boa leitura, dá a sinopse do livro, fala do “teste de empatia” que surge no enredo e, a partir daí, levanta os questionamentos que surgiram com a leitura – o cenário religioso e as relações com os animais, uma reflexão sobre as relações humanas, sobre as religiões e sobre o que é empatia.

Depois de apresentar os questionamentos, ele discorre sobre um aspecto estrutural do romance, que é a mudança do foco narrativo, e dá uma avaliação taxativa: fala que é um romance filosófico com uma pegada de livro de ação, diz que adorou a leitura e recomenda. Por fim, chama os inscritos para curtir e compartilhar e, quem não é inscrito, se inscrever. Pede que comente também e toca a vinheta de encerramento.

No último vídeo, feito sobre “A Moça do Internato”, de Nadiêjda Khvoshchínskaia, a introdução antes da vinheta personalizada também não está relacionada com o livro resenhado, mas brinca com o fato do canal abordar livros de literatura russa em muitas pautas. Ao começar a resenha, ele elogia a edição e os tradutores, mas cita algumas

ressalvas. Em seguida, elogia o mercado editorial que começou a publicar bastante literatura russa e conta que quando começou a ler esses livros havia escassez de títulos.

Com essas informações, passa a apresentar o contexto de escrita do livro, faz uma pequena biografia da autora, dá a sinopse do livro – com uma breve intertextualidade com “Dom Casmurro”, e passa a fazer contatos com o repertório de literatura russa. Fala das tradições realistas, do tema do pequeno homem (*malénki tchelovek*), cita os autores Dostoiévski, Puchkin e Gógol e fala da história ser sobre uma “pequena mulher”. Depois, fala de outra tradição da literatura russa, que é a do homem supérfluo, e faz um intertexto com livros do Turgueniev e do Goncharov. Encerra o vídeo falando sobre a questão feminina na filosofia niilista, reclama do final do livro e contextualiza sua reclamação com a época da escrita. Yuri comenta que recebeu o livro para resenhar no jornal Rascunho, recomenda a leitura e pede pela interação: se inscrever, curtir, compartilhar e comentar.

Yuri grava sempre no mesmo cenário. Seu fundo é uma prateleira que cobre toda uma parede e está repleta de livros, dos quais os que ficam mais em destaque são os de literatura russa e que representa parte significativa do conteúdo do canal e do gosto do *booktuber*. O enquadramento se mantém o mesmo, na altura do busto – ainda que tenha ficado um pouco mais fechado durante a resenha de Moça do Internato. Durante as resenhas, os livros físicos estão sempre à mão e se alternam com as gesticulações de mãos vazias. O canal Livrada! também é o único que possui uma vinheta de encerramento com o crédito dos envolvidos na produção.

É interessante ressaltar que bebe vinho durante o vídeo sobre “O Pai da Menina Morta” e em um Bookhaul da catalogação chega a fazer uma brincadeira, pedindo para que anunciantes de vinho mandem brindes para ele.

A descrição dos vídeos faz uma introdução sobre o que será abordado. Em seguida, há links para lista de desejos de Yuri e do Murilo no site da Amazon, com uma observação: “se quiser mandar algum livro, não precisa ser pela Amazon” – dialogando com a postura crítica que o *booktuber* tem em relação à empresa, ainda que usufrua dos seus serviços. Abaixo deles há o link para o grupo de discussão no Facebook, o endereço de envio para a caixa postal e o pedido para curtir o vídeo, se inscrever no canal e conhecer o site do Livrada!.

Depois disso, os vídeos creditam a produção do Murilo Ribas, o câmera citado na entrevista, a responsável pela arte do logo, o responsável pela vinheta e de quem é a

música tema. O Murilo e a banda responsável pela música tema têm links para suas páginas oficiais. Após esses créditos, há uma linha de piada no segundo e no terceiro vídeo. No caso do último vídeo, por exemplo, tem “Um beijo para quem consegue falar Khvoshchínskaia :\*”.

Durante a catalogação foi possível notar que a formação em filosofia do Yuri tem influenciado a escolha de alguns vídeos do canal, ainda que não tenha surgido durante o momento da entrevista. Outra coisa que passou ao largo da entrevista foi o projeto de leitura que está em andamento e que teve um lançamento nos seis meses em destaque que visa ler obras do escritor baiano Jorge Amado. No entanto, em linhas gerais, as três resenhas e a catalogação correspondem ao que foi descrito na entrevista – os vídeos mantêm a duração que Yuri tenta estabelecer de acordo com a categoria, as resenhas são feitas como um diário de leitura e discutem a leitura do livro mais pautada na parte reflexiva e dos questionamentos que surgem do que em algum aspecto técnico ou material do texto (é possível pensar que suas análises estão permeadas pelos exercícios reflexivos mais abstratos, ligados a uma possível linha filosófica de exercício intelectual, do que os comentários encontrados na área de Letras, pautados na materialidade do texto).

### **3.2.6. Literature-se**

O tempo de levantamento dos vídeos do canal Literature-se foi do dia 01 de maio até o dia 31 de outubro de 2018. Nesse período, o canal publicou 69 vídeos. A média de visualização e de duração foi de 4.867 vezes e de 12 minutos, respectivamente. Os quase 70 vídeos totalizaram catorze horas de material e tiveram 335.826 visualizações.

No canal Literature-se, a maioria dos vídeos são “Resenhas”, mas o número não está tão longe de outras. São 16 nesta categoria (“ÉDIPO REI, de Sófocles”), 11 em “Socialização” (“Vídeo todo dia em julho: me faça perguntas!”), 10 em “Atualização” (“LIVROS QUE LI (Abril 2018)”), nove em “Confessional” (“VLOG: BRASIL NA COPA, JANE EYRE E NOVOS MARCADORES DO CANAL”), sete em “Criativo” (“Como melhorar ou mudar sua letra”) e sete em “Projetos de Leitura” (“Leitura conjunta de JANE EYRE (+ Sorteios)”). É interessante ressaltar que ela é a booktuber com mais “Publeditoriais”, tendo cinco publicações nessa categoria (“UMA NOVA ANNE FRANK? O diário de Myriam”) e há um bookhaul com um início de vídeo patrocinado pela Amino, uma rede social que une usuários de acordo com interesses

(“BOOK HAUL: SORTEIO CARAMBAIA + AMINO HARRY POTTER (Abril 2018)”).

Além disso, há quatro vídeos em “Gosto” (“LIVROS CLÁSSICOS QUE ME MUDARAM”), três “TAGs” (“TAG Histórias do Quintal”), um vídeo de “Contemplação” (“SOBRE LULA LER 55 PÁGINAS POR DIA E ALTERIDADE”) e um “Artigo” (“PARA TE FAZER LER MRS. DALLOWAY, MEU LIVRO DA VIDA”), que faz parte de um projeto de leitura. É interessante ressaltar que alguns vídeos foram gravados durante eventos, como a Bienal do Livro e a FLIP 2018, mas não foram coberturas de evento e, sim, de socialização, já que feitos em conjunto com outra *booktuber*. Existe também uma presença muito forte da mãe nos vídeos. Foram 3 vídeos com ela – a importância da mãe na parte profissional da sua carreira enquanto *booktuber* tinha sido evidenciada na entrevista.

Ela posta três vezes por semana em dias fixos. Durante o momento de recolha dos vídeos, ela fez uma publicação em que levantou o questionamento sobre os dias e pediu para que os inscritos escolham os dias que sejam de agrado deles para publicação em uma votação. Em julho, ela realizou um VEDA<sup>62</sup> e, por conta disso, ela postou uma vez por dia ao longo desse mês - o que aumentou bastante o número de publicações do canal. Os títulos do canal não seguem nenhuma padronização e as miniaturas também não, tendo na maioria das vezes um frame da filmagem e palavras-chave escritas na imagem também.

Os “Publieditoriais” são identificados apenas no vídeo, por meio de um aviso no canto da tela, mas apresentaram um problema que não permitiu a catalogação precisa dessa categoria. O livro de autoajuda citado na entrevista sobre Alzheimer foi publicado nesse canal no período recortado e, durante a entrevista, foi dito que era um publi. No entanto, durante o vídeo, Mell cita que o livro foi enviado pelo autor, faz uma crítica sobre o ponto fraco do livro, mas não há indicações de que o conteúdo foi pago.

Dentro desses vídeos, os três selecionados para análise foram “Era uma vez a mulher que tentou matar o bebê da vizinha, Liudmila Petruchévskaja”<sup>63</sup>, “Praia de Manhattan, o

---

<sup>62</sup> É a abreviação de “*Vlog Everyday in April/August*”, algo como “vídeos todos os dias em abril/agosto”. Era um tipo de produção feita por *vlogers* em que adotava-se o mês de abril ou agosto para postar todos os dias um vídeo no seu *vlog*. A iniciativa foi adotada por alguns *booktubers* e, atualmente, não se restringe mais ao mês de abril ou de agosto.

<sup>63</sup> Acesso em: <<https://www.youtube.com/watch?v=E9AK0mSR9b4>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

romance histórico de Jennifer Egan”<sup>64</sup> e “VOCÊ QUER BOA LITERATURA JAPONESA? Voragem, Junichiro Tanizaki”<sup>65</sup>.

Em seu vídeo sobre o livro “Era uma vez uma mulher que tentou matar o bebê da vizinha”, de Liudmila Petruchévskaja, Mell não faz introduções. O vídeo começa com uma vinheta de abertura e segue para a introdução do vídeo, onde a Mell fala das impressões que teve com o título, agradece aos que assistiram ao último vídeo do canal, apresenta o clube de leitura #LeiaMulheres e a sua relação com o livro resenhado – foi por conta desse projeto de leitura conjunta que o livro foi lido. Ela expõe a capa na tela e fala um pouco sobre sua experiência de leitura, de ler uma coletânea de contos. Dá a sinopse do livro, explica o que são “Contos de Fada” e como isso se relaciona com o livro e destaca alguns contos que chamaram mais a sua atenção.

Em seguida, ela fala do seu contato com a literatura russa, fala das questões psicológicas dos contos e de seu contexto histórico, que sua publicação foi banida na URSS e comenta sobre questões do cotidiano russo, como problemas políticos, a fome e a violência. Depois, passa a falar um pouco mais sobre o aspecto estrutural da coletânea. Fala sobre o estilo da escrita, o tom sobrenatural dos contos, fala da escrita simples e comenta sobre o conto que dá título ao livro. Ela também faz uma intertextualidade com outro conto, relacionando-o com Poe e Kafka.

Por fim, ela fala do Instagram do #LeiaMulheres, apresenta um conto que não gostou de ter lido, indica o livro para leitura e convida quem assistiu para interagir.

Ao resenhar o livro “Praia de Manhattan”, de Jennifer Egan, Mell Ferraz começa o vídeo falando sobre a definição de romance histórico logo depois da vinheta de abertura. Depois de estabelecer esse patamar, ela dá uma sinopse do livro, cita alguns clichês e fala que a leitura foi instigante. Em seguida ela comenta sobre sua experiência de leitura, fala sobre os relatos que colocou no Instagram e comenta mais algumas coisas sobre o desenvolvimento da narrativa.

Mell passa a falar sobre alguns aspectos da estrutura dos contos, como o estilo da escritora, a construção do enredo e o tamanho do livro. Depois dessa discussão, ela passa a refletir sobre algumas temáticas ou reflexões que surgiram a partir da leitura, como o repertório de histórias que se passam no mar, a discussão do machismo na década de 1940 e a pesquisa histórica feita pela escritora. Durante essa exposição, Mell

---

<sup>64</sup> Acesso em: <<https://www.youtube.com/watch?v=If1x1r4Fp9A>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

<sup>65</sup> Acesso em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CPH2r2P2uhg>>. Disponível em: 17 fev. 2019.

elogia a habilidade da escritora em construir personagens e conceitua o que são personagens planas e o que são personagens redondas. Encerra o vídeo citando alguns detalhes de sua vida pessoal, recomenda a leitura, elogia a capa e a apresentação da edição e pede para que os visualizadores interajam.

No terceiro vídeo analisado, sobre “Voragem”, de Junichiro Tanizaki, Mell Ferraz começa o vídeo depois da vinheta de abertura sem uma introdução, apresentando o clube de leitura da TAG – Experiências Literárias, depois conta sobre um sorteio que o canal vai fazer e pede para que curtam, se inscrevam e compartilhem o vídeo (não faz no final). Além disso, indica para quem visualiza que ela fez outro vídeo, mais aprofundado, sobre esse mesmo livro e publicou no canal da TAG.

Depois dessa apresentação, ela dá uma sinopse do livro, contextualiza o livro e apresenta as temáticas que ele aborda: a homossexualidade no Japão, os relacionamentos humanos e a arte *shunga*. Em seguida, ela passa a discutir aspectos do estilo da escrita e fala sobre as camadas da narrativa, analisa o título do livro e as personagens. Encerra o vídeo recomendando a leitura, explicando o que é *Oikos* e o que é sua representação, reforça a recomendação e encerra sem pedir o engajamento.

As descrições dos vídeos são bastante extensas. Não há nada relacionado ao livro resenhado, nem um link redirecionado para a compra. As descrições começam com o link personalizado dela para a Amazon – no caso do vídeo em que o livro resenhado foi enviado pela caixa de livros TAG – Experiências Literárias, há também um link para conhecer o projeto. Abaixo disso, há links para seguir a booktuber no Facebook, Instagram, Twitter, Goodreads e Skoob. No caso do primeiro vídeo, há links para o canal da LivrIsa e da Mari.

Depois disso, na descrição ela também explica o que é o Literature-se, apresenta o site, o grupo no Facebook e um e-mail para contato – convidando, inclusive, autores independentes. Em seguida, apresenta sua caixa postal para envio de cartas, livros, presentes e qualquer outro material de divulgação, deixando uma observação de que o envio não garante a divulgação e que, para assuntos comerciais, deve fazer contato pelo e-mail. Abaixo há um FAQ onde ela responde algumas perguntas relacionadas a ela e ao equipamento utilizado – fala sobre seu nome, apelido, idade, faculdade e equipamentos usados na gravação. Por fim, a descrição traz créditos da música utilizada nas trilhas, na vinheta e um aviso de que, ao comprar pelo link disponibilizado no começo, você

destina 9% do valor da compra ao Literature-se sem pagar nada a mais. O texto é repleto de sinais gráficos, *emojis* e um tom mais despojado.

No caso dos vídeos, Mell também grava no mesmo lugar: de frente para uma estante, com o enquadramento na altura do busto e gesticulando as mãos. O interessante é que Mell nunca tira o livro das mãos enquanto fala sobre o livro. O único e-book mencionado foi o de “A mulher que tentou matar o bebê da vizinha”. Nesse caso, Mell mostrou o livro no leitor do Kindle (leitor de e-books da Amazon), apoiou o aparelho na mesa e passou a gesticular – a imagem da capa, porém, foi inserida na edição e ficou ao lado do seu rosto durante o vídeo todo.

É interessante ressaltar que, durante todo o terceiro vídeo, Mell Ferraz está fora de foco – já que a câmera foca na estante do fundo (vale ressaltar que o fundo dos canais têm tanta importância que o período de montagem e de mudança de estante na casa de Mell teve diversos vídeos dedicados à cobertura da instalação<sup>66</sup>). Por fim, ela cita na entrevista que procura colocar palavras novas durante seus vídeos e temos um exemplo nesse mesmo vídeo. Durante a resenha de *Voragem* ela usa o termo grego *oikos* e deixa o significado da palavra em sobreposição na tela. No caso de arte *shunga*, ela deixa o verbete na tela, mas sem significado, já que dizia em vídeo.

Mell segue a linha indicada na entrevista: apesar de estudante de teoria literária, seu conteúdo não é hermético, sua lista de leituras abrange livros de diversos gêneros e suas abordagens não tiveram um desenvolvimento da mesma maneira que um estudo acadêmico. No Literature-se, as pautas que envolvem o meio *booktuber*, suas curiosidades e a cultura literária como um todo têm bastante destaque – talvez pela sua postura de mostrar partes descontraídas da literatura com o objetivo de formar novos leitores.

A história de a sua mãe ter se tornado leitora e o fato disso ter sido muito marcante na vida profissional de Mell tem reflexo nas produções do canal, já que ela aparece em diversos vídeos. No entanto, o que foge às expectativas pautadas na entrevista são os publicitários e o uso da plataforma. Sem identificação no título, na descrição ou no vídeo, um publi ficou sem a devida marcação e só foi descoberto por conta da entrevista realizada (já que havia uma impossibilidade de identificação no YouTube, foi

---

<sup>66</sup> Em um período fora do recortado pela análise desenvolvida no trabalho, uma discussão que ocorreu nos comentários do Facebook e do YouTube no canal Livrada! também evidencia essa importância. O debate correu quando os inscritos do canal começaram a discutir sobre o fato do fundo dos vídeos do Yuri ser uma livraria ou a sua casa.

classificado como “Resenha”). O fato da honestidade do canal ter sido destacado na entrevista, com ênfase para os publieditoriais, e a existência de outros livros presentes nessa categoria levanta a bandeira para uma possível dificuldade de se usar o recurso da plataforma no YouTube que sinaliza o conteúdo pago e que foi utilizada nos outros vídeos de publieditorial pela *booktuber*.

Fazendo uma comparação das entrevistas com os vídeos que foram observados, tanto no balanço quanto na análise, é possível perceber que houve pouca dissonância entre o que foi dito e o que foi feito. Em uma comparação entre os canais, fica claro as possibilidades plurais que o YouTube oferece. Em primeiro lugar, os seis *booktubers* analisados se deixam guiar pelos seus gostos literários e, ainda que tenham alguns pontos de encontro, como a literatura russa no canal Livrada!, Literature-se e Las hojas muertas y otras hojas, suas preferências são bem divergentes. O resultado disso, que logo salta aos olhos, é que cada canal pauta livros diferentes para resenhar e, sendo assim, cada um estrutura seu nicho de acordo com o que gosta de ler.

Além disso, as abordagens também se diferenciam. Em primeiro lugar, nem sempre os tempos de discussão são os mesmos: alguns adotam o tempo de até dez minutos, outros se prolongam para os quinze ou vinte minutos e, por fim, temos até vídeos de análise com quarenta minutos ou uma hora. Geralmente, os canais formatam alguns quadros em faixas de tempo – no caso do Livrada!, as resenhas ficam na faixa dos quinze minutos enquanto as entrevistas duram até meia hora. No entanto, ao lado dos livros lidos, o que parece formar o público é a estratégia de discussão utilizada: seja um ensaio reflexivo longo ou curto, uma resenha opinativa sucinta ou uma apresentação rápida do conceito. O retrato que surge daí é bem próximo do que foi dito por Gisele Eberspächer: para construir seu espaço com um público, não importa só o livro lido, mas também o que é dito sobre ele e de que forma.

Para além da maneira com que se fala das resenhas, os outros conteúdos do canal também parecem dizer algo importante sobre a linha editorial. Ainda que as resenhas sejam maioria, outras partes do mundo literário (e, às vezes, até a cobertura de situações pessoais) parecem ser conteúdos importantes e bastante gerados nos canais. Vídeos de atualizações, por exemplo, têm lugar de destaque – os livros lidos, a lista de leituras futuras e as novidades recebidas são presentes em praticamente todos os canais. As coberturas de eventos, socializações, vídeos criativos ou entrevistas também moldam a identidade que o *booktuber* pretende dar ao canal (informações com outros atores,

aumento da rede de contatos, atender pedidos dos inscritos, fazer performances, trazer outros tipos de informação, etc.).

Por fim, o que surge é que, ainda que o vídeo seja a mídia preterida, não é preciso ter conhecimentos complexos sobre edição de vídeo para se estabelecer no canal. Tirando o Fantasicursos, os canais apresentam apenas uma vinheta de abertura e algumas projeções básicas de imagens. Como dito, os vídeos da Mell tiveram trechos fora de foco e isso não pareceu um problema para composição da resenha no quadro geral do canal. Uma pergunta que surge, fomentada pelo comentário de Yuri durante a entrevista, talvez o consumo leve pouco da parte visual em consideração se pensarmos que os espectadores estão realizando outra atividade no momento em que assistem ao vídeo. De qualquer forma, o retrato que surge daí permite a formulação de algumas considerações finais acerca do que foi visto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo no começo dessa pesquisa, um panorama sobre o cenário da crítica literária foi apresentado e ali vislumbramos a pluralidade que ela tem procurado estabelecer nos dias de hoje, alterando seus veículos e encontrando novas formas para continuar relevante e prosperar. Como disse Benedito Nunes (2007, p.75) ao refletir sobre a impressão de crise que ronda a crítica literária, “crise não é catástrofe. Crise é incerteza acerca do que fazer agora e do que virá depois”. É este o momento em que nos encontramos.

A pesquisa tentou responder da melhor maneira possível como o exercício da crítica nos moldes de produção audiovisual foi estabelecida pelos *booktubers*. O que surge como resultado final é um retrato que não nega suas características de foto instantânea, já que é um campo em adaptações constantes, e com seus devidos enquadramentos, pois tampouco esquece que seus seis atores entrevistados carregam consigo individualidades que, eventualmente, não corresponderão a outros possíveis enquadramentos.

O registro também não nega que é uma fração congelada do tempo e, ainda que o objeto seja ativo e dinâmico, as características que foram aqui discutidas terão ecos futuros – ainda que a configuração atual esmoreça e transforme-se em outra diversa. Dentro das questões que a pesquisa evidenciou estão: o estabelecimento de um espaço legítimo para a nova face da crítica jornalística; a relação do *booktuber* com seu público e a utilização das redes sociais; o tipo de conteúdo produzido; as relações do *booktuber* com o mercado editorial; e o uso do YouTube como plataforma de publicação e o uso de seus recursos.

Como guia da trilha cujo caminho nos apresentaria as visões desejadas, o primeiro capítulo contextualiza o cenário atual e a história que o precedeu. Tal diálogo apresentou o conflito recente entre Ronaldo Bressane e Tatiana Feltrin por conta da possibilidade de se pagar para a produção e veiculação de uma resenha crítica sobre os livros. Partindo do posicionamento de Paulo Roberto Pires (2018), professor de comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nessa discussão, a pesquisa traça um panorama da crítica ocidental.

Baseado na argumentação de Bauman (2010), o histórico apresentado parte da figura do crítico enquanto gramático; estabelece o auge do crítico-legislador, cujo papel era o do exercício de um poder intelectual e sua consequente hierarquização estética, que definia o que era de bom e mau gosto; marca sua substituição pelo crítico-intérprete e discute de que maneira essa configuração é compreendida nos dias de hoje. Como exemplo das

discussões atuais, o conceito das “comunidades interpretativas” estabelecido por Stanley Fish (1980) é aprofundado no sentido de entender uma das maneiras de compreender o exercício do crítico e suas interpretações nos dias de hoje.

O fim do capítulo ocorre com a inserção da história da crítica brasileira no panorama geral das civilizações ocidentais até a descrição da atualidade e a pluralidade de forma que a crítica literária encontrou nos dias de hoje para se manter relevante e afinada com os meios em que a literatura circula, com foco principal na crítica jornalística e não na acadêmica. Uma dessas faces é a dos *booktubers* e o aprofundamento dessa perspectiva começa no segundo capítulo, quando a trilha em direção aos moldes da produção começa a ser percorrida.

Antes que as entrevistas fossem desenvolvidas, um diálogo entre Antonio Candido (2000) e Iuri Lotman (1996) foi formado para compreender a formação da literatura enquanto texto cultural e como seus atores ali se configuram. Um desses atores, como estudado por Mauro Ventura (2015), é o do crítico jornalístico, preocupado com a mediação da obra e autor com o público. É só depois da compreensão sobre a posição desses atores que as entrevistas com os *booktubers* e, no capítulo seguinte, suas produções são analisadas e postas em comparação com as expectativas levantadas na introdução do trabalho.

Um dos primeiros questionamentos levantados foi sobre o estabelecimento de um espaço legítimo dentro do espaço de circulação da literatura e a visão do ofício do crítico que surgiria do funcionamento deste lugar. A expectativa era que surgisse a face de uma prática crítica já legitimada pelas discussões, cuja percepção poderia ser feita por meio de um discurso coerente dos entrevistados, que levantasse pontos próximos ao refletir sobre o exercício dos *booktubers*.

O resultado encontrado é que existe um espaço ocupado e legitimado pela produção dos *booktubers*, perceptível no posicionamento dos entrevistados acerca de questões contemporâneas do exercício do crítico no YouTube – como a possibilidade de um leitor experiente, mas sem formação acadêmica, poder ocupar um espaço na rede social, ou nas diferenças entre um Leitor Crítico e um Leitor Comum, que deixam de ser relacionadas exclusivamente ao conhecimento especializado, mas também à intenção do leitor durante o ato da leitura e da expectativa do público em relação ao conteúdo que estão consumindo.

A unidade no discurso dos *booktubers* sobre o ofício do crítico trata de um consenso de que um leitor crítico não precisa ter formação acadêmica, mas deve ter repertório para articular um discurso, concatenar as ideias e apresentar uma leitura coerente sobre o texto lido – independentemente da abordagem ou nível de aprofundamento no texto. Da mesma forma, têm consciência do espaço que ocupam e não pretendem ocupar outros espaços, como a crítica acadêmica.

O que existe é uma “horizontalização” das fontes no sentido de entender que não existem conteúdos críticos que são hierarquicamente melhores ou piores, mas que servem a propósitos diferentes. Tal percepção é vista nos próprios hábitos dos *booktubers*, que consomem críticas de maneira plural, seja por vídeos do YouTube, de jornais ou suplementos tradicionais, artigos ou livros acadêmicos, revistas especializadas, conversas com amigos e etc..

A percepção de textos com propósitos diferentes é uniformizada também no que tange aos motivos para a criação do canal. A autopercepção dos *booktubers* sobre suas produções toca sempre a questão da paixão pela literatura: existe uma vontade de dialogar com o público e ocupar um espaço antes não encontrado – o de uma conversa leve sobre literatura, como a do jornalista que medeia a relação entre obra e público, justificada sempre pela conversa desinteressada ou para a circulação de conhecimentos antes reservados à esfera acadêmica.

São essas justificativas que indicam as sutilezas presentes nos discursos adotados. Curiosamente, os *booktubers* que tiveram formação e atuação jornalística adotaram um discurso mais próximo ao bate-papo, ainda que algumas vezes usem linguajar especializado, como o caso da Gisele Eberspächer; os que têm maior convívio no ambiente acadêmico apresentam uma preocupação pedagógica, de formar leitores, apresentar vocabulários e reforçar um hábito de leitura, inclusive com abordagens diferentes para atingir esses propósitos, como é o caso da Mell Ferraz e seus vídeos criativos e de socialização. Por conta dessa paixão pela literatura, o envolvimento da pessoa com a história do livro e a honestidade das opiniões foram destacados como valores de referência tanto no momento de construir o conteúdo, quanto na avaliação da credibilidade de outros canais (juntamente com a capacidade e o repertório necessários para conseguir articular um discurso coerente e atraente).

A importância da honestidade para a construção de um canal ecoa em expectativa exposta na introdução do trabalho. No que tangia à organização interna, a hipótese era

de que os canais funcionariam em nichos de acordo com os livros abordados pelo canal, mas o que se revelou foi algo bem próximo à ideia de funcionamento das “comunidades interpretativas” de Stanley Fish (1980).

Em primeiro lugar, a impressão surge porque não estão preocupados em uma visão que demonstra o que salta da materialidade do texto, mas na construção de um discurso coerente de maneira isolada (o texto e seu funcionamento interno) e de acordo com o histórico do canal. Daí, surge a ideia de que uma interpretação é válida enquanto o for para sua comunidade interpretativa. A coerência interna é construída pela comparação com a produção de um canal, por exemplo, e da interação com os usuários, que podem reforçar a comunidade com questionamentos e críticas ou se isolar da comunidade por meio da não-visualização dos vídeos e, conseqüentemente, o término da consideração de um *booktuber* como porta-voz de sua comunidade interpretativa (questão a ser abordada abaixo).

De certa forma, cada interpretação faz sentido dentro das suas comunidades. Em sua entrevista, Alexander fala de como o público escolhe seu canal por meio da comparação com outros canais e as expectativas que guiaram suas buscas; Gisele fala que mais importante do que os livros lidos, é o que se fala sobre os livros lidos para a composição de um público; Yuri comenta da experiência de um amigo que é um leitor iniciante e tem um Instagram para registrar suas primeiras leituras. A conta tem bastante seguidores porque oferece uma visão de um leitor começando e que isso faz sentido em função um grupo determinado grupo. Ou seja, as legitimações funcionam de acordo com uma comunidade determinada.

Essa conclusão não parece tão distante da lógica de identificação com críticos que publicavam em meios mais tradicionais, como em colunas autorais em jornais fixos, mas o fator da proximidade com a figura do crítico que pode tornar o público mais ativo no estabelecimento das fronteiras de uma comunidade.

Tanto que, por conta do YouTube enquanto rede social e do ambiente digital como um espaço interativo, foi levantada a hipótese de uma comunicação intensa entre *booktuber* e inscritos por meio do campo dos comentários e de outras redes sociais, como Facebook e Instagram. Nesses espaços digitais, discussões entre os inscritos dos canais e o próprio *booktuber* aconteceriam de maneira ativa. Por conta dessas trocas, as produções trariam consigo uma preocupação com a criação de hábitos literários, a formação de um público leitor e a promoção de projetos de leitura em conjunto.

O que surgiu como resultado na análise não é tão distante do que era esperado. No entanto, além do grupo do Livrada!, não há grandes grupos de discussão formados de maneira direta (pelo *booktuber*) e os *booktubers* se tornam pivôs, algo como os representantes dessas comunidades, que canalizam os diversos comentários, posicionamentos e pedidos e os sintetiza na produção do canal.

A impressão surge de como os vídeos são pautados pelo gosto individual do *booktuber* e, algumas vezes, suas obrigações profissionais ou acadêmicas, mas estão sempre atentos aos pedidos e sugestões de resenhas dos inscritos. Além disso, mais do que grupos de discussão no Facebook ou chats no WhatsApp, os canais de comunicação entre *booktuber* e inscrito mais destacados foram os comentários do YouTube, chats de aplicativos como Instagram e e-mails.

Dessa interação surge o desenvolvimento de desafios de leitura, como o Desafio Livrada! e o Desafio Literature-se, e os projetos de leitura conjunta. Projetos desse tipo uniformizam as leituras que a comunidade realiza e também constroem de maneira dialética as opiniões que a comunidade tem de cada livro, já que o *booktuber* estimula a discussão e tem acesso aos comentários que os inscritos fazem durante as leituras e os legitima nos vídeos ou nos campos de comentário. No entanto, seria preciso um estudo mais aprofundado sobre as interações entre público e *booktuber* para esmiuçar os limites e as trocas desse relacionamento.

A introdução do trabalho também levantou como hipótese o tipo de conteúdo dos canais. A expectativa era que as pautas não fossem só resenhas e análises de livros, mas vídeos que discutissem a cultura literária num geral, como a compra de livros, os lançamentos recebidos, as leituras realizadas, lista de indicações ou dicas de leitura. Parecia também que, por conta da lógica de antecipação na cobertura cultural e na internet e pelas trocas entre mercado editorial e *booktubers*, que a maior parte dos livros resenhados fossem lançamentos do mercado editorial – principalmente por conta da contratação de publicitários e os envios gratuitos das editoras.

A variedade dos vídeos foi percebida durante o levantamento. Cada canal estabelece um perfil de produção e, em casos como do Fantasticursos, as resenhas não são nem o principal conteúdo veiculado. Vídeos criativos são usados por alguns canais para colocar a cultura literária em contato com outras áreas, como a cultura *dragqueen* ou a recomendação de produtos de papelaria; vídeos de socialização procuram fortalecer a comunidade, seja pela interação com os próprios inscritos ou com o diálogo entre

canais; projetos de leitura podem ser utilizados no intuito pedagógico de facilitar o acesso aos clássicos; entrevistas e coberturas de evento podem atender ao intuito de trazer outras informações da cobertura literária por outros meios além das resenhas; artigos podem trazer conceitos da academia com linguagem mais acessível. As possibilidades são amplas e utilizadas de acordo com a intenção de cada *booktuber*.

No entanto, os diálogos com as editoras não são realizados à maneira como foram imaginados. De maneira coerente com as intenções de criar o canal pela paixão da literatura, as entrevistas revelaram pouca preocupação financeira pelo lado dos *booktubers* e o levantamento dos vídeos comprovou afirmação. Quase não há parcerias com editoras. De todos, apenas Júnior Stornelli, o mais novo, possui parcerias e não está contente com elas e declara o desejo de não manter a parceria. Dessa forma, as maneiras de adquirir renda para o canal são diversas.

Duas delas que tiveram destaque foram os financiamentos coletivos por projetos, como no caso do levantado pelo Livrada! para a cobertura da FLIP 2018, e o de contribuição mensal, como o canal Lar da Agatha, que tem gastos com a maquiagem e pretende financiar um Café Literário com a contribuição dos inscritos. Além disso, algo que teve bastante destaque durante a pesquisa e não tinha havia sido notado durante a introdução do trabalho foi o destaque que os links da Amazon tinham no meio. Esses links permitem que 9% do valor dos itens comprados por meio do link divulgado sejam revertidos para o *booktuber*. Esse acesso permite a compra de qualquer produto, não só de livros resenhados pelo canal.

Mas o que salta aos olhos é que os canais são abertos ao falar sobre a parte financeira com seus inscritos e a maior parte declara ter interesse em reverter o dinheiro recebido para a manutenção do canal. No entanto, existe a presença de publeditoriais nos canais de Mell Ferraz e Yuri Al'Hanati. Como ressaltado na análise, um dos vídeos da Mell estava mal sinalizado, já que foi identificado apenas por conta do resultado das entrevistas, o que coloca em dúvida a maneira como ocorre essa sinalização no seu canal. Foi possível vislumbrar, também, que Mell Ferraz tem uma produção maior que os outros canais de conteúdo comercial e que Junior, do Lar da Agatha, pretende fazer do canal sua fonte de renda.

A última hipótese levantada na introdução do trabalho dizia respeito ao uso do YouTube enquanto as suas possibilidades técnicas e a produção de seu conteúdo frente a tantas outras possibilidades. A suposição era que surgiria uma estrutura básica, com abertura,

desenvolvimento da resenha, pedido para interação e fechamento do vídeo, e um código linguístico relativamente simples de seguir: o rosto de frente para a câmera, o enquadramento frontal e na altura do busto com uma estante atrás, compondo o cenário. Fora isso, não pareceria necessário nenhum conhecimento avançado em edição de vídeos ou a necessidade de efeitos visuais muito desenvolvidos.

Nesse sentido, a conclusão das análises confirmou as suposições. Quase todos os canais têm uma fala de abertura e uma vinheta de abertura personalizada. Não há a presença de edições ou efeitos visuais complexos. Os recursos visuais mais utilizados são a sobreposição de elementos gráficos, como a inserção de fotos, textos ou trechos de filmes e quase nenhum canal utilizou outros recursos disponíveis no YouTube, como as *lives* realizadas exclusivamente pelo Fantasticursos.

Em relação à estrutura, permanecem de acordo com a hipótese. O enquadramento frontal na altura do busto, a presença da estante como elemento de cenário (os livros ali em exposição também refletem o escopo do canal) e a gesticulação. Foi interessante notar que, em 17 dos 18 vídeos analisados, os *booktubers* expõem as versões físicas dos livros resenhados. Além disso, alguns deles disseminam outros hábitos, como o de beber vinho.

Por fim, o vídeo foi adotado integralmente como suporte, sem nenhuma produção para outras mídias, como uma resenha escrita do vídeo – sem considerar material de divulgação, como posts no Instagram ou no Twitter. Não há nem a produção de versões em texto dos vídeos gravados – no máximo, a produção de um roteiro. As abordagens e as durações também se diferenciam, já que alguns produzem vídeos de até dez minutos, outros ficam na faixa dos vinte minutos e alguns produzem até vídeos com até uma hora. Existe também a formatação de quadros que correspondem a uma divisão interna de tempo dentro dos canais. No caso do Livrada!, as resenhas ficam na faixa dos quinze minutos enquanto as entrevistas duram até meia hora.

Da reunião desse material é possível enxergar a pluralidade de configurações possíveis da crítica jornalística literária produzida pelos *booktubers*. Devido à própria abrangência de suas atividades, diversos diálogos que eles estabelecem com outros setores do campo literário não puderam ser abordados nessas páginas. Diversos deles são convidados para eventos, aulas, mediações de palestras. Yuri Al’Hanati, por exemplo, escreve para o “jornal Rascunho” e para o portal “A Escotilha” e publicará um livro de crônicas pela editora Dublinense, ainda sem data de lançamento. Nicolas Neves também foi

convidado pela editora Ponto para produzir o prefácio do livro “A Mulher Perdida”, de Willa Carther, também sem data de publicação.

No entanto, o *booktuber* enquanto crítico jornalístico literário mostra que tem um espaço legítimo e estruturado de atuação no espaço digital e ali exerce as funções atribuídas ao crítico enquanto componente do público no campo da literatura. Ao refletir sobre a literatura enquanto comunicação, Candido (2000) disse que o público (nele inserido o crítico) é o responsável por dar sentido à obra e é quem realiza o trabalho do autor; por sua vez, a obra ligaria o autor e o público, pois é por meio da obra que o público vislumbraria a personalidade do autor que tange sua produção; por fim, o autor seria o responsável por unir a obra com o público, já que é quem cria a obra e, para isso, se utiliza do repertório social.

O processo não parece ter mudado, mas o que mudou foi a propriedade da autoridade estabelecida nos textos. Aos que interpretam a produção crítica de hoje sob o ponto de vista do crítico-legislador, os juízos parecem ser fluídos e de curta duração. No entanto, o que ocorre é uma fragmentação do discurso que permite que diversas comunidades possam realizar uma interpretação da obra e estabelecer a partir daí sua comunicação com o público.

O que é visível hoje não é a existência de juízo estético que funciona de maneira universal e cujo posicionamento só pode ser feito em função dele, seja contra ou a favor. O que ocorre hoje é a possibilidade de uma miríade de interpretações que disputam espaço. Ao que parece, cada uma delas elege metodologias e porta-vozes responsáveis pela concatenação dos pontos-de-vista, como no caso dos *booktubers*, pivôs de uma comunidade e é no intuito de desvendar essas perspectivas que os próximos passos dessa pesquisa serão traçados.

## REFERÊNCIAS

- ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo**: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 1995.
- ARISTÓTELES. **Poética**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. 225 p. Tradução de Paulo Pinheiro.
- BALLERINI, Frantiesco. **Jornalismo cultural no século 21**: Literatura, artes visuais, teatro cinema e música - a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática. São Paulo: Summus, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e Intérpretes**: Sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. São Paulo: Zahar, 2010. Tradução de: Renato Aguiar.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. A., JANOTTI JUNIOR, J., JACKS, N., orgs. **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 29-52.
- BRESSANE, Ronaldo. **Unboxing booktubers & booktubbies**: A treta literária never ends. 2018. Publicado no medium pessoal do autor. Disponível em: <<https://medium.com/@ronaldobressane/unpacking-booktubers-e-booktubbies-efbbfc480181>>. Acesso em: 08 dez. 2018.
- CANCLÍNI, Néstor García. Quanto ou como se lê? Refazer as perguntas. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, v. 999999, n. 17, p.168-177, ago./dez. 2014.
- CANDIDO, Antonio. Ouverture. **Folha da Manhã**. 7 de janeiro de 1943. p. 5.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos, 1750-1889. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012. 800 p.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CHARTIER, Roger. A leitura como prática cultural. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n.17, p.19-26, ago./dez. 2014. Entrevista concedida a Revista Observatório Itaú Cultural.
- CHERUBIN, Felipe. Fenômeno dos ‘booktubers’ difunde clássicos literários para público jovem. **O Estado de S.Paulo**. São Paulo, p. 99999-99999. 22 jul. 2017. Disponível em: <<http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,fenomeno-dos-booktubers-difunde-classicos-literarios-para>>. Acesso em: 20 mar. 2018.
- COELHO, Marcelo. Jornalismo e Crítica. In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Rumos da Crítica**. 2ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Itaú Cultural; 2007, p.83-94.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTINHO, Afrânio. **Da crítica e da nova crítica**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1975.

DEUZE, Mark. Viver como um zumbi na mídia (é o único meio de sobreviver). **Matrizes**, São Paulo, v. 7, n. 2, p.113-129, 6 dez. 2013. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v7i2p113-129>.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. Cap. 4. p. 62-83.

FAILLA, Zoara. Retratos de um jovem leitor. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, v. 999999, n. 17, p.76-95, ago./dez. 2014.

FARO, José Salvador. Sob a superfície dos fatos, a complexidade de seu significado: o desafio da narrativa no Jornalismo Cultural. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [s.l.], v. 8, n. 2, p.406-416, 8 dez. 2011. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2011v8n2p406>.

FELTRIN, Tatiana. **Divulgue seu livro no TLT**. 2018. Disponível em: <<http://www.tatianafeltrin.com/p/divulgue-seu-livro-no-tlt.html>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

FERRAZ, Mellory. **Como os booktubers ganham**: Publieditoriais, permuta, afiliações, adsense. In: Canal Literature-se. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bhU6FVwG7mg>>. Acesso em: 10 maio 2017.

FISH, Stanley. **Is there a text in this class?** The authority of interpretive communities. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

FRIAS FILHO, Otávio. O paradoxo da mídia. **Folha de S.paulo**. São Paulo, 28 fev. 2016. Folha 95 Anos, p. 2-2.

GEEKFREAK. **VALORIZE O BOOKTUBE (feat. Renato, Thereza e Rafael) | Geek Freak**. 2016. Publicado no canal GeekFreak do YouTube, feito por Vitor Martins.. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cVEPA7KQhNk&t=7s>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

GOMES, Helton Simões. **Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE**. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

HOLANDA, Lourival. Reconsiderando a crítica literária. **Fronteiraz**, São Paulo, v. 1, n. 8, p.171-184, jan./jun. 2012. Semestral.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

JACKS, Nilda; TOALDO, Mariângela; OIKAWA, Erika. Práticas Culturais e Ciberculturais: para pensar a relação com as tecnologias. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação | E-compós**, Brasília, v. 19, n. 1, p.1-1, jan./abr. 2016.

JEFFMAN, Tauana Mariana Weinberg. **Booktubers: Performances e conversações em torno do livro e da leitura na comunidade booktube**. 2017. 393 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2013.

JUNQUEIRA, Diego. **Quase 70% no Brasil acreditam em todas as notícias que leem**. Publicada no portal R7. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/quase-70-no-brasil-acreditam-em-todas-as-noticias-que-leem-25062018>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

LIMA, Juliana Domingos de. **As 'revistas de livros' em português. E a crítica literária hoje**. 29 nov. 2017. Publicada no Jornal Nexo. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/11/29/As-‘revistas-de-livros’-em-português.-E-a-crítica-literária-hoje>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

LITTLE, Stephen. **Ismos: Para entender a arte**. São Paulo: Globo, 2010. Tradução de: Douglas Kim.

LORENZOTTI, Elizabeth de Souza. **Do artístico ao jornalístico: vida e morte de um Suplemento - Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo (1956 a 1974)**. 2002. 137 f. Tese (Doutorado) - Curso de Jornalismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

LOTMAN, Iuri. La semiótica de la cultura y el concepto de texto. In: \_\_\_\_ . **La semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto. Madrid: Cátedra, 1996, p. 53-57.

MANS, Matheus. Booktubers fazem sucesso na web com vídeos sobre livros de papel. **Estado de S.paulo**. São Paulo, 14 jun. 2015. Link Estadão, p. 1-2. Disponível em: <<http://link.estadao.com.br/noticias/geral,booktubers-fazem-sucesso-na-web-com-videos-sobre-livros-de>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

NASSIF, Luís. **O jornalismo nos anos 90**. São Paulo: Futura, 2003.

NETO, João Sorima. **Recuperação judicial da Livraria Cultura envolve dívidas de R\$ 285 milhões**. Publicada no portal O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/recuperacao-judicial-da-livraria-cultura-envolve-dividas-de-285-milhoes-23185435>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

NINA, Cláudia. **Literatura nos jornais: A crítica literária dos rodapés às resenhas**. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

NÓBREGA, Bárbara et al. **IDH: educação não avança e Brasil fica estagnado no ranking de bem estar da ONU**. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/idh-educacao-nao-avanca-brasil-fica-estagnado-no-ranking-de-bem-estar-da-onu-23067716>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

NUNES, Benedito. **Crítica Literária no Brasil, ontem e hoje** In: MARTINS, Maria Helena (org.). **Rumos da Crítica**. 2ª ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Itáu Cultural; 2007, p.51-79.

PERRONE-MOISES, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 296 p.

PINHONI, Marina. **Brasil é 3º pior em ranking de educação, aponta Economist**. 2014. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-so-nao-pior-em-educacao-que-mexico-e-indonesia/>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

PIRES, Paulo Roberto. **A impostura booktuber**. 2018. Publicada na revista Época. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/paulo-roberto-pires/a-impostura-booktuber-23004427>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

ROCHA, Camilo. **4 visões sobre o tamanho da crise do mercado editorial**. Publicada no jornal Nexo. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2018/12/15/4-vis%C3%B5es-sobre-o-tamanho-da-crise-do-mercado-editorial>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007. 280 p.

SALDAÑA, Paulo. **Alunos brasileiros não chegam ao fim de prova em avaliação mundial**. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/07/alunos-brasileiros-nao-chegam-ao-fim-de-prova-em-avaliacao-mundial.shtml>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SCHARWZ, Roberto. **Sequências brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SOBOTA, Guilherme. **Livros em Revista: Seminário fez a rara discussão da crítica literária não acadêmica no Brasil**. 01 dez. 2017. Publicado no Estado de S.Paulo - Blog Biblioteca Virtual. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/bibliotecavertical/livros-em-revista-seminario-fez-a-rara-discussao-da-critica-literaria-nao-academica-no-brasil/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

SODRÉ, Muniz. **Sobre o texto na rede cibernética**. In: PERUZZO, Cicilia. **A mídia impressa: o livro e as novas tecnologias**. São Paulo: Intercom, 2002. p. 61-66.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Iniciação aos Estudos Literários: Objetos, Disciplinas, Instrumentos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 191 p.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Crítica Literária: Seu percurso e seu papel na atualidade. **Floema**, [s.l.], v. 8, n. 7, p.29-38, jan./jun. 2011.

VENTURA, Mauro Souza. **A crítica e o campo do jornalismo: ruptura e continuidade**. São Paulo: Unesp, 2015. 96 p.

WOLFF, Clarissa. **Pagar ou não pagar, eis a questão... do conteúdo cultural**. 2018. Publicada na revista Carta Capital. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/a-redoma-de-livros/pagar-ou-nao-pagar-eis-a-questao-do-conteudo-cultural>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

ZONIN, Carina Dartora. Polifonia e discurso literário: outras vozes que habitam a voz do narrador na obra Ensaio sobre a Lucidez de José Saramago. **Nau Literária**. v.2. n.2. jul./dez. 2006, p. ?-?.

## **ANEXO 1 – ENTREVISTA COM JÚNIOR STORNELLI**

Nome: Júnior Stornelli / Agatha Christie

Canal: Lar da Agatha

Idade: 27 anos

Formação/Profissão: Largou o curso de Contabilidade (fez dois semestres). É Maquiador *freelancer*, trabalha no canal “Lar da Agatha” e organiza o Café Literário.

*Gravação por Skype – dia 07/08/2018*

### **OFÍCIO**

**Eu queria que você contasse para mim como é que foi que você criou o canal. De onde ele saiu?**

Eu acho que eu comecei a ter vontade de falar mais sobre livro porque eu comecei a ler de forma mais voraz quando eu descobri a Agatha Christie e eu queria sempre falar para os meus amigos "começa a ler esse livro", "começa a ler aquele livro". Comecei a convencer pessoas a ler, a minha mãe, que não tinha o hábito de ler, a minha irmã, que não tinha o hábito de ler, amigos... Eu comecei a fazer eles lerem vários livros. Eu achei aquilo muito bacana, aí queria abrir um canal para mim. Acabou que eu achava que o canal ia ser mais do mesmo, e eu queria ser *drag* e também não tinha rumo pra minha *drag*, aí decidi juntar as duas coisas. Aí o canal surgiu: a vontade de poder falar de literatura e ser uma válvula de escape para minha *drag*, porque não tinha outra coisa que eu podia fazer com a *drag* que eu tinha dentro de mim.

**Como é que você relaciona a criação do seu canal com o espaço onde você se inseriu? Você pensou em um espaço para ocupar enquanto canal?**

Eu gosto de canais literários. Enquanto eu fui assistindo alguns... eu gosto mais do que resenha escrita. Eu leio resenhas escritas também, eu vejo alguns blogs, mas aí o blog acaba que eu busco a resenha em si, eu não consigo acompanhar o blog fielmente, sabe? Isso é um gosto meu. Eu até acho que o blog é mais procurado e mais utilizado do que o *booktuber*, mas o *booktuber* eu me identifico de uma forma melhor, então... e eu não consigo escrever. Eu não tenho o hábito da escrita, eu não tenho o talento para a escrita, eu não tenho a prática, eu não sei fazer uma redação direito, porque é uma trava minha,

é uma dificuldade minha. Então, falar sobre é muito mais fácil do que colocar no papel. Aí acabou que o vídeo se tornou mais interessante para mim porque era mais viável.

**Quando você criou o canal, você sentia falta de algo que você queria ouvir e não encontrava em outros canais, em outros veículos ou meios?**

Sim. Eu vejo uma... no meio hoje das resenhas e tudo mais existem muitos livros que são pouquíssimos comentados e aí o que mais tem hoje é o canal que é mais comercial. Quanto maior o canal eu costumo ver que ele é muito comercial, ele faz suas parcerias com as editoras grandes e tudo mais e acaba que é muito... Você vai ver uma resenha do livro tal e é a mesma resenha que dez, vinte, trinta, quarenta canais estão fazendo. Isso me incomoda muito. Então eu gosto de trazer livros para o meu canal que são os livros que eu gosto, mas também priorizar aqueles que não estão sendo muito falados por aí, autores independentes, ou então um livro com uma temática que é mais ignorada, principalmente a temática LGBT. Porque com a temática LGBT a gente teve o "Com amor, Simon", mas foi porque viralizou, né? Aí é diferente. Agora, o LGBT raiz dificilmente tem.

**Seguindo essa linha, quando você criou e pensou nesse espaço, como que você imaginou o próprio diálogo com uma comunidade específica, no caso a LGBT?**

Eu achei que, quando eu fui criar o canal, eu achei que ia ser abraçado pela comunidade LGBT e que eu ia ter dificuldades no meio literário, que não ia ser levado a sério por ser uma *drag*. Eu achei que no meio LGBT as pessoas já iam levar mais a sério por conta que o meio LGBT já está mais acostumado com a arte *drag*, mas foi o contrário. No meio literário eu estou conseguindo me inserir muito mais do que no meio LGBT, porque parece que é uma resistência muito grande para uma *drag queen* que está fazendo um trabalho diferenciado, que não está no palco fazendo performance e que está sentada falando de literatura. Houve uma dificuldade, mas aos poucos eu estou quebrando esse tabu por aqui, no meio, a galera está começando a ficar mais interessada, estou alcançando alguns LGBT que gostam de ler. Os LGBT que são fãs de leituras eles, instantaneamente, amam o canal. Instantaneamente. Porque eles são LGBTs, se sentem representados, uma figura *drag* representa muito pra eles, então aqueles que são fãs de literatura e que descobrem o canal, na hora, se identificam.

**Como que você enxerga o espaço que você ocupa hoje no *booktube*? Existem muitas pessoas que fazem o mesmo tipo de cobertura, não existem... Não sei se você é a única *drag* que faz *booktube*. Como que é isso?**

Eu não encontrei outra *drag* que tenha um canal de literatura, que seja uma *booktuber*. Quando eu fui vendo também na Bienal [*do Livro de São Paulo de 2018*] e conversando com as pessoas o relato é sempre o mesmo: ninguém ainda soube me dizer uma outra *drag queen booktuber*. Nós temos a Lorelay Fox, que é uma *drag queen* que fala um pouco de livros no canal dela, recita poemas, ela é muito fã de leitura, só que não é o foco no canal dela. Isso é algo que tem muito pouco no canal dela. É bem esporádico. Uma *booktuber* mesmo só a Agatha Christie hoje, eu acho.

**Você acha que esse espaço no YouTube, especificamente no *booktube*, é mal representado? Ele representa mal a comunidade LGBT?**

Completamente. A gente precisa, como comunidade LGBT, como artista *drag*, porque a arte *drag* é mais disseminada no meio LGBT, mas ela não é exclusiva do meio LGBT. Pessoas heterossexuais podem ser *drag queen* do mesmo jeito, mas precisa ser invadida. A gente precisa ocupar esse espaço, porque ninguém vai abrir o espaço e falar "por favor, venham cá *drags* e façam isso". Precisa realmente querer ocupar e eu acho que é preciso. Está escasso mesmo.

**Entendi. A gente já retoma isso... Agora eu queria que você falasse para mim se depois que você lê algum livro e ele é pautado para virar vídeo, alguma vídeo-resenha, você tem um processo específico? De repente você pesquisa em artigo, conversa com alguém, consulta algum guia, faz alguma espécie de releitura do livro... Tem algum processo que guia geralmente as suas leituras?**

Eu faço a leitura e depois... Eu nunca escrevo uma resenha. Eu nunca sento e escrevo uma resenha. Quando eu gravo, eu sempre sento e passo. Eu vou pensando aquilo tudo dias até a resenha sair na minha cabeça e aí eu faço na hora, ali na câmera, mas eu, às vezes, gosto de consultar outras resenhas, conversar com outras pessoas, porque eu acho que quando a gente lê um livro pela primeira vez você vê de uma forma só, e às vezes, se você fizer uma releitura, você já vai pensar diferente, já vai interpretar diferente, e às vezes você conversa com alguém e essa pessoa entendeu de uma outra forma, e aí

conversa. Não é que vai mudar você ler uma resenha, você assistir uma resenha, não vai mudar a forma como você leu tudo, mas você vai ampliar, você vai falar "poxa, isso também pode ser assim, isso também pode ser assado". Eu acho que amplia e o mais gostoso da leitura é o compartilhado dela, é conversar, ver o ponto de vista de outra pessoa, e aí às vezes eu consulto e às vezes não, vai depender. Tem livro que às vezes eu leio e eu já sei exatamente do que eu quero falar e eu vou direto pra resenha.

**Quando você consulta alguém ou algum texto, você tem alguma fonte específica? Por exemplo, resenha você procura mais em outros vídeos ou mais em blogs; procura artigo no Google; no caso das pessoas, você procura amigos, você procura grupos de leitura?**

Eu procuro... No meio dos amigos é muito difícil, são poucos que são leitores e que leem o mesmo tipo de livro que eu, então eu vou direto no nicho específico quando eu quero conversar com algum amigo que eu sei que lê aquele ali e aí são mais amigos da internet, que às vezes se conecta mais pela leitura em si, e agora a pesquisa na internet eu gosto muito de canais, eu gosto de assistir as resenhas, mas eu não acompanho muitos canais, eu acompanho alguns apenas e eu procuro mais pelo livro em si. A resenha escrita eu também recorro, mas é menos, eu vou mais na resenha de *booktube* e menos na resenha escrita e artigo no Google eu nunca fiz.

**Nesse contexto, a gente vê muita gente criando canais, já que é acessível. Você precisa de um celular para começar a criar o canal, apanhar um pouquinho para editar o vídeo e para descobrir as coisas... Nesse contexto, como é que você enxerga a construção de um canal que tem credibilidade e constrói um conteúdo relevante? Como você a estruturação de um trabalho que passa a ser relevante e crível?**

O que eu procuro para o meu canal é o que eu procuro ver nos outros. Então, eu gosto de fazer aquilo que eu acredito que é o ideal para mim. E aí, o que eu mais gosto é que no meu canal você só vai me ver falando de livros que eu realmente gostei de ler e de coisas que foram boas para mim na leitura. O que me passa credibilidade em um canal é quando eu percebo que aquela pessoa faz aquele canal ali porque ela gosta daquelas leituras em si e a gente consegue perceber isso conforme a gente vai assistindo. Você assiste dois ou três vídeos e você começa a ver a pessoa que faz mais de forma

comercial, que ela faz mais chamando leitores, e aqueles que fazem de forma mais calma, tipo assim "fiz a resenha, está de boa aqui, se você gostou, gostou". Se tem vinte mil inscritos ou cinco inscritos, aquela pessoa vai fazer aquela resenha do mesmo jeito. Você consegue perceber isso no vídeo e é o que me traz credibilidade, porque não adianta. As pessoas que fazem... Tem várias formas de ser comercial, tem várias formas de atingir públicos e chamar públicos, e por isso que as minhas edições às vezes são simples, nos meus nomes [*acredito que seja título*] eu ponho somente o nome do livro, para que a pessoa identifique. Eu gosto de tudo bem simples, porque o conteúdo em si é que eu quero falar sobre aquele livro ali. Então, se eu tiver X de inscritos ou um milhão de inscritos não vai mudar a forma como eu trato meu canal, e aí eu procuro os *booktubers* que seguem essa linha também.

**É possível dizer que você imagina que a credibilidade e a relevância do conteúdo vem do contato do *booktuber*, do crítico, com aquele livro específico? Uma relação de afinidade e não comercial?**

É. Na questão de como ele apresenta o conteúdo dele. Porque você como uma pessoa que acompanha, que está assistindo ali, eu acho que quando você busca você consegue sentir, consegue perceber, a pessoa que tem um pouco mais de sensibilidade nesse sentido, de quando que aquela pessoa está, realmente, falando de um livro que ela gosta e aquela coisa toda que a gente busca num *booktuber*, eu acho que é geralmente isso que as pessoas buscam, e aquelas pessoas que estão simplesmente falando dos livros do momento para que gere mais visualização, mais visualização. Isso me incomoda muito. Então a credibilidade, para mim, está na forma como ele apresenta o trabalho dele, na verdade do trabalho dele.

**E isso você procura trazer para o canal, o Lar da Agatha, também?**

Sempre.

**Você já falou um pouco disso e sua facilidade com a linguagem, mas você sente que tem outras vantagens do YouTube como plataforma ao invés de outras línguas? Não só o texto escrito, mas o podcast ou outras formas.**

Eu acho que o texto escrito... Eu já tentei abrir um blog, eu tenho um blog, mas ele não está ativo. Eu já tentei colocar resenhas escritas lá. Eu acho que ela alcança um público muito maior, eu acho que tem uma galera que não tem paciência para assistir vídeo e aí provavelmente tem uma galera que não tem paciência para o podcast, mas tem uma galera que ama podcast. Você sempre vai ter os dois lados da moeda em qualquer plataforma que você escolher, então acabou que eu escolhi o YouTube por ser a mais acessível para eu colocar o conteúdo, porque aí eu coloco um conteúdo que, assim, eu sei que eu dou conta de fazer esse conteúdo aqui. Agora, se eu abrir um blog escrito, ou se eu abrir um podcast, aí eu já não... Eu sinto que eu dou conta de um podcast, eu faria um podcast, mas a minha imagem *drag* precisa da visualização, então não ia funcionar tão bem no podcast quanto funciona, eu acho, no YouTube. Da mesma forma, acho que assim, o YouTube, acho que de todas as plataformas para uma resenha de livro, hoje, ela é a mais difícil, na minha opinião. Ela é a menos acessada, porque blogs são super falados no meio literário, muito falados. O podcast eu não sei se a galera usa para poder falar sobre isso, já vejo muito mais para a área dos jogos, que eu vejo que os gamers usam muito mais o podcast do que a galera leitora, então, não sei dizer. Eu acho que o YouTube eu vou mais porque me sinto mais a vontade ali.

## **LEITURA**

**Você acha que existe alguma diferença entre um crítico e o leitor comum? Alguém que fala de livro e o leitor "comum"? Existe uma diferença entre esses dois postos?**

Eu acho que tem pessoas que sentem que tem essa diferença, mas eu não sinto que tem essa diferença. Na minha opinião, é tudo a mesma coisa. Eu acho que a arte, como um todo, seja literatura, música, cinema, ela, a arte, é o gosto. Ela é o sentimento. Então, você vai pegar um livro e vai falar que ele é horrível, no seu vídeo, ou vai falar que ele é maravilhoso, e pessoas vão discordar. Às vezes você falou que o livro é horrível, mas foi o melhor livro da vida dela. Então, é muito pessoal. A arte é pessoal, completamente, na minha opinião. Nesse sentido, de agradar ou não. A questão é que eu, no meu canal, não faço críticas de uma forma mais técnica. Eu não falo da parte técnica do livro. Dificilmente. Eu falo muito da parte emocional, que é a parte que eu me sinto... que eu domino mais, que é o que me agrada. Eu não pego meu livro e falo exclusivamente do tipo de texto, essas coisas assim. Eu não falo porque eu não domino isso. Não estudei isso e, como você disse, a plataforma está aberta para cada um ir lá e

abrir o seu canal e falar da sua forma. É muito acessível. Eu me sinto completamente desconfortável de pegar um livro e falar da forma técnica dele sem ter o menor conhecimento a respeito. Eu acho que ia ser ridículo. Assim como tem *booktubers* que fazem mais isso, mas talvez eles tenham um conhecimento melhor para fazer. Não sei, porque eu também não assisto. Eu não perco meu tempo assistindo um *booktuber* que vai ficar lá, falando mal da escrita do autor porque eu não entendo mesmo, é só a opinião dele. Me interessa se eu me identifiquei com o personagem, me interessa se a história foi cativante, me interessa uma mensagem social. Isso tudo me interessa demais. Então eu acho que não tem diferença mesmo do *booktuber* pro leitor comum. No meio dos leitores vão ter leitores diferentes, no meio dos *booktubers* vão ter *booktubers* diferentes, mas no fim das contas são todos leitores.

**Você já falou que consome outro tipo de crítica literária, outros *booktubers*, como referência para você fazer o seu trabalho. Eu queria saber quais canais e um pouco deles, quais são, o que você identifica neles que gera essa proximidade.**

Ai vem uma parte complicada, porque em casa de ferreiro o espeto é de pau. Eu acompanho... Eu busco... Vamos supor, vou dar um exemplo que veio na minha cabeça. Entrevista com Vampiro, da Anne Rice, foi minha última resenha. Eu chego lá e falo "Ah, meu Deus, penso dessa forma, mas eu queria ver outros pontos de vista dessa história". Eu jogo esse livro no YouTube e busco qualquer resenha. Então, às vezes, é um *booktuber* que eu nunca vi na vida, mas ele está falando desse livro. Por quê? Eu acho que no meio dos *booktubers*, também, são muito nichados. Tem aqueles que... Eu tenho uma amiga que tem um canal que chama Alegria Literária, e eu adoro o canal dela, mas ela fala exclusivamente de romances de época. Eu não leio romances de época, mas eu adoro as resenhas dela, os pontos de vista. Eu fico um pouco por dentro do que acontece no romance de época sem precisar ler, então eu acompanho alguns canais que são os menores possíveis. Eu gosto de acompanhar canais do tamanho do meu, digamos. Canais menores. Aqueles maiores, como a Tati Feltrin, por exemplo, eu não acompanho, porque eu já não me identifico com os canais grandes, eu não me identifico na forma. Eu acho eles muito comerciais. Acaba que eu não tenho um canal específico para buscar as minhas resenhas. Quando eu quero uma segunda opinião, para poder falar "eu fiquei meio confuso com tal coisa, será que aquele personagem foi daquele jeito?" aí eu busco o livro em si, às vezes cai um canal muito estranho lá e eu

assisto assim mesmo, ou leio alguma coisa. Os que eu acompanho fielmente são os canais menores. Tem o Alegria Literária, tem o Fetiche Literário, também, que é pequeno, tem o Marcando uma Página. Eu sou péssimo com nomes, tenho que olhar na minha listinha... Mas esses três são canais que eu acompanho.

**Quando você procura outras resenhas para te inspirar, além da questão da credibilidade, da honestidade com o livro, você tem algum outro critério que utiliza para saber se é uma boa referência? Você já falou, por exemplo, que não busca tanto a questão textual, mas a questão social. Então, de repente, alguma outra análise, outro tipo de abordagem com o livro...**

É porque eu vou muito, assim... Eu sinto, quando eu busco uma resenha para me espairar sobre a história, porque tem livro que a gente lê e a gente termina e fica uma confusão de sentimentos, conflito de sentimentos com personagens, com o autor, com a história e tudo mais. O que eu busco é como se fosse uma conversa com um amigo. Então, eu vou lá, clico naquele canal que eu não conheço, vejo que tem a resenha do livro, assisto e assisto ela inteira e fico como se fosse um amigo que tivesse me dando um ponto de vista dele. Aí eu fico, tipo, "ah, o seu ponto de vista é assim". Então, assim, eu julgo exclusivamente aquele vídeo ali. Não busco o histórico do canal, o histórico daquela pessoa que faz, o *booktuber*. Eu ouço a opinião daquela pessoa sobre aquele livro. Se no meio do caminho eu já achar que aquela pessoa dá muita distorcida, está muito não sei o que, ou então não encaixa comigo, eu mudo, tiro, entendeu? Mas assim, eu busco o vídeo específico mesmo, ver o ponto de vista. E os que mais me chamam atenção são os que vão num pensamento mais profundo, do que o autor gostaria de dizer com aquilo, a mensagem por trás. E é o que me interessa mais, porque quando a gente conta uma história a gente pode trazer muitas mensagens ali e eu gosto de ir interpretando, pegando outras ideias. A parte técnica, se eu pegar uma resenha e ficar falando a parte técnica eu já troco, porque eu já vi que não é o do meu interesse, porque eu não julgo essa parte, eu não sinto que eu tenho capacidade técnica para isso e aí eu nem me envolvo muito. Pretendo estudar mais para o futuro, mas agora trato das emoções.

**Quando você julga se é uma boa análise ou não, você busca mais ou menos uma afinidade no ponto de vista?**

Uma afinidade no que que ele quer abordar. Se ele quer abordar a parte técnica ou a parte... porque assim, ele pode ter um ponto de vista completamente diferente do meu, mas se aquela pessoa está falando da história, do clima do livro e tudo mais é aonde eu fico. Agora, aquele que vai falar da técnica, que a escrita é isso, aí eu já não fico. Agora, a afinidade dele com a história pode ser completamente diferente da minha. É até mais interessante.

## **PROFISSIONALIZAÇÃO**

**O trabalho que você faz, exclusivamente no canal, traz algum tipo de remuneração financeira?**

Não.

**Nada? Nem anúncio?**

O que eu vou dizer para você que traz é justamente os livros que eu ganho em parceria, e aí não é um dinheiro, não é uma remuneração financeira, mas eu não pago por determinados livros. Não são todos também, mas eu tenho essas parcerias. Agora, receber financeiramente eu nunca recebi nada. De nenhuma forma. Nem com anúncio.

**Além dos livros, você recebe algum outro produto gratuito?**

Não. Ah, recebi marcadores na Bienal! Conta? *[risos]*

**Como funciona o envio dos livros que você recebe? É uma parceira com uma editora, não é?**

Tenho. Hoje eu tenho com três editoras. Hoje eu tenho com a Editora Coerência, Universo dos Livros e com a Rouxinol e aí eu também tenho... As parcerias são bem complicadas, inclusive. Se é um tema para você, a gente pode depois entrar nele na parte da profissionalização, porque eu acho que aborda muito isso da parte da profissionalização, porque como as editoras enxergam os trabalhos dos booktubers e

como que a gente é tratado, como que é... Porque não existe remuneração, não é pago. Existem *booktubers*, eu fiquei sabendo, e aí é minha opinião sobre coisas que eu fiquei sabendo. Existem *booktubers* que cobram de autores pelas resenhas e houve uma confusão em uma das editoras que eu tenho parceria porque uma autora que é da editora pediu uma resenha com uma parceira da editora e essa parceira cobrou e aí, tipo, as duas são da mesma editora, aí deu uma confusão enorme. A chefe da editora foi lá no WhatsApp, na frente de todo mundo, de todos os parceiros, e falou "quem está cobrando da autora? Porque não pode, ela é autora da editora e vocês são parceiros então vocês têm que fazer a resenha de graça". E aí foi um "climão", foi uma confusão e assim, eu acho pesado a forma como o *booktuber* é tratado. Nós somos pequenos, qualquer um pode ser, mas a editora tem sempre o direito de peneirar e escolher quem ela quer e aí, quando ela escolhe quem ela quer, ela deveria tratar com uma forma mais profissional, ela deveria até mesmo remunerar, porque no fim das contas quem recebe é ela. Quem vende horrores de livro é ela, às vezes o *booktuber* igual, por exemplo, eu tenho mais de mil e seiscentos, quase mil e setecentos, inscritos, mas eu não recebo nem um real no meu trabalho e vai demorar ainda muito, porque são muitos requisitos que você precisa adquirir no YouTube para que você possa começar a gerar alguma receita e aí eu vou começar gerando minúscula. Então, assim, não vai nunca compensar, nunca vou viver do dinheiro do YouTube, porque o *booktuber* é um dos nichos menores que a gente tem lá, são os canais menos acessados dentro dos nichos. Pouquíssimos que são grandes dos *booktubers* mesmo. Então, a relação com a editora é muito complicada. O autor independente, como ele é independente igual a mim, então eu acabo não cobrando dele. Eu poderia cobrar. Daqui mais para a frente eu vou começar a pensar nisso, porque ele paga para poder fazer a capa, ele paga para fazer uma revisão, ele paga para publicar, só que aí na hora que ele busca vários *booktubers* para poder divulgar o livro para ele, ele não paga. Eu tenho o mesmo problema de *booktuber* como *drag*. A *drag queen* também é completamente... ninguém paga *drag queen*. Todo quer *drag queen* pra fazer performance, quer *drag queen* pra cá, pra cá e pra cá e não quer pagar. Então, hoje, posso dizer para você que depois de mais de um ano de *drag*, com minha carreira *drag* colada com a minha carreira de *booktuber*, criei junto, até hoje eu recebi R\$ 38, que foi o cachê de uma única performance que eu fiz. Em mais de um ano, eu recebi R\$38 e com o *booktube* eu recebi R\$ 0 até hoje. Mas gastei horrores.

### **Era essa a próxima pergunta. Você já teve que fazer algum tipo de investimento?**

#### **No que e como?**

A câmera. Eu usei câmera emprestada por quase um ano, mas eu precisava devolver uma hora, então gastei dois mil e poucos reais na minha câmera e aí eu tenho que comprar tripé, eu tive que me virar em fazer softbox, que a softbox é cento e poucos reais cada uma, sem o tripé, só a parte da caixa. E aí eu fiz softbox com cano de PVC e caixa de papelão e ficaram incríveis as minhas softboxes e aí eu tive que improvisar. Mas eu faço várias resenhas e gosto de mexer no cenário, gosto de mexer na produção visual, então eu gasto com produção da *drag*. Eu tenho uma resenha de terror para fazer onde eu já comprei sacola cheia de vela preta da casa de macumba e aí eu, tipo, produzo sangue falso e aí eu produzo figurino específico para a resenha e acabo que eu vou investindo, investindo. Eu não posso deixar de investir porque, no final das contas, eu assisto a resenha e eu sou fã da resenha. Eu amo meu trabalho porque eu olho lá e falo "a resenha está do jeito que eu queria que ela estivesse", visualmente, e aí o meu trabalho no YouTube é para trabalhar o visual. Eu preciso investir nisso. Eu não faço mais porque eu não tenho como fazer, mas se eu pudesse, seriam produções bem maiores, com certeza. O investimento sai todo do meu bolso, e o retorno é realmente zero, por enquanto. Mas eu abri o Apoia.se, né, que vale a pena falar aqui agora. O Apoia.se é um site onde você gera um apoio coletivo, as pessoas, no caso do meu apoia.se, é para o Lar da Agatha específico. As pessoas podem apoiar com cinco, dez ou quinze reais. Aí eu gero recompensas pra essas pessoas. Vai ter sorteio de livro, eu vou mandar um kit de boas-vindas com vários itens exclusivos e entre outras coisas que eu vou gerando as recompensas. Mas o valor vai ser realmente para poder manter o canal, manter figurino, fazer o traslado de sair daqui e poder fazer um Café Literário lá em Foz do Iguaçu, como eu vou fazer em novembro. Isso tem gasto e eu não tenho outra profissão hoje, eu estou dedicado a essa e então o apoia.se vai ser uma comunidade onde as pessoas vão ver o meu trabalho, elas vão falar "nossa, eu adoro o trabalho dessa *drag*, eu quero que ela continue falando no meio literário", então se ela puder me ajudar, essa pessoa vai me ajudar através do Apoia.se.

#### **Aprofundando um pouco essa abordagem, hoje você enxerga seu trabalho mais próximo de um hobby ou de uma profissão?**

Comecei encarando como um hobby e hoje totalmente profissional. Teve um estalo para mim no mês passado, porque eu sai do meu emprego, né, em março, então de lá para cá eu fui me estabilizando e, de repente, teve um estalo e falei "você não está ganhando nada com o seu trabalho" e por que? Em primeiro lugar, é a minha postura. Se eu tiver uma postura de hobby sempre, eu vou fazer isso como hobby para sempre. Quando eu passava a postura para uma postura de profissional, que realmente trabalha com isso, que vive disso, aí eu vou poder me estruturar melhor e passar a valorizar meu trabalho e cobrar pelo meu trabalho e aí, quem estiver a fim de consumir, vai acabar contribuindo. Eu passei a fazer de uma forma profissional, completamente.

**Você falou um pouco do Café Literário, que é uma roda de debate sobre literatura e diversidade. Eu queria saber se o canal te trouxe ou traz outras possibilidades de trabalho, como esse, e se essas possibilidades trazer remuneração.**

Então, acabei de descobrir. A Bienal foi uma coisa muito especial na minha vida, foi um divisor de águas. O dia que eu te encontrei lá foi o meu último dia de Bienal, foi o segundo. Eu fui para o lançamento de uma antologia de terror às oito horas da noite. Aí chegou lá, conversei com vários autores de terror e tudo mais e eu estou falando com eles dos meus projetos. O Café Literário eu quero que, toda vez, eu quero iniciar o café literário com uma performance *drag* minha, porque aí eu pego uma música que seja como clima de acordo com o tema do café literário, porque eu posso fazer um café literário em São Paulo para o público LGBT, falando sobre LGBT na literatura, como eu posso fazer um café literário em São Paulo com os autores de terror e falar sobre a escrita de terror nacional. Então, assim, eu quero pegar uma performance de acordo com o tema e aí eu vou fazer e aí, tipo, numa performance de terror, eu até comentei com eles, eu estou estudando a forma de fazer um efeito especial, de colocar algo no meu pescoço que eu queria cortar durante a música e jorrar sangue no meu vestido inteiro durante a performance. É uma coisa que eu estou estudando como que eu vou fazer, mas eu quero fazer numa resenha que seja focada na literatura de terror nacional. Então, assim, quando eu falei isso, autores que eu fui conhecendo lá... tem uma autora que eu admiro muito, que é a Soraya Abuchaim, ela até comentou comigo: "Nossa, então eu vou lançar o meu próximo livro que estou para lançar e gostaria muito de saber se você topa ser contratada para fazer uma performance de abertura do lançamento do meu livro". Então, assim, abriu uma possibilidade de fazer uma outra coisa com meu

trabalho *drag* e literário, de ser uma *drag queen* que com o tempo conquiste o espaço e que autores queiram ter, também, além de ter a presença da Agatha no lançamento do livro, queira contratar uma performance da Agatha no lançamento do livro. Pode ser um livro romântico e aí uma performance romântica, e assim vai indo. Eu mostrando ser um camaleão posso abrir várias possibilidades. Então existem outras e as pessoas estão abrindo a minha mente para expandir ainda mais esse trabalho. E dá para ir em diversas direções com ele, só me sinto um pouquinho limitado hoje, que eu tenho medo de pisar fora da caixinha, mas agora eu tenho que começar a mudar.

### **Você está encontrando seu espaço. Ainda é uma coisa meio incipiente.**

Mas é isso, é uma metamorfose ambulante. A gente vive se construindo, nunca tá pronto, principalmente como *drag*. É uma arte que nunca tá pronta, você está sempre em construção.

## **PÚBLICO**

### **Quais são os critérios que você usa para selecionar uma pauta?**

Olha, eu gostaria de dizer que o meu canal só ia ter livro LGBT, mas não seria verdadeiro também. Eu gostaria de dizer que o meu canal só ia ter livro de autor independente, também não seria realidade. Por quê? No meu canal, hoje, eu realmente falo exclusivamente de livros que eu gosto e aí eu tento dar prioridade para livros que eu acho que precisam daquele espaço. Por exemplo, no meu canal você sempre vai encontrar diversidade e também autores nacionais independentes. São duas coisas que eu estou buscando trazer ao máximo para o canal. Então, eu tenho essa meta, esse foco de ter essa pauta, de levantar essa discussão. De dar o espaço para o autor independente nacional e dar espaço para livros com representatividade LGBT, mas acaba que, como eu falo daquilo que eu gosto, eu falo de Agatha Christie, que é extremamente famosa, Stephen King a mesma coisa, e diversos outros, mas são autores que eu gosto muito, que eu leio um livro e falo "nossa, esse livro é muito bom, quero falar dele". Então, eu sempre vou falar do livro que eu gosto e vou dar um jeitinho de enfiar uma representatividade LGBT ali, vou dar um jeitinho de falar do autor independente. São duas pautas que eu gosto demais.

### **O público interfere de alguma maneira nesse processo? Sugere alguma coisa?**

Não. Não consigo. Eu faço primeiro para mim, porque aí eu consigo fazer. Aí eu falo "fiz, tô satisfeito, ficou do jeito que eu gostaria de assistir". Eu tenho que ser a primeira pessoa que tem que estar agradada com aquela resenha ali. Se eu gostar... Isso acontece, eu posso te dar um exemplo. Eu lanço várias resenhas e, por exemplo, Coraline era algo que eu queria muito fazer aquela resenha. Aí eu fiz e coloquei. Ela, hoje, tem quase quatrocentas visualizações. Beleza. Mas ao mesmo tempo, eu queria muito fazer a resenha de Vozes Transcendentes, que é um livro sobre LGBTs focados mais nas trans, travestis e aí é um livro que eu amei a resenha, coloquei e ela, depois, fui olhar, tinha nem trinta visualizações. Aí você vai ver o penhasco e se eu fosse ligar, a galera prefere quando eu me caracterizo de forma absurda, como a Coraline, e a galera não quer me ouvir falar de um livro independente LGBT que vai enaltecer os LGBTs. Dane-se. No fim das contas, eu vou falar dos dois, porque dos dois eu gosto. Eu não vou deixar de falar, porque se eu for ligar para fazer uma pesquisa pública, aquilo que está ali... é só eu olhar para o meu canal, eu vou ver os vídeos que tem visualizações e os que não tem. Aí eu ia tirar várias coisas de lá que eu acredito muito, que eu gosto muito porque elas não dão visualização para o canal. Aí eu não olho para esse lado, eu olho só eu sozinho, produzindo, e o meu contato com o público é depois, só o *feedback*.

### **E como que é esse contato com o público? Tem algum canal, comunidade, grupo no WhatsApp, e-mail, Instagram, que estabelece um canal mais direto para o *feedback* ou até para conversar?**

Sou muito famosa, então não sou tão acessível assim. *risos*. Ah, então, eu criei agora uma das recompensas de ser um apoiador ou apoiadora do Lar da Agatha é que eu criei um grupo secreto no Facebook. Aí, hoje eu estou com sete ou oito apoiadores ainda. Ai, essas pessoas já estão no grupo secreto. Vai ter um conteúdo diferenciado para eles, eles vão poder opinar em algumas coisas, porque daqui para frente eu vou começar a trocar opiniões sobre o canal, para produzir, apenas lá. Quando eu tiver dúvidas e tudo mais, apenas lá. Os apoiadores vão ter essa exclusividade daqui para a frente. Aí, eu pretendo... fora isso, as pessoas me chamam muito no privado pelo Instagram e pelo Facebook e aí a gente mantém um contato assim, que é superbacana, porque o Lar da Agatha é muito mais comentado por pessoas desconhecidas do que os meus conhecidos. É fato. Eu até tomei um susto na Bienal, a quantidade de gente que me conhecia lá.

Falei "Meu Deus, vocês me conhecem", depois eu falei "pô, aquelas trezentas visualizações de Coraline não são de amigos, vizinhos e parentes. São de pessoas de fora que gostam demais do trabalho", então, eu acabei, pessoalmente, eu encontro algumas pessoas na rua. Aqui perto de casa acontece, às vezes, de algumas pessoas que eu não conheço me conhecerem. Aí está acontecendo isso, de as pessoas de fora são as pessoas que acompanham. E isso é assustador, para quando você começa a fazer, ser um produtor independente. Você acha que só seus amigos estão vendo, que só sua família está vendo, aí você descobre que sua família está cagando. Sei nem qual foi o último vídeo que minha mãe assistiu. Acho que minha mãe nunca assistiu um vídeo meu inteiro, sabe? Muitos amigos, não. Agora o pessoal de fora está acompanhando fielmente, e aí me encontra, sabe tudo do canal e eu fico chocado. Eu acho que a relação vem muito do privado do face, Instagram e pessoalmente. Agora que eu estou saindo daqui, estou descobrindo muito. Paraty, Bienal, São Paulo. E agora eu pretendo ir para as cidades todas, e aí a gente vai dar um jeitinho de me enfiar aí na sua cidade também para fazer Café Literário. Eu quero fazer isso em várias cidades. E aí, quando eu chegar aí, provavelmente vai ter uma pessoa que vai saber que vai ter, que vai chegar aí e vai comentar que ela assiste, e aí é, tipo, "pô, você aí está me assistindo e lá na minha cidade ninguém tá vendo". É desse jeito. Muito doido.

**Então, basicamente, esse contato é feito pelo contato na rua e pelas mensagens em privado no Facebook, no Instagram e, agora, está desenvolvendo esse grupo no Facebook por conta das recompensas do Apoia.se?**

Certo. Exatamente.

**Você estabelece um diálogo direto com essas pessoas?**

Sim, ai ali a gente vai começar a discutir juntos as produções do Lar da Agatha. Eu vou tentar abrir um pouco mais esse leque, porque eu sou muito fechado. Eu gosto de só eu fazer, só eu produzir. Tudo bem fechadinho. Só que com esse grupo secreto, com esses apoiadores, aí não seria justo eu fazer isso, né? As pessoas estão ajudando, elas estão apoiando o seu trabalho. Elas estão te ajudando a botar ele pra fora, a produzir ele, então eu vou ter que abrir uma brecha e saber dosar isso também, até onde elas vão poder opinar e contribuir. Mas para que elas possam, porque as pessoas sentem a vontade

também de opinar, de contribuir, de interferir e eu vou ter que saber delimitar até onde elas podem, até onde não, e esse vai ser um canal de interação muito curioso para mim, que é algo novo.

**As conversas giram em torno da resenha, do trabalho que você postou? São discussões acerca do que foi feito, dos livros?**

O pessoal que acompanha o canal, sim, e uns estranhos que falam coisas estranhas. *risos*. Menino, a quantidade de gente lá do Irã que adiciona *drag* é absurdo. É sempre de lá, eu não sei porque que é sempre de lá, mas é sempre de lá. Você pode olhar que o país é Irã.

**Ainda que você não divulgue, você tem alguma política editorial na sua cabeça de como se relacionar com o público? Algum tipo de linguagem que funciona, outra que não funciona, quanto tempo tem que ter um vídeo, quais gêneros literários funcionam...**

Dá para você... Como eu te falei, é só você olhar para o seu canal, você vai ver a forma, porque eu faço muitos vídeos diferentes. Se você for olhar o canal, tem vídeos de tamanhos diferentes, tem resenhas que são feitas de formas diferentes, e aí eu consigo perceber o que que o público mais gosta, o que que o público se incomoda mais. Muitas pessoas não gostam de resenhas grandes, longas. Eu sou uma dessas pessoas, eu gosto de resenhas mais curtas. Eu comecei a me preocupar a fazer resenhas de cinco a oito minutos no máximo. Deixar um padrão de resenha. Mas, ironicamente, as pessoas são curiosas. Meu "50 fatos sobre mim" tem vinte minutos e é o único vídeo que passou de mil visualizações. Ele está chegando a mil e quinhentas visualizações. Todo mundo, cada hora aparece alguém novo assistindo aquele vídeo lá. Então é um vídeo que não tem nada a ver com a proposta do canal específico, né, mas é onde as pessoas querem me conhecer melhor. Então, eu acabei que, de vez em quando, tem que gerar, começa a gerar essa estética, né, essa organização. De vez em quando eu tenho que gerar algum conteúdo, algum vídeo para o canal, de uma forma mais íntima sobre mim para as pessoas, para segurar o público e deixar eles mais interessados por mim. Eu não faço muito essas coisas que deveriam ser feitas, por isso acho que é uma das razões pela qual o meu canal ainda está demorando para crescer, mas eu voltei da Bienal decidido a

mudar esse rumo, inclusive vou fazer um VEDA agora, que o VEDA pode ser feito em abril ou agosto, mas eu vou fazer em setembro porque eu faço no dia que eu quiser, e aí eu vou fazer um VEDA em setembro, vou colocar vídeo o mês inteiro, todos os dias, e aí eu vou ver como que isso vai funcionar com o público, se o público vai reagir bem, e vamos procurando. Sempre procurando a forma como que você encaixa o que o público quer e o que é gostoso para mim de fazer, porque eu não vou sacrificar o meu bem-estar. "Ah, a resenha está chata, estou gravando de forma chata porque é isso que o público quer". Não consigo fazer.

**Você acredita que as comunidades são construídas em torno de gêneros específicos? Em torno das figuras? Como que o *booktube* aglutina as pessoas em comunidade? É o gênero, é quem fala...**

Olha, eu acho que é mais o gênero literário, sim. Eu vejo, por exemplo, eu estou descobrindo uma galera, um grupo no meio do terror nacional, por exemplo, uma galera muito unida, uma galera que todo mundo conhece o trabalho do outro, todo mundo fala a mesma língua e aí eu cheguei meio perdido, "o que que está acontecendo aqui?". E eu estou vendo isso acontecer muito no meio do terror nacional, tanto os autores quanto os leitores. Acho que é o gênero mais unido que eu encontrei até agora foi esse, mas você vai ver aquela galera que "eu gosto de romance de época", então seguem somente canais que falam de romance de época. Aí tem canais que são muito "*nichados*" também. Você vai lá no canal e aquela pessoa só fala de romance de época, aquela só fala de terror. Aí, é muito assim, o meu canal cai no meio deles e fala sobre um pouquinho de todo mundo e, então assim, eu não consigo me ver dentro de uma tribo. Eu entro em todas as tribos e não fico em nenhuma das tribos. Acaba que eu não sei como que eu vou me encaixar nisso. Vão ser pessoas ecléticas, provavelmente são aquelas que vão se identificar com o meu canal, aí seria uma tribo eclética. Mas se divide muito em gênero, sim. Acho que é o que mais divide o *booktuber* hoje.

**Mais do que a figura de quem fala?**

Mais. Para mim, com certeza. Eu acho que sim. Seja homem ou mulher, seja quem for a pessoa que está falando ali, quando ela fala de terror, os fãs de terror vão mais para aquele lado ali e assim vai indo.

**A última pergunta, você comentou que existem várias formas de atingir o público e comentou um pouquinho das diferenças sobre falar das TAGs, ou fazer perfil comercial, abordagem emocional. Queria que você aprofundasse em como você enxerga essas formas de atingir e chamar o público.**

Tem umas formas que me incomodam muito, porque aí a gente tem o canal que você vê que as pessoas gostam muito daquilo que elas estão fazendo, e tem o canal comercial que a gente falou, que realmente fazem de tudo "ah, o que que hoje está sendo falado? A TAG tal saiu, todo mundo está pesquisando essa TAG, então eu preciso correr e fazer essa TAG também". Aí é essa galera que é mais comercial e que me desagrada bastante. Mas, o que eu acho é que as pessoas, no fim das contas, buscam... o interesse delas, às vezes, elas não vão ficar naquele canal, elas podem ser aquele público que fica buscando, igual eu mesmo busco. "Ah, eu li o livro tal e vou procurar resenha dele. Assistir essa aqui" e não se liga nem que canal é aquele e faz isso com vários livros. Ela não se prende a canal nenhum. E existe o público fiel, de canal específico. "Ah, eu assisto tudo que a Tati Feltrin posta" e aí você fica "Ah, tá bom". Então, o público é exatamente como o *booktuber*, e você vai encontrar... Porque o *booktube* é feito de público, as pessoas do público são aquelas que produzem também, então você vai encontrar, realmente, aquelas pessoas completamente comerciais, que vão fazer todas as TAGs, vão fazer todas as coisas, e vai falar... Tem muito canal que deixou de falar de literatura porque começou a falar tanto de coisas pessoais que o povo estava mais interessado que se tornou um canal pessoal e você fala "poxa, essa pessoa, há pouco tempo, era *booktuber*, já não é mais", porque foi aquilo que fez ela crescer. Eu, para o meu canal e o meu trabalho, eu gosto de manter sempre o foco: vai falar do livro que você gosta, segue a sua linha e tenta só trazer, absorver um pouquinho do que está acontecendo ali fora, sem abrir todas as portas. É complicado dosar tudo isso.

**Você tem algo que queira falar, que acha que é importante, mas ficou de fora das minhas perguntas?**

Eu acho que muitos autores... Você vai ver a diferença também no meio literário é que hoje as editoras, elas tomam muito cuidado, realmente, com os canais. Buscam aqueles canais que são maiores para poder fazer parceria. Então, assim, a parceria é muito assustadora e eu não sabia que era. Eu estava todo assim: "eu quero fazer parceria, eu me inscrevi em várias", todo mundo ficou falando "olha, tal editora está abrindo

inscrição" e a gente, de fora, via que era uma coisa. E aí eu fiz parcerias e duas delas foram incríveis e uma foi pesada demais. Eu até saí da parceria e não vou continuar na parceria. E ela foi pesada e é uma editora pequena. Aí eu fui pesquisar editoras grandes, no meio de outros *booktubers* que eu estou conhecendo, e esse lance de parceira de *booktuber* e editora é um troço muito pesado. Muito. Eles exigem mil coisas, eles exigem que você trabalhe para eles de forma quase exclusiva, e aí você não tem nenhuma remuneração, como a gente falou, eles acham que o livro que eles te doam para você resenhar é o máximo que você merece e você, ainda assim, tem que divulgar mais trinta, quarenta livros para compensar um que você ganhou. E você tem que escrever do jeito que eles querem, você tem que fazer o vídeo do jeito que eles querem. Se o vídeo falar, abordar de uma forma que eles não gostaram, eles não vão querer aquele vídeo ali. Então, é muito exigente, ele quer botar a censura, né, quer censurar a pessoa que vai falar, o que é um absurdo, né, democracia, né. Você dar um livro para o outro resenhar e ele vai resenhar do jeito que é a opinião dele, mas a censura se faz imposta ali. Então, eu acho que é um mundo muito assustador esse das parcerias e que eu não pretendo me enfiar mais, eu vou manter a parceria com uma que eu gostei bastante, mas as outras eu não vou nem me inscrever no ano que vem, então, assim, as parcerias é algo que eu vou deixar pra fazer exclusivamente direto com o autor, porque o autor é algo mais pessoal. Ele vai chegar e falar "olha, eu tenho meu livro aqui, você quer resenhar ele? Te dou ele". Então, ali você conversa direto com ele e é muito mais fácil. Ele também não tem como chegar para você, um autor, te dar um livro e falar "divulga mais três livros meus". É muito mais difícil ele fazer isso. A editora é uma instituição, então ela acha que ela pode impor. É um meio meio complicado a parte da parceira.

**Agora você me levantou uma questão. Se não as parcerias com as editoras que remunerariam os *booktubers*, de que maneira você acha que seria possível para os *booktubers* fazerem da atividade algo rentável, já que existem poucos canais, como o da Tati Feltrin, que geram várias visualizações?**

Realmente, quando se fala de canal, você vai ter aí... de cem canais, talvez um, ou no máximo um, vai ter uma rentabilidade bacana. A maioria não tem. Porque se você for pesquisar os *youtubers* aí, tem vários *booktubers* e eles estão com 20 visualizações nas resenhas deles. É assustador, porque a pessoa vai assistir sobre qualquer coisa, mas ela

não quer assistir sobre livros. A editora não quer pagar, o autor independente, também, muitas vezes, é o que paga, na verdade, pelo que fiquei sabendo. Porque, quando teve aquela confusão da editora, a garota virou e falou assim "não, mas esse é o meu trabalho e eu costumo cobrar e é assim que eu trabalho" e aí aquilo me levantou uma questão, né. "Até que ponto ela está errada ou certa ali", né? E aí eu fui ver que ela está certíssima de cobrar pela resenha dela para os autores independentes, só que ela vai cobrar do autor independente, que é o cara que tem pouco, e não vai cobrar da editora, que tem dinheiro para poder pagar uma resenha, sabe? Mas, é aquele negócio, teria que rolar um boicote geral de todos os *booktubers* nas editoras, o que a gente sabe que não vai acontecer, entendeu, porque isso é inviável. Mas, então, eu não acho que vai mudar esse cenário, eu não sei como que o *booktuber* pode fazer, eu acho que, realmente, cobrar do autor independente é a única forma do *booktuber*, na verdade. Não foi dizer se é justo ou se não é, mas é a única forma. E para mim, eu saio do *booktuber*. Assim, eu faço o trabalho de *booktuber*, mas eu vou para o Café Literário, que é onde eu vou começar, ali, a produzir. Eu vou, depois, com o tempo, quando o Café começar a se firmar, eu vou começar a cobrar cinco ou dez reais para quem quiser participar, sabe? Vai entrar num evento, é um evento que vai ter preparado para você e você tem que comprar um convite para entrar no evento, vai começar a ser assim depois. Mas até lá, tem que fazer o seu nome, tem que fazer o Café rodar e vai começar sendo gratuito e aí tem o Apoia.se. O Apoia.se é uma alternativa. Às vezes a pessoas não vai fazer muita coisa, mas vai falar "você gosta do meu canal? Você quer que eu continue produzindo para o YouTube? Você gosta de me acompanhar? Me apoia lá". É uma forma. Tem também a Amazon, que a pessoa pode comprar o livro através do seu link e aí você ganha um percentual. Só que, assim, eu acho que dois livros foram comprados com meu cadastro até hoje e eu ainda não recebi porque não atingi o mínimo de R\$30 ou R\$40 ou R\$50 que você tem que atingir. Então, as pessoas teriam que comprar muito no seu link para você começar a receber, mas é uma forma que muitos fazem também. Então, a maioria dos canais você vai olhar e embaixo do vídeo tem o link da Amazon e alguns tem parceria com Submarino, Saraiva, não sei o que, não sei o que e aí eles ganham um percentualzinho da venda. São formas.

*Gravação via WhatsApp – dia 16/08/2018*

**Como você se relaciona com outros booktubers? Existe algum grupo de comunicação entre vocês?**

Então Arthur, eu fazia tudo muito sozinho e recentemente, um pouco antes da Bienal... na verdade, no começo do ano eu entrei na Editora Coerência e na Universo dos Livros e aí, automaticamente, eles criam grupos dos parceiros, então as editoras costumam ter grupos, tanto no Facebook quanto no WhatsApp, dos parceiros para poder passar as informações. Aí a galera acaba se conhecendo. Os booktubers, os blogueiros, num geral, vão se conhecendo. A partir dali, teve gente que, tipo, tá lá no grupo e faz parte de algum outro grupinho e me chamava, me colocava. Aí, uma coisa foi chamando a outra, para a Bienal foram me colocando em vários grupos, e hoje eu faço parte de vários grupos no WhatsApp de blogueiros, de gente que tem blog escrito ou que seja booktuber, e assim vai acabando que você vai fazendo essa união; fora isso, só. Pouco pelo Facebook e muito pelo WhatsApp.

**Geralmente, quais são as pautas desses grupos?**

Depende do grupo. Tem um grupinho de booktubers que é muito... na verdade, é bem ruinzinho. Todo mundo vai lá, põe o link da sua resenha e parece que quase ninguém assiste e a galera interage muito pouco, mas tem uma galera legal que, de vez em quando, interage. Agora, eu tenho um outro grupo que é meme pra baixo e para cima. A galera fica muito amiga, mas fala muito de livro. Todo mundo fala do livro que está lendo atualmente e tudo mais, combina de fazer leitura conjunta. É um clima muito legal nesse outro grupo.

## **ANEXO 2 – ENTREVISTA COM NICOLAS NEVES**

Nome: Nicolas Ferreira Neves

Canal: *Las hojas muertas y otras hojas*

Idade: 24 anos

Trajeto acadêmico / profissional: Está cursando quinto ano de Letras, se forma em 2019. Desde o primeiro ano da graduação faz Iniciação Científica. No segundo ano da graduação, entrou num concurso e agora dá aulas em um colégio - desde o 9º ano, até o último ano do colegial. Também dá aulas de monitoria na UFSCAR e participa de projetos de extensão: Projeto Literatura e Realidade e Literatura e Cultura (contato com alunos de comunidade interna e externa).

*Gravação por Skype – dia 16/08/2018*

### **OFÍCIO**

#### **Como você criou o qual? Quando você sentiu a necessidade de criar um canal no YouTube para discutir literatura?**

Então, eu sempre gostei muito de ler. Quer dizer, sempre é tempo demais, mas já há muito tempo eu gosto bastante de ler e eu sempre li compulsivamente. Só que tinha um problema, quando você lê bastante e é adolescente, geralmente você não tem com quem compartilhar as suas leituras e isso começou a me incomodar um pouco, mas eu não sabia que existiam canais de literatura no YouTube até que um dia eu encontrei o canal, que hoje em dia não existe mais, da *Juliana Gervazon*, que se chama "O Batom de Clarice", porque eu gosto da Clarice Lispector. E ali foi onde me deu um estalo, eu falei "olha só que coisa interessante, eu posso falar de livros na internet também, não é?". Mas eu resolvi, decididamente, fazer o canal quando a Tatiana Feltrin publicou um vídeo em que ela fazia uma pergunta sobre quem podia falar de literatura na internet, e aquilo me interessou e daí foi onde eu comecei a fazer o conteúdo do canal.

#### **Basicamente, foi para ter um espaço onde compartilhar suas leituras?**

Foi um espaço de compartilhar minhas leituras. Quando eu entrei na graduação, e isso é uma coisa que fica visível quando você pega os meus primeiros vídeos e os meus vídeos

de agora, eu comecei a perceber, já que o seu trabalho versa sobre essa questão da crítica literária, eu comecei a perceber que tinha alguma coisa muito errada porque a gente produz um conhecimento que não circula, né, nós da academia. A gente produz um conhecimento que não serve para nada, que ninguém lê, e fica naquela troca que não leva a lugar nenhum. E aquilo começou a me incomodar um pouco, né? Então, foi aí que eu comecei a perceber que, já que eu já tinha esse espaço na internet, já que eu já produzia conteúdo voltado para a literatura, nada me impediria de fazer essa ponte e de ligar algumas questões que a gente trata na academia e levar essas questões ali para o público porque assim a gente consegue democratizar o conhecimento, então, é basicamente nisso que eu me baseio.

### **A título de curiosidade, esse vídeo da Tatiana Feltrin falava o que?**

Era um vídeo que foi assim que... que faz o que? Acho que uns cinco anos que esse vídeo foi ao ar, e foi assim que começou o boom desses canais que falam sobre literatura. Acho que naquela época eu acho que não existia esse termo de *booktuber* e essa coisa toda. E foi um período em que, por mais que houvesse ali esse... Ao mesmo tempo em que havia esse boom de canais sobre literatura, você observava uma reação da crítica tradicional, evidentemente, porque aí existe uma questão de você perder o seu espaço. Eu acho que nem todo mundo lida muito bem com isso, então foi o período em que essa comunidade do YouTube que fala sobre livros começou a sofrer ali algum tipo de comentários negativos por parte dessa crítica mais... enfim, especializada. E a Tatiana Feltrin fez esse vídeo, que era o vídeo que foi feito para que as pessoas fizessem vídeos-resposta, e nesse vídeo ela tratava justamente disso: bom, será que para você falar de literatura na internet basta você ser leitor? Ou você tem que ser formado, você tem que trabalhar em um jornal, você tem que...? Então, era basicamente esse o teor do vídeo pelo que eu me lembro.

**A gente vai retomar isso no bloco de Leitura, mas agora, depois que você lê um livro ou pauta algum assunto, você tem algum processo metodológico comum? Pesquisa em artigos, em revistas específicas, conversa com algum colega ou professor, consulta algum guia de leitura ou faz alguma releitura de trechos do livro. Qualquer processo que você faça em cima dos livros...**

O que eu costumo fazer é o seguinte: conforme eu vou lendo, eu vou anotando no próprio livro, eu vou grifando, enfim, e eu anoto no próprio livro porque eu acho que é mais fácil, porque dali, no livro mesmo, é só abrir a página que eu me lembro do que eu estava pensando quando eu escrevi aquilo. Então, o que eu faço, eu faço uma primeira leitura do livro, depois que eu fiz essa primeira leitura eu volto e releio tudo aquilo que eu anotei, todos os trechos que eu acabei destacando e, com isso, eu vou tentando pensar "bom, do ponto de vista crítico, como é que eu posso abordar esse determinado texto?", entende? Conforme eu vou lendo, eu já vou pensando um pouco nisso, mas esse pensamento vai tomando corpo mesmo durante essa minha releitura de trechos específicos de uma determinada obra.

**Você sente que sua formação ajuda no momento de releitura? Como não faz buscas específicas sobre o livro, você traz esse repertório da academia com você?**

Trago, trago. Eu percebo que ajuda tanto do ponto de vista de como você vai olhar para o texto literário, porque isso é uma coisa que, querendo ou não, existe essa diferença. Quando você trabalha com literatura, estuda literatura, gosta de literatura, como é o meu caso, você consegue acessar, você tem mais facilidade para acessar determinados textos, não é? Então, a minha formação ajuda tanto nesse acesso, mas porque eu também tenho acesso a teorias das mais diversas a partir das quais eu posso ir me aproximando ou me distanciando de determinado texto, de determinado assunto, de determinado autor, e por aí vai.

**Nesse contexto onde é possível, é fácil, é acessível criar um canal para se falar de literatura, como é que você enxerga a construção de uma credibilidade no vídeo e na criação de um conteúdo relevante para os leitores?**

É, essa é uma questão um pouco complicada, porque, a partir do momento em que você diz que qualquer pessoa pode fazer um vídeo para a internet, você está dizendo que qualquer pessoa pode fazer um vídeo para a internet, né? Isso parece óbvio, mas não é. Porque... enfim, por mais que eu ache muito interessante esse fenômeno que acontece, a gente sempre tem que pensar em como que a gente vai tornar o trabalho relevante, não é? Porque, se nós que já somos da área, olhamos com certa desconfiança, pelo menos no meu caso, para alguns conteúdos, o que que eu posso esperar de um público que não

sabe quem eu sou, que não sabe da minha formação? Porque isso não é um tópico que eu falo em todos os vídeos. Isso é uma coisa interessante. Existe uma diferença e isso é uma coisa que eu já percebi, por exemplo, quando eu vou fazer um vídeo sobre Dostoiévski ou um vídeo sobre um tema mais teórico eu recebo mensagem de pessoas falando "escuta, mas qual que é o seu Lattes?", "escuta, mas você é formado em que?", "olha, mas você já publicou alguma coisa sobre isso?". É, então assim, eu, pelo menos, de minha parte, eu tenho como responder. A pessoa me manda "cadê seu Lattes?", eu mando meu currículo e pronto, acabou. Entendeu? Mas, a minha, digamos, a área em que eu atuo como *booktuber* não tem esse tipo de credibilidade e isso é uma coisa muito complicada e é por isso que eu tento sempre tratar com muita seriedade os livros sobre os quais eu vou falar. É por isso que eu sempre tento fazer essa ponte com várias teorias diferentes porque com isso a gente consegue munir não apenas a nossa fala, mas também o nosso público com um determinado tipo de saber que nos vai ser comum e me parece que é aí que reside a grande questão. Quando a gente pensa, enfim, eu não sou jornalista, mas eu tenho jornalistas na minha família, e eu percebo que hoje em dia... o que eu vou falar dos jornalistas acaba se aplicando também à crítica literária, porque o grande diferencial que o jornalista deve ter hoje em dia é saber organizar a informação, porque hoje em dia qualquer pessoa tem acesso à informação, não é? Para mim, o trabalho do crítico literário vai bem por aí. Qualquer pessoa pode pegar qualquer texto e ler, mas agora, o crítico tem que saber como organizar isso. Me parece que isso, que era uma coisa que era própria da crítica literária que saia no jornal ou nos suplementos literários, acaba, de certo modo, migrando para a internet, ainda que adequada a determinados públicos, né? Enfim, tem públicos que são mais jovens do que o meu, por exemplo. E aí exige-se uma outra linguagem, uma outra dinâmica nos vídeos e talvez, durante esse processo, você não precise ter essa profissionalização tão grande, ou essa questão mais burocrática tão grande, porque tem muita gente que quer só saber qual é a opinião da pessoa sobre o livro, se o livro é bom, se o livro é ruim, e a historinha e acabou. Mas eu, particularmente, prefiro ir por outro caminho.

**Pensando pelo outro lado, não você construindo a credibilidade do seu canal, mas você pensando na credibilidade de outros canais, como você enxerga esse processo?**

Hm... Bom, existe uma necessidade minha de olhar para alguns outros conteúdos de outros canais e, primeira coisa, ver que existe ali um tipo de tratamento que seja um

tratamento sóbrio do texto, sabe? E com isso eu não quero dizer que a gente tem que venerar a literatura, colocar a literatura num pedestal, ou coisa do tipo, mas sim que a gente tem que olhar para o texto como uma construção, é isso que eu sempre tento observar, entende? Pensando nessa questão da credibilidade, eu acabo comprando um determinado conteúdo quando eu vejo, primeiro, que a pessoa é capaz de mobilizar o próprio discurso para poder, enfim, tratar de um determinado texto de um determinado autor. Isso acaba influenciando muito naquilo que você chama de credibilidade, pelo menos de minha parte. Assim como essa credibilidade também diz respeito a como que a pessoa consegue desenvolver um vídeo que não trate simplesmente da historinha da obra, porque se for para olhar a historinha eu leio o livro. Não quero saber da história, sabe? A história é o de menos quando se vai falar de uma determinada obra e é isso que eu acho que é a principal questão quando se vai pensar nessa credibilidade de um determinado canal, de um determinado vídeo. É como que a pessoa consegue falar no livro, mas falar também de como que a pessoa chegou no livro, o que que a pessoa achou daquele livro. Porque, afinal de contas, é disso que se trata uma resenha, né? Porque você ir lá e contar o que acontece não é resenha coisa nenhuma.

**Isso tanto ao abordar a questão formal quanto a questão social, indiferente o caminho, o importante é desenvolver as diferentes facetas?**

Sim.

**Porque a escolha do YouTube como plataforma? Você sente que tem desvantagens ou vantagens em relação a outras mídias, como blog, impresso ou podcast?**

Primeiro, o YouTube é mais fácil do que um blog. Por mais que no blog você ainda preserve um certo anonimato, o que, teoricamente, te dá maior liberdade para que você fale aquilo que você queira, ainda assim me parece que o YouTube é uma coisa muito mais fácil, você não precisa pensar, pelo menos eu, não preciso pensar muito para poder fazer um vídeo. Agora, para poder fazer um texto, para você poder divulgar o seu trabalho por outras plataformas que não o YouTube, me parece que é uma coisa muito mais complexa. Então, tem muito a ver com essa facilidade, com essa agilidade que o YouTube me oferece. E também tem, pensando nessa questão da facilidade, por exemplo, eu poderia muito bem fazer, sei lá, um podcast. Mas, aí eu ia precisar de um

bom equipamento de som e não sei o que. E não, com o YouTube eu só preciso de um celular que grave e pronto. É disso que eu preciso. E de um editor de vídeo simples aqui no meu computador. Então, tem muito disso. Agora, uma coisa que acaba sendo negativa nesse processo, pelo menos para mim, é justamente essa coisa de você sair do anonimato, porque aí você tem que tomar cuidado com o que você fala. Aí você tem que tomar cuidado com como você fala. Ainda mais hoje em dia porque, quando eu comecei, eu comecei justamente nesse período em que começou a explodir essa história de canais sobre literatura, mas hoje em dia nós somos uma classe, né? Os *booktubers*. A gente tem até um nome próprio. Então, quando você vai e se coloca diante de uma câmera você tem que saber o que você está fazendo e você tem que ter um certo respeito por aquilo que você faz, porque quando você age de uma determinada forma não é só você que está em jogo, é toda a classe a qual você pertence, tanto que quando a gente vê aí alguns colegas, que fazem vídeos pro YouTube também, fazendo alguma barbaridade, a mídia não quer saber que é um canal que fez aquilo, ela vai falar "olha, que coisa horrível, os *youtubers*, olha, eles não valem nada, o YouTube não presta" e não sei o que. Então, a gente tem que sempre.... Isso é uma desvantagem, né, isso é uma desvantagem porque isso exige mais cautela e a gente não é acostumado a ser cauteloso.

**Muitas vezes a figura do youtuber ou do booktuber estabelece uma relação de muita proximidade com a figura de quem fala. Você está no quarto da pessoa, dentro de casa, está em contato próximo. Por conta disso, você acha que existe algum fator que pode entrar em jogo numa crítica ou numa resenha? Talvez uma valorização de quem fala...**

É possível que exista, sim. Como você falou, quando eu faço um vídeo, a pessoa está dentro do meu quarto aqui comigo e as pessoas, às vezes, confundem isso, né? As pessoas confundem o meu trabalho comigo. Por mais que o Nicolas professor, e o Nicolas aluno, e o Nicolas leitor e o Nicolas que gosta de beber ali no bar da esquina sejam a mesma pessoa, nós somos pessoas diferentes ao mesmo tempo, né? Então, isso acaba gerando... algumas pessoas acabam confundindo e criando uma intimidade onde não existe intimidade e esse tipo de coisa, mas isso não interfere diretamente no resultado do vídeo e evidentemente, quando isso interfere, eu acabo fazendo, naqueles meus vídeos de fim de mês, onde eu vou e falo "olha, eu não gostei que vocês fizeram

isso e aquilo e aquilo outro". Então isso é uma coisa que, quando interfere, eu já resolvo ali na hora mesmo e pronto.

## **LEITURA**

### **Existe alguma diferença do crítico para o leitor comum? Por quê?**

Não é uma diferença tanto minha, com aquilo que eu faço. É uma diferença com relação àquilo que o público espera, porque um crítico, seja um crítico da mídia tradicional, seja um crítico do YouTube, teoricamente, ele tem que saber do que está falando, porque, afinal de contas, você não vai abrir um vídeo de qualquer pessoa, ou você não vai ler um livro de qualquer pessoa que está ali sendo que você não sabe ali direito do que que a pessoa está falando, se a pessoa está ali, enfim... se ela dispõe de algum tipo de saber que vai sustentar aquilo que ela disse. Isso é uma coisa importante porque a leitura do crítico deve ser uma leitura profissional, pelo menos é assim que eu encaro o modo como eu me relaciono com aquilo que eu faço e imagino que é assim que eu encaro o modo como eu olho para o trabalho das pessoas que eu acompanho aqui no booktube. Então, a gente tem que buscar essa profissionalização do crítico, mesmo quando se trata aqui de um crítico voltado para essa área das mídias digitais. Então, para mim é essa a questão entre o leitor comum e o crítico; o crítico tem que ter um pouco mais de maturidade de leitura, ele tem que saber um pouco melhor como que ele articula aquilo que ele diz, e por aí vai.

### **Se eu resolvesse abrir hoje um canal do YouTube para falar de livros, como que eu poderia adquirir essa visão mais sóbria, mais profissional? Uma formação técnica? Uma aproximação diferente?**

Não, eu vou dizer como que é: quando eu comecei, e isso é uma coisa muito engraçada, quando eu comecei eu fazia vídeos de costas para a parede. Eu não via necessidade nenhuma de fazer vídeos com uma estante atrás de mim, mas aí existe uma questão que é a adequação ao gênero, né? O YouTube, ele exige... a resenha de livros feitas para o YouTube devem ter um tipo de discurso muito próprio. É claro que eu não sigo muito dessas adequações, eu não me adequo muito a esse gênero como, por exemplo, fazer vídeo de uma hora. Isso é uma coisa que só se passa na minha cabeça, mas isso ajuda muito: a imagem que você faz, sabe? Existe toda uma cenografia que você deve criar e

me parece que essa cenografia contribui mais do que a sua formação para que você tenha público, para que você tenha algum tipo de respaldo popular, digamos assim. E claro, em se tratando de uma resenha em vídeo, outras coisas acabam influenciando também como, por exemplo, a qualidade da câmera que você usa, a captação do som, se você edita o vídeo, se você não edita, se você coloca musiquinha, se você não coloca, se você tem aqueles cortes rápidos durante a sua fala. Tudo isso acaba agregando um tipo de valor ao vídeo que muitas vezes não tem ligação nenhuma com aquilo que está sendo tipo, o que é uma coisa muito curiosa, diga-se de passagem.

**Você entende o "leitor profissional" como alguém que se aproxima da leitura com uma abordagem profissional, da mesma forma que você enxerga o trabalho que você faz como uma profissão. Certo?**

Sim, é isso.

**Você consome algum outro tipo de crítica literária como referência para o trabalho? Outro blog, outros canais, revistas, livros?**

Bom... eu acompanho alguns canais, é claro, como por exemplo o canal da Tatiana [Feltrin], mas eu gosto também de acompanhar canais um pouco menores, porque eu gosto de ver como a pessoa está começando, aquela coisa toda e tal. É... mas assim, eu tenho muita dificuldade, por exemplo, em... sei lá. Eu vou fazer um vídeo e daí eu vou procurar outros vídeos para ver o que que as outras pessoas estão falando sobre um determinado livro. Eu não consigo fazer isso principalmente porque a maioria dos livros que eu leio são livros que tem um certo prestígio acadêmico e aquela coisa toda... e esse prestígio acadêmico acaba criando uma distância entre o livro e o público, então, a maioria das pessoas não faz vídeos, ou resenhas, enfim, sobre os livros que eu leio. O que não significa que eu seja uma pessoa iluminada ou especial, ou coisa do tipo, mas eu acho que isso diz muito a respeito ao modo como as pessoas enxergam a literatura, como essa coisa que é muito elevada e que você tem que ficar cheio de dedos para poder falar e etc., e isso é uma coisa que acaba rareando um pouco os materiais que eu poderia consultar na internet para poder falar de um determinado livro. Agora, o que eu faço bastante também, por exemplo, é: eu vou falar de um livro, por exemplo, hoje saiu um vídeo sobre "O Mestre e Margarida" e daí, conforme eu fui lendo, eu me lembrei

que eu já tinha lido um texto sobre literatura soviética e daí eu venho e procuro esse texto, eu vou e procuro na internet para ver se.... Então assim, é sempre isso: eu parto de uma ideia com relação ao livro que eu estou lendo e que eu vou depois fazer o vídeo, e a partir dessa ideia eu vou procurando material, algum suporte teórico que eu possa reler para poder organizar melhor o meu pensamento e esse tipo de coisa.

**Para além de produções específicas, você consome outro tipo de crítica para o "Nicolas pessoa física?"**

Ah... Sim. Consumo. Eu gosto tanto desse mundo do YouTube, mas acesso bastante blogs, eu gosto bastante de ler revistas relacionadas à questão da literatura contemporânea e etc. etc., e revistas acadêmicas também.

**Alguns nomes você destaca de sempre ler, ou é pescado?**

Bom, com relação à leitura eu gosto bastante daquela "[*Suplemento*] Pernambuco", eu acho que é uma revista bem séria e é um tipo de material que sempre traz algum texto que eu julgo ser interessante a gente ler, a gente pensar sobre. Mas a gente também tem lá a "Piauí" e revistas nesse estilo eu gosto bastante.

**Falamos um pouco disso antes, mas quando você está buscando algum material, qual critério você usa para saber se aquele produto é uma boa referência para o que você vai fazer? É um pouco do que a gente falou sobre a credibilidade, nesse sentido.**

Tem aquela coisa, a gente que faz... nós que somos das humanidades, no meu caso, sempre tem aquela história de que nada é exato nas humanidades, e é oba-oba. Não, não é bem assim que acontece, não é? Então, por exemplo, eu vou procurar um determinado vídeo ou um determinado texto numa revista. Aí eu li aquele texto, assisti aquele vídeo e, enfim, quando eu faço isso, depois que eu consumi esse material eu volto ao texto sobre o qual eu quero falar, ou enfim, o texto que eu acabei de ler, e leio de novo algumas partes, para quê? Para ver se existe aquilo no texto com o qual eu estou entrando em contato. Então, por exemplo, sei lá, eu pego aqui "Os Miseráveis", do Victor Hugo, aí estou lendo aqui "Os Miseráveis". Depois que eu li, eu vou e procuro

um texto, procuro um vídeo. Depois que eu assisti o vídeo, eu volto n"Os Miseráveis" aqui para ler de novo para ver se o que a pessoa está falando faz algum sentido, porque não interessa muito também o que você fala, o que interessa é o que está no texto. O texto é que tem que ser a base e a partir da qual você vai mobilizar alguns tipos de argumentos e coisas do tipo. Então, não é uma coisa tão inexata quanto se pensa.

## **PROFISSIONALIZAÇÃO**

**De todo o trabalho que você fez no canal, você já recebeu algum tipo de remuneração financeira?**

Bom, eu sou associado da Amazon, então sempre que a pessoa vai lá e clica pelo link que eu deixo eu recebo uma porcentagem, então.... É claro que isso está relacionado ao que eu faço no YouTube, mas não depende do que eu faço no YouTube, percebe? Então assim, não é que alguém viu o que eu fiz e falou "nossa, que legal os seus vídeos, eu vou pagar para você falar". Não, isso não aconteceu, mas, agora, o que aconteceu foi isso, de conseguir esse tipo de parcerias para conseguir encher alguns buracos financeiros que eventualmente possam aparecer. E outra coisa que também já me aconteceu e isso sim por conta do canal foi eu receber convites de universidades ou de escolas e daí, durante esses convites, evidentemente as pessoas me pagam para que eu me desloque, para que eu durma na cidade, para que eu possa falar alguma coisa no lugar. Então, por mais que não seja uma remuneração financeira que eu possa pegar depois e guardar aqui na minha casa, ainda sim existe um certo tipo de remuneração intelectual, simbólica, seja lá como você queira chamar.

**Fala para mim um pouquinho desses convites. É interessante de discutir. Foram escolas que procuraram você para palestras com os alunos?**

É. Aqui em São Carlos isso já aconteceu duas vezes, de escolas me chamarem para que eu falasse... Três! Para que eu falasse de algum livro que vai cair no vestibular, como por exemplo, acho que no ano retrasado caiu "O Amor", da Clarice Lispector, não me lembro agora em qual vestibular que foi, e daí algumas escolas aqui de São Carlos cujo os diretores conhecem meu trabalho no YouTube foram e me chamaram para que eu fosse na escola para poder dar uma aula sobre o conto "Amor", mas isso também acontece com universidades. Por exemplo, no ano retrasado eu fui convidado pelo

peçoal da Universidade Estadual do Paraná, no campus de Campo Mourão, para poder ir falar um pouquinho sobre a Clarice Lispector, que eles estavam fazendo lá um evento e me chamaram para ir. No ano passado o peçoal aqui da UFSCAR me chamou para que eu fosse falar um pouquinho sobre literatura contemporânea. Esse ano, eles me chamaram novamente para que eu dê um minicurso falando sobre a atividade de leitura na contemporaneidade. Então, assim, eventualmente me chamam para que eu vá nesses eventos assim.

**Você já recebeu algum tipo de produto gratuito de alguma editora, de algum inscrito, algum tipo de presente?**

Já. No ano passado eu recebia bastante coisa da Companhia das Letras. Até no comezinho desse ano eles também me mandaram algumas coisas, mas aí é aquela coisa, né, quando a editora manda você tem que ficar cheio de dedos, aí você não pode falar que você não gostou, aí você tem que... e eu acho que isso não é nem um pouco honesto da parte nem da editora, nem da minha parte porque, afinal de contas, eles vão, me mandam um livro que eles gastaram, sei lá, R\$5 para fazer, aí eu leio, falo "Ah, todo mundo, vai lá, compra" e, sei lá, dez pessoas vão lá e compram e eles vendem o livro a R\$50. Então, assim... eu já recebi livros da Companhia das Letras só que acabei parando por conta disso. Além disso, desde o comezinho do canal, desde, sei lá, o segundo ano do canal, alguns inscritos que hoje em dia se tornaram amigos, porque, né, depois de uma parceria de tanto tempo, você acaba criando laços afetivos com a pessoa. Então, tem alguns inscritos que me mandam bastante coisa.

**São sempre livros, né?**

Livros, mas não. Teve gente que já me mandou vinho, teve gente que me mandou charuto, teve gente que me mandou CDs do Bob Dylan e por aí vai. Então, assim, mas é claro, a maioria das vezes eu recebo livro, mas vez ou outra eu recebo alguma coisa diferente.

**Ao longo da trajetória, você já teve que fazer algum investimento para o trabalho no YouTube? Alguma câmera nova, algum microfone, um tripé, celular novo?**

Já, porque, por exemplo, antes, quando eu ia comprar um celular, eu não pensava "Ah, eu vou comprar um celular que tenha uma câmera, não ótima, mas minimamente boa, que tem uma boa captação de áudio". Antes eu não pensava em nada disso, eu ia simplesmente lá e comprava. Hoje em dia, quando eu vou comprar um celular, a primeira coisa que eu penso é isso: preciso de um celular que tenha uma boa câmera, porque eu não consigo me adaptar com câmeras, só a câmera ali. Eu não sei, isso me dá uma certa gastura. E daí eu sempre tento... Então, sim, existe esse tipo de investimento, mas é aquilo: por mais que eu faça pensando no canal, não é uma coisa só para o canal porque, afinal de contas, o celular eu uso nas minhas atividades cotidianas, mas o canal interfere na hora de escolher.

### **Teve algum investimento específico para o canal, ou não precisou?**

Não precisou.

### **Nesse sentido dos investimentos, do retorno financeiro e intelectual, você enxerga o trabalho que você faz no YouTube mais próximo de um hobby ou de uma profissão?**

Para mim, é mais um hobby. Eu não me vejo, por exemplo, parando de fazer outras coisas para poder viver do YouTube como alguns colegas meus, que trabalham com literatura no YouTube, fazem. Eu não me vejo fazendo isso, mas, ainda assim, apesar de ser um hobby para mim, eu tento executar esse hobby da maneira mais profissional possível. Entendeu? Eu não faço isso esperando um retorno financeiro, eu não faço isso esperando que as pessoas me mandem livros ou coisas do tipo.

## **PÚBLICO**

### **Quais critérios são utilizados para selecionar uma pauta? E o público interfere de alguma maneira nesse processo com sugestões, pedidos e etc.?**

Eu faço vídeos, geralmente, das minhas leituras que eu faço para dar aula, para fazer algum trabalho da UFSCAR e aproveito e, evidentemente, eu falo também daquilo que eu estou lendo por gosto. Mas, sobretudo do ano passado para cá essa, digamos, interferência dos inscritos se faz mais presente, ganhou um pouco mais de força,

sobretudo quando a gente pensa, por exemplo, nos projetos de leitura coletiva que eu fiz e estou fazendo, porque todos eles foram movidos por demanda popular. Então, todos os meus projetos de leitura que eu fiz até agora foram feitos porque as pessoas me pediram. "Olha, faça um projeto de leitura sobre um livro X, um livro Y". Aí, depois que eu fiz o primeiro, eu acho que deu um pouco certo, aí as pessoas resolveram me pedir ininterruptamente e desde então é uma prática comum do canal.

### **Como você se relaciona com o público? Existe alguma espécie de grupo, canal ou comunidade?**

É um relacionamento muito bom, eu diria. Eu sempre tento, na medida em que me é possível, responder todas as pessoas que entram em contato comigo, seja por meio dos comentários do YouTube, seja quando as pessoas me mandam mensagens no Facebook, mensagem no Instagram ou no e-mail, enfim. Então, é basicamente esse o tipo de contato que eu tenho com o público. Agora o canal tem uma página também, apesar de não ser uma página que tenha o mesmo número de inscritos que tem o canal, nunca terá, mas ainda sim eu sempre recebo mensagens pela página do canal me fazendo algum tipo de pergunta. Então, é basicamente esse tipo de contato que eu tenho com os inscritos. E claro, o meu público, isso é uma coisa que eu percebo, é um público que, na maioria das vezes, é universitário. Até pelo tipo de vídeo que eu faço, é um público que eu percebo que é mais universitário. E com isso, né, sendo eu uma pessoa universitária, existe alguns inscritos com os quais eu tenho contato direto no meu cotidiano. Então, tem pessoas que eu encontro de segunda à sexta-feira pelos corredores da UFSCAR, mas não é a regra, é apenas algumas exceções.

### **Existe algum outro canal que você se relaciona com outros booktubers? Grupo no WhatsApp, Facebook...**

Tem um grupo no Facebook chamado "Canais Literários do YouTube" ou alguma coisa assim, acho que é isso mesmo. Nesse grupo a gente vai e posta os vídeos que a gente fez todo dia, aquela coisa toda. Você conversa com outros booktubers caso isso lhe apeteça, aquela coisa toda. Para além disso, eu também já tive contato com outros booktubers por meio de grupo no WhatsApp, por exemplo. Só que aí, isso foi justamente numa época em que eu tinha esse grupo, aí roubaram meu celular. Aí eu comprei outro

celular, entrei no grupo de novo e roubaram meu celular de novo. Aí eu falei "quer saber de uma coisa? Não vou mais entrar nesse grupo porque, pelo visto, isso está me dando um azar desgraçado", então..., mas, por enquanto, é mais essa questão do grupo no Facebook mesmo. E alguns outros booktubers, como, por exemplo, é o caso da Bárbara Krauss, vez ou outra ela entra em contato comigo lá pelo Instagram para que a gente faça alguma coisa juntos, como, por exemplo, um vídeo que fizemos sobre - não fizemos juntos, mas enfim, saíram vídeos concomitantes no meu canal e no dela - sobre a candidatura da Conceição Evaristo à Academia Brasileira de Letras. Então, assim, é mais esse... é um contato intermitente que eu mantenho.

**A título de curiosidade, do que se tratava o grupo de booktubers que te deu azar? Era um grupo de discussão de literatura, voltado para a produção de booktubers?**

Esse grupo surgiu... para você ver, já faz tempo. Eu não me lembro nem o nome das pessoas que estavam lá, mas é um grupo que surgiu quando eu e mais alguns canais nos juntamos para fazer uma maratona de 24 horas coletiva. Acho que foi uma das primeiras maratonas que eu fiz ou alguma coisa assim. Daí esse grupo nasceu com esse propósito de que nós fizéssemos esse tipo de trabalho. Só que aí com o tempo.... Evidentemente que depois - *captação ruidosa*.

**Nicolas, eu tive um problema na ligação. Eu perdi metade do que você disse.**

Até onde você ouviu?

**Ouvi que vocês entraram no grupo, começaram a falar sobre a maratona de vídeos e aí o Skype travou e acabou.**

Tá. Então, só que aí depois que passou o momento ali da maratona o grupo continuou e nessa continuidade a gente começou a falar sobre os vídeos que nós estávamos produzindo, os livros que estávamos lendo, então fomos crescendo um pouquinho, mas sempre circunscrito nessa questão dos canais em si. A gente nunca falava da literatura pela literatura apenas.

**Ainda que você não tenha isso organizado oficialmente, você visualiza alguma política editorial?**

Não, não tem nada nesse sentido, nem formalizado e nem por formalizar. Evidentemente que, conforme o canal foi se desenvolvendo, foi chegando um público e esse público tem gostos afins com o meu próprio gosto. Então, assim, é basicamente essa a diretriz fundamental que norteia o meu trabalho. Aquilo que me agrada e pode ser que agrada as pessoas que me assistem, mas não tem nada de oficial.

**Eu queria falar agora de algumas coisas do seu canal que me parecem interessantes, diferentes. Queria falar daquela lista de livros teóricos, de onde surgiu essa ideia e a recepção das pessoas, depois eu queria que você falasse um pouco das iniciativas que você tem, por exemplo, de passar o que você vai dar no colégio para os alunos, qual é o roteiro de leitura... esmiuçar essa relação. Me parece uma preocupação de formação do público, mais teórica.**

Como eu falei para você, o meu público é um público que, na maioria das vezes, está ligado à universidade. E daí o que acontece? Conforme eu fui fazendo os vídeos e fui falando "olha..." e eu fico justamente no lugar aqui que é onde ficam alguns dos meus livros teóricos. E aí as pessoas começaram a ver que tem bastante coisa de teoria e tal e começaram a me perguntar muito "Nicolas, que livro teórico você indica para quem tá começando a entrar no curso de Letras?". Teve gente que me mandou e-mail "Nicolas, eu entrei no curso de Letras por sua causa"... Olha só, estraguei a vida da pessoa. "Entre no curso de Letras por sua causa e agora queria saber o que que eu leio, aí meu deus do céu, aí o Antonio Candido". Então, aqueles dois vídeos que eu fiz, que na verdade era pra ser um único vídeo, mas ele ficou muito grande, mesmo para os meus padrões. E daí o que que eu fiz? Eu pensei: "bom, eu vou pegar todas essas dúvidas que as pessoas sempre me mandam e vou fazer tudo isso em um único vídeo mostrando uma espécie de percurso teórico-crítico que as pessoas podem estabelecer em relação com os estudos literários" e é um vídeo que foi muito bem recebido, até hoje tem gente que me manda e-mail agradecendo e muita gente que me manda e-mail perguntando, por exemplo, "Nicolas, você pode me mandar o que você citou se você tiver em .pdf?", por exemplo.

**Você, por fim, pode esmiuçar como que você estabelece o relacionamento entre o seu vídeo e o público nos projetos de leitura conjunta? Se as interações se dão só nos comentários vídeos, se mantém a lógica dos comentários do Instagram, se tem algum canal entre os próprios leitores...**

Eu acho que esse tipo de vídeo, os vídeos que são de projeto de leitura, são aqueles em que eu tenho mais interação do público. Interação no sentido de-... porque, por exemplo, se você for pensar, em todo vídeo tem algum tipo de interação ali. As pessoas me respondem, me mandam mensagens, aquela coisa toda, mas esse tipo de vídeo dos projetos de leitura são aqueles em que essa interação se dá de maneira mais produtiva, sabe? Em que as pessoas vêm, seja por comentário ou via mensagens no Instagram e aquela coisa toda, e me falam "Ah, Nicolas, eu estou naquela parte assim do livro e não sei o que e etc". Então, é o tipo de vídeo em que existe uma maior proximidade entre a minha leitura e a leitura dos inscritos e, por tanto, entre eu e os meus inscritos. Eu já fiquei sabendo de grupos que as pessoas fizeram sobre um determinado livro que nós estávamos lendo em conjunto, mas as pessoas me disseram isso depois que já tinha acabado. Aí eu falei "ué, porque não me avisaram antes, que daí eu participava também?". Mas, isso se deu porque as pessoas pensam que eu sou uma pessoa muito séria e que eu sou, não sei, que eu não vou responder, que eu vou tratar mal, enfim, não sei o que que se passa na cabeça das pessoas que elas têm medo de falar comigo. Isso é uma coisa curiosa. Tem muita gente que fala "ah, eu não quero atrapalhar suas leituras", "ah, eu não quero atrapalhar, que você deve estar muito ocupado agora". Não sou tão ocupado assim, sabe? Daí isso acaba dificultando um pouco... esse medo que as pessoas têm. Mas esse medo, por outro lado, acaba se dissolvendo quando a gente tem esse tipo de projeto de leitura coletiva e por aí vai.

**De minhas perguntas era isso mesmo, mas você tem alguma consideração que seria interessante de abordar na pesquisa que eu acabei não falando?**

Bom... eu acho que acabei já, de certo modo, tocando nesse assunto, mas não custa nada a gente reiterar. Para mim, a grande questão dessa migração da crítica da mídia tradicional para o YouTube tem muito a ver com essa democratização, uma democratização que não diz respeito só a quem pode falar, mas quem pode saber. Principalmente, é isso que eu sempre tenho em vista quando eu vou sentar na frente da câmera para poder gravar um vídeo, porque o saber, sobretudo em uma realidade como

a realidade brasileira, você saber das coisas é muito já, não é todo mundo que poder saber de tudo. É claro que eu não tenho o pensamento utópico de que as pessoas vão entrar no meu vídeo e que eu vou salvar o planeta.... Não, mas a minha parte eu busco sempre fazer e me parece que essa crítica do YouTube, e essa migração da crítica para o YouTube, gera uma democratização que não é apenas a quem pode saber, a quem pode falar, mas também, principalmente, a quem pode consumir, né. Eu não tenho nada, eu não pesquisei nada sobre isso, mas não me parece à toa que, justamente no momento em que você tem um número expressivo de canais voltados para a literatura você também tenha um número expressivo e cada vez maior de leitores. Existe alguma relação aí que me parece que deve ser considerada e isso tem muito a ver, pelo menos na minha perspectiva, com essa ideia de uma democratização do acesso à literatura.

### **ANEXO 3 – ENTREVISTA COM GISELE EBERSPÄCHER**

Nome: Gisele Jordana Eberspächer

Canal: Gisele Eberspächer

Idade: 28 anos

Formação/Profissão: Formada em Jornalismo na PUC-PR, se graduou em Letras e Mestrado em Letras na UFPR (Conclusão em 2020). Trabalha como repórter *freelancer* – cobertura especializada em Literatura. Escreva para o jornal “Rascunho”.

*Gravação por Skype – dia 29/08/2018*

#### **OFÍCIO**

**Quando e como foi que você sentiu a necessidade ou a vontade de abrir um canal no YouTube para falar de livro? Quais foram os seus motivos?**

Eu comecei em 2012. Eu descobri os canais literários em 2011, já tinha algumas pessoas que faziam isso e na época eu estava trabalhando num veículo de sustentabilidade. Era legal, era um tema que eu gostava, mas eu sempre tive essa vontade de falar mais sobre livros, já lia há um tempo, e daí eu pensei "cara, esse negócio que o pessoal está fazendo é legal", porque eu não era muito do formato dos blogs. Eu lia alguma coisa, mas não é um formato que me chama muito. E quando eu descobri os canais eu curti muito, então eu comecei em 2012 meio que para, sei lá, tipo falar e ter com quem falar sobre livros. Uma coisa bem mais informal. Na época, nenhum dos canais sobre livros era profissional, não tinha isso. Enfim, foi legal porque, em 2013, eu comecei a trabalhar com economia principalmente, eu fiquei uns dois ou três anos ali, falando muito sobre economia, sobre cidade, coisas assim, e só depois disso eu comecei realmente a trabalhar mais com literatura. Então, foi legal ter esse tempo no YouTube antes também para participar disso, não é?

**Depois que um livro ou assunto é pautado para o canal, você tem algum processo metodológico específico?**

Eu nunca encarei o meu canal como uma profissão, até hoje eu não encaro como uma profissão, nem nada, então eu acho que ele é muito orgânico nesse sentido. Às vezes eu

converso com outras pessoas que leram o livro porque são meus amigos e tal, mas eu não penso "vou falar com alguém para falar sobre o livro no canal", eu acho que é uma coisa mais orgânica. Em geral, eu tendo a falar, de ter vídeos no canal para os livros que eu gostei mais de ter lido. Eu acho, para o meu objetivo de canal, meio pouco produtivo falar sobre os livros que eu não gostei e eu até menciono naqueles vídeos de leituras do mês e tal, mas não assim fazer um vídeo para falar sobre isso. Então eu não sei se tem uma metodologia tão específica, porque como ele é mais uma espécie de um registro ou um retrato das minhas leituras mesmo, não sei se eu faço nada. Eu costumo anotar em alguns livros, e essas anotações me ajudam um pouco na hora de lembrar do que falar nos vídeos, e eu faço uma espécie de um roteiro, mas são pontos, assim, só para não esquecer de falar nada que eu quero falar sobre o livro, mas não escrevo nem frases completas.

**O seu canal faz, na maior parte das vezes, são resenhas específicas, algumas indicações, leitura do mês, *book haul*...**

Em geral é isso. Tem um vídeo que eu faço, que eu gosto de fazer e as pessoas gostam também, que chama "indicação de não-livro", que é um nome horrível, mas que fala sobre séries, filmes, links, essas coisas assim. Então, não é bem sobre livros, né, exatamente, ainda que tem... muitos links são sobre livros também, mas não só. Mas basicamente é isso.

**Nesse contexto do YouTube, onde é muito fácil criar um canal para falar de livros, é uma plataforma muito acessível, como você enxerga a construção de uma credibilidade ou de um conteúdo relevante?**

A gente tem, eu acho, duas coisas diferentes, porque o YouTube virou essa coisa profissional para muita gente, que começou como hobby, ele é usado por veículos de imprensa que lidam com ele profissionalmente, uma plataforma de vídeo e ele também é uma espécie de uma rede social para algumas pessoas, então eu acho que essa questão da credibilidade é muito diferente dependendo do que que você está falando. Em parte, o que eu percebo com meu público, o pessoal que comenta e tal, é que é muito importante ter uma opinião sincera, então, se eu falo "olha, não gostei tanto por causa disso" ou "até gostei, mas tem esse problema ou esse outro". É uma coisa que eu acho

que agrega muito, agora eu acho que isso muda muito também com pessoas que trabalham com isso profissionalmente, né. Eu acho que o jeito de encarar isso talvez seja mais relevante. Eu fiz um vídeo, não faz muito tempo, chamado "o gosto muda", porque, querendo ou não, eu estou no YouTube desde 2012, agora é 2018, é um tempão, né? E meu gosto mudou, e como o canal reflete isso tem gente que: "ah, mas você disse uma vez que você não gostava de tal coisa, agora você...", sim, agora eu gosto. Então, eu acho que também é o jeito de passar a informação, porque não é "ah, olha só, eu estou lendo aqui esse tipo de livro que eu falei que eu nunca ia ler naquela época" ou ignorar isso e falar "olha, eu realmente não gostava, mas meu gosto mudou, agora eu estou lendo e, puxa, isso aconteceu". Mas, de fato, eu acho que para quem encara isso profissionalmente essa coisa é muito mais delicada, né?

**Por outro lado, quando você assiste outros vídeos, como você percebe a credibilidade ou conteúdo relevante? Você também se pauta pela sinceridade? Como é?**

Sim. Eu tenho assistido muito pouco o YouTube, infelizmente, esse ano. Porque eu estou fazendo mestrado... *risos*. E não é sobre o YouTube, então, eu até estou por fora um pouco dessas discussões mais recentes, mas sim, por exemplo, uma coisa que eu me incomodo um pouco com as resenhas patrocinadas, por exemplo, é uma coisa um pouco sensível, para mim, eu vou ser bem sincera, que é um... poxa, mas, sabe? A pessoa falou que nunca lia auto-ajuda e aí, de repente, apareceu e "ah, esse autor me pagou para falar sobre esse livro de auto-ajuda e ele é maravilhoso". Então, isso é uma coisa que me incomoda, por exemplo. Então, eu acho... porque não é exatamente uma questão de consistência, de "ah, você disse isso e nunca mais vai poder fazer isso em toda a sua vida", mas acho que é um pouco a maneira com que você lida, de dizer "olha, eu realmente, eu não gostava, mas agora eu gosto". Então, eu acho que eu me pauto por isso, sim, para assistir as coisas. E eu acho que tem um pouco de empolgação, porque você meio que percebe no vídeo quando que a pessoa está afim, está feliz, está achando legal, e quando que a pessoa está fazendo vídeo meio *grunhidos* e tal, então eu acho que isso também interfere um pouco.

**Porque a escolha do YouTube como uma plataforma? Você sente alguma vantagem ou desvantagem dele em relação a outras plataformas, como podcast ou blog escrito?**

Em relação aos blogs, eu nunca fui uma grande leitora de blogs, nunca consegui manter um blog por muito tempo, também, nas vezes que eu tentei. Eu não sei porque... o que eu consigo... eu trabalho muito tempo nos meus textos que eu escrevo profissionalmente, e eu acho que eu não consigo fazer isso num blog porque eu não tenho, talvez, a disciplina necessária para eu fazer um blog e, em geral, para ler, eu não sei porque que não pegou para mim. Não sei mesmo. Instagram eu usei por muito tempo, eu ando fora porque eu cansei nos últimos tempos, mas ele me parece ainda mais breve que o YouTube, o que pode ser bom ou ruim, dependendo do que você quer fazer. O que eu gosto do YouTube é que eu acho que, principalmente agora que tem uma parte que os livros são parte da minha profissão também, o YouTube é como se a gente fosse num café, um bar, e conversasse informalmente sobre um livro e eu acho que isso é uma parte do consumo de literatura e da discussão de literatura que para mim é muito importante, que é: o livro não precisa estar só guardado para discussões acadêmicas muito sérias. Ele também pode fazer parte da nossa vida comum, a gente também pode conversar sobre isso de outra forma, e eu acho que é por isso que eu gosto tanto do YouTube. Não que ele não possa ser usado como plataforma mais séria, tem muita gente fazendo isso e eu acho que funciona também, mas não é o que eu faço.

**Você acha que a configuração da filmagem e essa coisa mais intimista ajuda a perceber aquilo que você falou da empolgação?**

Eu acho que ajuda sim, porque tem toda a questão da casa da pessoa, tem toda a questão de... ela mesma, ela está com a cara ali, né?

## **LEITURA**

**Existe alguma diferença entre o crítico e o leitor comum?**

Eu acho que sim, mas eu não sei se é uma diferença tão grande da pessoa, mas eu acho que é uma diferença maior da relação que a pessoa tem com as outras, porque eu me via muito como uma leitura comum no YouTube, eu acho que eu ainda me vejo muito

como uma leitora comum, mas daí eu começo a ser chamada, por outras pessoas, de outras coisas, então quer dizer que elas estão vendo em mim essa função de crítico que não necessariamente fui eu quem coloquei. Então eu acho que a diferença principal se dá nessa relação e depende do tipo de crítica, de novo, né. Existe a crítica acadêmica. Existe você fazer mestrado ou doutorado sobre um autor e óbvio que um vídeo não vai ser isso, o YouTube padrão não é isso, assim como não é uma aula. É um gênero diferente e eu acho que então, dentro do gênero diferente, você pode praticar alguma coisa que é parecida com a crítica, mas eu acho que isso depende muito mais da maneira com que os outros te veem do que como você mesmo se posiciona.

**Você consome algum outro tipo de crítica literária como referência para o seu trabalho? E aí inclui também suas reportagens enquanto freelancer.**

Eu leio a piauí, em termos de veículo eu acho que é o que eu mais leio. Eu leio Rascunho. Eu assino umas newsletters para receber as notícias básicas do dia-a-dia, assim, que é a Meio e o Nexó. Às vezes eu leio livros sobre literatura, que daí... curiosamente, é uma coisa que as pessoas tem muita curiosidade de saber mais sobre livros de teoria literária, eu acho isso bem engraçado. É um momento em que a pessoa que está assistindo não vê só isso como bastidor, mas ela também quer participar desse bastidor. Eu acho que parte do YouTube mostra isso, porque quando um crítico escreve uma resenha você não sabe se ele leu alguma teoria ou não para escrever aquilo, né. Quando você mostra "ah, eu li esse livro de teoria", as pessoas ficam "opa, tem alguma coisa ali acontecendo". É bem legal isso. E eu acho internet também, né, vários sites. Eu leio muito o *The New York Times*, o *The Guardian*. Eu acho que eles têm um jeito muito interessante de falar sobre livros. O Nick Hornby foi uma figura bem importante na minha formação, faz muito tempo que eu não leio ele. Eu não sei o que que aconteceu com ele, mas ele foi o primeiro cara que eu li que conseguia falar sobre livros numa coluna que ele tinha e que era uma coisa simples e informal e gostosa e parte da vida cotidiana, não era aquela coisa hermética, "eu preciso de um momento para ler um livro e aí eu vou ter aquele insight"; era uma coisa mais comum e marcou muito na época que eu li. Se chama... Eu posso te passar o nome depois, mas é uma coletânea que saiu pela Rocco. *pausa*. Frenesi Polissilábico. Uma capa bem colorida.

**Quando você consome esse material, qual o critério que você usa para saber se alguém é uma boa referência para o trabalho?**

Você diz em termos de teorias?

**Também. Teoria, abordagem, o leitor no texto, qualquer critério que você sente que é preciso ter. Ou, pode pensar por outro lado, o que faria você abandonar um texto crítico.**

Olha, como consumidora comum, eu acho que é quando está chato. Quando a gente está pesquisando ou fazendo um trabalho a gente não tem muita opção, a gente se força a ler, mas em tese, se um texto está muito chato ou se eu vejo algum tipo de incoerência na argumentação interna, se tem alguma coisa que, para mim, não está sendo costurada tão bem. Eu acho que por aí. Sabe? Se a pessoa diz "ah, eu não gosto de azul, mas azul é a melhor cor", alguma coisa assim.

## **PROFISSIONALIZAÇÃO**

**Ao longo de todo o trabalho que você já fez no canal, você já recebeu algum tipo de remuneração financeira?**

Sim... Eu fiz a parceria com as propagandas do YouTube, eu comecei em 2015. Até agora eu acumulei no negócio deles algo como 500 dólares, mais ou menos, então... Mas isso são em alguns anos, né, porque meu canal é pequeno e tal. Eu nunca pedi para receber esse dinheiro, ainda, porque você paga várias taxas para trazer dinheiro do exterior e eu achei que ainda não valeu a pena. Então, é uma poupança. Está lá. Eu fiz um vídeo patrocinado para a Alfaguara uma vez; era um vídeo para divulgar uma campanha do João Anzanello Carrascoza, que ele estava escrevendo um livro sobre coincidências, então os leitores podiam contar coincidências num site e ele aproveitou algumas dessas coincidências no livro dele, então a ideia era divulgar o site e tals. Foi um trabalho bem legal, que eu gosto muito do Carrascoza, então eu fiquei bem feliz de fazer. E eu recebi alguns convites para participar de palestras, bate-papos, fazer mediação, coisas assim também... que... é um pouco para falar do YouTube, mas não é talvez tão relacionado ao canal.

**Você recebe algum tipo de produto gratuito? Não só livros, mas qualquer coisa.**

Sim

**Quem envia? Editora, inscritos...**

Eu recebo bastante livro de editora, principalmente, às vezes alguns autores mandam alguma coisa. Eu não tenho hábito de receber de leitores. Eu tive uma caixa-postal por um tempo, mas tive alguns problemas na caixa-postal e... mas em geral eu recebo só livros e às vezes algum material promocional, tipo sacola, caneca, mas isso também não é tão frequente. O que aconteceu na caixa-postal, e o que às vezes acontece, é que autores nacionais, principalmente iniciantes, mandam coisas na expectativa que você fale sobre aquilo muito rápido e muito bem, porque eles te mandaram um livro e tal. Essa pressão, essa relação, não foi algo que tenha me interessado muito, mas de leitor é bem raro. Às vezes uma ou outra pessoa entraram em contato comigo.

**Você já teve que fazer algum tipo de investimento para as filmagens do canal?**

Não. Eu comprei uma câmera, na realidade, mas acho que eu teria comprado de qualquer jeito. Não foi exclusivamente para o canal.

**Você grava com a câmera, no caso?**

Sim. Eu posso te mostrar... É uma câmera bem pequenininha da Samsung, dessas de mão.

**Você não teve que comprar nenhum suporte ou tripé?**

Não, eu apoio nos livros. *risos*. A gente tem livro em casa para esse tipo de coisa.

**No sentido do que a gente discutiu até agora, hoje você enxerga o seu trabalho mais próximo de um hobby ou de alguma coisa profissionalizada?**

É um pouco curioso. Eu acho que é mais um hobby, mas, querendo ou não, isso também teve alguma ajuda profissional, porque teve várias pessoas que me encontraram pelo

YouTube e me chamaram para fazer outras coisas por causa do YouTube, né? Então eu acho que abriu oportunidades que são, de fato, profissionais. Que era algo que eu não esperava mesmo, mas que foi legal.

## **PÚBLICO**

**Como que você se seleciona uma pauta? Como que você sabe que um livro que você leu ou que foi indicado vai virar vídeo no canal? Você comentou um pouco sobre a escolha dos livros que você gosta, mas se você puder explicar um pouco mais sobre isso...**

Em geral é mais ou menos isso. Eu vou lendo o que eu estou a fim de ler, ultimamente é o que eu tenho que ler... e eu vou falando sobre eles no canal, então eu falo sobre tudo que eu leio naqueles vídeos de conclusão do mês, de leituras do mês, e em geral eu vou gravando vídeos para os que eu gosto mais e os que eu acho que rendem alguma conversa maior. Às vezes, eu não tinha previsto pensando em fazer vídeo sobre um livro específico, mas quando eu mostro para as pessoas o que eu li as pessoas pedem também. Daí eu acabo fazendo vídeo. Aconteceu, por exemplo, com o livro da Mary Wollstonecraft, que é o "Reivindicação dos direitos da mulher", por exemplo. É um livro que eu imaginei que as pessoas não iam muito querer saber mais, e tal, e daí quando muita gente pediu para fazer vídeo eu acabei fazendo.

**Você comentou que o público opina na pauta, mas eu queria saber de forma mais efetiva como é que acontece essa indicação de pauta do público, como é que você faz isso?**

É bem informal, na realidade. Às vezes... esse caso que eu te expliquei, por exemplo, é quando eu faço os vídeos de leitura do mês, aí eu mostro, sei lá, os oito livros que eu li, e eu falo "ah, eu gostei desse daqui, tal, mas não pensei em gravar vídeo", por exemplo. Conto um pouquinho, brevemente, essa coisa meio sumário nos vídeos de leitura do mês. E daí, nos comentários, tem gente que "poxa, porque que você não fala mais de tal livro? Eu fiquei interessado. Será que você não pode me contar mais?" e tal, e é uma coisa mais orgânica mesmo, não é uma coisa tão sistemática. Eu não tenho nenhum tipo desses vídeos das pessoas escolherem as minhas leituras ou algo assim, é mais orgânico mesmo.

**Como que você se relaciona com o público, no geral? Existe algum canal, algum grupo no WhatsApp, alguma outra rede que você usa para conversar com as pessoas?**

Não, a gente conversa essencialmente pelo YouTube. Eu tenho... eu cheguei a fazer uma página no Facebook e no Instagram do canal, mas, enfim, por vários motivos pessoais e considerando que o canal é meu hobby, não é minha profissão, eu me dou a liberdade de não usá-las mais. Eu avisei para o pessoal que deu uma cansada de rede social e tal, então é essencialmente pelos comentários mesmo que a gente conversa, de vez em quando alguém me manda mensagem no Facebook ou no Instagram; eu demoro bastante tempo para responder, mas eu respondo. Como você mesmo percebeu... *risos*.

**Eu percebi algumas datas ali e fui mandando para todas. Em algum momento... *risos*.**

Não, eu respondo. Quando eu vejo, eu respondo. É que nem sempre eu vejo tão rápido.

**E com outros booktubers? Você tem algum relacionamento com eles em alguma outra plataforma?**

Também não tão frequente, principalmente no YouTube, também. Como eu não tenho... Quando eu digo que não tenho usado muito as redes sociais é pessoal, mesmo. Nem tanto para mim, assim. Então, eu converso com o pessoal também nos comentários do YouTube e eu já conheci algumas pessoas, o que é sempre muito legal, né? Quando eu fui para a FLIP, quando eu fui pra Bienal, às vezes quando eu vou para São Paulo, para o Rio, eu também aproveito para conhecer gente que eu acompanho e é isso, mas não tenho nenhum grupo de WhatsApp, de nada.

**Ainda que não tenha isso escrito, você tem alguma espécie de política editorial do canal? Alguma diretriz de linguagem, formato do vídeo, gênero literário...**

Não, eu deixo em aberto. É o que eu estou a fim de ler e é isso aí. Mas, de novo, porque é aquela diferença de pensar num canal super profissional para alguém ganhar dinheiro

ou a coisa mais do hobby. Mas eu, certamente, se fosse para um dia eu ter o YouTube como algo mais profissional eu teria uma diretriz mais definida. Em geral, eu acho que o que eu mais leio é Literatura Estrangeira Contemporânea e, depois, Literatura Brasileira Contemporânea, Não-Ficção, Quadrinhos. De vez em quando, clássicos. Acho que isso é o que eu mais leio, mas eu falo meio que sobre tudo.

### **Você tem algum padrão de formato do vídeo, duração?**

Eu falo quanto eu quero falar, mas em geral fica entre 10 e 15 os vídeos sobre livros específicos. Em geral, eu começo contando um pouco, uma espécie de sinopse, e daí eu vou entrando em assuntos específicos que eu quero debater ou comentar, e as coisas que eu gostei ou não gostei, os aspectos que eu gostei ou não gostei, mas também, assim, é uma coisa que também não é tão rígida. Quando eu quero mudar isso um pouco não é um problema.

### **Como você enxerga a construção de um público no canal? Eu vejo muita aglutinação em torno do gênero literário, não sei se por conta da figura... Como você enxerga esse processo?**

Em geral, eu acho que é identificação, não só com os livros que a pessoa lê, mas com a opinião que ela tem sobre os livros. A tendência em geral é: "ah, essa pessoa gostou muito de um livro que eu também gostei muito, então se ela gostou muito de um terceiro livro a chance de eu gostar desse outro livro também é muito grande". Então, eu acho que vai acontecendo essa coisa da identificação. Mas, por exemplo, uma coisa que eu vejo é que eu gosto de falar muito sobre quadrinho, também. E meu público de quadrinho e meu público de literatura quase que não se misturam, tanto que quando eu misturo eles um pouco eu recebo comentário tipo "pô, mas porque que você ainda lê quadrinho?" ou coisas assim. Então, tem uma espécie de segmentação interna, quase. E o público, eu acho que ele vai encontrando principalmente por essas co-relações de similaridade. Tanto que como pessoa que assiste, por exemplo, eu já tive alguns canais que eu gosto muito da pessoa, gosto muito do jeito que a pessoa fala, e tal, mas eu, quando eu vou ler os livros, eu não gosto dos livros. E daí você pensa: "pô, a pessoa é muito legal, mas a gente não combina em termos de gosto". Então, eu acho que isso é uma coisa...

**Das minhas perguntas que eu tinha separado, eu já contemplei todas elas. Tem alguma coisa que você importante destacar nesse cenário que eu não contemplei nas minhas perguntas?**

Eu acho que, sobre essa questão recente da crítica paga e tal, eu tenho um pé atrás com resenhas pagas, mas eu acho que as pessoas... nunca com um vídeo pago, por exemplo. O que me incomoda é a opinião sendo paga, mas eu acho que é um canto que dá para explorar muito e que não sei se as pessoas estão explorando tanto, porque dá para fazer entrevista com o autor, por exemplo, sabe? Eu acho que assim, dá para inventar muito tipo de conteúdo pago que não necessariamente envolve a tua opinião sendo manipulada. Não. Manipulada foi pesado, né? Mas sendo cutucada por esse tipo de interesse. Então, eu acho que as pessoas estão se tocando, porque no fundo é um pacto entre quem está assistindo e quem está fazendo. Se os dois lados estão confortáveis com a maneira com que isso está acontecendo, porque não? Se funciona para aquele grupo, deixa continuar. É uma maneira de se manter financeiramente e as pessoas precisam se manter financeiramente, mas eu acho que é isso.

## **ANEXO 4 – ENTREVISTA COM ALEXANDER MEIRELES**

Nome: Alexander Meireles da Silva

Canal: Fantasticursos

Idade: 46 anos

Formação/Profissão: Professor associado da Universidade Federal de Goiás (UFG) no curso de Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana (formação e área de atuação). Também é professor do Mestrado em Estudos de Linguagem da UFG. Atua no Campus Catalão-Goiás, na divisa de MG. Fez mestrado em Literaturas de Língua Inglesa com uma pesquisa sobre Margaret Atwood e Octavia Butler na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Foi da primeira turma, em 2001, e concluiu em 2003. No mestrado, analiso a figura do sobrevivente. Fez doutorado sobre o nascimento da ficção científica no Brasil na República Velha/Primeira República na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cuja conclusão foi em 2008. Também escreveu um livro sobre Literatura Inglesa.

*Gravação por Skype – dia 05/09/2018*

### **OFÍCIO**

#### **Como que foi que você criou o seu espaço no YouTube para falar de literatura?**

Bom, Arthur, isso aí parte de duas observações. A primeira foi a seguinte: eu sempre tive... eu busco manter um grupo de alunos, um grupo de discussão, de textos fantásticos, tanto literários quanto também críticos, lá na UFG. É um encontro que eu faço a cada quinze dias com um grupinho de alunos e o que eu percebi é que, cada vez mais, os alunos pediam, perguntavam se podiam trazer gente de fora. Às vezes era o primo que não estava na universidade, ou o sobrinho, ou o irmão, o namorado, a namorada, para poder participar das discussões, porque eles não encontravam esse espaço de discussão do lado de fora da universidade.

Paralelo à isso, uma coisa também que vinha me incomodando, é que a gente vai entrando em contato, no facebook, no youtube e tudo mais, e a gente vai vendo que tem uma enorme massa de leitores, de consumidores, de fato, dessa ficção, tanto da literatura quanto do cinema, mas que eu não vejo estabelecer uma ponte com a academia. E ao mesmo tempo, sendo eu originário da academia, eu não via a academia

dialogando com esses grupos, nem com fã-clubes, nem com encontros organizados por escritores e editores, então estava tendo um *gap*, uma lacuna que, por vezes, acabava aumentando ainda mais essa visão da academia como uma torre de marfim, inacessível e reservada para eleitos. Então, essa era uma coisa que me incomodava muito porque eu via muito saber sendo produzido na universidade, mas esse saber não chegava em quem, de fato, consome, não é? Usando até um termo que algumas pessoas podem, já que esse é um meio muito marcado por ideologias, quando eu falo consome sempre dá a ideia de que a literatura é um produto e tal, mas para entendimento de que são as pessoas que leem e escrevem, ou seja, que consomem, que produzem essa literatura não cabem nesse diálogo. E também, aliado nesses dois elementos, o fato de que eu estava vendo muito tratamento de temas do fantástico, principalmente em canais do YouTube, sendo tratados de forma superficial ou até mesmo com informações erradas. Caso de alguém falar de um livro e achar que naquele livro ali, especificamente, por exemplo, que nasceu aquela temática quando na verdade é um negócio que já tem duzentos anos. Isso é uma coisa que foi me dando um incômodo pelo impacto que tais informações podiam ter na formação de novos leitores do fantástico, já que hoje o fantástico na literatura e no cinema é largamente mais consumido por toda essa geração.

**Acho que isso dialoga com algo que eu vi em um vídeo seu. Em uma resenha do livro "Alcova da Morte", você fala que não fala de livros contemporâneos porque você se preocupa em tratar da questão da tradição dos livros, do fantástico. Como você sente a questão da tradição em outros canais além do seu? Como você procura trabalhar isso nos seus vídeos?**

Olha, eu observo isso também. Eu nem comentei na primeira resposta, mas isso é também um dos pontos que me levaram a posicionar nesse aspecto, porque o que você mais vê nos canais que tratam desse tema é abordar os lançamentos. Então você vê aí uma estreita parceria entre as editoras e os canais que as editoras utilizam desse contato mais próximos dos booktubers com seu público para poder mostrar os lançamentos e por conta disso mesmo, que são lançamentos, eu percebi que os novos leitores estavam lendo muita coisa, e eu fico muito feliz com isso, estavam lendo muita coisa boa que está sendo lançada, mas não sabia, às vezes eram obras até da tradição, vamos dizer assim, obras melhores ou obras primeiras, que poderiam aproveitar para poder entender até mesmo a evolução que resultou naquela obra que eles tinham na mão deles ou que

estavam vendo em casa. Eu não via esse tratamento direcionado, específico, para o fantástico com uma forma consistente em outros canais. De vez em quando aparecia, algum canal fazia um especial, sei lá, especial Edgar Allan Poe e aí falava das obras do escritor, mas essa é uma coisa muito esporádica. Alguns canais já fazem uma cobertura ampla, falando tanto de lançamentos quanto dos clássicos, que é o caso da Tatiana Feltrin, também, que faz um excelente trabalho, mas é muito pouco essa observância da tradição que resulta no fantástico de hoje.

### **Quando você pauta algo para o canal, você passa por algum processo específico?**

Arthur, olha... Nesse momento a gente bota para fora uma vida de "nerdices", quarenta anos de "nerdices" no tema. Agora, mais recente, de um ano para cá, boa parte das temáticas do canal são decorrentes dos pedidos dos inscritos. Eu lembro até que dessa série que eu estou fazendo no momento, do mundo punk, da literatura retrofuturista, foi pedido de pessoas inscritas no canal. Também, a mesma coisa com relação a série Penny Dreadful, analisando essa literatura do... essa tradição gótica do século XIX, mas, em paralelo a isso, aí segue a proposta primeira, que é explicar conceitos para, justamente, as pessoas poderem aproveitar tanto os livros quanto os filmes que elas estão consumindo hoje. Então, por exemplo, vira e mexe alguém tava lendo uma obra e cruzava com um termo tipo "Ah, isso aqui é alta fantasia", mas a pessoa ficava assim "mas o que é alta fantasia?". Então, isso aí merece um vídeo, e aí eu faço um vídeo de qual a diferença entre alta fantasia e baixa fantasia. Um dos pontos principais do canal são três séries que eu fiz abordando o que é gótico, o que é ficção científica, o que é fantasia, que resultou em 45 vídeos e eu sempre recomendo para quem está chegando, é uma porta de entrada o canal para a pessoa ver desde o princípio até as manifestações no cinema nos dias de hoje. Ou seja, pega literatura e cinema até os dias de hoje, que é para dar aquele *background* básico no assunto e, aí sim, a partir daí eu vou tocando em pontos específicos: o que é decadentismo ou qual a diferença entre terror e horror. Coisas assim, mas o processo é sempre esse: tanto de explicar os conceitos fundamentais, ficar de olho nos comentários das pessoas para ver o que que eles estão pedindo e também, a partir daí, aí colocar as ideias iniciais no papel, sempre consulto os livros, eu gosto muito de consultar os livros, até mesmo porque esse é outro problema. A internet é uma... você encontra de tudo e por conta disso mesmo, de você encontrar de tudo, às vezes você perde muito tempo filtrando o que que são informações verdadeiras,

vamos dizer assim, informações confiáveis. Então, por isso eu prefiro sempre recorrer a livros onde o filtro é mais apurado.

**Por que a opção de falar de temáticas gerais sobre a tradição e não, por exemplo, fazer vídeos de resenhas dos vídeos clássicos?**

Então, eu até comentei nesse vídeo que você mencionou. Primeiro, para falar dos livros, de livro em geral, já tem muita gente... tem muita coisa ruim, mas também tem gente boa já fazendo isso. Então, eu não percebi que eu iria me destacar, no sentido de que eu ia contribuir de forma decisiva para isso, não ia contribuir. E aí, a minha preocupação mais como professor, esse vício de professor, é mais de explicar conceitos para poder... Por exemplo, a pessoa quer ler Frankenstein, beleza. Eu fiz uma série sobre Frankenstein em homenagem aos 200 anos da obra. Deu 12 vídeos, eu acho, mas para explicar os pormenores da obra. Então, nesse caso, eu prefiro analisar a obra, esmiuçar ela, do que fazer resenha do livro, da edição e tal. Já que, como eu falei, já tem gente fazendo isso, em menor escala do que a pessoa já faz com lançamentos, mas vira e mexe aparece alguma coisa assim, como é o caso da Tatiana Feltrin. Mas, eu coloco. O Conto da Aia eu já falei, Fahrenheit #451 eu também já falei, já fiz resenha. Já fiz resenha do Gabinete do Doutor Caligari, outra obra fundamental, e assim eu vou colocando. É que às vezes, também, o volume de vídeos e de assuntos a ser tratados acabam delegando um pouco vídeos sobre resenhas, mas faz parte também falar das obras clássicas. Eu tinha até separado um do Jack London para falar também, tem outro do Conan Doyle, O Mundo Perdido, para falar. Então, eu nunca perco de vista o falar dos clássicos. "Esse aqui, por conta disso, disso e aquilo". Mas, inevitavelmente, também, quando eu falo das temáticas, eu acabo também sempre tocando nos livros que abordam aquilo ali. Então eu fiz um vídeo sobre O Mundo Perdido, foi na época do lançamento do King Kong e a Ilha da Caveira, aí eu falei "olha, O Mundo Perdido, vai ler o livro do Arthur Conan Doyle", então é por aí.

**Retomando, imagino que o processo de escrever a pauta ou fazer o roteiro do vídeo venha do próprio repertório enquanto pesquisador e professor. Não?**

Ah, sim. Está no sangue. Lógico, aí para lembrar dos pormenores, da data. Às vezes foge da memória uma data, então até eu achar na página do livro... Pô, é só chegar ali,

abre o Wikipedia mesmo, que pelo menos para isso o Wikipedia serve, dá para conferir o ano que saiu um livro, por exemplo. Aí é aquela coisa de pesquisador, você também como jornalista sabe, quando a informação tá correta você automaticamente lembra, quando está errado já ativa o sininho na cabeça, "pô, isso aí tá errado. Não é isso aí, não". Aí você confere outra fonte para poder verificar. Mas, aí também nesse processo, aí sim eu uso a internet quando eu vou citar as obras mais novas. Então, eu fiz o vídeo sobre stonepunk, vamos supor. Então, eu já sei quais eram as obras de stonepunk tradição, mas quais são as de hoje? O que que está saindo hoje? Então eu coloco já aí também os games, também, que é parte importante para colocar. Então, eu faço um processo: parto da ideia, coloco no papel, aí eu recorro às obras, aos livros, para poder lembrar de alguma coisa, como escreve especificamente o nome do autor ou a obra que surgiu, porque às vezes, também, são temáticas mais controversas, tipo "quem criou o termo 'Sword and Sorcery', Espada e Feitiçaria?", "ah foi Moorcock, ah foi Fritz Leiber". Então eu uso muito os livros nesse aspecto, para poder dar a informação mais precisa possível. Eu tenho uma enorme preocupação em passar a informação mais correta possível.

**Nesse contexto, onde muita gente cria canal para falar de livros, como que você enxerga a construção da credibilidade, de um conteúdo relevante? Mas pensando nessa construção em dois aspectos: você enquanto produtor e você enquanto consumidor.**

No meu caso, isso é até uma coisa engraçada, que chega em um determinado ponto em que alguns inscritos do canal, e no Facebook também acontece isso, perguntam qual é a minha formação, porque elas percebem que o vídeo acaba esmiuçando detalhes que, palavras deles, eles não encontram em outros canais. Então, é uma coisa que eu nem gosto de falar, eu nem gosto de ficar falando isso porque parece que está... o brasileiro parece que tem uma coisa com... você fala que é mestre, doutor e tal e as pessoas enxergam você metido e coisa assim. As conquistas não são valorizadas aqui, então uma coisa que eu evito falar é ate disso. Quando eu falo que sou professor, pronto. Aí... Eu sempre penso assim: que o conteúdo fale por si mesmo. Então, nesse aspecto, essa questão da construção da credibilidade não é algo que você... eu penso que não é algo que você tem que ficar falando, tá? Lógico, a gente fala que a chamada é "Fantasia, Gótico e Ficção Científica levado à sério", e tal, mas eu acho que é o dia-a-dia, o

processo de construção de fato, em que a pessoa percebe pelo conteúdo, por comparação, o ser humano é essencialmente um ser que compara, observa a acuidade das informações, o detalhismo de informações com outras que são tratadas mais superficiais. Você citou o caso do Formiga Elétrica, que é outro caso de um canal, inclusive, que eu fico admirado que tenha tão poucos inscritos em relação ao conteúdo de qualidade que eles têm em comparação com outros canais. São vídeos extremamente bem feitos, edição incrível, temáticas relevantes, ou seja, que ali você também vê o cuidado de uma informação. Uma coisa que é importante a gente lembrar é o seguinte: no Brasil, as informações, o Brasil sendo um país continental, muita gente, qualquer área em que você atue acaba sendo, também, qualquer nicho acaba agregando milhares de pessoas. Então, eu penso que em relação aos canais, eles acabam segmentando e cada um vai se alinhando com a abordagem de que o conteúdo é feito, com a maneira como a pessoa fala. No caso do Formiga Elétrica, você percebe até que são pessoas que não é o mesmo público que acompanha outros canais de booktubers. São pessoas que já tem uma leitura mais apurada. Não é, por exemplo, igual pessoal do Omelete ou do Jovem Nerd, que já é uma faixa etária um pouco menor, é um pessoal mais zoeira, um pessoal mesmo que só quer aquela informação e beleza, quem quer saber o *easter egg* do filme dos Vingadores 4 e tal, enquanto outras pessoas já não dão importância daquilo ali, querem saber os pormenores, qual é a origem do personagem, o que que está por trás, qual o contexto cultural por trás daquilo ali. Então, é por aí com essa questão do público. Então, veja o seguinte, nesse caso na construção de outros canais, a construção da credibilidade, vai muito do que o público daquele canal está buscando e acaba considerando que aquele conteúdo atende às suas necessidades. Eu não vejo que todo o público está preocupado em saber se aquela informação está correta. Isso é outra coisa do brasileiro. Ele quer saber se a pessoa que ele simpatizou, tem muito disso também, de simpatia com o canal, se a pessoa gostou do cabelo, da cor do cabelo da pessoa, da apresentadora, alguma coisa assim, e aí cria uma simpatia, apesar de vivermos em uma era virtual, as pessoas são muito solitárias, então acabam vendo nessas pessoas amigas virtuais, e assim ela quer saber o que que aquela pessoa está falando, e se aquela pessoa fala que adorou o livro tal por conta de X, Y ou Z ela acaba gostando. Eu não vejo nisso uma preocupação do público, do YouTube, em buscar a credibilidade. Eu digo público que consome boa parte dos canais de livros, tá? Eu vejo muito um alinhamento, uma afinidade com o apresentador ou apresentadora. O segmento desse público, e até o Fantasticursos vai crescendo nesse aspecto, são as pessoas que chegam num ponto da

vida ou de leitura que querem alguma coisa a mais, querem entender o que que está por trás daquilo ali.

**Você falou um pouco da afinidade com a imagem, com quem fala e a fragmentação do público e aí, no caso da credibilidade do Fantasicurso, como você procura trabalhar essa ideia? É no sentido de trazer o conteúdo ou em uma outra abordagem para outro tipo de público?**

É, no conteúdo, porque é o seguinte, Arthur, o conteúdo atrai o público. O conteúdo que agrega. Então, você abre um canal, você começa um canal... Eu sempre falo isso, faça as coisas do seu jeito, não tente ser outra pessoa no vídeo, não tente emular um estilo A e B, faça do seu jeito e pronto. No meu caso, uma coisa, por exemplo, que eu muito tempo fazia e hoje eu tento prestar atenção ao máximo para não fazer, é ficar falando igual professor. Até o vocabulário muda, mas eu tento ser o mais objetivo possível, fazer uma concisão, falar o máximo do conteúdo no menor tempo possível com uma linguagem acessível, mas com um rigor acadêmico, eu sempre tento manter esse balanço, para justamente atrair esse público. Ou seja, eu comecei a fazer os vídeos e o conteúdo é que atraiu o público. Então, eu penso sempre que é o conteúdo e, inevitavelmente, a comparação com o canal A, B ou C, é que acaba a pessoa ficar ou não ficar no canal. Então, se ela gostou da abordagem, que talvez não tenha encontrado em outro lugar, então ficou ali.

**Por que a escolha do YouTube como plataforma? Você sente que ele tem alguma vantagem ou desvantagem em relação a outros meios?**

Eu escolhi o YouTube pela presença, né. O Facebook é muito... o Facebook o pessoal usa para botar foto da viagem, foto do gatinho e a retenção é menor, no sentido de explicar conceitos. Como é que eu vou explicar um conceito como Terror e Horror no post gigantesco do Facebook onde o pessoal tá correndo a *timeline*? Não dá para ver. Vídeo também tem esse problema. No YouTube, o pessoal já vai procurar por aquilo. Então, ela quer procurar um conteúdo específico e ela vai naquilo dali. Outro fator que me fez escolher o YouTube foi porque trabalhar com o fantástico e as suas vertentes é uma coisa muito visual, ela apela muito para o visual. Não adianta falar do monstro, tem que mostrar o monstro. De preferência, mostrar o monstro se mexendo em um trecho de

filme. Então, por isso que foi a escolha do YouTube. Sobre o podcast, eu já pensei e estou pensando em fazer isso, justamente atendendo a demanda de algumas pessoas que dizem que gostariam de escutar algum dos conteúdos do vídeo, principalmente das lives que são muito grandes, é uma hora e meia, e como é um bate-papo eu acho que, nesse aspecto daí, cai bem o formato de um podcast para a pessoa ficar ouvindo uma hora e meia, que é o trânsito dela do trabalho para casa, da faculdade para casa.

## **LEITURA**

### **Existe alguma diferença entre um leitor crítico e um comum?**

Olha, isso daí é um ponto que até gerou... você acompanhou também, teve a fadiga recente envolvendo a própria Tatiana Feltrin, com relação a isso, que acabou passando por toda essa esfera e que acaba voltando naquela questão que eu falei para você da torre de marfim. Olha, é impossível não negar que um crítico, e eu sempre parto do aspecto do crítico, ele parte de todo um conteúdo que ele absorveu, que ele já fez uma mediação no intelecto dele no aspecto de que o crítico contribui com visões múltiplas sobre um texto. Às vezes é algo que pode vir a faltar a um leitor comum, comum no sentido de que não teve esse contato, mas, da mesma forma, tem vários tipos de leitores. Um leitor já experimentado, que realmente vivencia, um leitor que gosta daquilo ali, consome, corre atrás de diferenças, então isso acaba gerando uma equivalência de valores, né. Não é que um é melhor que o outro, eu acho que parte muito do aspecto do envolvimento. No crítico já é algo natural porque é parte da formação dele, já o leitor, se for o leitor engajado, um leitor que corre atrás, experiente, experimentado, também. Nesse caso, são equivalências. O senso crítico, o bom gosto, essa questão de conseguir perceber elementos de narrativa, isso daí independe da academia.

### **Você consome algum outro tipo de crítica como referência para o trabalho?**

Você fala de booktubers ou de...?

### **No geral, booktubers, textos, artigos, crítica acadêmica...**

Não. Eu vejo muito, até mesmo como a gente está no meio, tem muito dos artigos que circulam dos livros que a gente recebe, das coletâneas que a gente participa a gente

acaba lendo também o trabalho dos colegas, a gente vê um olhar ou outro, porque eu sempre tento também incorporar, isso é uma coisa que é importante, que eu percebo que muito canal não faz, isso é uma preocupação muito grande que eu tenho, já que enquanto professor eu também sou preocupado com essa questão da circulação dos saberes, é falar as fontes. De onde que a pessoa está tirando essa informação? Por isso que toda vez que eu estou fazendo um começo de série, eu sempre mostro: para fazer essa série eu estou usando esse livro, esses livros; essa visão é o crítico tal. Então isso é uma coisa que eu sinto muita falta. O público comum, que assiste os canais gerais, se importa com isso? Não se importa, porque se se importasse essa demanda já teria chegado aos canais e eles estariam incorporando isso, então isso é mais uma coisa que faz o conteúdo que traz o público específico.

**Quando você consome algum outro tipo de crítica literária jornalística, qual critério que você usa para saber se aquela pessoa seria uma boa referência?**

Olha, por exemplo, eu parto até de uma comparação com o que eu sei da obra, né. Se é uma obra totalmente nova, beleza, a pessoa falou lá, ok, aí eu sempre procuro ver, busco ver o que ela falou a respeito de outro livro, qual é a ligação que ela tem, qual o tipo de abordagem que ela faz para poder ver essa questão. Esse é um ponto que eu vejo muito. Tem alguns canais de YouTube, de booktubers, que você vê que a pessoa nem leu o livro. Ela recebeu o livro da editora e ela está falando ali "ah, não, o livro é bonito. Olha esse livro, a edição é linda, a capa é linda, o roteiro é bem legal, conta essa história, tal tal tal" e pronto. Ou seja, ela não leu o livro. Ela fez a resenha... Ela não fez resenha, ela leu, praticamente, a sinopse e por aí vai. Então... E também tem o seguinte, depois de um tempo, depois de tanto tempo dando aula, você percebe quando um trabalho está bem feito ou quando não está bem feito, né. Por exemplo, as resenhas da Tatiane Feltrin, porra, você vê que é uma leitora diferenciada. Ela não fica ali só na questão da obra, ela acaba fazendo todo uma rede de leituras anteriores que ela traz para a análise daquela obra dali e acaba contribuindo para o resultado final. Então, esses são os critérios: ver, de cara, você bateu o olho num canal que você nunca viu, se você não conhece a obra você não tem como falar se a pessoa está fazendo o trabalho direito ou não.

## **PROFISSIONALIZAÇÃO**

### **O canal já te trouxe algum tipo de remuneração financeira?**

Não. Na verdade, o canal... isso é uma coisa que as pessoas, às vezes, perguntam. Eu nunca ganhei um dinheiro nesse canal. Eu ganho absolutamente nada. Deixo a monetização ativada e tudo mais, mas, por exemplo, como eu uso muito trecho de filme, vira e mexe, de cada cinco vídeos que eu faço três ele recebe notificação de que tem utilização de material de direito autoral e que, nesse caso, a eventual verba daquele vídeo vai reverter para a pessoa que é dona daquele conteúdo. Beleza, para mim, tanto faz porque eu nunca fiz vídeo para ganhar dinheiro, então acho até justo isso. Usei o pedaço de um filme, que vá lá para a Warner Bros. ou para a Disney, para quem seja. Aí, de novo, tem que fazer essa menção, por isso eu coloco lá o trechinho do filme e tudo mais para a pessoa correr atrás, mas não, nunca tive nada de remuneração ali, não.

### **No sentido de outras iniciativas, por exemplo do curso sobre vampiros que você ofereceu?**

O curso Dissecando Vampiros também. Ele foi a partir de um pedido das pessoas que eu já tinha verificado que "gente, se eu fizer uma série do jeito que as pessoas querem no canal vai virar um canal só de vampiro, porque vai passar de 60 vídeos esse negócio aí" e também eu não queria fazer um negócio picado, tipo, lança um vídeo hoje, aí no outro lança o do mundo punk, aí depois lança na semana que vem. Ia ficar um negócio meio picotado, então o negócio é condensar. Ai eu pensei "já que vai dar um esforço danado, eu vou botar uma taxa aí de 47 reais, 67 reais para poder...". Aí sim, o eventual dinheiro que entrar, comprar uma câmera, por exemplo, que todos os vídeos do canal, até hoje, eu faço com meu celular. Então, comprar equipamento, ou seja, não é nada para você ficar rico, é para botar nos equipamentos mesmo. Pagar a hospedagem do site, pagar o XSplit, que é o programa que eu uso, que são dez dólares por mês, que faz aquelas transições de imagem que eu faço nas lives e tudo mais, pagar a licença do Adobe Premier com o qual eu edito os vídeos, então é dinheiro para poder voltar a investir no próprio canal.

### **Emendando a outra pergunta, no caso, de investimento para o canal você teve que fazer esses que você citou - dos programas de vídeo, de transição. Teve algum outro investimento?**

Sim, eu fiz um curso sobre como fazer lives, como você aborda o assunto, qual equipamento. Aí foi nesse curso que eu fiz que eu entrei em contato com esse equipamento XSplit, que é um programa, como é que você usa, como é que você pode aprender para tirar o máximo do potencial dele, como é que você coloca o bate-papo na tela e coisa e tal, e também abordagem, iluminação. Aí fiz outro curso que incluía outras coisas, como como fazer aquelas capas de vídeo, como é que você bota uma letra maior para dar destaque, como que você faz esse jogo de cor para chamar atenção, aquela questão das Tags de cada vídeo. Essas partes mais técnicas. Então, é, eu acho isso importante porque, vamos lembrar, eu sou professor, na minha formação eu sou professor, então, porra, eu não sei necas. Eu não sabia nada disso. Se você comparar os vídeos lá do início, o primeiro vídeo acho que é de novembro de 2016, acho que o que é terror e horror, a diferença entre terror e horror, você vai ver uma evolução que veio

acompanhando à medida que eu também fui fazendo os cursos. E aquelas coisas também, Arthur, você sabe, a imagem vale muito, principalmente no YouTube. Então, se a pessoa bate o olho e vê uma coisa meio tosca, vê, sei lá, roupa pendurada atrás, a pessoa está na escuridão, o som não está saindo direito, o povo sai. A própria propaganda já observou isso. As propagandas hoje têm quatro segundos. Não prendeu a atenção da pessoa em quatro segundos, tchau. Então, é algo que eu pensei: já que vai fazer, já que sou eu que vou fazer essa ponte de academia com o público, vamos fazer direito, para até mesmo não se voltar contra a academia, porque eu já tinha a noção disso, né. Porra, eu sou velho, eu não tenho esse frescor da juventude de ser engraçadão, de ter cabelo verde pintado, de ter essas paradas todas aí, não tenho visual roqueiro igual você, não tenho aquelas coisas todas, então, quer dizer, o que que eu vou fazer? Pelo menos entregar um negócio que a pessoa veja e fale "pô, o negócio tá bem feito, não é...". Que aqui também tem isso, né. Você tem uns canais aí de... não é nem canal, acho que é mais vlog. Os professores ligam a câmera e vão falando, mas tudo bem que é aquilo ali mesmo. Então, é dez minutos a pessoa falando direto, não tem uma imagem, não tem nada, mas eu disse "não, vou botar uma imagem aqui, vou botar um negócio correndo aqui para dar uma dinamizada para pegar o pessoal".

### **Ao longo da trajetória, você já recebeu algum tipo de produto gratuito?**

Ah, sim. Agora está começando. Como eu sempre faço, principalmente lá no Facebook, isso é uma coisa que eu faço questão. O pessoal tá lançando um livro, às vezes a pessoa nem sabe, eu vou lá e coloco lá no canal. Também está tendo muito de financiamento coletivo, que é uma das coisas que está ganhando muita força, então faço questão também. A pessoa nem pede, mas eu vou lá e coloco também. É... Na página do Facebook. Aí, inevitavelmente, as pessoas vão e me mandam o livro. Por exemplo, eu fiz entrevista, fiz uma live com o Artur Vecchi, que o editor da AVEC Editora, e aí ele veio falar do problema do mercado editorial e coisa e tal. Daí ele falou "não, vou te mandar o livro aí" e eu falei "beleza", como diz o... parafraseando Suassuna, né, "dinheiro e ajuda são duas coisas que não se recusa", o livro é uma coisa que eu nunca vou recusar na vida. Então, beleza, mas nesse caso, eu faço questão, é até uma coisa que eu falei com o Artur, antes até de conhecer mais o Artur, ele falou assim "ah, mas você não fala dos livros da Avec Editora", aí eu falei "porra, mas eu não falo de livro de ninguém", porque eu não tenho tempo para ficar fazendo esse negócio. Se eu receber livro, se eu for parceiro, eu vou ter uma obrigação de ler o livro, ou então fazer igual a gente faz aí, né, finge que leu, mas não leu. Então, eu tenho que ler o livro para falar, como é que eu vou ter tempo fazendo artigo, orientando aluno, dando aula na graduação e no mestrado? Então é aquilo, eu não me comprometo. A Editora Draco mesmo, que é uma editora que eu tenho muito carinho, uma das principais casas da ficção científica nacional no Brasil, está aberta aí, nesse momento em que a gente está conversando, está com inscrições abertas para canais parceiros. Eu nem tentei, eu nem mando, porque não é minha... eu poderia escrever para ganhar livro de graça, porra, que beleza, mas, tá, e minha parte? Para devolver? Eu não vou fazer um serviço de qualidade e acaba que... aí entra a questão da credibilidade, como é que fica? Então a gente tem que saber aonde alcança.

### **A gente conversou um pouco sobre isso, mas hoje você enxerga o seu trabalho mais próximo de um hobby ou de alguma coisa profissionalizada?**

Bom, enquanto sentimento para mim, eu vejo isso aqui como uma terapia, eu gosto de falar, né? Professor tem essa mania. Trabalho? Já tinha trabalho. Inclusive eu estou como diretor do curso de Letras, então eu sou diretor da Faculdade de Letras da UFG, só que a UFG chama de chefe, então eu sou chefe da unidade acadêmica lá, mas quando eu faço vídeo é uma terapia para mim saber que a palavra do fantástico está avançando. Então, para mim, não vou dizer que é um hobby, mas eu colocaria mais como uma terapia, mas eu tento fazer da maneira mais profissional possível. Já fiz, está até lá na chamada do canal, naquela aba sobre, se aparecer uma instituição falando "ah, a gente está precisando de uma palestra para falar sobre referências de Philip K. Dick nos dias de hoje". Beleza, vamos lá. Então, é aquilo. Ou seja, é terapia para mim, mas eu faço de uma forma profissional. Aí entra essa questão que você falou dessa busca da profissionalização vem ao longo do tempo. Não é uma coisa assim... Eu fiz o canal, o curso Dissecando Vampiros, beleza, vai entrar dinheiro? Então pega o dinheiro, compro uma câmera, compra, por exemplo, vai que eu consigo dinheiro para poder contratar um editor no Workana, então é menos uma coisa para eu fazer que permite... se tem uma pessoa editando um vídeo, beleza, sobra mais tempo para eu fazer outro vídeo. Então, é assim, a meta é botar no canal.

## **PÚBLICO**

### **Quais critérios que você usa para selecionar uma pauta e como o público interfere nesse processo?**

Então, por exemplo, uma coisa que eu tenho preocupação é que, já que é um canal que se coloca para falar de fantasia, gótico e ficção científica, uma preocupação que eu tenho é manter as pautas equilibradas no sentido de contemplar todas essas vertentes, né? E também, por exemplo, eu não falo de horror, eu não falo de "It, a coisa". Eu falo de gótico. Gótico é uma coisa, horror é outra. Então, essa é uma das coisas de focar. Então meu posicionamento é falar de fantasia, gótico e ficção científica dentro de um limite cronológico específico, que eu sempre tento colocar até meados dos anos 50 do século XX. Eventualmente, aparecem outras coisas, coisas mais recentes, mas até mesmo como eu mesmo não consigo me inteirar do volume de coisas que sai, então, por exemplo, para fazer mal feito eu nem falo. Então, vou pegar a tradição daqui. Isso é uma questão da pauta. A pauta é centrada na tradição, nas obras da literatura e do cinema que

fornece as bases para o que é produzido nos dias de hoje, tá? A partir daí, peguei o tema, como eu falei, eu coloco as ideias principais no papel. Eu tenho um vício que é: eu não consigo fazer no computador. Eu tenho que pegar uma folha A4 e escrever e ela tem que dar. Tudo que eu tenho que falar tem que caber num lado da folha, porque se passar... porque eu já sei que um lado todo da folha dá 4 minutos e meio, mais ou menos. Então, esse é um bom tamanho de vídeo para aprender a atenção do pessoal. Eu já fiz muito vídeo de treze minutos, catorze minutos, que as pessoas veem, mas não veem tanto quanto um de seis, um de sete minutos. Então, mas é coisa que você vai aprendendo com o tempo a partir do perfil do seu público. Meu público, por exemplo, a faixa etária dele é 24-34 anos. Isso é uma coisa que os dados mostram, tanto do Facebook quanto do YouTube. O que é, isso é interessante, o mesmo público do Jovem Nerd, do Omelete, de outros canais aí semelhantes, mas é um outro segmento desse mesmo público. É o pessoal dessa faixa etária que quer se aprofundar nos assuntos que esses canais que eu comentei só tocaram na superfície, tá? Então a pauta vai a partir daí. A partir daí eu sempre penso, até mesmo pela experiência em sala de aula: o que meus alunos, quais são as dúvidas que eles trazem em sala de aula? Sei lá, uma coisa simples e causal, Frankenstein: de onde que surgiu essa confusão entre nome do personagem e o nome da criatura? Quando é que começou essa fusão entre criador e criatura? Então, são dúvidas comuns de sala de aula que eu levo para o universo dali. Senhor dos Anéis, uma coisa que surgiu em sala de aula, de onde que o Tolkien tirou, quais foram as influências do Senhor dos Anéis? Então beleza, vamos falar disso daí, eu falo "olha, essa obra tal, essa obra tal" e, a partir daí, é que começa, como você falou, a interferência do público dos conteúdos.

### **Como você enxerga a política editorial do seu canal?**

Bom, por exemplo, o YouTube tem aquilo. Ele adora vídeo de pessoa tomando banho em banheira de Nutella, mas ao mesmo tempo ele acaba empacando seu vídeo como não indicado para anunciantes porque eu coloco palavras como, por exemplo, sobrenatural, exorcismo, coisas assim, nas TAGs. Ele marca muito disso, inclusive isso não é um problema sobre meu canal, não, eu tenho um rapaz, o Sérgio Sacani, do canal Space Today, que é o maior canal de astronomia no Brasil. Ele fez o curso comigo nessa época que eu estava me inteirando da parte técnica dos vídeos. Então ele falava que ele fazia um vídeo sobre buraco negro, botava lá a TAG, o YouTube marcava que o vídeo

não era apropriado por causa de palavras como Buraco Negro, porque podia remeter a coisas sexuais, pornográficas, e tal. Então você vê que há umas coisas muito doidas, então, eu acho que, como eu falei, como eu nunca me preocupei com monetização de vídeo, eu não me preocupo tanto. O que eu fico chateado é que, aí sim entrou nessa parte, quando o vídeo não é marcado, por exemplo, para passar aquela propaganda antes, não é indicado para a maioria dos anunciantes, conforme eles colocam, o próprio YouTube integra menos esse vídeo. Ele não mostra esses vídeos para tantas pessoas quanto mostra os vídeos que está liberado, que não tem nada, que está tudo bonitinho, tudo tranquilinho. Então, isso é uma coisa que com o tempo você vai se tocando. Palavrão é uma coisa que, por exemplo, eu uso palavrão em sala de aula, mas eu tento evitar. De vez em quando aparece um nos vídeos, mas é uma coisa que eu tento não fazer porque ele tem sempre que estar contextualizado e não é uma parte para chocar, como também isso é um recurso, uma linguagem, tem pessoas que usam para poder fazer essa conexão com o público mais jovem, descolado e por aí vai. O que eu me preocupo mais hoje é na duração... São os elementos: a duração do vídeo e manter um equilíbrio entre o rigor acadêmico e a linguagem coloquial. Tem que ser a partir daí. Então, no máximo... e vai entregando desse jeito e o feedback do pessoal é sempre assim.

Eu, até agora, isso é uma coisa que eu já fiquei muito encucado, mas eu já relaxei, porque até agora eu não tive *hater*, porque todo canal sempre tem um *hater* que vai lá e, porra, desce o sarrafo em tudo que é vídeo. É muito difícil o canal meu ter alguma negativa, um dislike. Apesar de que isso aí não impacta, também. Isso eu já apurei: o YouTube não entrega mais um vídeo, ou menos um vídeo, se tem menos curtidas do que mais curtidas, isso é um dos mitos que a gente vai pegando, porque também eu acompanho outros canais como o do Caique Pereira, do Escola para Youtubers, que ele vai dando umas dicas sobre canais. Então, eu sempre tento ficar inteirado do que que está rolando, quais são as políticas do YouTube nesse aspecto, mas não sou paranoico em falar "ah, vídeo que com a capa, a capa do vídeo mostrando a cara da pessoa". Você vê que tem uma porrada de canal que mostra a pessoa, não é? Ou então fazendo careta. Teve uma época que a pessoa na capa do vídeo, a pessoa fazendo careta, também o vídeo ganhava mais. Então assim, eu nunca fui... pô, eu faço sempre do meu jeito, beleza. Eu acho que o público se acostuma, o seu público acaba se acostumando. Se

você tenta fazer uma coisa que eles não identificam com o seu perfil eles acabam rejeitando isso.

**Como você se relaciona com o público? Quais os canais, como acontece essa interação e seu posicionamento? Eu sei do grupo do WhatsApp, que tem as discussões que eu participo também, você comentou um pouco do Facebook, mas eu não sei se tem algum outro canal.**

A gente começa a fazer essas coisas e sempre quer fazer mais, né? Então, eu sinto que eu ainda posso fazer mais coisas em todos esses lugares que você comentou. Twitter, por exemplo, é uma coisa que eu não uso. É muito difícil eu usar Twitter. Eu estou lá, o Fantasticursos está no Twitter, mas eu uso diariamente só pra colocar a frase fantástica do dia, tem uma frase motivacional e inspiradora que eu sempre coloco e só. Eu não... até mesmo como minha coisa é explicar coisas, as limitações do Twitter e o caráter instantâneo também... eu não consigo chegar ali. O Instagram a mesma coisa. O Instagram, como é muito pautado em imagem, as pessoas vão muito do momento, então é um momento que eu só coloco para usar imagem, algum livro que eu recebi, ou então alguma... também a mesma frase, uma frase motivadora. Então eu concentro mais, aí sim, no Facebook eu faço um filtro de tudo que rola, além de replicar o conteúdo do canal, eu uso para poder filtrar informações de blogs e sites diversos para colocar ali também onde faço divulgação de evento gerais do fantástico, livro que o pessoal está lançando. Então, ali eu respondo as perguntas, então minha preocupação é, a partir do conteúdo que eu coloco, tirar as dúvidas das pessoas e fazer indicação de outras obras. Isso tanto no Facebook quanto no canal. No canal, a gente tá hoje com dois mil duzentos e... eita, já até esqueci quanto é que tem lá. Dois mil e trezentos, dois mil trezentos e poucos, mas então eu faço questão de responder todo mundo, todos os comentários para tirar dúvida, indicar outro vídeos, às vezes a pessoa é inscrita. Sobre o decadentismo, "ah, mas qual é a relação do decadentismo com o horror?". Ai você fala "oh, eu já fiz um vídeo sobre o que que é horror e terror, olha esse vídeo aí. Qualquer coisa, escreve". Aí a pessoa vai lá e assiste, às vezes escreve, às vezes já resolveu a duvida dela. Então, eu tento manter um contato próximo de dar o conteúdo e ficar esperando as eventuais dúvidas, ou então, aprofundamento daquilo: "ah, mas qual é o livro que eu encontro isso que você falou?" aí "ah, tem esse. Vai nesse romance, nesses contos, que você encontra esse negócio aí". É mais ou menos o que eu tento fazer lá no WhatsApp, né.

**Você comentou um pouco disso e acho que ia ser legal se a gente discutisse de maneira mais específica, mas como que você enxerga a formação dos públicos nos canais do YouTube, né? Você falou das abordagens, né, mas aí eu queria que a gente falasse um pouco mais dos gêneros literários, da figura do crítico e também você comentou um pouco sobre a maneira como se fala, a abordagem. Como você enxerga o casamento desses fatores?**

Olha, uma coisa que a gente percebe muito é, por exemplo, os canais vão assumindo, principalmente esses de livros, os booktubers, parte primeiro dos gostos das pessoas, né. Eu vejo canais assim que são fanáticos por Stephen King, então o referencial sempre vai ser os livros que as pessoas analisam daquele canal ali, por exemplo, parte de se a pessoa escreve igual ou diferente, se quando está falando do Stephen King exatamente, a pessoa escreve igual ou diferente do Stephen King? Então o referencial de qualidade dessa pessoa é esse, então... o que, particularmente, o que eu te falei. No Brasil, sendo um país continental, tem público para todo mundo. Então, esse canal aí, por exemplo, que o cara só fala de Stephen King. Se o cara não escreve igual ao Stephen King, é uma merda. Então, vai atrair a galera, vai atrair muita gente que compartilha do ponto de vista dele, tá? Da mesma forma que tem gente que só curte os clássicos, só quer saber dos clássicos, então, se a pessoa escreveu uma obra que não se filia a essa tradição do clássicos, então não presta. Eu acho que vai muito disso. A formação do público está muito alinhada, no meu ponto de vista, com o perfil de quem faz o canal, a partir dos gostos daquela pessoa, ou ela valida o que aquele público está ali para ver ou então, se chega uma pessoa, naquele momento, que quer começar a ler, pegou o primeiro livro do Stephen King, nunca leu nada na vida e vai começar a ler Stephen King, aí foi procurar, caiu nesse canal dessa pessoa que só fala de Stephen King e quem não escreve igual a ele é um merda. Então, aí a pessoa se identifica, então é isso mesmo. É nesse ponto aí que ela pode influenciar a formação de um público leitor, porque, apesar de estar disseminado, todo mundo já saber como é que funciona, mas essa coisa da pessoa que fala pela câmera exerce um poder muito grande ainda sobre quem lê, sobre a formação do público leitor. Isso é uma coisa do brasileiro, do passivo do brasileiro, é cultural, de ficar absorvendo as coisas que vem de uma TV. Então, tá na TV é aquela coisa. É aquela piada: se tá na TV, tá certo; se tá na Globo, é verdadeiro; se tá no Facebook, é

verdadeiro. A pessoa, por ter um canal, para quem está do lado de cá, já pensa assim "não, pô, o cara tem um canal no YouTube, o cara está falando disso, está falando dos livros". Então, já exerce uma coisa. Então eu tenho muita preocupação com isso, eu vejo isso... isso é muita responsabilidade nesse aspecto. Eu tenho muito cuidado com o que eu falo, porque eu sei que pode influenciar as pessoas para um lado ou para o outro, tá? Inclusive para consumo de livro ou de posicionamento ideológico nesse aspecto.

**A gente podia falar um pouco sobre as *lives*? É algo que não vi muito nos canais de literatura, a interação direta. Você pode falar um pouco de como você enxerga essa participação do público, a sua e a do entrevistado?**

A proposta das lives era trazer e ir alternando. Então era trazer, por exemplo, o pesquisador ou pesquisadora de fantasia, gótico ou ficção científica, trazer um escritor ou escritora, trazer um editora, uma editora, trazer um quadrinista. Ou seja, pessoas que trabalham em toda essa cadeia de produção e pesquisa do fantástico, de blog também, para poder falar para as pessoas sobre os assuntos que elas dominam. Então, por exemplo, eu chamei o Eduardo Olivera lá do Tolkien Brasil para responder a pergunta sobre Senhor dos Anéis, Por que o Senhor dos Anéis tem esse aspecto, tem esse lugar na literatura de fantasia? Então, eu sempre busco especialistas, no sentido amplo da palavra, daquele assunto para vir falar. Então, ele veio, fiz a live dele e tudo mais. Trouxe também o Artur Vecchi para falar do mercado editorial, afinal o cara é editor e tem muita gente... isso parte também do que as pessoas comentam no canal. Tem muita gente no grupo do WhatsApp mesmo, tem gente que escreve, que quer escrever, quer começar esses escritos e aí? Ou seja, o que que eu sempre penso: de que forma eu posso ajudar essa pessoa a tirar as dúvidas delas ou a conhecer mais esse assunto? Então trazer algum editor de uma editora que publica literatura fantástica para poder falar como é que está o mercado, qual o caminho das pedras, para que lado que eu vou? O propósito da live é isso, é ser tipo uma palestra, usando um modelo acadêmico, sempre ser uma palestra sobre determinado assunto. E aí essa questão que você falou que os canais não fazem muito disso é porque boa parte dos canais estão mais preocupados com essa coisa mais imediata da entrega, de falar da resenha, beleza, partiu, vamos para o outro livro que a editora me mandou. Então, demora, não tem muito esse cuidado. Mas, como eu nunca fui preocupado com o número de visualização do canal, os números e tal, ah, porra, mas se eu fizer uma coisa de vinte minutos vai atrair mais a atenção do que uma

live de uma hora e meia. Então, eu boto o conteúdo lá e falo "quem quiser ouvir, escuta" e, nesse meio tempo... o mais interessante é que, mais uma vez, atraí gente que quer esse modelo, atraí gente que participa. Então, as audiências na live começaram com onze; hoje as lives chegam a vinte e cinco, a trinta. A tendência é ir aumentando, mas não é por causa disso que a gente tem que se acomodar. Então, por exemplo, um dos comentários, que foi até nessa live do Artur Vecchi, foi que tinha muita informação. Alguns inscritos falaram "ah, o senhor podia disponibilizar o podcast com as lives, porque aí eu posso escutar tudo isso quando eu estou indo para o trabalho", por exemplo. Então é uma coisa que eu vou fazer para colocar, para poder ser mais um canal, para as pessoas poderem aproveitar mais esse conteúdo gerado, mas a função da live é pegar o pessoal da área. Eu tô querendo chamar o Enéas Tavares para falar de *steampunk*, então quem mais conhece steampunk no Brasil do que Eneas Tavares? Então, fala aí de steampunk e tudo. Eu não vou trazer ninguém com coisa que eu não conheço, então, sei lá, um autor supercontemporâneo com coisa que eu nunca li nada. Então, eu tenho preocupação de não ficar só passando as perguntas, tem que ter alguma coisa que eu mais ou menos conheça para poder falar.

**Do que eu tinha separado, eu terminei. Mas existe algo que você acha importante de destacar que minhas perguntas não contemplaram?**

É aquilo que eu tinha falado, já. Eu tinha comentado... Praticamente a gente já falou tudo, a minha preocupação era apenas disso, de que os canais, o público dos canais acabam se aliando mais com a personalidade... parte primeiro da personalidade de quem está apresentando para depois, num segundo momento, ver o conteúdo propriamente dito. Então, eu observo muito essa questão, é algo a se destacar, essa responsabilidade, que são formadores de opinião, de fato. Eu, uma coisa que a gente não conversou, tocou levemente, mas são importantes. Os booktubers têm uma presença relevante e são responsáveis, os principais responsáveis, mais até do que a academia, por trazer novos leitores. Então, ao mesmo tempo, é necessário que eles também se tornem responsáveis, se tornem cientes desse processo, do lugar deles nos dias de hoje. Não é só... eu quero crer que a grande maioria está preocupada, de fato, em falar sua paixão. Os booktubers são muito disso, eles falam do jeito que eles gostam, eles não estão preocupados de falar da narrativa, do enredo, dos tempo-espacos, tal, eles falam do jeito que eles gostam e eles encantam o público deles pela paixão que eles imprimem nas suas análises. Isso é

muito importante porque isso tira um pouco essa sacralidade da literatura, você aproxima a leitura de um prazer e nesse aspecto eles são extremamente importantes por imprimir essa paixão no objeto livro.

## **ANEXO 5 – ENTREVISTA COM YURI AL'HANATI**

Nome: Yuri Ribeiro Alhanati (Al'hanati)

Canal: Livrada!

Idade: 32 anos

Formação/Profissão: Jornalista formado na UFP (Universidade Federal do Paraná). Escreve para o jornal Rascunho e para o portal A Escotilha. Ex-cartunista na Gazeta do Povo (2014-2017). Livrada! já foi blog, mas não posta nada desde 2016 (a não ser por um post esporádico de 2017). Graduando em Filosofia. Tem um trabalho concursado.

*Gravado via Skype em 05/09/2018*

### **OFÍCIO**

#### **Como foi a criação do espaço do Livrada!?**

O canal ou o blog?

#### **Os dois, um pouco da experiência o Livrada! enquanto blog e depois a necessidade de ir para a plataforma do YouTube.**

Bom, o Livrada! começou em 2010 numa plataforma do Wordpress. Eu estava trabalhando na Vogue na época e na Vogue eu abastecia um blog dentro de um site de importação de medicamento oncológico, chamado Medic Supply. Eu escrevia muito sobre câncer, o tempo inteiro sobre câncer e eu falei "ah, estou cansado de escrever sobre câncer, muito pesada a rotina, vou escrever um pouco sobre os livros que eu estou lendo", porque desde que eu entrei na faculdade eu sempre quis trabalhar com literatura e enfim. Aí, comecei a escrever o blog mais como um exercício mesmo de anotar minhas leituras e etc. do que qualquer outra coisa. Comecei a fazer isso e deu certo, em algum sentido, porque comecei a receber visitas de outras pessoas, pessoas que acharam o canal, "pô, achei o blog aqui procurando alguma coisa no Google, sensacional, não sei o que, bacana", comecei a travar alguns contatos aí e isso ficou por uns quatro anos. Em 2014, mais ou menos, na metade de 2014, uma amiga minha sugeriu de a gente fazer um piloto em vídeo e eu achava que fazer coisa em vídeo dava muito trabalho, porque tinha que gravar, depois tinha que editar e o blog você só escreve ali e pronto, né, está

feito. E de fato, é, é muito mais trabalho mesmo, mas hoje é um trabalho que já me consome menos tempo do que eu achava. Ela tinha um amigo, que na verdade é um ex-namorado dela que editava, e eu falei assim "ah, eu só preciso aparecer ali e falar na frente da câmera que ele edita, ele faz as coisas todas". E aí eu fiz e também a resposta foi muito mais rápida dessa vez, em termos de audiência. Acho que o fato de que o pessoal já fazia, já tinha muita gente fazendo vídeo no YouTube na época e algumas pessoas já conheciam o canal, então eu fui bem recebido, enfim. Nesse sentido foi bem legal e desde então eu estou fazendo isso.

**Depois que algum assunto é pautado, você tem algum processo básico? Consultas, releituras, conversas...**

Não, cara. Para mim, eu acho que o trabalho de crítico é um trabalho que se acumula com bagagem, sabe? Eu acho que a bagagem é parte do negócio, então raramente eu pego algum texto ou alguma coisa do tipo, eu já tenho na minha cabeça um link com outras leituras, com outras coisas, então para mim é mais fácil.

**Um processo mais orgânico, então?**

É. É sim.

**Você acha que esse repertório precisa de alguma especialização acadêmica?**

Cara, para esse que eu faço, eu acho que não. Eu acho que é importante uma leitura mais detalhada, uma coisa mais... um pensamento mais analítico, mais... refletir sobre o que você está lendo mesmo, o porquê, o que que foi escrito e enfim. Mas acho que não, formação acadêmica eu acho que não, mas ajuda. Ajuda, mas não é obrigatório, não.

**Nesse contexto de um ambiente em que é muito acessível criar um canal para falar de livros, como você enxerga a construção da credibilidade e do conteúdo relevante?**

Rapaz, essa é uma boa pergunta, porque... eu vejo muito canal começando e tal e alguns chegam a um sucesso de público, a uma recepção boa, por outros caminhos que não são

os caminhos que eu acho que são o que seria uma qualidade de uma pessoa que se propõe a fazer esse tipo de trabalho. Por exemplo, o Pedro Pacífico, o Bookster, que é o meu amigo, inclusive, ele tem um instagram, tem um perfil no instagram, que tem 70 mil seguidores e ele conseguiu isso, assim, um ano e meio, coisa assim, sabe? Foi uma coisa muito rápida. Ele tem alguns amigos influentes que ajudaram bastante. Eu lembro que ele é amigo daquela Gabriela Pugliesi, que compartilhou ele nos stories, eu sei que ele ganhou uns quinze mil seguidores da noite para o dia e coisas assim, mas eu acho que ele persiste no trabalho e ele é um leitor completamente iniciante, sabe? Ele não tem nada de mais nas leituras que ele faz, ele não tem nada que possa atrair o público mais crítico, a não ser uma experiência de primeiras experiências que ele tem, sabe? Então eu acho que, por ele estar descobrindo os livros e tal, eu acho que talvez muita gente que esteja começando a ler, esteja curtindo ele por causa disso, porque se identifica com ele, se relaciona com essa inexperiência que ele tem, enfim, e isso dá super-certo, sabe? Então, não existe uma só resposta para isso. Eu vejo que tem muitos caminhos para se chegar num público bom de internet nesse sentido.

Credibilidade é outra coisa, né, cara. É um critério... são critérios muito pessoais, né? Para mim, eu acho que é a pessoa que tem... uma coisa de critério para mim é a pessoa ser sincera e não, sei lá, pegar leve. Mas eu estou falando de mim, das coisas que eu faço. Eu acho que é legal fazer um trabalho de curadoria, descobrir coisas diferentes, trazer coisas diferentes, mas é importante saber falar, saber se posicionar em relação a essas obras que se leem.

**Você comentou um pouco disso agora pouco, mas quais foram os motivos para a escolha do YouTube como plataforma? Você sente alguma vantagem ou desvantagem além do que você já citou?**

Cara, assim... em relação ao podcast é o óbvio, é o visual, né? As pessoas tratam muito o livro como fetiche hoje em dia e isso é tanto por uma coisa de empréstimo de personalidade que as artes sempre tiveram, né, a música principalmente sempre teve esse papel de emprestar personalidade para as pessoas, mas eu acho que o livro também, em algum sentido. E as editoras, nos últimos anos, têm percebido cada vez mais uma importância de fazer produções gráficas atraentes, interessantes, e isso transforma o objeto-livro também num objeto de desejo, de fetiche e tal. Eu faço esses vídeos em que eu mostro os livros que chegaram aqui, mostro essas novidades e muita gente assiste

para saber o que que está rolando no mercado editorial mesmo, mas muita gente assiste porque quer ver os livros, para ver se são bonitos, para ver se são, enfim, são edições caprichadas e tal. Então, essa seria a principal vantagem em relação ao podcast.

Em relação ao texto, eu acho que é a vantagem que o podcast também tem, né, que são duas, na verdade: uma eu acho que é uma coisa mais geracional e outra é uma coisa que eu acho que é uma coisa mais social. Geracional é que eu acho que essa geração agora não hierarquiza muito a plataforma em relação à informação, eu acho que as pessoas sabem que o jornal, hoje em dia, tem tanto o mesmo peso que um vídeo que a gente faz no YouTube no sentido de que... ahm... deixa eu tentar explicar. Se eu faço um vídeo aqui comentando um livro do Ismail Kadare, por exemplo, que é um escritor albanês, e um crítico da Folha escreve uma crítica do livro do Ismail Kadare. Eu não tenho um editor em cima de mim, então tudo que eu fizer está aprovado. O editor, ele não manja de literatura, ele não... dificilmente ele vai conhecer o Ismail Kadare, o cara lá na Folha, sabe? O editor de cultura está mais preocupado em verificar se a abordagem está correta, se está bem escrito, se tem algum erro, se está dentro do formato. Não vai haver um processo de curadoria crítica em relação ao texto, então... e isso se dá por várias razões, né, eu acho que tanto mais pela crise dos jornais, enfim, a gente está tendo muito pouco tempo para produzir conteúdo, para se especializar nas coisas, enfim, o jornalista cada vez mais é um generalista, né. Então, eu acho que ele... essas coisas acabam impactando um pouco a recepção do público e eu disse isso tudo para dizer isso, assim, se você lê uma coisa no jornal ou se você vai ver um vídeo no YouTube, talvez você elenque mentalmente ou intuitivamente que uma coisa que está escrita no jornal seja mais importante do que uma coisa que está publicada em vídeo no YouTube, mas isso não necessariamente é verdade. Eu acho que essas pessoas mais novas sabem disso e elas se ligam nisso e então, para elas, consumir alguma coisa audiovisual é melhor porque elas conseguem fazer outras coisas enquanto elas assistem, enfim, e isso aí eu acho que já é o aspecto social, né. Essa coisa do multitasking. A sociedade hoje exige muito que a gente se comporte assim, que a gente faça mais de uma coisa ao mesmo tempo e tal. Então, eu acho que a isso se deve o sucesso dos canais de literatura do YouTube.

Eu fiz porque eu, particularmente, não acompanho tendências de nada, sou bem desligado, mas me disseram que seria uma boa, eu fui lá e fiz e deu certo, então, foi mais ou menos por isso.

## LEITURA

### **Você acha que existe uma diferença entre o crítico e o leitor comum?**

Eu acho que sim. O leitor comum está mais preocupado com o aspecto de entretenimento do livro e o crítico está mais preocupado com ideias que estão sendo discutidas no livro e ideias que fazem com que o livro se insira numa certa historicidade de arte, numa certa historicidade de.. literária e enfim. Por exemplo, eu... pessoal pega muito no meu pé porque eu implico, por minha vez, implico muito com um autor aqui, que é um biógrafo metido a historiador, que é o Simon Sebag Montefiore, que é um cara que ele escreve livros, assim, super-apelativos, sensacionalistas em certas medidas e o leitor comum não está preocupado com a veracidade ou com a mensagem que ele está colocando ali, né, porque só para ilustrar o exemplo para você, tá? Eu tenho uma orientação ideológica um pouco mais de esquerda e eu acho que existe um revisionismo muito grande por parte de acadêmicos anti-socialistas, anti-comunistas que se propõem a escrever sobre a história da União Soviética largamente financiado por instituições acadêmicas do bloco ocidental e por agências literárias ligadas ao grande capital monetário também da parte ocidental e, assim, isso não pode fugir à lógica de um crítico. Não pode... Isso pode fugir à lógica de um leitor comum, mas não pode fugir à lógica de um crítico. Se o cara, se o Montefiore, que fez dois livros sobre o Stálin e pintou o Stálin como um bicho-papão incrível, trata o Stálin como uma consequência lógica da revolução bolchevique, que foi outra coisa, foi um outro período da história soviética, ele coloca que a tirania e a anti-democracia é o resultado de qualquer experiência socialista que você possa ter. Isso invalida qualquer debate que você possa ter em relação a visões de mundo diferentes. Você acaba a conversa aí e isso dá todo um pano pra manga para essa galera, né, a agenda da FIESP, essa palhaçada toda aí. Eu, como crítico, vou ler um negócio desse e vou falar isso. Outras pessoas que estão mais preocupadas com ler grandes histórias, histórias incríveis, que sejam leitores mais comuns, vão simplesmente gostar da história, muito pouco se importando em fazer um julgamento maior sobre isso. Eu acho que essa é a principal diferença. Dei um exemplo de não-ficção, mas você pode, analogamente, fazer a transposição necessária para o campo da ficção também.

**Seria o fato de que um leitor crítico tem uma leitura mais interessada... mais minuciosa do que uma leitura desinteressada do leitor comum, que lê por prazer. É isso?**

Sim. Veja, eu não estou dizendo que o leitor comum não é um leitor crítico, eu acho que o leitor comum é um leitor crítico em relação ao que ele consome, em relação ao entretenimento dele, em relação ao que está sendo lido. Ele pode ter uma consciência crítica, ideológica, política, histórica, que seja. Mas eu acho que ele, como leitor comum, não vai ter tanto o trabalho de apontar esse tipo de coisa na leitura.

**Se eu entendi, é uma questão de postura perante a leitura mais do que a carga do leitor. É isso?**

Isso. Exato.

**Você consome algum outro tipo de crítica literária regularmente?**

Eu leio o Rascunho, por exemplo. Leio uma coisa ou outra que pinta na grande mídia, enfim. Mas acho que é só, também, na verdade. Muita pouca coisa.

**Você acompanha algum outro canal no YouTube?**

Tem alguns que eu gosto, assisto alguma coisa, mas não posso dizer que eu acompanho. Ah, tem vídeo novo, eu vou lá ver e tal. Mas tem alguns que eu gosto, sim, eu vejo de vez em quando.

**Como que você, ao consumir esse tipo de crítica, estabelece critérios para saber se é um trabalho bem feito ou mal feito? Você disse que vai muito do produto, de quem consome. Mas quais são os seus parâmetros?**

Olha... eu sei... eu sei, mas eu acho um pouco difícil de explicar porque eu acho que isso se deve muito a um traquejo que você pega de ler esses caras, essas pessoas, assim, sabe? Por exemplo, às vezes eu sinto, lendo o texto do cara, que o cara ou a menina, quem quer que esteja escrevendo o texto, dá para sacar se a pessoa que está escrevendo o texto está insegura ou está querendo se colocar num patamar intelectual acima do que

ele realmente está, dá para perceber se a pessoa está fazendo aquilo contra a vontade... eu acho que a crítica honesta é uma coisa meio sensitiva, assim. Você consegue perceber pela sua sensibilidade de leitor. Assim como você consegue perceber, lendo um livro, se o livro foi escrito com honestidade ou se o livro foi escrito mais para ganhar dinheiro, sei lá, um livro que foi escrito com sensibilidade. Isso vale a mesma coisa com a crítica literária. Você, como leitor, consegue avaliar por escolha de palavras, por construções, por força de argumentação, o que que é um texto bem escrito e o que que não é, né.

## **PROFISSIONALIZAÇÃO**

**Do trabalho no canal, já teve algum retorno financeiro ou algum tipo de remuneração?**

De vez em quando pinga aqui e ali alguma coisa, algum trabalho pago, um convite para uma mesa com cachê, alguma coisa do tipo, mas não é uma coisa regular, não. Isso é uma coisa que acontece de vez em quando.

**Quando vem, vem no sentido de publieditorial?**

Eu não faço link da Amazon no meu canal, eu tenho até uma postura crítica em relação a Amazon. Fiz um vídeo uma vez e as pessoas entenderam super errado esse vídeo, como se eu estivesse querendo boicotar a Amazon ou alguma coisa do tipo, mas eu só queria fazer elas pensarem um pouco sobre o que elas estão comprando, porque que elas estão comprando, mas enfim. Foi isso. Chega por meio de publieditorial e, cara, é basicamente isso. Basicamente é isso e convites para fora, do tipo a TAG. A TAG me chama para fazer vídeos para o canal deles, de vez em quando eles me pagam para fazer um vídeo aqui para o meu próprio canal. Me chamam para fazer algum tipo de mediação de algum evento literário, fora daqui, um trabalho que eu já fazia antes de ter o canal, mas o canal foi uma forma de me manter atuante ainda. Esse tipo de coisa.

**Você podia contar como foi a experiência do financiamento coletivo para a cobertura da FLIP?**

Então, na verdade eu fiz esse financiamento por causa do Murilo, meu câmera. O Murilo, eu acho que o grande diferencial do meu canal para os outros canais é que eu tenho um câmera e isso me abre um leque de possibilidades que é, por exemplo, ir fazer uma cobertura de evento, que é o que a gente faz na FLIP, por exemplo. Fazer entrevistas fora de casa, enfim. Sair e ir pra rua. Ao mesmo tempo, eu não consigo, com o meu salário, bancar viagem para mim e para o Murilo e coisas do tipo. Aí eu falei "poxa, podia financiar", porque eu acho, nem tanto meu público, talvez eu ache, eu acredite isso mais do que o público do Livrada! que esse tipo de coisa é importante para o canal. Esse tipo de quadro, sabe? Não é o que dá mais retorno em termos de visualização, de assinantes e tal, mas é o que dá um... sei lá, cara... uma espécie de uma substância para o canal, sabe? Para sair do mesmo formato de sempre de mostrar livro e falar de livro, mostrar livro e falar de livro, mostrar livro e falar de livro, né? Falar sobre os autores, falar com as pessoas que leem, ver como que é um evento literário. Então, esse tipo de formato me interessa como um projeto de canal que eu estou fazendo.

Pois bem, botei uma meta ali para a gente renovar material de papelaria e etc. e deu certo, deu... né. Ficou uns quatro meses no ar a campanha, a gente conseguiu R\$8000,00, dos quais o catarse ficou com quase mil, e com isso a gente conseguiu pagar material de gráfica e passagem para a FLIP e tal e ainda sobrou uma boa grana que a gente usa para mandar as recompensas do catarse, que a gente está em processo de mandar elas agora, né, já mandamos metade delas, mas ainda tem mais uma metade para mandar e enfim. E é isso, então a gente fez, deu certo e eu gostei do resultado.

**Você recebe algum tipo de produto gratuito e de quem? Editoras, inscritos... Também vi que você já recebeu café, vinho...**

Cara, basicamente é livro o que eu recebo. Não recebo mais nada que não seja livro, assim. Uma vez por ano, uma vez por semestre tem uma empresa de produto para barba que me manda uns cosméticos de barba que eu uso e que para mim é muito legal, porque eu ia ter que gastar dinheiro com isso de qualquer forma, mas não é uma coisa que entra no hall de Jabá, nem nada. Eu mostro e tal porque os caras são queridos, tão fazendo um trabalho bonito, sabe? Tem uma consciência ambiental bacana, não são alugados, sabe? Igual esse pessoal que faz coisa para barba e são metidos a ser vikings, metido a ser não sei o que. Eu acho uma babaquice do caramba, aí os caras são tranquilos, eu converso com eles sobre livros e a gente vai e fala com eles.

O resto é livro, eu ganho livro das editoras e dos meus leitores e, às vezes, uma vez ou outra, de escritores que me mandam e que, enfim... mas é muito raro e é uma coisa que eu não incentivo muito, até porque começa a chegar muita merda aqui em casa se eu fizer isso, porque tem muita gente que usa o YouTube para divulgação e tal. Então, não... nem quero muito que autores me mandem livros, não.

### **Em relação à investimentos, já teve que fazer algum para o canal? Como e aonde?**

A gente comprou um spot de luz para ter uma iluminação boa no canal. Acho que esse foi o grande... porque até então a gente tinha um spot que um amigo meu me deu, aí o investimento era ficar comprando lâmpada, porque aquele spot de lâmpada halogênica que queima muito fácil e é uma lampadazinha lazarenta de ruim porque ela custa, assim, entre quarenta e setenta reais, uma lâmpada que é do tamanho de uma falange de polegar, assim, e não vale a pena, daí a gente comprou um spot de LED, eu pedi para o Murilo para comprar um spot assim, dei o dinheiro para ele, assim, falei "compra um spot de LED bom" e ele voltou para cá com aqueles holofotes de jardim, sabe? Aquele que ilumina palmeira à noite, aquele negócio que cega até a mãe, é um negócio impressionantemente forte e relativamente barato. Então, foi isso aí que a gente gastou. O resto, não. O resto a gente usou financiamento do catarse. Bom, antes eu tinha feito alguns marcadores, que eu mandei fazer, mas foi baratinho.

### **O equipamento de filmagem era de vocês, já?**

É o equipamento de filmagem do Murilo, né. O Murilo é fotógrafo de formação, fez vários trabalhos como cinegrafista, então é mais por aí.

### **No sentido do que discutimos até agora, você enxerga o seu trabalho como um hobby ou como uma profissão?**

Olha, eu gosto de diferenciar a profissionalização da capitalização, sabe? Eu gosto de profissionalizar o canal, mas não necessariamente procuro capitalizar ele. Eu gosto de profissionalizar no sentido de fazer a coisa melhor, de fazer alguma coisa com substância, com conteúdo, né? Mesmo que seja um conteúdo mais leve, né, do que um... eu faço resenha pro Rascunho, que é sete mil e quinhentos caracteres, um negócio maior

e tal, mais desenvolvido. Mesmo que seja uma coisa mais leve, eu prefiro fazer uma coisa leve com conteúdo e eu acho que a profissionalização passa por isso. Fazer um formato mais profissional, mais bem acabado, enfim. Então, mas assim, como renda, enfim, aí não tem como não ver como um hobby, né, porque não dá para ganhar dinheiro com isso, enfim, então é mais uma coisa que eu faço para desviar um pouco da rotina e até fazer, de certa maneira, um fichamento em vídeo dos meus livros e tal.

**Para fazer esses fichamentos você passa por algum processo metodológico específico?**

Eu tenho um caderninho que eu anoto os livros que eu leio, mas eu sou bem preguiçoso para anotar eles, tem muito tempo que eu não anoto. Eu tenho o mesmo caderninho de vinho e faz tempo que eu não anoto nele também. Eu preciso retomar essas coisas, mas eu sou meio desleixado com isso. Mas tirando isso, não tem mais nada não. Mais conversar com as pessoas sobre o livro e tal, com meus amigos e tal, com quem eu converso sobre livros, daí depois fazer o vídeo.

**PÚBLICO**

**Qual critério que você usa para selecionar uma pauta para o canal e como o público interfere nesse processo?**

Nunca parei para pensar nisso... Talvez o público pode influenciar no sentido de que eles pedem para comentar certos autores e na medida do possível eu tento atender. Me apresentam muita coisa, eu conheço muita coisa por causa do público. Eu nunca esqueço que o autor que eu mais gosto hoje em dia, que é o Don DeLillo, foi um cara que me apresentou em um comentário lá no blog, há muito tempo atrás, que ele falou assim: "olha, cara. Tu já leu o Don DeLillo? Porque eu acho que tu ia gostar bastante dele, ein. Dá uma olhada qualquer hora no Ruído Branco". Daí eu, né, na época eu estava meio procurando alguma coisa para ler e falei "ah, tá bom. Vou dar uma olhada nesse tal de Don DeLillo" e, porra, pirei muito com a literatura dele, assim. Achei uma coisa incrível, então acho que sim, cara, eu acho que o público influencia bastante. Agora, no dia-a-dia, para fazer as pautas, né, como é que eu escolho que que vai ser um vídeo o que que não vai ser, é tudo que eu tô lendo, assim. Não tem muito mais mistério para isso, e o que eu leio é mais de vontade. Às vezes eu tenho que cumprir algumas

pautas, algumas coisas que, tipo, eu vou fazer algum evento literário com tal autor, preciso ler o livro dele, preciso me inteirar sobre o assunto e etc. e daí eu pego e leio, mas tirando isso, não. Não tem mais... Ah, e o Desafio Livrada!, né, que é um desafio que eu tento cumprir na medida do possível.

**A gente ia chegar nisso agora, como é relacionamento seu com o público do canal? Como são os comentários, grupos, caixas de mensagem e, depois, abordar um pouco as questões no grupo do Facebook e o Desafio Livrada!**

Então vamos lá, qual é a primeira pergunta mesmo?

**Como é o seu relacionamento com o público numa perspectiva geral.**

Cara, o público de livros é, geralmente, um público muito simpático, muito respeitoso e muito grato, também. Eu acho engraçado isso, porque as pessoas mandam muito livro para mim para agradecer pelo trabalho, por mostrar autores, por falar dessas coisas. Eu sinto que, sei lá, me parece, pelo jeito como eles falam, que realmente faz uma diferença na vida delas, assim, falar sobre isso, falar sobre livros, ter um canal, ter uma regularidade, apresentar autores novos. Então, eu acho que tem isso, assim, tem uma coisa meio professor de Yoga, assim. Professor de Yoga diz que recebe muito isso. Eu sei porque eu tenho uns amigos que são professores de Yoga e eles falam que as pessoas agradecem muito eles e tal. É uma coisa que eu não estou muito acostumado a receber. Eu sou jornalista, ninguém fica agradecendo a gente por matéria que faz ou coisa do tipo. Então, meu público mais conversa comigo, me cobra algumas leituras, enfim, às vezes com razão, às vezes sem razão, mas estão sempre cobrando alguma coisa. Acho que é isso, eu não sei o que mais eu poderia te responder, mas se você puder me ajudar.

**É bem por aí, na verdade. Como, para mim, eu estou percebendo que existe uma proximidade muito grande entre o público que legitima aquele canal. Então, é interessante que você faz porque existe um pessoal que acredita nisso que você está fazendo, meio que uma via de mão dupla. E aí é interessante aprofundar um pouco em como existe essa relação, como vocês conversam. É meio que por aí mesmo, o que você está falando.**

Eu procuro conversar com todo mundo. Eu acho que porque eu brinco com as pessoas e porque eu tenho uma postura mais agressiva, as pessoas também se sentem no direito de brincar ou de serem agressivas, mas eu entendo que isso faz parte também de um contexto ali, isso não define caráter das pessoas e nem nada do tipo. É mais a liberdade do que você dá para elas do que qualquer outra coisa, sabe? Então acho que é isso.

**Vamos aprofundar, porque até onde eu acompanho o canal, eu acho que tem dois lugares de muita interação entre você e o público. O primeiro deles é o grupo de discussão no Facebook e aí eu queria ver como é que você pensa ele, como é que ele surgiu, como é que você administra ele.**

Cara, ele surgiu por iniciativa de algum leitor, que sugeriu de fazer. Eu acho que, se eu não me engano, a Isa do LidoLendo falou para fazer e discutir, ou algo do tipo, os leitores que fazem o Desafio Livrada! também acho que queriam discutir entre si o Desafio Livrada!, então acho que ele nasceu por causa disso. Cresceu bastante e ele cresce sempre por causa do Desafio Livrada! mesmo, que as pessoas entra lá e tal, e isso, assim. A gente conversa. Eu não faço muita moderação. No começo eu ficava mais preocupado em manter uma comunidade mais sólida, com menos fake, com menos palhaçada, umas coisas assim. Mas hoje eu já sou mais desencanado. A única coisa que eu faço é não permitir memes, que eu acho que isso tira muito o caráter de discussão do grupo, as pessoas ficam ali mais para tentar, sei lá, tentar aparecer alguma coisa do que, sei lá, propriamente discutir sobre livro, entrar nessa cultura de leitor, "ah, eu sou leitor, eu faço piada sobre livro, sobre comprar livro". Eu acho que não é por aí. Mas tirando isso, não tem mais muita coisa. O pessoal lá pede para a gente ter uma preocupação em escrever um pouco as fotos, porque tem um pessoal que é deficiente visual e que consome lá também o canal, inclusive isso é outra das vantagens do audiovisual sobre o texto, né. Então eles pedem para escrever porque muitos deles usam lá uns softwares de leitura de tela e etc.. E é isso. Acho que não tem mais nada, cara.

**Agora, o Desafio Livrada!. Como que ele é, como que ele surgiu, como é o engajamento, também? Vi que tem bastante gente que posta no instagram, no grupo.**

O Desafio Livrada! começou em 2011, eu acho, já no segundo ano do Livrada! porque as pessoas estavam fazendo muito desafio de leitura. O cara lê assim "ah, vamos ler livro com mais de 500 páginas, vamos ler 50 livros por ano" e eu queria fazer um desafio de conteúdo, não queria fazer um desafio de quantidade. E aí eu comecei a fazer, o primeiro desafio que eu fiz era pra ler autores vencedores do prêmio Nobel, então era isso que tinha para fazer. Então você pegava quatro autores de prêmio Nobel e lia eles durante o ano. Esse era o desafio de 2011, se não me engano. Depois eu adotei um esquema de Bingo Literário que meio que ficou assim para sempre e desde então é assim. Desde 2015 também eu coloquei uma categoria mandatória, que é um livro que as pessoas não tem escolha. Elas têm que ler. Porque eu percebi que as pessoas começavam a distorcer muito as regras para uma ideia do que elas sejam, para uma ideia do que elas acham que seja o desafio Livrada! e eu queria que elas se ativessem um pouco mais, ou pelo menos ficassem um pouco mais conscientes em relação à linha editorial que eu tento fazer no Livrada!. Aí, por causa disso, elas começaram a fazer e deu certo desde então e aí acabou virando um sinônimo pro pessoal que acompanha o canal na internet de fazer desafios que fazem você sair da casinha, da zona de conforto, sei lá, do que quer que seja.

### **Como você acabou de comentar sobre isso, você tem alguma política editorial para o canal?**

Olha, eu procuro não me estender muito nos vídeos, procuro não fazer resenhas muito longas, porque se você der uma olhada ali naqueles gráficos de receptividade, do público que você tem, na verdade, da vontade de chorar. É uma coisa muito baixa, as pessoas assistem muitos poucos minutos de vídeo mesmo, a maioria, então eu procuro não me estender muito. É legal porque eu acabei me pautando pela câmera do Murilo. Cê sabe, é uma coisa meio curiosa. Eu não sei se você sabe disso, mas as câmeras, antigamente, essas câmeras que são foto e vídeo, elas não podiam filmar mais do que doze minutos, porque se elas filmasses mais do que doze minutos elas entravam numa legislação que taxava elas como filmadoras e parece que a taxa de filmadora era um pouco maior do que a taxa de máquina fotográfica. Então, eles faziam máquinas fotográficas que filmavam até 11 minutos que daí tudo bem, as pessoas entendiam que isso não era um instrumento de cinegrafista. A câmera do Murilo é assim, a minha não é mais. Eu tenho uma câmera que eu comprei bem pouco tempo depois, não para o canal,

mas mais para viajar mesmo, e a minha câmera filma até trinta minutos e aí já é uma câmera de cinegrafista mesmo, mas aí por conta disso, né, porque a cada doze minutos a gente tem que dar pause e começar o vídeo de novo, né, fazer um corte, eu acabei me pautando por esse tempo. Então, eu faço vídeos e procuro não passar desse tempo aí de doze minutos. Então, se você for dar uma olhada nos vídeos do Livrada!, a maioria deles tem assim, 11 ou 10 minutos, às vezes tem 13, 14, 15. E aí alguns, que tem formatos que exigem um pouco mais, como por exemplo o bookhaul e a entrevista, e aí eu deixo um pouco mais solto, mas mesmos esses eu procuro não fazer eles ultrapassarem os trinta minutos.

### **Alguma outra questão de gênero literário, linguagem?**

Eu procuro... É engraçado falar isso, porque isso virou uma coisa meio pejorativa de falar do que seja uma alta literatura, porque existe um movimento popular e acadêmico de cortar fronteiras entre uma cultura que seja highbrow e uma cultura lowbrow, né. Então, existe muito isso por parte das pessoas, então as pessoas não gostam que você se refira a tal livro como alta literatura ou como baixa literatura, e por parte dos acadêmicos também existe isso, que é muito mais um ranço dos próprios colegas em relação à uma elitização da leitura e da arte de uma maneira geral, o que eu acho super válido, mas eu, da minha parte, não procuro falar muito de bestsellers, dessas literaturas que eles aceitam aquela literatura fast-paced, né, que é aquela leitura de aeroporto, aquela leitura rapidinha, que isso vai tanto pelo caminho Bestseller quanto pelo caminho de uma, sei lá, agora tem um outro termo, que é esse *chick-lit*, né, que é a literatura de menina, né, enfim, que também agora os movimentos feministas estão questionando muito, né. "Eu não leio livro com a xoxota, por que que chama de chick-lit?", porque o mercado tende a absorver... o segmento que mais consome tende a se apropriar do segmento, né. Em vez do segmento se apropriar do produto é o produto que se apropria do segmento. É uma coisa muito louca isso. Então, eu procuro trazer livros que eu acho que tragam alguma coisa mais substancial, de mais conflituoso, de mais... alguma coisa que possibilite você sair de uma interpretação única do que seja o livro. Vou te dar um exemplo. Teve um livro que eu resenhei no ano passado, se eu não me engano, que chama Uma Vida Pequena, da Hanya Yanagihara. É um livro grande, 700 páginas, ganhou o Pulitzer, se eu não me engano, mas é um livro muito ruim justamente por causa disso, assim, ele é um livro que não te possibilita fazer as próprias interpretações,

ele só quer que você sinta e ele quer condicionar os seus sentimentos ao longo da leitura. Ele não quer fazer nada além daquilo. Então, quando o livro faz isso, para mim, não presta. Para mim é um livro que é fraco, e aí eu procuro fugir desse tipo de material. Procuro, na medida do possível, tratar de literatura brasileira, sobre literatura russa, que é uma coisa que eu gosto bastante, inclusive não tenho falado tanto ultimamente, mas tento procurar fazer sempre. E é isso. É livro que eu sei que os outros canais talvez não falem muito, assim, que eu acho que é importante não só buscar um diferencial como buscar o diferente. É muito chato você, sei lá, imagino que o mesmo público que acompanha o meu canal deve acompanhar outros tantos, né, e para eles deve ser chato, né. Todo mundo resenha o mesmo livro e tal. Então, por essa razão, eu procuro diversificar.

### **Aproveitando o gancho, como que você percebe que os canais são divididos? Gênero literário, personalidade, abordagem...**

Eu acho que a identificação com o crítico tem o mesmo mecanismo no YouTube e no jornal, assim, né. A pessoa que lê o André Barcinski, lê o André Barcinski porque o André Barcinski é o André Barcinski, por exemplo, né. Então, é porque conhece a personalidade, os gostos do André Barcinski, sabe mais ou menos o que que ele quer, o que que ele gosta, enfim, e sabe que ele é o cara ácido e isso. Então, assim, a recepção de público funciona mais ou menos assim para mim. Eu acho que a identificação rola com isso. Quanto à estatística, o YouTube fornece bastante coisa disso para a gente em termos de porcentagem mesmo. Eu posso dizer, por exemplo, que para mim a minha faixa principal de público está entre os 34 e os 45 anos, é um público mais velho. O segundo lugar, muito próximo, é um público de 25 à 34, que é a segunda faixa que o YouTube estabelece, muito equanimemente dividido entre homens e mulheres, com uma predominância de mulheres muito maior no instagram do que no YouTube. O instagram tem muito mais mulher do que homem me seguindo e no YouTube é bem meio a meio. Muita gente do eixo Rio-São Paulo, né, enfim. Rio, São Paulo, Paraná, Minas. Um público expressivo no Nordeste, que eu acho que isso é muito legal, porque ajuda até a tirar algumas místicas que se cria em torno da cultura do nordeste, enfim, e uma predominância muito interessante com relações a cidades do interior do Brasil, no Brasil profundo, assim, cidades que têm muito pouco habitante. São essas pessoas as pessoas que podem não ser um público que não é grande em termos de quantidade,

porque eu não sei avaliar, isso não está dado para mim por gráfico, mas eu sei por experiência que é um público que interage muito mais comigo, porque eu acho que são pessoas mais sozinhas, que tem menos gente para conversar na cidade. Às vezes a cidade não tem livraria, não tem evento literário. A pessoas, às vezes, nunca viu um escritor na vida, nunca saiu da cidade, enfim, isso é um dado interessante que eu percebo das interações com os leitores, mas não é uma coisa estatisticamente comprovada e nem nada do tipo.

**Eu queria que você falasse um pouco da sua relação com outros booktubers. Se vocês têm canais de diálogo, se vocês discutem pautas...**

Veja, eu procuro conversar com os outros booktubers de uma maneira geral. Os booktubers, a maioria deles, não gosta muito de mim. Eles acham que eu sou muito elitista e mal educado e grosso, enfim, então eles procuram não se associar com o meu nome. Isso já foi me dito com todas as palavras, inclusive. Então, assim, eu acompanho o que dá para acompanhar e falo com quem dá para falar, com quem aceita falar comigo, mas não é uma coisa que eu também fique procurando muito, não.

**Com esses poucos que você conversa, tem algum assunto específico?**

Acontece de eu fazer um debate interessante com alguns leitores, com alguns... como é que eu vou dizer, outros booktubers que se preocupam em discutir literatura, que são bem poucos, na verdade. A maioria está preocupada em ler e comprar livro, só. Não estão muito preocupados em discutir ideias. Então, eu posso citar um exemplo, assim, é o Will, do Literatura Dark, que é um menino que gosta muito do meu canal, assiste muito os meus vídeos e anota muito as minhas dicas e a gente acabou conversando por causa disso e ele é um cara assim, ele tem meu WhatsApp, então volta e meia ele está preocupado com alguma questão literária e manda um áudio pra mim, ou me manda um texto, querendo discutir algumas ideias. Outros querem mais falar sobre livros, edições novas e bonitas, também falo, não tem problema, mas é mais isso. Tem pouca gente disposta a ser interlocutor de fato.

### **Tem algo que é importante falar na pesquisa que eu não contemplei?**

Eu acho que a gente teria que entrar numa seara de o que é a crítica hoje e como que é a recepção da crítica. Eu acho que talvez seja uma abordagem interessante e inevitável para o teu trabalho, que é a recepção do público ao que se chama de crítica, né. Primeiro seria importante definir o que é uma crítica de jornal, eu acho que a crítica acadêmica nem entra na discussão, mas eu acho que a recepção do público em relação à esse formato é muito difusa e diversa e dinâmica, uma coisa que muda muito em relação ao tempo. Eu, da minha parte, tenho uma impressão muito grande de que as pessoas encaram a crítica como orientação de consumo e apenas isso. Eu vejo muito pouca gente encarando a crítica como formato literário ou como exercício intelectual válido ou alguma coisa do tipo, mas isso daí eu acho que já é uma questão para o teu trabalho e acho que nem eu sou a pessoa mais capacitada para falar sobre isso, mas talvez seja interessante você dar uma olhada nisso também.

## **ANEXO 6 – ENTREVISTA COM MELL FERRAZ**

Nome: Mellory Ferraz

Canal: Literature-se

Idade: 25 anos

Formação/Profissão: É graduanda em Estudos Literários na UNICAMP. Trabalha com preparação e revisão de textos como *freelancer*.

*Gravação por Skype – dia 06/09/2018*

### **OFÍCIO**

**Geralmente, nessa primeira pergunta, eu procuro saber como surgiu o espaço. Depois das discussões da última semana [referentes à discussão entre Ronaldo Bressane e Tatiana Feltrin], eu encontrei uma entrevista sua para a Clarissa Wolff e ali você falava que criou o canal porque, como era recém-chegada numa cidade pequena que não tinha nem livraria, queria conversar de literatura. Queria que você me contasse como foi que você sentiu a necessidade e como canalizou ela para a criação de um canal no YouTube.**

Na transição ou na época?

**Na época, porque nesse período você criou o site também, não foi?**

Eu criei um pouco antes do canal. Foi assim: em abril eu criei o site e dois meses depois eu comecei a postar no canal, né, que daí eu abri o canal. Isso, foi dois meses e dois dias depois. É que eu sou meio ruim de conta... *faz contas*. Três meses, desculpa. Três meses depois eu estava criando o canal, postando no canal e no começo o canal, na verdade, era uma ferramenta para incluir no blog, no site. Então, eu usava mais como um tipo de acesso mais dinâmico para conversar com quem estava me lendo, quem estava lendo as postagens. Essa, na verdade, esse foi o gatilho, o que me encantou de início no YouTube, na ferramenta. Com o tempo, eu acho que foi se tornando muito mais dinâmico, foi crescendo muito mais a plataforma do que os blogs. No começo eu me senti um pouco... eu fiquei meio reticente a deixar de lado a escrita, as resenhas escritas, porém, quando eu entrei na faculdade de estudos literários, não sei se... eu acredito

muito num bloqueio que eu acabei tendo com a faculdade, daquela coisa "nossa, eu estou escrevendo isso? Não gosto disso, já pensou se meu professor lê um negócio desses? Não quero", então daí eu fui deixando de lado. Em partes, por conta do tempo. Se eu parar, sentasse e escrevesse mais detidamente, tivesse mais tempo e tudo, aí eu adoraria continuar com o site e que é uma coisa que eu tenho tentado trazer hoje, essa ideia de voltar com o site e a escrever porque, hoje, eu tenho um pouquinho mais de tempo, porque na época, sendo caloura da faculdade de estudos literários, gravando vídeo, fazendo outras coisas, não dava tempo. Ou era o vídeo ou era a resenha escrita. Então, como o canal foi crescendo, aí eu falei assim: "não, então eu vou me dedicar mais aos vídeos". E a escrita, conseqüentemente, ficou um pouquinho mais de lado. Não que eu deixei de escrever, né, aí eu passei a ter colaboradores, tudo, mas ainda assim o canal ganhou maior espaço e hoje é algo que eu já quero tentar trazer para minha vida de novo.

**Você tem algum processo básico depois de que o livro é lido, algum processo metodológico específico? Você conversa com alguém, consulta algum artigo, faz alguma releitura...**

Antes de fazer o vídeo, antes de escrever ou os dois?

**Antes de fazer o vídeo?**

Antes de produzir o conteúdo, né?

**Especificamente para o vídeo.**

Geralmente, eu faço o seguinte: eu terminei de ler, eu vou lá e faço um roteirozinho que, na verdade, são tópicos que eu preciso falar, sobre os quais eu preciso falar. Quando é resenha escrita, eu costumo desenvolver um pouquinho mais desses tópicos. Quando é vídeo, não, porque daí eu ligo a câmera e vou falando mesmo e seguindo aqueles tópicos. Tem vezes que eu faço os tópicos, tem vezes que eu tiro da cabeça, dependendo muito, mas geralmente eu faço sim para não esquecer de nenhuma coisa que eu queira falar, porque geralmente eu escrevo no livro, então antes de fazer esses tópicos, né, eu vou consultando no livro se eu já deixei escrito esses tópicos, inclusive com exemplos

de citações do próprio livro - que, às vezes, até incluo no vídeo. Depois disso, eu vou lá e vejo se alguém já falou sobre aquilo, se tem algum crítico que já falou sobre aquilo para ver se está mais... se o que que eu estou falando foge muito ou não para ter um termômetro. Então, geralmente, eu vejo depois de eu escrever o meu roteiro como que está o roteiro da outra pessoa, vamos dizer, porque creio que a pessoa também tenha feito um roteiro. Mas é geralmente isso, primeiro eu procuro fazer um roteiro para não ser influenciada por outro conteúdo, depois eu vejo os conteúdos que existem e aí eu acrescento ou não. Geralmente, eu só acrescento se eu ver uma coisa legal e que eu não coloquei ainda. Eu acho que eu não consigo lembrar de nada que eu tenha retirado. "Ah, eu vi isso e, ah, não, eu vou retirar o que eu já coloquei nos meus tópicos", sabe? Não.

### **Nesse processo, o seu repertório enquanto leitora e estudante de letras auxilia?**

Eu creio que sim, porque eu vejo até em leitores que não são estudantes da área de estudos literários, porque estudos literários é um curso muito restrito, então eu conheço poucas pessoas que tenham feito o curso e, inclusive, por isso que eu gosto muito de ressaltar que o curso existe porque ele geralmente é desconhecido, inclusive pelos próprios alunos da UNICAMP, mas eu vejo que numa resenha, num geral, seja de jornalista, crítico literário, enfim, de uma pessoa que não tem formação na área, seja engenheiro, pessoal de direito, enfim, geralmente tem muitas resenhas que eu vejo que traz uma bagagem de leitura, sabe? E que tentam fazer conexões. Quando isso acontece, às vezes fica muito enriquecedor o negócio, essa ponte que existe. Eu já vi em teóricos, em críticos, quando eles falam sobre o gênero da resenha falando e indicando isso. "Tentem fazer essa ponte, porque é sempre muito mais enriquecedor você fazer essa ponte. Assim você pode conectar pensamentos que sejam semelhantes ou que abordam o mesmo tema". Então, eu tento, mas não é sempre, ou então eu penso em um tópico que eu queria falar como, sei lá, a paternidade do livro X, pensando no tema da paternidade na literatura no geral. Então eu acho que sempre encaminha, guia um pouco. É como se fosse um guia, assim, também.

### **Nesse contexto onde o YouTube é muito acessível para criar um canal, como que você enxerga a construção da credibilidade e do conteúdo relevante?**

É uma pergunta difícil... Por quê? Porque eu acho que o youtuber... e o booktuber se insere nisso. A palavra youtuber está muito em descrédito e eu entendo o porquê também, ok? Eu entendo, sei lá, um cara vai lá e faz um vídeo de uma banheira de Nutella, eu entendo o descrédito nisso, mas a questão, para mim, é que um canal sobre literatura, a base dele é a honestidade, sabe? É aquilo que ele transmite a partir de suas opiniões. Então, se você tenta construir algo em torno disso, talvez a sua credibilidade seja construída ao mesmo tempo, sabe? Você vai erguendo, porque como é uma plataforma muito democrática, quem que é aquela pessoa que está ligando a câmera e fazendo espontaneamente aquilo e publicando gratuitamente para a gente assistir gratuitamente? Então, a credibilidade é algo a ser construído sempre, ainda mais em tempos de internet que qualquer um pode falar sobre qualquer coisa, não é mesmo? Então, é complicado, mas eu vejo que até esse tipo de polêmica que tem surgido nesses últimos tempos tem conseguido construir isso também através da conversa porque eu vejo muito isso da questão de ser uma coisa inovadora, de ser uma coisa, na verdade, diferente, que nunca foi feito antes. Então, quando há esse tipo de transformação, culturalmente falando, sempre vai ter embates, sempre vai ter uma certa estranheza. Então, essa estranheza é natural. Nós temos, recentemente, uma polêmica de jornalistas criticando booktubers, falando que não tem autoridade, mas se você for ver, e isso é muito interessante, no século passado os jornalistas eram o alvo justamente dos acadêmicos, então eram aquelas pessoas... os acadêmicos colocavam justamente essas pessoas que hoje criticam no papel de criticados. Por quê? Porque era algo diferente, não se fazia ainda isso antes. Então, essa transição é normal. Se vai ficar ou não é outros quinhentos porque nós estamos no meio da mudança, mas ela existe e ela é normal. Quanto mais a gente falar disso, melhor ainda, porque daí isso vai se tornando muito mais naturalizado. Você concorda, ou não?

**É muito complexo mesmo, mas a honestidade foi unanimidade. Até agora, todas as entrevistas citaram isso. Uma construção que tem como base ser honesto no trabalho que faz.**

Sim. Eu não sei se você vai perguntar isso, mas já adiantando nesse quesito, porque é muito importante nessa conversa que eu falei para você que temos que ter, é muito importante ressaltar que, é uma dúvida que existe, que o publieditorial que a gente faz hoje nos canais e que torna tudo mais profissionalizado não é a venda de opinião. Tem

que ressaltar muito isso. É a venda do espaço. Então, eu que estudo e trabalho com literatura, eu tenho uma pilha de livros que eu preciso estudar e que eu preciso trabalhar, com os quais eu preciso estudar e trabalhar. Então, é muito difícil essa concorrência de leituras. A questão do publieditorial é mero... é como se ele tivesse falando "agora senta e leia esse livro aqui". É uma questão de encaixe, não é a compra de opinião, é a compra de espaço e tempo, entendeu?

**Agora, retomando um pouco para a primeira pergunta, porque a escolha do YouTube como plataforma? Você já falou um pouco disso, mas você sente alguma vantagem ou desvantagem dele em relação a outras plataformas?**

Eu, na verdade, eu não ouço podcasts, não sou consumidora dessa plataforma, mas eu conheço um pouco, até porque eu tenho amigos da área e tudo mais. Eu posso falar também em relação às redes sociais, né, tipo Instagram, que está crescendo muito também.

Antes, não existia essa questão do Instagram e tal, que está crescendo muito mais agora, podcast também está crescendo muito agora, mas eu vejo que uma coisa positiva, uma vantagem do canal do YouTube é você poder fazer do jeito que você quiser. Claro que tem as políticas e tudo que você tem que pensar em relação à público também, mas ali você não tem tempo limitado e você pode editar do jeito que você quiser, sabe? Você pode construir a sua cara ali, a sua identidade ali e isso para mim é muito libertador. Eu poder fazer vídeos mais longos, mais editados, enfim. Mais acabados. O podcast também, né, só que é aquela coisa de você... audionovela, essas coisas, que já existe há muito tempo. Então... E o Instagram é algo muito curto, muito breve, muito menos editado, muito menos acabado e que, de certa forma, para mim, a desvantagem então do YouTube, que é uma vantagem para o Instagram, é a questão da proximidade. Eu acho que torna muito mais próximo, porque você entra na vida daquela pessoa, sei lá, você faz stories de quinze segundos que não são nada acabados, não são nada editados e isso acaba trazendo, aproximando, né? Gente como a gente, essas coisas, e é muito mais rápido também. Apesar de não ser tanto assim, mas como é menos acabado acaba sendo mesmo menos trabalhoso, entre aspas. A questão do podcast e do vídeo é justamente essa questão de, no vídeo, você ter além do áudio, você ter a imagem. Tem como você incrementar coisas ali, que acaba sendo um aspecto muito mais instigante a meu ver. Não que o podcast não seja, porque o podcast tem outra coisa também que acontece,

que é uma vantagem dessa plataforma e que não acontece com o canal, que é você poder ouvir em qualquer lugar. Uma questão de praticidade. Na academia, no ônibus, no fretado, na viagem, então, tem algumas... cada plataforma tem uma vantagem e também tem a sua desvantagem, por conta do audiovisual ou não, mas, ou sei lá, pelo trabalho que dá mesmo de criar. Agora, podcast também dá muito trabalho de criar e eu acho isso muito interessante porque a gente, às vezes, até menospreza, mas se a gente for parar para ver, cara, como dá trabalho.

## **LEITURA**

### **Existe alguma diferença entre um crítico e um leitor comum?**

Em que sentido?

**Em qualquer sentido. Se você imagina que existe alguma diferença entre um leitor e um crítico, crítico no sentido de fazer um vídeo, um podcast, um texto... alguém que está numa posição de analisar o texto.**

Existe, talvez, responsabilidade por parte do crítico... Eu posso... Você quer usar crítico no sentido de produtor de conteúdo, a respeito de literatura, ou do crítico literário já consolidado, essa profissão já consolidada?

**Eu tenho trabalhado o crítico em alguns sentidos. Eu entendo a crítica como uma divisão primeira entre a crítica literária acadêmica e a crítica literária jornalística e eu tenho tentado desenvolver o booktube como uma vertente da crítica literária jornalística. É como eu tenho enxergado antes das análises. A minha intenção com essa pergunta é visualizar as fronteiras entre o lugar de quem fala no YouTube e no lugar de quem recebe. Por isso eu queria saber se, para você, existe alguma diferença entre o crítico num determinado lugar legitimado e o leitor, que seria quem recebe o material de quem diz - seja no Instagram, no YouTube, no Facebook, no Jornal...**

Tá. Eu acho que tem diferença, sim, até porque o crítico vai se disponibilizar, se dispor, a falar sobre o assunto para mais de uma pessoa, porque eu falo que eu comecei o canal pensando na ideia de criar amigos leitores para conversar sobre literatura, porque eu não

tinha com quem falar sobre literatura, entre aspas, na vida real. Essa questão de amizade, que é o leitor comum, ela existe, ela é real. Então, eu posso sentar com uma amiga, deixar a Mellory booktuber de lado, deixar a Mellory acadêmica de lado, deixar a Mellory profissional do texto de lado e conversar com a minha amiga sobre livros. Agora, a questão do crítico, para mim, que é a diferença com o leitor comum, é que ele vai disponibilizar essa sua conversa, essa sua bagagem, numa mídia. Ou numa mídia, ou numa plataforma, enfim. Seja o jornal, a revista, o canal, o Instagram, o site, enfim, ele vai publicar aquilo e, quando você publica algo, conseqüentemente você quer ser lido. Isso é unânime. Seja de escritor, seja de jornalista, seja de booktuber; seja lido ou visto, no caso. Então, o crítico literário, para mim, a diferença é essa: ele vai disponibilizar aquilo que ele conhece, sobre aquilo que ele está se debruçando, então a informação que ele tem sobre aquilo, sobre aquele objeto dele de análise, para uma pessoa ou mais, geralmente mais. A proposta é que seja mais. Agora, o leitor comum, para mim, é aquele leitor que lê, seja por hobby ou não, mas por principalmente por hobby, eu vejo isso, né. Porque o objetivo dele é ler, é consumir aquilo, mas não necessariamente falar e produzir algo sobre aquilo, entendeu? É ele consumir, é a questão de consumir o conteúdo. Agora, o crítico não. Quem trabalha, principalmente, e estuda, não. Você vai consumir aquilo, mas, além de consumir, você precisa produzir para que outra pessoa... você instigue outra pessoa.

**Na mesma entrevista com a Clarissa, você diz que não se considera uma crítica, mas não sei se você mudou de ponto de vista depois das últimas discussões da semana. Nesse caso, o que faltaria para você se ver como uma crítica?**

Eu acho muito legal isso, sabe por quê? Porque muitas vezes eu enxergo uma prepotência que se autodenominam as coisas, ou de pessoas que são denominadas, caracterizadas e categorizadas por algo, por conta de um papel, por exemplo, que é o caso de um diploma. No meu caso, eu gosto muito de preto no branco. Então tá, se a sociedade funciona dessa forma, é dessa forma que eu vou tentar seguir. Para mim, o que eu espero é um diploma, que é o que vai acontecer, eu espero, no final do ano, mas a gente sabe que um diploma, muitas vezes, não quer dizer nada, né? E é por isso que eu também, se eu tivesse um século atrás, eu não seria do tipo do acadêmico que joga as pedras em jornalistas, eu acho, talvez, com minha consciência de hoje, porque eu sei muito bem que a pessoa que está estudando, fazendo estudos literários, muitas vezes

pode não chegar a ter uma bagagem interessante ou desenvolvida para produzir um conteúdo; e muitas vezes a pessoa que não faz estudos literários pode, sim, vir a ter essa bagagem, seja ela de direito, de engenharia, de jornalismo, de publicidade e propaganda, como é o caso do escritor jornalista lá, que se fez e que fez também muito dessa crítica e dessa polêmica. Então, cara, uma pessoa de publicidade e propaganda pode muito bem vir a ter bagagem, enfim, se formar para chegar no crítico literário, ok? Mas, o contrário pode não acontecer, porém a sociedade vai dizer que aconteceu, porque ele tem um papel dizendo aquilo. Então, essa questão de você ser ou não ser, ela é muito tênue, né, essa passagem. Assim como em todas as outras profissões. Tem engenheiros bons, tem engenheiros ruins. Enfim, eu acho que é uma questão muito difícil de você definir assim, por isso que, hoje, eu posso... eu não me considero crítica literária ainda porque eu ainda estou em formação, mas eu acho que é o que você falou, uma hora vai virar a chavinha para mim. Pode ser amanhã, pode ser daqui ser meses, pode ser daqui um ano, porque, se você for ver, o que que vai mudar na minha vida em quatro meses, sendo que eu não tenho mais nenhuma matéria para fazer e eu só estou fazendo a minha monografia? Se for ver, eu já poderia me considerar uma crítica literária, já que eu já passei por todo o caminho da faculdade. Então, para mim ainda é muito complicado isso, principalmente porque a todo momento tem pessoas criticando, jogando pedras, porque eu sou um Frankenstein, né? Eu sou acadêmica, eu sou a booktuber, eu sou a pessoa que escreve, então, sei lá, talvez um dia eu seja uma crítica literária por publicar em um jornal, em uma revista, então eu sou um pouco um meio termo de tudo. Eu acabo pegando um pouco de tudo e, para me definir, é um pouco mais complicado, mas me considerar crítica, uma pessoa... uma crítica literária... eu acho que para a sociedade você precisa ser aquela pessoa que publica num veículo, que já é consolidado. Então, sei lá, revista, jornal Rascunho, ou até mesmo Folha, enfim. Eu acho que, para a sociedade, o crítico literário ainda é visto dessa forma, ainda não é visto como um booktuber, por exemplo. Precisa ter aquela autoridade dada pela sociedade em conformidade.

**Você consome algum outro tipo de crítica literária como referência para o seu trabalho ou mesmo no dia-a-dia?**

Além da internet, você diz?

### **Se você acompanha outros canais, ou lê alguma revista ou alguma página no Facebook...**

Eu assino o Rascunho. Eu leio pouco, eu mais consumo vídeos. Leio pouco as revistas, os jornais, né. Fora os canais literários que eu acompanho sempre e as redes sociais que eu acompanho sempre e o Rascunho, que eu assino e recebo em casa, e outras revistas online, eu também acabo consumindo crítica literária já publicada em livros, né, de biblioteca e, enfim, que eu acabo pesquisando, mas o substancial mesmo são os canais.

### **Nesses canais, você tem algum critério que você usa para saber se aquela produção é boa?**

Eu acho que eu acabo me aproximando um pouco da forma como eu lido com a produção, né. Então, se eu vejo que aquela pessoa produziu um roteiro, foi atrás, está trazendo informações que não são apenas wikipedia ou as informações mais batidas eu acabo gostando muito mais. Essa questão de você fazer o link, a ligação entre uma ideia com outro livro que seja semelhante, ou até mesmo muito dispare, mas que seja interessante de colocar numa balança, eu gosto muito disso. Então, geralmente, os canais que eu costumo acompanhar são as opiniões que trazem algo de novo para mim ou algo de novo além da wikipedia, que talvez eu possa ter pensado ou jamais pensaria e aí eu fico "nossa, que interessante isso daqui. Eu gosto disso". Então, são essas pessoas que eu costumo acompanhar e também as pessoas que eu vejo que tem uma certa transparência por eu já acompanhar há algum tempo e eu saber o modo dela de conduzir uma resenha e perceber se aquilo lá é honesto ou não. É claro que muitas vezes a gente não vai ter ciência de se é honesto ou não, mas a questão de ser honesto é difícil, e no geral é isso. Essa questão de eu perceber se a pessoa está indo para um caminho que eu acho bacana, que eu acho interessante e que instigue a literatura também, que me instigue a ir lá e ler, mesmo que seja um livro que eu não tinha tanto interesse, que até então eu não tinha pensado "nossa, seria interessante uma leitura disso", de eu chegar lá e falar "não, talvez eu dê uma chance para isso", sabe? Porque, por exemplo, eu já fiz vídeo sobre Ulisses, que é um dos livros considerados mais herméticos possíveis, e nele eu falo "cara, se você tem curiosidade, tudo bem, é difícil, mas se eu cheguei até o final, você também pode conseguir", esse é o meu intuito. De falar "poxa, isso daqui é possível. Se você quer, isso daqui é possível. Ah tá, você não quer? Então vamos tentar fazer você querer", porque muitas vezes pode ser que eu queira instigar positivamente.

Porque eu vejo isso... eu já dei aula, né, em ONG para cursinho, né, preparatório de literatura. Sei lá, cheguei numa sala de aula que tinha uma aluna que ela é poeta e eram contos de Clarice Lispector e eu perguntei "quem gostou?", ela falou que não gostou, eu falei "mas como assim essa menina não gostou desse conto? pelo amor de deus, não pode ser, não está casando essa ideia". Eu falei assim: "você não gostou?", "não", "ah, então pera aí, que no final da aula se você não gostar eu te pago um lanche e se você gostar, se eu te fizer mudar de ideia aí você me paga um lanche". Ela está até agora me devendo um lanche, mas ainda assim, pelo menos o meu objetivo ali eu consegui atingir. Ela saiu daquela aula achando o oposto do que ela entrou naquela sala achando da história, sabe? Então, essa questão de incentivar, para mim, é maravilhosa e é o que dá autoridade, para mim, aos canais e ao pessoal que fala de literatura na internet, seja formado ou não na área.

## **PROFISSIONALIZAÇÃO**

**Você tem algum tipo de remuneração financeira no canal e como funciona? Eu já vi que você tem alguns publieditoriais e que você tem o link da Amazon, que envia os 9% para você, e eu queria saber um pouco mais dessas iniciativas e se existe algum outro tipo de remuneração.**

Tem a do YouTube, mas que hoje em dia é muito parca, é muito pouquinha. Principalmente em relação a como era antes, no começo, porque existiam menos canais, então o dinheiro era distribuído para um número menor de canais. Então, se você aumenta esse número de canais, o dinheiro, conseqüentemente, é dividido também em partes menores. Então, hoje em dia, eu basicamente não conto com esse dinheiro para a minha renda, porque ele vem de vez em quando, de vez em nunca e é muito pouquinho. Fora isso, então, o publieditorial, que eu posso fechar tanto com editoras quanto diretamente com os escritores e também com empresas, só que esse daí é mais publicidade direto, né, porque eu não vou fazer a crítica do livro, mas também tem essa questão. Então tem, por exemplo, a Papel Pólen, que eu já fiz divulgação para eles, tem a TAG, que eu já fiz divulgação para eles e, fora isso, eu também sou âncora do canal da TAG, então eu acabo fazendo vídeo para eles e recebo por isso. Acho que é isso...

**Em relação a produtos gratuitos, você recebe produtos de editoras? Como funciona? Você recebe também presentes de inscritos?**

No começo dos canais, porque eu peguei desde o comecinho, se for ver, a questão da parceria com editoras acontecia muito e naquela época não tinha esse pensamento de que pode ser uma profissão, pode virar algo profissionalizado. Então, no começo era uma questão de permuta. A editora mandava os livros e daí eu tinha o compromisso de ler e resenhar. Ou seja, o que eu ganhava era o preço de capa e o preço de envio do livro, certo? Só que, claro, nunca teve essa questão de ficar cobrando, porque, né... Eu não estou sendo paga, então... Eu nunca tive, ainda bem, comigo isso nunca aconteceu, de ter a cobrança por parte da editora. Talvez, por conta do meu posicionamento, da minha postura ao falar com eles. Hoje em dia, os livros que eu recebo de permuta, na verdade, são livros que as editoras que os inscritos e que os escritores acabam pensando "ah, vou enviar para ela". Muitas vezes, eu nem sei que eu vou receber aqueles livros. A maioria, na verdade. Por quê? Porque a minha caixa, o meu endereço é público, então daí o pessoal pega e envia. Tem mídia kit, tem releases, tem muitas coisas assim que eles acabam enviando de divulgação. Por isso que eu deixo claro, também, numa das partes que eu divulgo a caixa postal, que o envio não garante a divulgação, né, mas muitas vezes eu acabo divulgando o que eu recebo porque eu gosto daquilo e eu acho que é uma divulgação espontânea que merece chegar até quem me assiste, porque é isso: não é tudo que chega para mim e que eu vou querer passar para o pessoal e não é tudo que é pago que eu vou passar e não é tudo que eu recebo de graça que eu vou passar. Então, muitas vezes também têm publieditoriais... muitas vezes não, porque eu faço uma seleção de livros que eu vou abordar no canal primeiramente, mas já aconteceu de eu não gostar de um livro e eu falar "olha, não gosto disso, então a gente pode entrar em um acordo" e eu devolver uma parte do dinheiro. Tem isso também. Volto nessa questão de, me lembra, de filtrar, mas a questão do livro que eu recebo dos inscritos, que são presentes, né, que eu considero presentes, muitas vezes também me enviam sem eu saber, outras vezes eles já me avisam: oh, te mandei uma coisa. Tem a questão, também, que isso é muito legal, que eu não estou falando apenas de livros, né, do objeto, mas também de cartas, que é algo que eu tento incentivar muito, porque hoje em dia é muito difícil de acontecer, de você pegar, sentar e escrever uma carta e enviar para alguém e saber, mais do que isso, saber a letra do teu amigo, por exemplo, que é algo que antes existia muito. Claro que antes não tinha... era só essa a forma de você se

corresponder, basicamente, mas é algo que eu tento incentivar bastante, então eu recebo muitas cartas e eu respondo essas cartas e eu tento ter essa comunicação. É uma experiência diferente e que aproxima um pouco mais e me faz saber mais da vida da pessoa, por exemplo, de um leitor. Agora, voltando ao filtro, que eu não esqueci, eu faço sempre... por exemplo, um autor entra em contato comigo: "ah, eu tenho esse livro publicado". Geralmente o autor, porque ele não é formado em marketing e nem nada, ele não vai me passar todas as informações que eu preciso do livro dele que eu preciso para fazer essa filtragem, essa análise. Então, daí, eu peço: me envia capa, título, sinopse, se foi revisado profissionalmente ou não, gênero e o número de páginas. Então, daí ele vai me enviando todas as informações para eu ver se se encaixa no perfil do Literature-se, se é algo que eu acho muito bacana de ler e eu acho que vá dar pano para a manga, vai render um bom conteúdo, e daí eu entro em contato com ele e, assim, eu passo para ele termos de serviço. Então eu explico o que que é uma resenha positiva e o que que é uma resenha negativa, e negativa é quando eu não indico o livro de forma alguma, então daí eu posso devolver o dinheiro, falo que uma resenha positiva não necessariamente só vai ter pontos positivos sendo divulgados, que para mim, tendo estudado crítica literária também, uma crítica literária não é feita apenas de coisas positivas, então pode ser que eu tenha gostado de um livro, que eu indique ele, mas que essa questão ou aquela outra característica eu não goste e eu vou falar isso. Por exemplo, a revisão. A revisão que não é boa eu vou falar: "oh, essa revisão não está boa". E é claro, eu deixo também muito claro que eu vou fazer isso de uma forma respeitosa, porque eu trabalho mercado editorial e eu sei que o processo de publicação de um livro é algo muito difícil e não estou falando apenas da escrita de um livro, mas da publicação. Então, eu sei que eu preciso ter respeito para o profissional que escreve o livro e para os profissionais, plurais, que estão por trás da publicação daquilo, porque tem gente ali por trás apostando naquilo, né. Para mim, a literatura é isso. Um livro pode não conversar comigo, mas pode ser que com outra pessoa converse e, para ele ser publicado, geralmente, né, porque tem editoras que publicam qualquer coisa, mas para ele ser publicado eu acho que tem gente que apostou naquilo, sabe? Então, eu devo respeito a esses profissionais assim como eu também quero respeito enquanto profissional do texto. Aí eu explico que eu sempre dou a minha opinião, mesmo que negativa, de uma forma respeitosa sempre.

### **Você já teve que fazer algum tipo de investimento para o canal?**

Em equipamento. Eu sempre penso... então eu tenho um microfone, por exemplo. O microfone não é uma coisa tão baratinha, apesar do meu microfone ser um dos mais baratos. A câmera também, eu já troquei. Quando eu comecei eu não tinha câmera, então eu comprei uma câmera boa, semi-profissional, e recentemente também, coisa de um ano, um ano e meio, eu troquei de novo por uma mais atualizada. Não é algo barato, é muito caro isso. E luz também, eu acabo vendo isso. Cenário... tem essas coisas. Aí, fora isso, também, sei lá, divulgação, às vezes, eu tô começando muito isso agora, porque eu não sou formada em marketing, publicidade, nem nada. Eu estou aprendendo, engatinhando ainda a, por exemplo, no Facebook: muito do que você não impulsiona nem vai chegar a uma chegada bacana dos seus seguidores, então tem essa questão de pagar para se... para a plataforma mesmo enviar o conteúdo para quem já te segue ou para pessoas que ainda não te seguem.

### **No sentido do que discutimos até aqui, você enxerga hoje seu trabalho mais próximo de um hobby ou de algo profissionalizado?**

Ah, profissionalizado, com certeza. Quando eu comecei eu tinha apenas 17 anos. 16/17 anos. Acho que eu já tinha 17. Dezesesseis com o site, dezessete com o canal. Eu estava no segundo ano do Ensino Médio, eu não trabalhava, eu, entre aspas, não precisava trabalhar. Aí, conforme veio a faculdade, vida de adulto, aí eu precisei, "poxa, eu preciso trabalhar", então, meu tempo que era 100%, vamos dizer, não era 100%, né, mas vamos colocar como 100% porque eu sou de humanas e aí vai facilitar. O meu tempo, que era 100% voltado para o canal, hoje não pode mais ser 100%. Não dá, não tem como. Um trabalho vai me consumir muito tempo, então, 30% vai ser do canal, sabe? O resto é do meu trabalho, da minha vida, enfim, que vem do trabalho. Só que isso concorda comigo que vai cair 70% do rendimento do canal? Porque canal é uma coisa que você precisa estar ali a todo momento, não pode perder a frequência. É a minha dica básica: não perca a frequência. Então vai cair 70% do rendimento do canal, caindo 70%, cara, seu trabalho não vai mais ser um trabalho, é um hobby. Já estamos vendo isso porque 70% é o meu trabalho. Então, como tornar, como virar isso? Ou tornar, sei lá, 70% o que era o hobby mais o meu trabalho? Então, é como se eu estivesse substituindo, sabe? Ou dando preferência ou criando essa profissão. Eu não sei se eu respondi...

## **PÚBLICO**

### **Quais são os critérios que você usa para selecionar uma pauta para o YouTube e como o público interfere nesse processo?**

Desde o começo... Aliás, no começo era só o meu hobby, então eu só falava do que eu lia como hobby. Aí, eu entrei na faculdade, passei a falar não apenas de hobby, mas o que eu precisava ler para a faculdade. Eu tento trazer sempre o que eu leio, seja de trabalho, de estudo ou de hobby. Hoje em dia é uma mescla disso tudo. Claro que o hobby ficou muito para trás, porque hoje em dia eu trabalho bastante e eu estudo bastante no meio, então para mim é uma mescla. Eu acho que o Literature-se é um reflexo da Mellory enquanto leitora, porque vai ter sempre esse recorte, é uma pessoa apenas lendo um mundaréu de livros, não tem como ler tudo, infelizmente, então tem sempre esse recorte que é o da minha visão, o da minha bagagem enquanto leitora e das minhas vontades e das minhas responsabilidades enquanto profissional e estudante. Mas, eu sei que o público é muito importante e eu sempre tenho que pensar nele, não só em relação à forma como eu vou entregar esse conteúdo, porque muitas vezes é importante, então por isso que eu falo de respeito, não adianta você sair xingando livro à toa porque isso não pode acontecer, eu tenho uma responsabilidade com a entrega de um conteúdo, eu formo opiniões, querendo ou não, muitas vezes isso acontece, mas também, pensando nisso, eu sei que o público, o que eu tenho que transmitir, muitas vezes eu tenho que ponderar sobre isso e, muitas vezes, na ponderação, eu tenho que levar em conta o que que o público gostaria de ver. Então, sei lá, eu já falei "nossa, eu vou ler esse tipo de livro porque está em voga e vai ser legal discutir isso com o pessoal", até em termos de tomar uma posição, também. Eu já tomei muito a postura de isenção, de me isentar de algumas opiniões, seja política ou não, e eu acho que isso também é tomar uma postura e, para mim, não positivamente falando. Hoje em dia, né. Naquela época pode não ter sido, mas hoje em dia para mim não é mais positivo isso. Então, sei lá, se está muito na moda a literatura LGBT, por exemplo, eu sei que tem mais outras variantes na sigla, mas enfim, vou citar LGBT porque é o que eu sei. E eu fico com vontade, também, nossa, eu vou querer ler. Tem essa questão de vontade, não adianta, sei lá, estar em voga livros espíritas, por exemplo, que eu sei que não é para mim. Então, poxa, está muito em voga, não sei o que, vou lá ler "Me chame pelo seu nome". Adorei, sabe? Foi uma conversa muito legal, então eu sempre pondero, mas nem sempre eu levo em consideração tudo, porque se não eu teria que ler trezentos mil livros

que eu não tenho tempo para ler, infelizmente, porque trocentas mil pessoas falam para eu ler. "ah, faz resenha desse livro". Então eu sempre tento colocar na balança, sim, o que que o público pode querer, porque eu conheço meu público, então está sempre na minha cabeça.

### **Como é que você se relaciona com esse público?**

Eu já citei as cartas, que é algo que eu faço. Eu vou ser bem sincera com você: é uma coisa que eu faço porque eu gosto e porque eu gosto dessa interação. Eu criei o canal para ter com quem conversar sobre literatura. Se eu perco essa essência, mesmo que eu não consiga dar conta de 100% das mensagens que chegam até mim, que é algo que mais me parte o coração, na verdade, no crescimento do canal. Acho que é a única coisa, talvez. Eu não conseguir dar conta de 100% das mensagens, de responder. Eu faço isso, de me corresponder com as pessoas, basicamente porque eu gosto e porque eu quero ter esse contato, sabe? Esse retorno. Porque, se não, por que que eu faria isso, sabe? É uma coisa que me dá gasto, muito gasto, porque é uma pessoa contra, sei lá, trinta que gastam dois reais só do envio da carta, fora o material, mas dois reais e eu tenho que gastar sessenta, né, daí, então, fora o gasto, o tempo que eu tenho para ler, para escrever, para ir buscar, para ir enviar carta... então, eu sempre tento ver um jeito para me corresponder, seja por cartas, que não é todo mundo que me envia, mas é até que bastante, se for ver, seja por cartas ou até no Instagram. O Instagram é uma coisa que eu acho que tem sido muito bacana. Já comentei, eu acho, já deu pra perceber. Mas, aproxima muito porque qualquer pessoa pode me mandar mensagens rápidas ali, como se fosse um WhatsApp, por exemplo, mas são mensagens rápidas e também eu posso produzir um conteúdo rapidamente ali, sem pensar muito e do meu cotidiano. Então é aquela história de gente como a gente e eu posso ver o cotidiano da pessoa também, se for o caso. Se ela entrar em contato comigo e criar uma boa conversa ali, uma boa interação. Para isso, eu tento responder os comentários e, infelizmente, os comentários do YouTube é algo que eu ainda preciso melhorar bastante porque, tendo que responder e-mails, correspondências e Instagram, rede social no geral, fica mais complicado responder a todos os comentários do YouTube e eu sempre tento responder. Uma coisa que me deixa coisa muito feliz e é legal citar é que muitas pessoas me dão feedback de que eu sou uma pessoa acessível. Muitas vezes eu recebo um retorno assim: "nossa, você me respondeu, não esperava que você me respondesse". Como não, sabe? Eu tô

aqui lendo. Eu entendo isso. É um canal relativamente grande, é de público médio, mas aí a pessoa fala "é inacessível". Eu não quero que seja assim, por mais que eu não consiga responder todos sempre e também dar continuidade a conversas, eu tenho amigos que não tem canais e que só me acompanham e que eu continuo sendo amigas porque criou-se uma conversa, sabe? Então tem que ver essa questão da química. Às vezes ela acontece, às vezes ela não acontece, então eu tento... eu acho que tem que ter isso, sabe? Porque é uma forma de eu acabar aprendendo, sabe, porque o que eu tento levar para as pessoas é instigar essa pessoa a entrar em contato com a literatura, continuar com esse hábito e se a pessoa me transfere isso de volta eu também crio um hábito para mim, então eu acho que é um fluxo, sabe? É uma via de mão dupla.

### **Agora, que você citou o YouTube, você tem um bloco de pergunta e repostas de comentário no YouTube? Como funciona?**

Aham. É uma coisa que vem de vez em quando, na verdade. Não é sempre que tem porque muitas vezes são perguntas repetidas. Então eu fiz no mês passado, eu postei vídeos todos os dias, foram... retrasado, né, já estamos em setembro. Em julho eu postei 31 vídeos e aí eu pensei "nossa, que que eu posso trazer?". E já fazia uns três anos que eu tinha feito esse tipo conteúdo, de programação lá. Então, eu trago de vez em quando. Em três anos, o público cresceu muito. São novas pessoas que não viram os vídeos anteriores e são vídeos de respostas que, sei lá, eu respondi há cinco anos. Eu não tenho mais a mesma cabeça de cinco anos, então pode ser que tenha mudado. Então, essa interação também é legal porque são perguntas mais urgentes, ou não, de temas mais interessantes ou que estejam mais em voga e que trazem essa proximidade. Tem uma pessoa que hoje eu sigo e eu converso de vez em quando com ela que surgiu nisso, sabe? Surgiu em julho nisso mesmo e eu até respondi uma pergunta dela e foi ali que eu percebi "nossa, olha, essa é a Catarina, que eu sempre respondo e que sempre está comentando aqui" e agora eu citei ela em um vídeo e aí ela me respondeu e acabou, eu sei quem é, sabe? Então cria essa intimidade. E eu acho que, respondendo uma questão de pauta, eu só estava falando de resenha, né. Mas falando de quadros, no geral, não só o vídeo resenha é interessante, porque não é o mais visto e isso é muito interessante. É curioso, porque para mim faria mais sentido ser o mais visto, mas tem outras que também acabam chamando bastante atenção e que eu gosto também de consumir. É uma coisa legal pensar que, enquanto produtora, eu também sou consumidora e eu vejo qual

que é o meu anseio, qual que é a minha vontade de assistir e o que que eu acho bacana e isso acaba se transferindo bastante para a programação do canal. Então, eu gosto de ver TAGs, eu gosto de ver Bookhaul, que daí eu fico sabendo de vários lançamentos, eu gosto de ver o que a pessoa está lendo no momento, que eu descubro muitos livros legais, interessantes e então eu tento trazer todas essas coisas. Eu tento trazer um quadro, também, que eu gosto muito e que é mais difícil de fazer, porque eu tenho que sentar e fazer um roteiro muito maior, é como se eu tivesse escrevendo mesmo um post no blog, um artigo, enfim, mas que é o quadro de vídeo discussão, então eu trago, sei lá, um assunto, sei lá, releituras ou aquela polêmica do Lula de uma pessoa ler 55 páginas por dia. Eu gosto de trazer esse tipo de conteúdo porque acaba, também, desenvolvendo conversas. Curiosamente, é o tipo de vídeo que eu não consigo responder a tudo. Por quê? Porque são comentários textões e é muito legal isso, porque o pessoal deixa o seu depoimento e é como se fosse uma conversa mesmo e eu leio tudo, claro, e só não consigo responder tudo porque, não sei se você está percebendo, mas eu gosto de falar. Eu sou uma pessoa que falo e falo. Você me deixa, eu vou falando. Eu sou bem comunicativa. Muito diferente da Mellory de oito anos atrás, por exemplo. Mas eu gosto muito de falar e quando eu sento para responder alguém eu não gosto de só responder um OK, sabe? Eu gosto de sentar ali e dar tudo que eu tenho para falar, então muitas vezes fica difícil, por isso que muitas vezes eu dou um curtir, para mostrar que eu estou ali lendo, mas que eu não posso, infelizmente, retribuir o comentário bíblia, sabe? Mas é bacana, sim, e vai nesse sentido de pensar que o público pode gostar. Eu gosto de trazer esse tipo de vídeo, de conteúdo, porque eu também gosto de consumir e eu acho que traz um feedback muito legal, uma conversa legal e também incrementa o objetivo do canal, que é você ter contato... eu transmitir um contato com a literatura, fazer aquela pessoa conhecer aquilo, aquele objeto, e também instigar o hábito literário, que é a manutenção desse contato diário.

**Nesse sentido, tem outros blocos que acho interessante na análise de livros que você faz, que são os do Vestibular, aqueles projetos de "Lendo..." e os Booktalks, que você já comentou sobre a temática do Lula. Eles obedecem essa lógica de diálogo com o público, de que seria interessante para incentivar a leitura?**

Isso, exatamente. Porque assim, eu acho que literatura é uma coisa muito difícil de você acessar. Eu vejo muito as pessoas, leitores comuns... na verdade, não leitores comuns,

mas pessoas comuns... pessoas que não são leitores, por exemplo, meu tio, sabe? Que veio esses dias aqui em casa, estava falando para mim que não gosta de ler e eu incentivando "tio, lê esse daqui que eu quero que você entenda esse meu ponto de vista", porque a gente estava conversando sobre política, e são pessoas que viram para mim e me falam "mas eu não gosto de ler" e eu viro e pergunto "mas você já sentou para ler alguma coisa? Você conhece alguma coisa de literatura?", não conhece. A questão para mim é essa. Vou citar, eu estou falando muito disso porque é um exemplo real e que me toca muito, que é a minha mãe ter começado a ler depois dos meus vinte e quatro anos de idade. Já faz um ano que ela começou a ler e, juro, esses dias ela ficou sem dormir. Ela varou a noite para terminar um livro que ela tinha começado naquele dia. Então, ela se tornou uma leitora assídua depois de muito tempo e por quê? Porque antes ela não conhecia, ela não era instigada, ela não tinha esse contato, sabe? Contato, quando eu falo de contato, é conhecer, uma pessoa chegar e apresentar para você e te criar aquele monstrinho da curiosidade, que foi uma coisa que me fez passar de livros e somente Young-Adults para livros clássicos, por exemplo. "Nossa, que curiosidade esse livro que fala do dia de uma mulher, né? Eu vou tentar ler" e aí se torna minha escritora preferida, que é a Virginia Woolf. Por quê? Porque eu tive curiosidade, sabe? E algo ali, naquele momento, levou adiante essa minha curiosidade. Algo, no ano passado, levou adiante a curiosidade da minha mãe que, sei lá, pode ter sido em muito a produção de conteúdo dos booktubers, né, a conversa com essas pessoas. Então, essa questão, para mim, de diferentes quadros e principalmente esses booktalks é que a gente precisa falar sobre literatura porque é só assim que a gente tem esse contato, esse conhecimento e fica sabendo e pode ficar sentido curiosidade a respeito, então, quando tem essa polêmica: "ah, booktubers são profissionais? booktubers recebendo?". Cara, vamos conversar sobre isso, sabe? Bora conversar. É algo que tem que ser transparente. É claro que eu não vou pegar meu extrato bancário e mostrar tim-tim por tim-tim o que eu recebi, porque ninguém vai fazer isso e eu acho falta de educação virar "Oh tio médico, quanto você recebe aí?", não vou, mas você sabe quanto que é a consulta dele, por exemplo, você sabe que ele cobra por consulta, como que ele faz. Então é uma coisa que você tem que conversar, sabe? Eu acho que é sempre muito enriquecedor essa conversa. Eu sempre tento bater nessa tecla, por isso que eu acho que o vídeo de discussão, para mim, é muito legal, eu gosto de fazer. É engraçado porque eu gosto muito mais de editar vídeo e de ver a repercussão do que gravá-lo, é muito louco isso, mas por que? Eu vejo isso claramente nos booktalks, eu gosto desse feedback, sabe? É o feedback que eu mais

vejo que pode, que eu posso chegar nesse objetivo do Literature-se, é aí que, para mim, se torna muito palpável, porque a pessoa está ali conversando comigo. Eu fiz ela sentar e pensar por alguns minutos sobre aquilo e, no sentido dos comentários, nela também reproduzir aquilo, dar opinião dela, seja contrária ou não à minha. Então é por isso, assim, eu acho que dá um respaldo, dá uma base. Incrementa um pouco mais esse objetivo.

### **Você tem alguma política editorial para o canal?**

Em publieditorial, principalmente com autores nacionais, eu tento ser um pouco mais aberta porque, geralmente, tem muitos autores que são independentes e daí você não tem o intermediário que é a editora falando "oh, é assim esse livro", sabe?, "você vai encontrar isso aqui nesse produto". Então, muitas vezes, eu me pego surpresa. Tendo uma expectativa muito baixa com o livro, mas, na verdade, ele sendo muito legal. Então, eu tento ser um pouco mais aberta em relação a essas publicações independentes. Assim, então esses quadros de publieditoriais são um pouco mais abertos. Então, eu já fiz, recentemente, eu fiz um de, como que chama? Auto-ajuda, isso, eu fiz um de auto-ajuda, sobre, por exemplo, Alzheimer, sabe? E foi muito legal, porque é uma coisa que eu não pegaria normalmente para ler, mas a pessoa me pagou pelo espaço e pelo meu tempo e, cara, valeu a pena. Eu sei que tem muita gente que, assim como eu, porque eu fui fígada porque eu tive um avô com Alzheimer, então, sei lá, isso foi o que mais me fígou, mas eu estava aberta porque eu não sou leitora de auto-ajuda. Então, eu costumo ter essa postura mais aberta e eu sei que, assim como eu, tem muitas pessoas passando pela mesma situação e que aquela mensagem pode ser importante para algumas pessoas. É claro que não vai ser o meu público 100%, mas nunca, jamais, uma resenha vai ser para 100% do público. Então, eu acho bacana ter essa postura assim e também há muito mais aberturas para outros contatos, né, da literatura contemporânea. Agora, no sentido de vídeo, de formato, vídeo eu tento não fazer uma coisa tão longa. Eu sei de canais que eu amo acompanhar e que fazem, sei lá, vídeo-resenha de uma hora, sabe? Eu acho muito legal, mas eu mesma não vejo uma hora do vídeo-resenha da pessoa, entendeu? Eu vou até pulando, assim, ou quando, depois, quando eu estou estudando aquele livro, eu falo "não, agora eu vou sentar e vou conversar com essa pessoa" e vejo a uma hora. Mas eu acho que também tem algumas limitações, a plataforma, e na verdade a vida tem limitações. Então, eu sempre tento pensar o que que vai dar base, mais base, para o meu

objetivo, que é o contato e o hábito. Eu acho que um vídeo de uma hora é muito difícil de criar o contato e o hábito, porque a pessoa não vai ficar até o final, sabe? Então, eu tento criar vídeos de, sei lá, em média uns 10 minutos para que isso seja possível. Então, sempre tento pensar nesse sentido, assim. Fora isso, a linguagem, eu tento, muitas vezes, uma hora ou outra, trazer algo um pouco mais diferente, um vocabulário diferente, não ficar apenas no cara, cara, mano, não sei o que, mas é claro que, principalmente em vídeos, na escrita não é assim, na escrita é totalmente diferente, eu trago um vocabulário muito mais formal, mas no vídeo isso não cabe. É o que também me interessou lá no começo, quando eu comecei a fazer vídeos, porque é algo mais dinâmico, mais de interação mesmo. É como se eu tivesse no sofá conversando com meu amigo, e com meu amigo eu não vou, sei lá, soltar um quiça da vida, eu não vou soltar umas palavras esdrúxulas assim. Inclusive como essa própria palavra: esdrúxula. Não vou soltar. É claro que às vezes eu falo, mas é intencional, geralmente, então, eu sempre tento ter uma linguagem que aproxime o leitor, mas é claro que eu não vou nivelar lá embaixo, como eu falei, mas eu também não vou tornar aquilo hermético.

### **Como é o seu relacionamento com outros booktubers?**

Arthur, eu vou te falar que é muito grande. Eu tenho vários grupos no WhatsApp e eu vou te falar que uma das coisas mais bonitas da minha vida foi eu ter criado um canal de literatura para criar amizades literárias e hoje, sei lá, minha melhor amiga ser uma booktuber também que mora a não sei quantos quilômetros daqui, mora em Brasília, muito longe de mim, sabe? Então, é uma coisa muito enriquecedora que, além de eu ganhar para falar de literatura, o que é maravilhoso, a minha profissão é muito maravilhosa, eu tenho que levantar... dar graças a deus assim, mas além disso me proporciona contato com pessoas que gostam da mesma coisa que eu e isso é sempre de se dar muito valor, sabe? Então eu tenho muito contato. Não precisa ser melhor amigo, mas eu tenho muito contato e eu acho que, talvez pela minha postura, eu sempre tento manter uma abertura bem bacana para conversar e não somente em questões da vida, mas também profissionais, então esse contato acontece muito. Esse semestre eu até gravei o vídeo hoje, de um amigo secreto literário, com vinte e quatro canais. É muita coisa, são muitas pessoas. Pessoas incríveis, assim, que eu gosto de todos eles. Eu gosto do conteúdo de todos eles. Então, isso é muito legal, sabe? Esse contato com o público, que não tem canal, mas também as pessoas que têm canal e que são profissionais, ou

não, que encaram apenas como hobby, assim como eu tenho um canal também, entendeu?

**Como você enxerga a divisão dos públicos nos canais? Eu vejo bastante que as pessoas falam de pessoas que falam que a divisão é por nicho de gênero, falando que depende da abordagem do canal ou depende da personalidade de quem fala. Como você acha que esses elementos entram em jogo?**

Eu acho que isso, na verdade, é o segmento do YouTube no geral e, não só do YouTube, mas do mercado também. Você tem nichos disso, você tem nichos daquilo. Então tem canais mais focados em literatura juvenil, Young-Adults, como já foi o Literature-se quando eu tinha 17 anos e só lia isso. Mas você também tem canais voltados mais para clássicos, canais muito mais heterogêneos. Eu acho que existe, sim, essa diferenciação e ainda mais porque eu vejo que os canais que falam sobre uma literatura mais best-seller, uma literatura mais em voga, mais popular, eles têm muito mais alcance porque, isso é óbvio, ainda mais porque o público do YouTube é o jovem, então o livro que fala, que conversa mais com o jovem vai ser mais procurado e, conseqüentemente, aquele conteúdo produzido vai ser mais acessado, então eu vejo que isso existe, mas que o nicho literário, enfim, é muito amplo. Não sei se eu respondi a pergunta ou se tinha alguma outra coisa que eu falasse mais.

**Na verdade é também a questão do gosto, que falamos um pouco mais para cima, mas respondemos ao longo da pesquisa, em como seu gosto auxilia na formação do seu público.**

Ah, sim. Auxilia.

**É, a gente acabou falando lá em cima disso. Mas além disso, você acha que tem alguma consideração interessante para a pesquisa que não foi contemplado nas perguntas?**

Eu acho que eu fui meio intrometida e fui colocando no meio, mas se eu chegar a pensar alguma coisa eu te mando e se você tiver mais perguntas, também, precisar conversar mais, pode entrar em contato de novo. É só me falar. O que eu acho muito interessante

de ressaltar é isso que eu já falei, que é uma transição e é natural existir, então, esses embates também. Não apenas embates, mas uma postura mais "o que que está acontecendo?", sabe? Qual que é essa nova onda aí? De desconhecimento, então a gente tem que passar a conhecer, não necessariamente se você não gosta consumir, mas se você se sente instigado a conhecer aquilo, a tentar entender e essa busca por tentar entender é difícil, ainda mais você estando no meio do furacão, no meio da transformação. Eu gosto muito da história da leitura, da história do livro e a gente percebe muitas mudanças e a gente está passando por uma delas. Por exemplo, a história da leitura, a gente já passou por diversas transformações. Nós estamos na era digital, nós temos os ebooks, que está transformando a forma de você ler um livro, ler um conteúdo, um texto. Então, também, é difícil você estudar isso com o olhar afastado, porque você não está afastado, você está naquela época. A mesma coisa a gente pode aplicar à questão do jornalismo, na crítica literária, crítica jornalística, dos acadêmicos, enfim. É uma transformação. O advento do YouTube, da internet como meio democrático para qualquer pessoa falar, isso daí é uma puta de uma transformação, é uma grande transformação. É claro que vai gerar um desconforto, algo mais assim: "o que que está acontecendo?" mesmo. Não é desconfiança, mas de você tentar procurar entender mesmo, e eu acho que é o que você está fazendo e eu acho que isso é muito legal porque essa parte dos estudos, né, na área acadêmica é algo que me instiga bastante também. Eu já até pensei várias vezes em fazer pós na área. Talvez, quem sabe, mas eu acho bacana de ressaltar essa questão da transformação.

## ANEXO 7 - LEVANTAMENTO DE VÍDEOS DO CANAL LAR DA AGATHA

	<i>NOME DO VÍDEO</i>	<i>DURAÇÃO</i>	<i>DATA</i>	<i>ACESSOS</i>	<i>CATEGORIAS</i>
1	20 LIVROS COM REPRESENTIVIDADE	00:08:25	01/mai/18	229	GOSTO
2	TAG 20 FATOS LITERÁRIOS SOBRE MIM	00:18:39	02/mai/18	879	TAG
3	AGATHA RESPONDE PARTE 1	00:15:57	03/mai/18	355	CONFESSIONAL
4	AGATHA RESPONDE PARTE 2	00:16:24	04/mai/18	218	CONFESSIONAL
5	AGATHA RESPONDE PARTE 3	00:09:45	09/mai/18	195	CONFESSIONAL
6	MORTE NO NILO	00:05:10	12/mai/18	350	RESENHA
7	O RETORNO	00:00:33	15/jun/18	228	CRIATIVO
8	SEJA BEM VINDO AO LAR DA AGATHA	00:00:57	16/jun/18	669	CONFESSIONAL
9	CORALINE	00:03:41	21/jun/18	609	RESENHA
10	BOOK HAUL #3	00:05:15	21/jun/18	361	ATUALIZAÇÃO
11	UMA OU DUAS PÉTALAS	00:05:35	28/jun/18	179	RESENHA
12	O CÚMPLICE E O ASSASSINO	00:08:44	05/jul/18	219	RESENHA
13	A MALDIÇÃO DO ESPELHO	00:04:52	12/jul/18	335	RESENHA
14	VOZES TRANSCENDENTES	00:08:31	19/jul/18	103	RESENHA
15	APOIA-SE	00:02:34	21/jul/18	167	CONFESSIONAL
16	BASTIDORES - MAYSA	00:02:36	24/jul/18	107	SOCIALIZAÇÃO
17	MAYSA	00:09:58	26/jul/18	319	RESENHA
18	FLIP 2018	00:19:50	30/jul/18	198	COBERTURA DE EVENTO
19	BASTIDORES - ENTREVISTA COM O VAMPIRO	00:03:38	01/ago/18	66	SOCIALIZAÇÃO
20	ENTREVISTA COM O VAMPIRO	00:06:08	02/ago/18	226	RESENHA
21	JOÃO E MARIA	00:05:15	09/ago/18	371	RESENHA
22	VLOG BIENAL DO LIVRO SP - PARTE 1	00:14:20	09/ago/18	293	COBERTURA DE EVENTO
23	VLOG BIENAL DO LIVRO SP - PARTE 2	00:11:34	09/ago/18	233	COBERTURA DE EVENTO
24	BOOK HAUL #4 (BIENAL 2018)	00:09:06	14/ago/18	477	ATUALIZAÇÃO
25	MÃOS SECAS COM APENAS DUAS FOLHAS	00:07:55	16/ago/18	225	RESENHA
26	ESQUECENDO LIVROS #1	00:07:46	21/ago/18	354	CONTEMPLAÇÃO
27	ESQUADRÃO DAS DRAGS	00:07:24	23/ago/18	162	RESENHA
28	BOOK HAUL #5	00:06:33	28/ago/18	206	ATUALIZAÇÃO
29	ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA	00:07:53	30/ago/18	311	RESENHA
30	UNBOXING	00:08:48	04/set/18	464	UNBOXING
31	UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES	00:06:56	06/set/18	321	RESENHA
32	O MENINO QUE NÃO SABIA VOAR	00:07:10	11/set/18	184	RESENHA
33	ESQUECENDO LIVROS #2	00:10:27	13/set/18	199	CONTEMPLAÇÃO
34	CREEP - BOHEMIAN RHAPSODY	00:09:46	17/set/18	241	CRIATIVO
35	BOOK HAUL #6	00:06:20	20/set/18	186	ATUALIZAÇÃO
36	ANIVERSÁRIO DO STEPHEN KING	00:13:34	22/set/18	281	GOSTO
37	THIS IS HALLOWEEN	00:03:26	30/set/18	217	CRIATIVO

38	PSICOSE	00:07:42	04/out/18	240	RESENHA
39	HORROR NA COLINA DE DARRINGTON	00:07:54	09/out/18	179	RESENHA
40	JANTAR SECRETO	00:10:20	11/out/18	292	RESENHA
41	DAEMONUM REVELARE	00:01:18	16/out/18	172	CRIATIVO
42	DAEMONUM SIGILLUM Vol. I	00:07:24	18/out/18	162	RESENHA
43	COMBATE AO BULLYING #MeOlhoMeVejo	00:07:41	20/out/18	179	CONTEMPLAÇÃO
44	A NOITE DAS BRUXAS	00:08:03	23/out/18	211	CRIATIVO
45	CONTOS DE TERROR (COM LUCAS DALLAS)	00:08:01	25/out/18	116	RESENHA + SOCIALIZAÇÃO

**ANEXO 8 - LEVANTAMENTO DE VÍDEOS DO CANAL LAS HOJAS  
MUERTAS Y OTRAS HOJAS**

	<i>NOME DO VÍDEO</i>	<i>DURAÇÃO</i>	<i>DATA</i>	<i>ACESSOS</i>	<i>CATEGORIAS</i>
1	#Comentando: Você vai voltar para mim & outros contos [I] (Bernardo Kucinski)	00:23:19	17/abr/18	248	RESENHA
2	#Vamos ler: O idiota	00:05:14	18/abr/18	600	PROJETOS DE LEITURA
3	#Comentando: Habibi (Craig Thompson)	00:27:20	21/abr/18	412	RESENHA
4	#Comentando: Você vai voltar para mim & outros contos [II] (Bernardo Kucinski)	00:19:40	24/abr/18	196	RESENHA
5	- O diabo político: macartismo e histeria em As bruxas de Salém, de Arthur Miller	00:26:47	26/abr/18	354	RESENHA + PROJETOS DE LEITURA
6	- A sutileza da subversão: a resistência da literatura em Quatro Olhos (Renato Pompeu)	00:27:19	28/abr/18	262	RESENHA + PROJETOS DE LEITURA
7	- Os livros de abril (2018) + pequeno sermão -	00:29:14	02/mai/18	986	ATUALIZAÇÃO + CONTEMPLAÇÃO
8	# O idiota [Parte I]	00:38:38	05/mai/18	563	PROJETOS DE LEITURA
9	- Poder e linguagem: a fragmentação em a festa (Ivan Ângelo)	00:40:03	08/mai/18	363	RESENHA + PROJETOS DE LEITURA
10	#Comentando: O crocodilo & Notas de inverno sobre impressões de verão (Fiódor Dostoiévski)	00:23:59	10/mai/18	231	RESENHA
11	- O fim de todas as coisas: morte e religião em Enterre seus mortos (Ana Paula Maia)	00:18:30	12/mai/18	363	RESENHA
12	#Comentando: Khadji-Murát (Lev Tolstói)	00:23:11	15/mai/18	317	RESENHA
13	#Comentando: O eterno marido (Fiódor Dostoiévski)	00:38:39	17/mai/18	463	RESENHA
14	#Comentando: Tarântula (Bob Dylan)	00:35:17	22/mai/18	287	RESENHA
15	#Comentando: Ar de Dylan (Enrique Vilas-Matas)	00:39:56	24/mai/18	223	RESENHA
16	- Os livros de maio (2018) -	00:25:57	30/mai/18	966	ATUALIZAÇÃO
17	# O idiota [Parte II]	00:34:20	02/jun/18	223	PROJETOS DE LEITURA
18	#Comentando: Jardim de lápides (Alan Ventura)	00:15:27	05/jun/18	193	RESENHA
19	- O Poder & a manifestação do Mal em Assim na terra como embaixo da terra (Ana Paula Maia)	00:47:25	12/jun/18	341	RESENHA
20	#Comentando: Bobók (Fiódor Dostoiévski)	00:25:57	14/jun/18	284	RESENHA
21	- Dois excertos de odes (Álvaro de Campos)	00:12:08	16/jun/18	207	LEITURA PÚBLICA
22	#ConceiçãoEvaristonaABL (ou: sobre a literatura e suas funções)	00:26:24	19/jun/18	1001	CONTEMPLAÇÃO
23	# O idiota [Parte III]	00:52:33	21/jun/18	191	PROJETOS DE LEITURA
24	- Carolina na hora da estrela (Conceição Evaristo)	00:04:14	23/jun/18	271	RESENHA

25	- Clarice no quarto de despejo (Conceição Evaristo)	00:03:49	24/jun/18	216	RESENHA
26	- Os livros de junho (2018) -	00:23:04	26/jun/18	921	ATUALIZAÇÃO
27	#Comentando: O sonho do titio (Fiódor Dostoiévski)	00:37:49	29/jun/18	291	RESENHA
28	#Comentando: Vozes de Tchernóbil (Svetlana Aleksievitch)	00:36:17	03/jul/18	586	RESENHA
29	- Hábitos de leitura ou da minha relação com os livros -	00:30:21	05/jul/18	1796	CONFESSIONAL
30	#Comentando: Sonhos de Petersburgo em verso e prosa (Fiódor Dostoiévski)	00:21:36	07/jul/18	214	RESENHA
31	# O idiota [Parte IV]	00:44:44	10/jul/18	189	PROJETOS DE LEITURA
32	- Leituras fáusticas: o próximo livro	00:02:22	12/jul/18	304	PROJETOS DE LEITURA
33	#Vamos ler a bíblia? (+ algumas dicas de versões de apoio)	00:15:12	17/jul/18	1195	PROJETOS DE LEITURA
34	#Comentando: Mundo pet (Lourenço Mutarelli)	00:22:49	18/jul/18	268	RESENHA
35	#Comentando: O som e a fúria (William Faulkner)	01:21:41	25/jul/18	761	RESENHA
36	- O diabo renascentista: A história trágica do doutor Fausto, do Christopher Marlowe -	00:36:51	01/ago/18	387	RESENHA + PROJETOS DE LEITURA
37	- Os livros de julho (2018) -	00:29:21	07/ago/18	904	ATUALIZAÇÃO
38	#Comentando: Primavera de luto (Juan José Millás)	00:23:56	08/ago/18	158	RESENHA
39	Para além do boom: o modernismo tardio e a tecnificação da narrativa latino-americana	00:52:56	09/ago/18	653	ARTIGO
40	- A sacralização da técnica: A revoada ou o enterro do diabo (Gabriel García Márquez) -	00:42:21	14/ago/18	366	RESENHA
41	- O diabo estrangeiro: paródia e metaficção em O Mestre e Margarida, de Mikhail Bulgákov -	00:52:34	16/ago/18	1509	RESENHA + PROJETOS DE LEITURA
42	- A bíblia como discurso literário: sobre o antigo testamento -	00:31:20	18/ago/18	1018	PROJETOS DE LEITURA
43	- Leituras fáusticas: o próximo livro	00:06:01	22/ago/18	341	PROJETOS DE LEITURA
44	#PLB: Gênesis ou as palavras e as coisas	01:31:35	25/ago/18	1005	PROJETOS DE LEITURA
45	- Os livros de agosto (2018) e o tal do populismo literário -	00:40:01	28/ago/18	1273	ATUALIZAÇÃO + CONTEMPLAÇÃO
46	#Comentando: Solidão e outras companhias (Márwio Câmara)	00:16:19	30/ago/18	294	RESENHA
47	- Alguns conceitos sobre a estética contemporânea -	00:14:41	04/set/18	645	PROJETOS DE LEITURA
48	- Sobre o museu nacional	00:06:57	05/set/18	646	CONTEMPLAÇÃO
49	- Frutos estranhos I: a inespecificidade e os suportes do literário em Lululux, de Gustavo Piqueira	00:15:03	11/set/18	282	RESENHA
50	#Comentando: As últimas testemunhas (Svetlana Aleksievitch)	00:26:31	12/set/18	355	RESENHA
51	#Comentando: A Madona (Natália Correia)	00:44:23	13/set/18	256	RESENHA
52	Três momentos da literatura russa do	00:40:06	18/set/18	591	ARTIGO + PROJETO

	século XX -				DE LEITURA
53	#Comentando: Debaixo das rodas de um automóvel (Rogerio Skylab)	00:20:50	19/set/18	228	RESENHA
54	- Terceiro momento: o efeito narcótico da literatura em Dostoiévski-Trip, de Vladímir Sorókin	00:29:45	20/set/18	282	RESENHA/PROJETOS DE LEITURA
55	#TBR: Mez das creanças [III]	00:14:16	25/set/18	391	ATUALIZAÇÃO
56	- Os livros de setembro -	00:28:40	27/set/18	706	ATUALIZAÇÃO
57	#Comentando: Perro viejo [Cachorro velho] (Teresa Cárdenas)	00:29:01	02/out/18	158	RESENHA
58	#Comentando: Sita conta o Ramayana (Samhita Arni & Moyna Chitrakar)	00:25:31	04/out/18	156	RESENHA
59	#PLB: Êxodo e Levítico ou o governo de si e dos outros	01:18:02	06/out/18	349	PROJETOS DE LEITURA
60	#Comentando: A janela de esquina do meu primo (E.T.A. Hoffmann)	00:17:54	09/out/18	137	RESENHA
61	- Um recado	00:02:01	11/out/18	668	CONFESSIONAL

**ANEXO 9 - LEVANTAMENTO DE VÍDEOS DO CANAL GISELE EBERSPÄCHER**

	<i>NOME DO VÍDEO</i>	<i>DURAÇÃO</i>	<i>DATA</i>	<i>ACESSOS</i>	<i>CATEGORIAS</i>
1	Indicação: 10 clássicos	00:16:51	21/abr/18	5444	GOSTO
2	Poética (Aristóteles) - Vamos falar sobre livros?	00:13:48	24/abr/18	3421	RESENHAS
3	Sorteio TBR Jar	00:02:36	26/abr/18	1164	SOCIALIZAÇÃO
4	Leituras de Abril de 2018	00:15:16	01/mai/18	2725	ATUALIZAÇÃO
5	Apresentação: Mês da Ficção Científica	00:04:37	05/mai/18	1391	PROJETOS DE LEITURA
6	Novos na Estante - Abril de 2018	00:19:20	08/mai/18	2409	ATUALIZAÇÃO
7	O que é e por que ler Ficção Científica?	00:15:41	12/mai/18	1790	ARTIGO + PROJETOS DE LEITURA
8	Micrômetros (Voltaire) - Vamos falar sobre livros?	00:07:20	15/mai/18	672	RESENHAS + PROJETOS DE LEITURA
9	A Volta ao Mundo em 80 Dias - Vamos falar sobre Livros?	00:12:51	17/mai/18	1469	RESENHAS + PROJETOS DE LEITURA
10	Indicação: 10 livros de ficção científica	00:21:59	19/mai/18	2197	GOSTO + PROJETOS DE LEITURA
11	A mão esquerda da escuridão - Vamos falar sobre livros?	00:11:40	22/mai/18	979	RESENHAS + PROJETOS DE LEITURA
12	Sonhos Elétricos - Vamos falar sobre livros?	00:11:18	24/mai/18	818	RESENHAS + PROJETOS DE LEITURA
13	Quadrinhos: Uma Irmã, Olympe de Gouges e Justin	00:16:18	26/mai/18	904	RESENHAS
14	Kindred - Laços de Sangue - Vamos falar sobre livros?	00:08:34	29/mai/18	901	RESENHAS + PROJETOS DE LEITURA
15	O Livro das Coisas Estranhas - Vamos falar sobre livros?	00:14:50	31/mai/18	892	RESENHAS + PROJETOS DE LEITURA
16	Leituras de Maio de 2018	00:16:01	02/jun/18	2790	ATUALIZAÇÃO
17	Novos na Estante - Maio de 2018	00:14:21	05/jun/18	2215	ATUALIZAÇÃO
18	Indicação: 5 livros sobre livros	00:11:11	09/jun/18	2131	GOSTO
19	A Reinvidicação dos Direitos da Mulher - Vamos falar sobre livros?	00:10:07	12/jun/18	820	RESENHAS
20	O Veredicto - Vamos falar sobre o Kafka?	00:20:53	14/jun/18	1133	SOCIALIZAÇÃO
21	Indicação de não-livros #28	00:28:56	16/jun/18	1752	SÉRIES, FILMES E MÚSICAS + GOSTO
22	Livros de memória: Mom & Me & Mom, O que vem ao caso, Diários de Sandholm	00:18:21	19/jun/18	939	RESENHAS
23	Sorteio TBR Jar #07	00:02:35	21/jun/18	878	SOCIALIZAÇÃO
24	Respondendo #03	00:29:52	23/jun/18	1858	SOCIALIZAÇÃO
25	Na Colônia Penal - Vamos falar sobre Kafka?	00:25:26	28/jun/18	988	SOCIALIZAÇÃO
26	Leituras de Junho de 2018	00:17:23	01/jul/18	3278	ATUALIZAÇÃO
27	Novos na Estante - Junho de 2018	00:17:50	07/jul/18	2710	ATUALIZAÇÃO

28	No seu pescoço - Vamos falar sobre livros?	00:10:56	10/jul/18	1339	RESENHAS
29	Livros na Cabeceira - Próximas Leituras #08	00:07:02	12/jul/18	1858	ATUALIZAÇÃO
30	A Metamorfose - Vamos falar sobre Kafka?	00:13:43	14/jul/18	1802	SOCIALIZAÇÃO
31	Floresta Escura - Vamos falar sobre livros?	00:11:53	17/jul/18	1110	RESENHAS
32	Tag dos 50% (2018)	00:10:23	19/jul/18	2269	TAG
33	O Processo - Vamos falar sobre Kafka?	00:32:30	21/jul/18	1358	SOCIALIZAÇÃO
34	Lugares Distantes (Andrew Solomon) - Vamos falar sobre livros?	00:10:30	24/jul/18	1333	RESENHAS
35	Silêncio: na era do ruído + Sorteio TBR Jar #08 - Vamos falar sobre livros?	00:10:58	26/jul/18	1098	RESENHAS
36	Flip 2018: Garotas mortas, Manuscritos notáveis, Era uma vez uma mulher que tentou matar...	00:23:04	29/jul/18	1732	RESENHAS
37	Leituras de Julho de 2018	00:10:08	04/ago/18	2744	ATUALIZAÇÃO
38	Corações Cicatrizados - Vamos falar sobre livros?	00:09:39	07/ago/18	664	RESENHAS
39	Novos na Estante - Julho de 2018	00:14:06	11/ago/18	2346	ATUALIZAÇÃO
40	Quadrinhos: A Origem do Mundo, Candyland, Asa Quebrada, Eles estão por aí	00:18:59	14/ago/18	911	RESENHAS
41	Indicação de não-livros #29	00:14:16	18/ago/18	1764	SÉRIES, FILMES E MÚSICAS + GOSTO
42	F - #GoeTube - Vamos falar sobre livros?	00:01:52	21/ago/18	878	RESENHAS
43	Indicação: 11 biografias e autobiografias	00:14:31	25/ago/18	2091	GOSTO
44	Leituras de Agosto de 2018	00:18:21	04/set/18	2171	ATUALIZAÇÃO
45	Blá blá blá: foto em museu, incêndio e ir para os espaços públicos	00:16:51	05/set/18	1449	CONTEMPLATIVO
46	Novos na Estante - Agosto de 2018	00:13:01	08/set/18	2387	ATUALIZAÇÃO
47	Próximas leituras - #09	00:08:29	11/set/18	1697	ATUALIZAÇÃO
48	Livros para dias meio bléh	00:09:25	15/set/18	2534	GOSTO
49	Um Ano Depois - Vamos falar sobre livros?	00:08:52	18/set/18	791	RESENHAS
50	A menina sem qualidades - #GoeTube - Vamos falar sobre livros?	00:01:20	21/set/18	635	RESENHAS
51	Novos na Estante - Setembro de 2018	00:14:12	01/out/18	2346	ATUALIZAÇÃO
52	Leituras de setembro de 2018	00:15:42	06/out/18	2286	ATUALIZAÇÃO
53	Tudo pode ser roubado, Todo mundo merece morrer, De lugares abandonados - Vamos falar sobre livros?	00:11:38	09/out/18	717	RESENHAS
54	Próximas leituras - #09	00:07:13	13/out/18	1442	ATUALIZAÇÃO

## ANEXO 10 - LEVANTAMENTO DE VÍDEOS DO CANAL FANTASTICCURSOS

	<b>NOME DO VÍDEO</b>	<b>DURAÇÃO</b>	<b>DATA</b>	<b>ACESSOS</b>	<b>CATEGORIAS</b>
1	E a palavra é... WEIRD FICTION	00:06:46	03/mai/18	456	ARTIGO
2	Segredos dos Penny Dreadfuls (1): Londres - Cidade de sangue	00:09:15	05/mai/18	409	ARTIGO
3	O QUE O MONSTRO MOSTRA (Introdução)	00:08:25	08/mai/18	452	ARTIGO
4	Segredos dos Penny Dreadfuls (2): O PRIMEIRO PENNY DREADFUL	00:05:11	12/mai/18	239	ARTIGO
5	O que o monstro mostra: O MAPINGUARI existe?	00:06:39	15/mai/18	912	ARTIGO
6	Segredos dos Penny Dreadfuls (3): SWEENEY TODD - A verdadeira história	00:04:59	17/mai/18	264	ARTIGO
7	Live Fantástica: Quando H. P. Lovecraft e Folclore Brasileiro se encontram (Com Ikarow)	01:40:20	17/mai/18	231	SOCIALIZAÇÃO
8	O que o monstro mostra: Por que o SACI só tem uma perna?	00:07:23	23/mai/18	913	ARTIGO
9	Segredos dos Penny Dreadfuls (4): VARNEY - O Vampiro que criou o DRÁCULA	00:06:41	25/mai/18	241	ARTIGO
10	Sobre GREVE de Caminhoneiros, ZUMBIS e MAD MAX	00:08:38	27/mai/18	771	CONTEMPLAÇÃO
11	E a palavra é... MUNDOS PÓS-APOCALÍPTICOS	00:05:48	30/mai/18	207	ARTIGO
12	Live Fantástica: O que quer o LOBISOMEM? (Com Clecius Alexandre Duran)	01:41:57	01/jun/18	209	SOCIALIZAÇÃO
13	Fica a dica: Ainda vale a pena ler a distopia FAHRENHEIT 451?	00:07:02	05/jun/18	304	RESENHA
14	O que o monstro mostra: CORPO SECO é zumbi ou vampiro?	00:06:11	07/jun/18	242	ARTIGO
15	Live Fantástica (PARTE 1): Pestes e Doenças na Ficção Científica (Com Bárbara Maia da Neves)	00:11:10	08/jun/18	123	SOCIALIZAÇÃO
16	Live Fantástica (PARTE 2): Pestes e Doenças na Ficção Científica (Com Bárbara Maia da Neves)	01:08:59	08/jun/18	105	SOCIALIZAÇÃO
17	Segredos dos Penny Dreadfuls (5): A origem do LOBISOMEM na Literatura	00:05:46	12/jun/18	258	ARTIGO
18	DISTOPIA X PÓS-APOCALÍPTICO: Qual é a diferença?	00:03:18	14/jun/18	250	ARTIGO
19	Live Fantástica: Por que você AMA esses filmes de HORROR? (Com o Prof. Dr. Claudio Zanini)	01:43:46	15/jun/18	185	SOCIALIZAÇÃO
20	Segredos dos Penny Dreadfuls (6): O retrato dos MONSTROS GÓTICOS	00:06:44	19/jun/18	213	ARTIGO
21	O que o monstro mostra: A CUCA não é um jacaré	00:06:18	21/jun/18	306	ARTIGO
22	Live Fantástica: TUDO sobre DISTOPIAS	01:20:15	24/jun/18	238	SOCIALIZAÇÃO
23	Estante Fantástica: Você quer conhecer FICÇÃO CIENTÍFICA?	00:11:27	25/jun/18	331	ARTIGO

24	Segredos dos Penny Dreadfuls (7): Quem foi JACK, O ESTRIPADOR?	00:09:40	28/jun/18	211	ARTIGO
25	O que o monstro mostra: PAPA FIGO o Verdadeiro Morto-Vivo	00:07:28	03/jul/18	454	ARTIGO
26	Depois do Fim: Os 10 melhores livros PÓS-APOCALIPSE NUCLEAR	00:06:45	05/jul/18	258	GOSTO
27	Curso sobre FANTASIA (O Fantástico das Ilhas Britânicas - Parte 1)	01:53:48	06/jul/18	380	ARTIGO
28	Segredos dos Penny Dreadfuls (8): Os Penny Dreadfuls BRASILEIROS	00:07:31	10/jul/18	227	ARTIGO
29	Depois do Fim: Os 10 melhores livros PÓS-APOCALIPSE BIOLÓGICO	00:08:31	12/jul/18	281	GOSTO
30	Live Fantástica: Vale a pena escrever Literatura Fantástica no Brasil? (Com Kátia Regina Souza)	01:34:08	13/jul/18	291	SOCIALIZAÇÃO
31	O que o monstro mostra : Você já viu o CABLOCO D'ÁGUA?	00:04:56	17/jul/18	205	ARTIGO
32	Depois do Fim: Os 10 melhores livros PÓS-APOCALIPSE ECOLÓGICO	00:06:18	19/jul/18	174	GOSTO
33	Live Fantástica: Vida, obra e filmes de PHILIP K. DICK (Com Alessandro Yuri Alegrette)	01:44:04	20/jul/18	281	SOCIALIZAÇÃO
34	Mundo Punk (0): O que é PUNK?	00:03:48	24/jul/18	547	ARTIGO
35	E a palavra é.... ALTA Fantasia e BAIXA Fantasia	00:06:45	26/jul/18	583	ARTIGO
36	Curso sobre FICÇÃO CIENTÍFICA (O Fantástico das Ilhas Britânicas - Parte 2)	01:29:48	28/jul/18	161	ARTIGO
37	Mundo Punk (1): O que é o DIESELPUNK	00:06:33	31/jul/18	327	ARTIGO
38	E a palavra é.... Ficção Científica HARD e SOFT	00:05:38	02/ago/18	208	ARTIGO
39	Fica a dica: A ALCOVA DA MORTE é Steampunk brasileiro dos bons	00:09:42	07/ago/18	155	RESENHA
40	Live Fantástica: Idade Média e a Literatura de Fantasia (Com Ana Lúcia Merege)	01:40:33	08/ago/18	208	SOCIALIZAÇÃO
41	Mundo Punk (2): O que é CLOCKPUNK	00:05:23	09/ago/18	310	ARTIGO
42	E a palavra é.... GÓTICO e HORROR	00:07:44	14/ago/18	256	ARTIGO
43	LIVE Fantástica: Como publicar seu livro? (Com Artur Vecchi, Editor da AVEC Editora)	02:15:33	15/ago/18	241	SOCIALIZAÇÃO
44	Estante Fantástica: Livros Fantásticos pra você	00:07:05	16/ago/18	213	GOSTO
45	Você quer conhecer a MORTE? (Primeria aula do DISSECANDO VAMPIROS)	00:11:13	21/ago/18	157	ARTIGO
46	LIVE Fantástica: Quero escrever FANTASIA. Como faço? (Com a escritora Cristina Pezel)	01:31:19	22/ago/18	253	SOCIALIZAÇÃO
47	Mundo Punk (3): O que é TESLAPUNK	00:04:53	23/ago/18	317	ARTIGO
48	E a palavra é.... DECADENTISMO	00:07:54	28/ago/18	291	ARTIGO
49	Mundo Punk (4): O que é STONEPUNK	00:04:29	30/ago/18	213	ARTIGO

50	Quem detruuiu o Museu Nacional? A ESQUERDA ou a DIREITA?	00:08:52	04/set/18	538	CONTEMPLAÇÃO
51	Mundo Punk (5): O que é RAYPUNK	00:05:22	07/set/18	227	ARTIGO
52	O que o monstro mostra: Você conhece os HOMENS-MORCEGO?	00:06:06	11/set/18	246	ARTIGO
53	Mundo Punk (6): O que é SANDALPUNK, IRONPUNK, BRONZEPUNK	00:03:42	13/set/18	207	ARTIGO
54	Mundo Vampiro (0): Livros sobre Vampiros	00:04:35	18/set/18	160	ARTIGO
55	Curso sobre GÓTICO (O Fantástico das Ilhas Britânicas - Parte 3)	01:18:03	19/set/18	182	ARTIGO
56	Mundo Punk (7): O que é ATOMPUNK	00:04:12	25/set/18	193	ARTIGO
57	Mundo Vampiro (1): Vampiros das ILHAS BRITÂNICAS	00:03:13	27/set/18	131	ARTIGO
58	Você realmente conhece o HALLOWEEN?	00:15:17	02/out/18	265	ARTIGO
59	LIVE Fantástica: Por que você gosta de Horror? (Com o livreiro e pesquisador Cid Vale Ferreira)	01:51:23	03/out/18	188	SOCIALIZAÇÃO
60	Mundo Vampiro (2): Vampiros da ÁFRICA	00:04:46	04/out/18	135	ARTIGO
61	O QUE VOCÊ QUER SABER SOBRE VAMPIROS? VEM APRENDER COMIGO	00:00:26	06/out/18	102	CONFESSIONAL
62	Fica a dica: Não tem ZUMBI em A NOITE DOS MORTOS VIVOS	00:07:34	09/out/18	177	RESENHA
63	Dissecando Vampiros - O que é? Como é? Pra quem é? O que tem nele?	00:01:42	09/out/18	77	ARTIGO
64	E a palavra é... DOPPELGÄNGER/DUPLO	00:06:54	12/out/18	185	ARTIGO
65	LIVE Fantástica: Você quer escrever HORROR? (Com Oscar Nestarez)	01:38:20	17/out/18	193	SOCIALIZAÇÃO
66	Mundo Punk (8): O que é MIDDLEPUNK/CASTLEPUNK/CANDLEPUNK/PLAGUEPUNK/DUNGEONPUNK	00:05:59	19/out/18	206	ARTIGO
67	VOCÊ quer o SHAZAM na sua casa?	00:19:58	21/out/18	86	CONFESSIONAL
68	Mundo Punk (9): O que é ELFPUNK e MYTHPUNK?	00:07:47	23/out/18	186	ARTIGO
69	Mundo Punk (10): O que é BIOPUNK e NANOPUNK	00:04:55	25/out/18	120	ARTIGO

## ANEXO 11 - LEVANTAMENTO DE VÍDEOS DO CANAL LIVRADA!

	<i><b>NOME DO VÍDEO</b></i>	<i><b>DURAÇÃO</b></i>	<i><b>DATA</b></i>	<i><b>ACESSOS</b></i>	<i><b>CATEGORIAS</b></i>
1	S02E22: Mãe Haul de Filosofia!	00:17:53	18/abr/18	10013	GOSTO + SOCIALIZAÇÃO
2	S02E23: Leituras de março + filmes e séries	00:06:31	22/abr/18	6118	ATUALIZAÇÃO + SÉRIES, MÚSICAS, FILMES
3	S02E24: Entrevista com Giovana Madalosso	00:14:53	25/abr/18	2483	ENTREVISTA
4	S02E25: Book Haul MARÇO-ABRIL - Parte 1	00:23:32	29/abr/18	9312	ATUALIZAÇÃO
5	S02E26: Book Haul MARÇO-ABRIL - Parte 2	00:27:37	06/mai/18	6140	ATUALIZAÇÃO
6	S02E27: O pai da menina morta, de Tiago Ferro	00:10:44	30/mai/18	3486	RESENHA
7	S02E28: UNBOXERA PÓS-FÉRIAS	00:24:08	03/jun/18	8208	UNBOXING
8	S02E29: TAG original #LULALEITOR	00:13:13	05/jun/18	18327	TAG
9	S02E30: Lendo Jorge Amado - Os Velhos Marinheiros ... #romanticoesensual	00:12:54	10/jun/18	2801	PROJETOS DE LEITURA
10	S02E31: O Macaco e a Essência, de Aldous Huxley	00:10:11	13/jun/18	3769	RESENHA
11	S02E32: 4 Anos de TAG Experiências Literárias + TAG da TAG	00:15:11	17/jun/18	4633	PUBLIEDITORIAL
12	S02E33: Conversa com a Fátima #1: Philip Roth e o projeto Zuckerman	00:18:33	20/jun/18	5849	SOCIALIZAÇÃO
13	S02E34: Leituras de Abril e Maio + filmes e séries	00:16:26	24/jun/18	5759	ATUALIZAÇÃO + SÉRIES, MÚSICAS, FILMES
14	S02E35: A Chave, de Jun'ichirō Tanizaki	00:10:27	27/jun/18	2800	RESENHA
15	S02E36: Recebidos de Junho + Unboxing + Vinho	00:26:07	01/jul/18	5202	ATUALIZAÇÃO + UNBOXING
16	S02E37: A Questão da Culpa, de Karl Jaspers	00:09:22	04/jul/18	3247	RESENHA
17	S02E38: A Moça do Internato, de Nadiêjda Khvoshchínskaia	00:11:40	08/jul/18	3082	RESENHA
18	S02E39: O Sermão sobre a Queda de Roma, de Jérôme Ferrari	00:12:37	11/jul/18	2732	RESENHA
19	S02E40: Entrevista com Guilherme Gontijo Flores	00:23:54	15/jul/18	2699	ENTREVISTA
20	S02E41: Conversa com a Fátima #2: O big4 do cânone americano de Harold Bloom	00:20:24	18/jul/18	3601	SOCIALIZAÇÃO
21	S02E41: Leituras de Junho + filmes e séries	00:19:53	22/jul/18	6196	ATUALIZAÇÃO + SÉRIES, MÚSICAS, FILMES
22	S02E42: Androides sonham com ovelhas elétricas?, de Philip K. Dick	00:15:04	25/jul/18	4242	RESENHA

23	S02E43: HQ "Eles estão por aí", de Bianca Pinheiro e Greg Stella	00:15:46	29/jul/18	2313	RESENHA
24	S02E44: Istambul: Memórias de uma cidade, de Orhan Pamuk	00:15:39	01/ago/18	2389	RESENHA
25	S02E45: O sol na cabeça, de Geovani Martins	00:12:03	05/ago/18	3533	RESENHA
26	S02E46: NIX, de Nathan Hill - {publieditorial}	00:15:49	08/ago/18	3965	PUBLIEDITORIAL
27	S02E47: BOOK HAU de Julho!	00:25:09	12/ago/18	5215	ATUALIZAÇÃO
28	Livrada! na Flip 2018 (teaser)	00:03:09	15/ago/18	3631	COBERTURA DE EVENTO
29	S02E48: Entrevista com Laura Carvalho	00:17:48	19/ago/18	3825	ENTREVISTA
30	S02E49: Conversa com Fátima #3: O humano e o real em Franz Kafka	00:21:05	22/ago/18	3806	SOCIALIZAÇÃO
31	S02E50: Crepúsculo dos Ídolos, de Friedrich Nietzsche	00:12:07	26/ago/18	4750	RESENHA
32	S02E51: Leituras de julho + Filmes e séries que consegui lembrar	00:11:21	29/ago/18	4647	ATUALIZAÇÃO + SÉRIES, MUSICAS, FILMES
33	S02E52: O Filho Mais velho de Deus e/ou Livro IV, de Lourenço Mutarelli	00:10:59	02/set/18	2821	RESENHA
34	S02E53: Entrevista com Paulo Henriques Britto - Pt. 1	00:20:44	05/set/18	2117	ENTREVISTA
35	S02E54: Unboxing de Aniversário TOP D+	00:27:39	09/set/18	7588	UNBOXING
36	S02E55: No Mesmo Barco: ensaio sobre a hiperpolítica, de Peter Sloterdijk	00:13:45	12/set/18	2395	RESENHA
37	S02E56: BOOK HAUL de Agosto!	00:27:46	16/set/18	4629	ATUALIZAÇÃO
38	S02E57: Ferrugem, de Marcelo Moutinho	00:08:48	19/set/18	1750	RESENHA
39	S02E58: Um rolé pela Flip 2018 - Parte 1	00:19:03	23/set/18	3111	COBERTURA DE EVENTO
40	S02E59: As Sereias de Titã, de Kurt Vonnegut - {publieditorial}	00:16:01	26/set/18	2342	PUBLIEDITORIAL
41	S02E60: Conversa com a Fátima #4: a literatura boazinha de J.M. Coetzee	00:20:01	30/set/18	2122	SOCIALIZAÇÃO
42	S02E61: Um rolé pela Flip 2018 - Parte 2	00:08:52	03/out/18	1817	COBERTURA DE EVENTO
43	S02E62: BOOK HAUL de Setembro!	00:29:21	07/out/18	4203	ATUALIZAÇÃO
44	S02E63: Regras para o Parque Humano, de Peter Sloterdijk	00:14:26	10/out/18	2124	RESENHA

45	S02E63: Você não pode ser neutro em um trem em movimento	00:13:13	14/out/18	5552	CONTEMPLAÇÃO
46	S02E64: Leituras de Agosto e Setembro, Vinho & Filme 2018	00:12:19	17/out/18	2461	ATUALIZAÇÃO + SÉRIES, MÚSICAS, FILMES

## ANEXO 12 - LEVANTAMENTO DE VÍDEOS DO CANAL LITERATURE-SE

	<i><b>NOME DO VÍDEO</b></i>	<i><b>DURAÇÃO</b></i>	<i><b>DATA</b></i>	<i><b>ACESSOS</b></i>	<i><b>CATEGORIAS</b></i>
1	BOOK HAUL: SORTEIO CARAMBAIA + AMINO HARRY POTTER (Abril 2018)	00:16:00	02/mai/18	6014	ATUALIZAÇÃO
2	Noite e dia #LendoVirginiaWoolf (#2)	00:18:49	07/mai/18	1755	PROJETOS DE LEITURA + RESENHA
3	LIVROS QUE LI (Abril 2018)	00:12:06	09/mai/18	4890	ATUALIZAÇÃO
4	DIA DAS MÃES	00:10:24	13/mai/18	3193	CONFESSIONAL
5	LIVROS CLÁSSICOS QUE ME MUDARAM	00:10:50	14/mai/18	12315	GOSTO
6	Memória visual e melhor forma de estudar	00:05:02	16/mai/18	4578	CONFESSIONAL
7	Era uma vez a mulher que tentou matar o bebê da vizinha, Liudmila Petruchévskaja	00:10:48	21/mai/18	2537	RESENHA
8	Como melhorar ou mudar sua letra	00:08:48	23/mai/18	5781	CRIATIVO
9	Meu Caderno Inteligente (e prático!) + SORTEIO	00:06:03	30/mai/18	11467	CRIATIVO
10	O quarto de Jacob #LendoVirginiaWoolf (#3)	00:13:59	31/mai/18	2595	PROJETOS DE LEITURA + RESENHA
11	Canção de ninar, de Leila Slimani	00:09:15	05/jun/18	4108	RESENHA
12	TAG da TAG + diário de leitura	00:10:12	10/jun/18	5748	TAG
13	BOOK HAUL + VÁRIOS SORTEIOS (Maio 2018)	00:26:41	11/jun/18	8134	ATUALIZAÇÃO
14	Como fazer um CRONOGRAMA DE LEITURA	00:06:17	13/jun/18	9893	CRIATIVO
15	Praia de Manhattan, o romance histórico de Jennifer Egan	00:13:20	20/jun/18	2192	RESENHA
16	Leitura conjunta de JANE EYRE (+ Sorteios)	00:05:30	25/jun/18	5216	PROJETOS DE LEITURA
17	Vídeo todo dia em julho: me faça perguntas!	00:02:48	01/jul/18	2159	SOCIALIZAÇÃO
18	COMO PROGRAMAR A SEMANA: MINHA AGENDA SEMANAL	00:06:13	02/jul/18	4220	CRIATIVO
19	ÉDIPO REI, de Sófocles	00:09:55	03/jul/18	2505	RESENHA
20	SORTEIO + Book Haul (Junho de 2018)	00:13:29	04/jul/18	4964	ATUALIZAÇÃO
21	TAG Histórias do Quintal	00:12:27	05/jul/18	4951	TAG
22	5 LIVROS PARA LER NAS FÉRIAS	00:07:41	06/jul/18	6661	GOSTO

23	VLOG: BRASIL NA COPA, JANE EYRE E NOVOS MARCADORES DO CANAL	00:17:33	07/jul/18	5020	CONFESSIONAL
24	VOCÊ QUER BOA LITERATURA JAPONESA? Voragem, Junichiro Tanizaki	00:08:04	08/jul/18	3638	RESENHA
25	RESSACA LITERÁRIA: 8 DICAS PARA SAIR DELA	00:08:17	09/jul/18	6328	CRIATIVO
26	ESTUDOS LITERÁRIOS: Último ano da faculdade	00:14:59	10/jul/18	6543	SOCIALIZAÇÃO
27	HISTÓRIA, ESTUDOS LITERÁRIOS, MESTRADO E DOUTORADO... Com Morena Negra	00:16:19	11/jul/18	3521	SOCIALIZAÇÃO
28	6 LIVROS COM REPRESENTATIVIDADE com Morena Negra	00:25:53	12/jul/18	2058	GOSTO + SOCIALIZAÇÃO
29	Leituras de maio e junho (se meus vizinhos deixarem)!	00:18:20	13/jul/18	5484	ATUALIZAÇÃO
30	Lendo Jane Eyre (emoji de fogo) até o capítulo 23!	00:13:55	14/jul/18	2067	PROJETOS DE LEITURA
31	MEGA SORTEIO DE 50 LIVROS INCRÍVEIS (Aniversário de 8 anos)!	00:07:41	15/jul/18	9945	CONFESSIONAL
32	LENDO EM RUSSO, MEU TRABALHO, ANNA KARIÊNINA... (P&R #1)	00:17:37	16/jul/18	7691	SOCIALIZAÇÃO
33	A SIMBOLOGIA DA MORTE: O dia em que a morte morreu de confusão, de Fernanda Sucharski	00:08:38	17/jul/18	1981	RESENHA
34	TAG dos 50% de 2018	00:14:50	18/jul/18	7199	TAG
35	COMO FAZER UM FICHAMENTO DE LEITURA	00:14:02	19/jul/18	15515	CRIATIVO
36	SOU SEM GRAÇA, TOP 3 FILMES, PIOR/MELHOR TRADUÇÃO (P&R #2)	00:17:07	20/jul/18	6436	SOCIALIZAÇÃO
37	SOBRE LULA LER 55 PÁGINAS POR DIA E ALTERIDADE	00:05:48	21/jul/18	10155	CONTEMPLAÇÃO
38	UM DESABAFO + ESCOLHA A NOVA PROGRAMAÇÃO DO CANAL!	00:07:37	22/jul/18	3900	CONFESSIONAL
39	CHEGAMOS AO FIM DE JANE EYRE (emoji de foguinho) (com spoilers)	00:12:53	23/jul/18	2140	PROJETOS DE LEITURA
40	CONHEÇA A PESSOA QUE ME FEZ SER LEITORA	00:24:17	24/jul/18	3263	CONFESSIONAL
41	Alzheimer: A família, a doença, de Érico J. Santos	00:04:16	25/jul/18	1123	RESENHA

42	MINHA MÃE LEU DOIS CLÁSSICOS	00:08:16	26/jul/18	3313	SOCIALIZAÇÃO
43	BOOK HAUL (Julho 2018) + SORTEIO	00:16:08	27/jul/18	5752	ATUALIZAÇÃO
44	POR QUE COMECEI A APRENDER RUSSO	00:09:25	28/jul/18	4169	CONFESSIONAL
45	UM BLOG PARA CHAMAR DE MEU, de Nanda Andrade	00:07:20	29/jul/18	1415	RESENHA
46	VOCÊ PRECISA CONHECER A HQ "Ânsia Eterna"	00:08:21	30/jul/18	1828	RESENHA
47	NOSSA FLIP 2018 (com Isa do Lido Lendo)	00:23:20	31/jul/18	4791	SOCIALIZAÇÃO
48	DICAS PARA A BIENAL DO LIVRO 2018 (gravado na Bienal!)	00:14:09	06/ago/18	3243	CRIATIVO
49	TRAGÉDIA DE CHAPECÓ NA LITERATURA	00:07:11	09/ago/18	1459	RESENHA
50	PRESSIONADA PARA LER MAIS RÁPIDO, PIORES ADAPTAÇÕES DO CINEMA (P&R #3)	00:08:27	10/ago/18	4520	SOCIALIZAÇÃO
51	UMA NOVA ANNE FRANK? O diário de Myriam	00:13:56	13/ago/18	2941	PUBLIEDITORIAL
52	MINHA ESTANTE NOVA: MONTAGEM, PROJETO, COMO FICOU (ANTES DA ORGANIZAÇÃO)	00:20:25	20/ago/18	16795	CONFESSIONAL
53	TRAVESSURAS DA MINHA MENINA MÁ, de Otávio Bravo	00:09:33	24/ago/18	2025	PUBLIEDITORIAL
54	IMIGRAÇÃO ITALIANA E PAIXÃO em Eternamente Cecília, de Elysanna Louzada	00:08:32	03/set/18	1449	PUBLIEDITORIAL
55	PARA TE FAZER LER MRS. DALLOWAY, MEU LIVRO DA VIDA	00:27:35	07/set/18	5727	PROJETOS DE LEITURA + ARTIGO
56	Dicas sobre meu booktuber secreto (2018)	00:08:11	09/set/18	2819	SOCIALIZAÇÃO
57	LEITURAS: JULHO E AGOSTO (2018)	00:20:59	16/set/18	5756	ATUALIZAÇÃO
58	BOOK HAUL (agosto 2018) + SORTEIO	00:22:38	18/set/18	6835	ATUALIZAÇÃO
59	MINHA MÃE LEITORA: JULIA QUINN	00:14:12	21/set/18	3465	SOCIALIZAÇÃO
60	A TEMPESTADE, DE SHAKESPEARE	00:14:29	23/set/18	2747	RESENHA
61	TUDO MUNDO MERECE MORRER?	00:06:30	24/set/18	2248	RESENHA
62	ESPIONAGEM, GEOPOLÍTICA E AÇÃO: Questão de honra, de Yuri Belov	00:07:19	28/set/18	1433	PUBLIEDITORIAL

63	Profissões para mulheres e outros artigos feministas, de Virginia Woolf	00:18:03	02/out/18	2416	PROJETOS DE LEITURA + RESENHA
64	5 FINAIS (sem spoilers!) MARAVILHOSOS	00:06:43	08/out/18	5407	GOSTO
65	SOBRE TER UM PAPAGAIO ENCRENQUEIRO, "Caiu na rede é papagaio" (Marcelo Bechara)	00:04:48	12/out/18	1062	PUBLIEDITORIAL
66	LIVROS LIDOS EM SETEMBRO (2018)	00:10:05	14/out/18	5815	ATUALIZAÇÃO
67	SORTEIOS DE 95K: PARTICIPE AGORA!	00:02:46	15/out/18	7846	CONFSSIONAL
68	BOOK HAUL (setembro 2018)	00:15:59	19/out/18	5380	ATUALIZAÇÃO
69	ESSE LIVRO QUE ME EMOCIONOU DE MAIS: Eu sei por que o pássaro canta na gaiola, Maya Angelou	00:10:36	23/out/18	3287	RESENHA